

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Gracinéa Imaculada Oliveira

ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO VESTUÁRIO  
EM DOCUMENTOS SETECENTISTAS DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte  
2010

GRACINÉA IMACULADA OLIVEIRA

ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO VESTUÁRIO  
EM DOCUMENTOS SETECENTISTAS DE MINAS GERAIS

VOLUME 1

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística  
Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística  
Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2010

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O46e

Oliveira, Gracineá Imaculada.

Estudo do vocabulário do vestuário em documentos setecentistas de Minas Gerais [manuscrito] / Gracineá Imaculada Oliveira. – 2010.

3 v., enc. : il., color., tabs., graf., fots.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 216-228.

Apêndices: f. 229-861.

1. Filologia portuguesa – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicografia – Teses. 4. Vestuário – Minas Gerais – História – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.2

Dissertação intitulada *Estudo do vocabulário do vestuário em documentos setecentistas de Minas Gerais* defendida por GRACINÉA IMACULADA OLIVEIRA em 31/08/2010 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:



---

**Dr. César Nardelli Cambraia - UFMG**  
**Orientador**



---

**Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - USP**



---

**Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG**

*À minha mãe, luz que me guia, me ilumina e me protege, sempre.  
A Leticia, a Laurene e a João, estrelas de minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

O tempo flui inexoravelmente. Flui como as águas de um rio que jamais repassarão. Do tempo que já passou sobram lembranças e sentimentos de momentos partilhados e compartilhados. Partilha da vida feita com pessoas que, como as ondas do mar, vão e vem deixando marcas no coração da gente. Desse tempo que se encerra agora, levo muitas lembranças de pessoas às quais gostaria de agradecer.

A meus pais que me ensinaram a gostar da palavra. Primeiro da palavra falada, gosto que nasceu ao ouvir os “causos” que meu pai contava no interior das Gerais. Depois, da palavra escrita, paixão despertada através das leituras de histórias infantis. Histórias que eram lidas pela minha mãe e que embalaram meu sono quando criança.

A João, pelo apoio incondicional nessa travessia.

A Laurene que pacientemente me dividiu com os manuscritos e com os livros de pesquisas, sem reclamar um só momento.

A Grace T. Silva, amiga de longa data, que muito me incentivou e apoiou nesta caminhada. Nos momentos de desânimo, esteve presente a meu lado com uma palavra de conforto e incentivo.

Ao Professor Doutor César Nardelli Cambraia por ter gentilmente acolhido meu projeto de pesquisa e pelas sábias orientações que dele recebi.

Ao Professor Doutor José Américo de Miranda Barros, pessoa ímpar, que sempre atendeu com a máxima gentileza e presteza todas as solicitações que lhe fiz quando do início desta pesquisa. Excelente professor e pesquisador que pacientemente me ensinou os primeiros passos da metodologia e escrita científicas.

Às Professoras Doutoras Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e Jânia Martins Ramos pelas vezes em que atenderam às minha solicitações.

À Professora Doutora Rita de Cássia Queiroz por ter gentilmente cedido o raro *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*.

Aos colegas da faculdade e, especialmente, a José Euríalo dos Reis, que compartilharam ideias, material bibliográfico durante a execução deste trabalho e pelo carinho e cordialidade que sempre dedicou à minha pessoa.

À colega copasiana Rosiane Amorim pela ajuda de última hora, mas nem por isso menos importante.

A Carla Berenice Starling de Almeida, funcionária do IPHAN/IBRAM, pela ótima acolhida na Casa Borba Gato e pela partilha de ideias, experiência e material.

A Roberto, funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Sabará, que mesmo sem me conhecer, dividiu material bibliográfico comigo.

Enfim, a todos vocês que fizeram diferença nessa etapa de minha vida, deixo registrado um carinhoso muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar o vocabulário do vestuário do século XVIII mineiro, contrastando-o em relação ao gênero de seu proprietário. Este trabalho é dividido em três capítulos e dois apêndices.

O capítulo 1 - *Fundamentação teórica* - apresenta-se dividido em três seções principais. Na primeira são apresentadas algumas considerações teóricas gerais sobre língua, sociedade e cultura. Na segunda é conceituada lexicologia e apresentados alguns conceitos fundamentais dessa ciência, como campo lexical, palavra, lema, lexema e lexia. Também é conceituada, nessa seção, terminologia – um dos ramos da lexicologia. Na terceira seção, vestuário e alguns termos desse campo são definidos e é apresentada uma breve história do vestuário ocidental, de Roma Antiga até o século XVII.

O capítulo 2 – *Objetivos e método* – apresenta os objetivos desta pesquisa, tanto o geral quanto os específicos, e a descrição do método adotado, distribuída em três partes. Na primeira é apresentada a descrição do *corpus* contextualizando-o com o momento da produção dos documentos, ou seja, o século XVIII mineiro. Também foram detalhados os critérios utilizados para a seleção dos inventários que compuseram tal *corpus*. Na segunda parte, alguns aspectos gerais da edição desses documentos são pontuados. Na terceira, foram apresentadas a coleta e a descrição dos dados. Para tanto, foi exposto o Sistema Racional de Conceitos - método utilizado para classificar os dados - e explicitadas as adequações feitas nesse sistema para aplicá-lo à pesquisa. Além disso, foram detalhados os critérios utilizados para se classificar os lexemas do campo lexical do vestuário.

O capítulo 3 – *Resultados* – é dividido em duas seções principais. A primeira traz a classificação dos lexemas – uma geral e outra mais detalhada, com definições e etimologia, quando encontradas. A segunda seção apresenta a análise do vocabulário do vestuário contrastando-o em relação ao sexo do seu outrora portador.

A seção *Considerações finais* traz a retomada dos principais pontos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida.

Os *Apêndices* – Edição dos textos – traz, conforme diz o próprio título, a edição dos documentos dos quais foi extraído o *corpus* desta pesquisa. Além disso, nos apêndices estão detalhados os critérios utilizados para a dita edição.

## ABSTRACT

This dissertation aims to describe and analyze the vocabulary of clothing used in the territory of Minas, Brazil, in the 18th century and contrast it with the gender of its owner. This work comprises three chapters and two appendixes.

Chapter 1 — *Theoretical framework* — is divided into three sections. The first one presents some general theoretical remarks on language, society and culture. The second section conceptualizes Lexicology and presents some of its fundamental concepts, such as lexical field, word, leme, lexeme and lexia. Terminology is also conceptualized — as a branch of Lexicology. In the third section, clothing and some terms of this field are defined, followed by a brief history of Western clothing, dating from Ancient Rome until the 18th century.

Chapter 2 — *Objectives and Method* — presents both general and specific objectives of this research and describes the method used, and it is divided into three sections. The first of them presents the *corpus* description, and contextualizes the time of the handwriting of the documents; i.e., the 18th century in Minas. The criteria of selection of the inventories used in the *corpus* are detailed. The second section brings some general aspects of the edition of the documents are exposed. The third section, by its turn, informs about the data collection and description. The System of Rational Concepts — method used to sort data out — is presented, as well as the adjustments done to use it in the research. Moreover, it brings the detailed criteria used to classify the lexemes of the clothing lexical field.

Chapter 3 — *Results* — is divided into two sections. The first section brings the classification of the lexemes — a general and a more detailed one, with definitions and etymology (when it is possible). The second section presents the analysis of the vocabulary of clothing and contrasts it with her/his once user's gender.

The section entitled *Final Remarks* brings the resumption of the main points of the previous chapters and the results of the analysis of the chosen data.

The *Appendixes* — edition of the texts — brings the edition of the manuscripts out of which the *corpus* of the research was taken. Moreover, detailed criteria of the edition of the *corpus* are presented.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Companhia dos Dragões Reais das Minas, 1730	133
Figura 2 –	Vestido de seda azul lavrada com motivos florais – 1750	140
Figura 3 –	Espada – século XVIII	155
Figura 4 –	Leque – 1800	161
Figura 5 –	Leques – século XVIII	161
Figura 6 –	Chapéu feminino – 1800	167
Figura 7 –	Sapato – 1770	172
Gráfico 1 –	Lexemas e lexias das roupas exteriores masculinas	125
Gráfico 2 –	Lexemas e lexias das roupas exteriores femininas	136
Gráfico 3 –	Lexemas e lexias das roupas íntimas masculinas	143
Gráfico 4 –	Lexemas e lexias das roupas íntimas femininas	146
Gráfico 5 –	Lexemas e lexias dos penteados masculinos	164
Gráfico 6 –	Lexemas e lexias dos penteados femininos	167
Gráfico 7 –	Lexemas e lexias dos calçados masculinos	170
Gráfico 8 –	Lexias e lexias dos calçados femininos	171
Gráfico 9 –	Lexemas e lexias dos adereços masculinos	174
Gráfico 10 –	Lexemas e lexias dos adereços femininos	180
Gráfico 11 –	Lexemas e lexias de <i>toilette</i> e higiene pessoal masculinas	208
Gráfico 12 –	Lexemas e lexias de <i>toilette</i> e higiene pessoal femininas	211
Mapa 1 -	Rotas comerciais do período colonial	196

## TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos lexemas e das lexias de partes de roupas, acabamentos e acessórios	150
Tabela 2 - Distribuição dos lexemas e das lexias de partes de roupas, acabamentos e acessórios femininos	158
Tabela 3 - Distribuição dos lexemas e das lexias dos tecidos de uso masculino	197
Tabela 4 - Distribuição dos lexemas e das lexias dos tecidos de uso feminino	203
Tabela 5 - Distribuição dos lexemas por gênero do proprietário	212
Tabela 6 - Distribuição das lexias por gênero do proprietário	213

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- APM - Arquivo Público Mineiro
- CMOP – Câmara Municipal de Ouro Preto.
- CPO – Cartório do Primeiro Ofício de Notas.
- CPOARSG – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (04) – Provedoria – Inventário de Antônio Ribeiro da Silva Guimarães, 1773. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOCJA – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (08)89 – Inventário de Custódio José de Almeida, 1793. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOCPR – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (07)78B – Inventário de Custódio Pereira Rocha, 1778. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOFPG – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (05)52 – Inventário de Fernando Pereira Guimarães, 1763. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOFVS – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO (4)2 A – Provedoria – Inventário de Francisco Vieira de Souza, 1779. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG
- CPOJH – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I 7(5A ) – Provedoria – Inventário de João Henriques, 1785. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOLJFD – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO – Maço 52 – Inventário de Luís José de Figueiredo, 1793. Arquivo da Biblioteca Antônio Torres – Diamantina – MG.
- CPOLTJ – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO – Maço 51 – Inventário de Luzia Tereza de Jesus, 1787. Arquivo da Biblioteca Antônio Torres- Diamantina – MG.
- CPOMCP – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (02)19 – Inventário de Matias Crasto Porto, 1742. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOMPPN – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (06)67 – Inventário de Manuel Pereira Pinto Neves, 1773. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CPOMSO – Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (03)31 – 1749 – Inventário de Manuel de Souza Oliveira, 1749. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSO - Cartório do Segundo Ofício de Notas
- CSOACB – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (20) 186 – Inventário de Ana Correia Barbosa, 1760. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

- CSOACD – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (01)04 – Inventário de Antônio da Cruz Duarte, 1722. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOAM – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (03)31 – Inventário de Agostinha Maciel, 1732. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOAMJ – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (73)563 - Inventário de Ana Maria de Jesus, 1796. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOAMR – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (47)349 – Inventário de Ana Maria da Rocha, 1777. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOCCM – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (71) 548 – Inventário de Catarina da Costa Maciel, 1795. IPHAN/IBRAM - Sabará
- CSOHST – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (72)553 – Inventário de Helena de Santa Teresa, 1795. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOJCS – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (58)436 – Inventário de Joana da Conceição e Silva, 1784. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOJSA – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (17)151 – Inventário de Joana da Souza Araújo, 1755. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOJSCR – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (26)228 – Inventário de Joana de Souza Cruz Ribeiro, 1765. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOJSS – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (01)08 – Inventário de José dos Santos Silva, 1727. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- CSOLMC – Cartório do Segundo Ofício de Notas, CSO I (35)271 – Inventário de Luísa Maria da Conceição, 1771. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.
- Cx – Caixa
- Doc. – Documento
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- SRC – Sistema Racional de Conceitos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1 Língua, sociedade e cultura .....	16
1.2 Lexicologia .....	16
1.2.1 Conceituação.....	16
1.2.2 Palavra, lexema, lema e lexia.....	25
1.2.3 A estruturação do vocabulário: alguns modelos de estudo.....	28
1.2.4 Terminologia .....	31
1.3. Breve história do vestuário .....	32
CAPÍTULO 2– OBJETIVOS E MÉTODO .....	47
2.1 Objetivo geral.....	47
2.2. Objetivos específicos.....	47
2.3. O <i>corpus</i> .....	47
2.4 A edição.....	50
2.5. Coleta e descrição dos dados .....	50
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS .....	57
3.1 Classificação .....	57
3.1.1 Classificação geral .....	57
3.1.2 Classificação em lema .....	60
3.2 O vestuário nas Minas setecentistas: tecendo história através do léxico .....	117
3.2.1 Generalidades.....	117
3.2.2 Roupas exteriores .....	122
3.2.2.1 Masculinas .....	123
3.2.2.2 Femininas.....	134
3.2.2.3 Vestindo a sedução: roupas exteriores masculinas × roupas exteriores femininas.....	141
3.2.3 Roupas íntimas.....	142
3.2.3.1 Masculinas .....	142
3.2.3.2 Femininas.....	145
3.2.3.3 Vestindo a sedução: roupas íntimas masculinas × roupas íntimas femininas .....	148
3.2.4 Partes de roupas, acabamentos e acessórios .....	149
3.2.4.1 Masculinos .....	149
3.2.4.2 Femininas.....	157
3.2.4.3 Vestindo a sedução: partes de roupas, acessórios e acabamentos masculinos × partes de roupas, acessórios e acabamentos femininos .....	162
3.2.5 Penteados .....	164
3.2.5.1 Masculinos .....	164
3.2.5.2 Femininos .....	166
3.2.5.3 Vestindo a sedução: penteados masculinos × penteados femininos.....	168
3.2.6 Calçados .....	169
3.2.6.1 Masculinos .....	169
3.2.6.2 Femininos.....	171
3.2.6.3 Vestindo a sedução: calçados masculinos × calçados femininos.....	172
3.2.7 Adereços: jóias e bijuterias .....	173
3.2.7.1 Masculinos .....	173
3.2.7.2 Femininos.....	179
3.2.7.3 Vestindo a sedução: adereços masculinos × adereços femininos .....	185

3.2.8 Na trama dos tecidos: fazendas, tecidos, peles .....	185
3.2.8.1. Masculinos .....	197
3.2.8.2. Femininos.....	202
3.2.8.3. Na trama dos tecidos: tecidos de uso masculino × tecidos de uso feminino .....	206
3.2.9 <i>Toilette</i> , higiene pessoal.....	207
3.2.9.1 Masculinas .....	208
3.2.9.2 Femininas.....	210
3.2.9.3 Vestindo a sedução: toilette/higiene pessoal masculina × <i>toilette</i> /higiene pessoal feminina.....	212
3.2.10 Vocabulário do vestuário masculino × vocabulário do vestuário feminino: aspectos gerais.....	212
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	215
REFERÊNCIAS .....	216

## INTRODUÇÃO

O vestuário tem despertado a atenção de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Um dos motivos que desperta o interesse para esse tema é o fato de todas as sociedades humanas de que se tem conhecimento possuírem algum tipo de vestuário. Esse vestuário pode variar conforme o grupo social e o tempo e apresentar uma enorme diversidade, visto que é um fato social. Essa diversidade relaciona-se à multiplicidade das comunidades humanas existentes, comunidades essas que apresentam diferenças culturais entre si e no interior de cada uma delas. Além dessa variação sociocultural, o vestuário pode variar também espacial, sazonal e temporalmente. Como o vestuário em si varia, o vocabulário utilizado para designar o material, o acabamento, as diversas peças e as regras para seu uso também apresenta uma grande variedade. Para ilustrar essa afirmação, seguem-se dois exemplos do vestuário do século XVIII.

O primeiro exemplo mostra dados do vestuário masculino, retirado do sequestro dos bens dos inconfidentes, especificamente do poeta Tomás Antônio Gonzaga:

item uma beca  
inteira de setim com bandas bordadas, item uma dita de lilá preta, item um vestido, de casaca vestia e calção de sêda amarela tostada, item outro dito da mesma côr e fazenda e vestia bordada e a casaca caseada de preto item outra casaca e calção de sêda côr de bicho de couve com vestia de setim branco bordada item outro dito vestia casaca e calção de cor de flor de pecegueiro vestia bordada de prata item um dito de panno côr de vinho crivado de ouro, item um vestido de brilhante e casaca e calção; item um dito de belbutte lavrado casaca e vestia de druguete verde periquito, item um vestido inteiro de sêda preta, item uma vestia e dois calções de setim preto, item um fraque e vestia de druguete verde-periquito [...]<sup>1</sup>

Nesse exemplo, as roupas que predominam são vestidos, casacas, véstias e calções. Os tecidos são seda, cetim e droguete. A cor predominante é o preto. Outras cores ocorrem relacionadas ao modo de vida da época como o verde (verde-periquito, cor-de-bicho-de-couve). As roupas apresentam um rico acabamento com peças bordadas em prata e ouro.

O segundo exemplo mostra dados do vestuário feminino. Foi retirado do inventário de Luzia Tereza de Jesus:

<sup>1</sup> AUTOS .... 1936, v .5, p. 311-312.

Huã saya de xita com muito  
uzo uso com seus babados ao redor  
[...]

Hua saya branca de pano  
de linho ja com seo uzo [...]  
[...]

Hum manto de ceda ja uzado  
[...]

Hum vestido inteiro de velu  
do preto com seu uso [...]  
[...]

Huma capa de Durguete azul  
ferrete bordada de setim azul  
lavrado [...]  
[...]

Huã capa branca de caça  
com seus babados ao redor ja uzada  
[...] (CPOLTJ,f.9r)

Nesse exemplo, as peças do vestuário são constituídas por saias, capas, manto e vestido. As cores que aparecem são preto, azul e branco. As peças são diferentes das encontradas no primeiro exemplo. Embora o vestido apareça nos dados do vestuário masculino, ele designa outro referente. Enquanto que no vestuário feminino do século XVIII, vestido refere-se a uma peça inteiriça composta de saia e blusa, no vestuário masculino do mesmo século designa um conjunto de casaca, véstia e calção.

A fim de compreender melhor a diferenciação do vocabulário do vestuário, apresenta-se neste trabalho um estudo do vestuário do século XVIII mineiro, dando-se especial atenção às diferenças relativas ao gênero do seu proprietário.

## CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Língua, sociedade e cultura

A *linguagem* é uma faculdade que permite ao homem expressar, através de símbolos convencionados socialmente, ideias, emoções e pensamentos. A linguagem manifesta-se através da *língua*, que pode ser definida como um complexo sistema de signos construído na interação social e utilizado na e para a comunicação humana. A materialização da língua se dá através da *fala*.

Em função de sua constituição na interação, percebe-se que a língua não existe fora de um contexto social. Quer seja pelo fato de os signos linguísticos serem convencionados socialmente, quer seja pelo fato de que “todo falante tem sempre um interlocutor, mesmo que seja potencial,”<sup>2</sup> a língua só tem razão de ser em *sociedade*. E como fato social, a língua está entrelaçada com a *cultura*, entendida aqui como “a configuração dos comportamentos aprendidos e de seus resultados, cujos elementos componentes são partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade dada.”<sup>3</sup> Esse entrelaçamento ocorre pelo fato de ser a língua o meio utilizado para armazenamento, partilha e transmissão dos conhecimentos de uma sociedade.

Sendo a língua um fato tão importante, já que permeia todas as atividades e setores de uma sociedade, a *linguística* – ciência que estuda a língua – tornou-se um campo amplo para a investigação científica e ocasionou, por isso, o surgimento de diversas ciências afins que se especializaram na análise e investigação de algum aspecto e/ou componente da linguagem humana. Dentre muitas, podem ser citadas a *sintaxe*, a *morfologia*, a *semântica*, a *pragmática* e a *lexicologia*, sendo essa última objeto de análise da próxima seção.

### 1.2 Lexicologia

#### 1.2.1 Conceituação

De maneira bem geral, pode-se afirmar que a lexicologia é a ciência que tem como objeto de estudo o léxico de uma língua natural. Embora a lexicologia seja um campo de

---

<sup>2</sup> BAKHTIN *apud* WEEDWOOD, 2006, p. 152-153.

<sup>3</sup> LINTON *apud* RUSS, 1994, p. 58.

estudo antigo,<sup>4</sup> já que os primeiros estudos lexicais remontam ao século IV. a.C, na Índia, com Panini, o surgimento da lexicologia como ciência deu-se no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII. Nessa época, o eixo norteador desse campo do saber era a relação entre *pensamento e palavra*.<sup>5</sup>

No século XIX houve uma mudança de perspectiva na lexicologia. Essa mudança foi ocasionada por um novo paradigma nas ciências da linguagem com o advento do método *histórico-comparativo*. Nesse período, a palavra passou a ser vista como forma cuja natureza fonética e morfológica deveria ser observada. Os estudiosos da época deixaram de se preocupar com a relação entre pensamento e palavra e tiveram o interesse voltado para a comparação entre palavras de línguas genealogicamente afins.<sup>6</sup> Através desse método foi possível recuperar, por exemplo, parte do léxico do latim vulgar.<sup>7</sup> Porém, nesse período, o léxico não era entendido como um conjunto sistematizado sendo, por esse motivo, reduzida a lexicologia ao estudo de um “amplo catálogo.”<sup>8</sup>

No século XX com o advento da linguística moderna - inaugurada por Ferdinand de Saussure (1857-1913)<sup>9</sup> - a língua passou a ser estudada sob o ponto de vista formal e social,<sup>10</sup> já que passou a ser entendida como um sistema de signos, em que cada signo é constituído de um significante e de um significado, sendo arbitrária a relação entre esses dois elementos. Além disso, a língua passou a ser considerada fato social, visto que pertence a todos os membros de uma comunidade. Entendida como sistema, a língua passou a ser passível de fixação e sistematização em dicionários e gramáticas.<sup>11</sup> Nessa perspectiva, o léxico começou a ser visto como estruturas em que conjuntos de palavras formam outros subconjuntos, ligados entre si por diversos laços. Essa teoria foi chamada de *estruturalismo*.

Dentro desse paradigma, diversos conceitos de lexicologia surgiram, entretanto apenas três deles serão objetos de análise nesta pesquisa.

Na primeira definição, lexicologia é entendida como ciência que é responsável pelo estudo global do vocabulário de uma língua – incluindo sua história.<sup>12</sup> Embora esse conceito aponte um norte na definição da área dos estudos lexicológicos, ele é pouco específico, já que não explica o que seria esse “estudo global” do vocabulário. Além do mais, ao colocar o

<sup>4</sup> BIDERMAN, 1998, p. 14.

<sup>5</sup> ABBADE, 2006, p. 214-215.

<sup>6</sup> ABBADE, 2006, p. 215.

<sup>7</sup> BASSETO, 2001, p. 64-66.

<sup>8</sup> NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 45.

<sup>9</sup> NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 45.

<sup>10</sup> ABBADE, 2006, p. 216.

<sup>11</sup> SAUSSURE, 1989, p. 229.

<sup>12</sup> CRYSTAL, 2000, p.158.

vocabulário como objeto de estudo da lexicologia, ele exclui parte do léxico, já que no vocabulário estão incluídas apenas as palavras efetivamente usadas pelo falante. Dessa maneira, estariam fora dos estudos lexicológicos as palavras que a língua disponibiliza para o falante e que ele, por diversos motivos, ainda não usou ou mesmo não usará.

Na segunda definição, lexicologia é entendida como “ciência do léxico duma língua. Isto é, a lexicologia tem como objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistema da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.”<sup>13</sup> Reconhece-se a importância desse conceito de lexicologia, visto que a análise interna e estrutural do léxico é imprescindível para os estudos lexicológicos. Mas, se se lembrar do caráter social da língua, não se pode ater apenas às estruturas internas, ainda mais ao se levar em consideração o fato de que o léxico é o nível da língua mais susceptível às influências externas, ou seja, às influências socioculturais. Sendo assim, é necessário ampliar um pouco mais esse conceito de lexicologia.

Em uma terceira definição, lexicologia é entendida como

um dos ramos da linguística, o estudo científico do léxico. Cabem-lhe numerosas tarefas, pois a unidade lexical já é um nível morfo-sintático-semântico bastante complexo. Lembremos aqui algumas dessas tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais [...]; analisar e descrever as estruturas morfossintáticas e semânticas das unidades léxicas, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias; examiná-las em sua carga ideológica e força persuasiva [...]. [É tarefa, também, da lexicologia] examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do “real” operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais. [...] [É também objetivo da lexicologia] estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo - ativo e passivo - e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica.<sup>14</sup>

Em resumo, a lexicologia analisa “o léxico em suas relações lingüísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais.”<sup>15</sup>

Percebe-se, então, que esse último conceito abrange os principais aspectos do léxico de uma língua: a sua natureza formal e histórico-cultural. Por esse motivo, esse conceito norteará as análises lexicais que serão feitas neste estudo, lembrando que o objetivo do presente trabalho é inter-relacionar o vocabulário do vestuário com a sociedade setecentista

<sup>13</sup> VILELA, 1994, p.10.

<sup>14</sup> BARBOSA, 1990, p. 153.

<sup>15</sup> ABBADE, 2006, p. 219.

mineira, situando socialmente seus indivíduos em relação ao gênero deles – homem ou mulher.

Em relação ao *léxico* – objeto da lexicologia – sua definição é também passível de variação. Três conceitos desse termo serão também analisados.

No primeiro conceito, léxico é definido como sinônimo de vocabulário.<sup>16</sup> Conforme visto em parágrafo anterior, não é possível adotar léxico como sinônimo de vocabulário, visto que vocabulário é entendido, nesta pesquisa, como parte do léxico.

No segundo conceito, encontra-se a definição de léxico como “a totalidade das palavras duma língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras (propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintáticas e semânticas).”<sup>17</sup> Esse conceito é mais consistente que o primeiro. Já se tem uma ideia mais clara do léxico, ao se afirmar, num primeiro momento, que léxico equivale à totalidade das palavras de uma língua. Entretanto, há algo de circular nessa definição quando, num segundo momento, afirma-se que léxico é o conhecimento que os falantes têm acerca das propriedades lexicais das palavras. Se léxico é a totalidade das palavras de uma língua, as palavras seriam o léxico. Dentro desse raciocínio, não haveria espaço para se falar em propriedades lexicais das palavras, visto que se o conjunto das palavras forma o léxico, como apenas parte delas seria lexical?

No terceiro conceito, encontra-se a definição de léxico como “uma entidade teórica, ou seja, o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos falantes.”<sup>18</sup> Essa definição é mais precisa que as demais. Nesse caso, entende-se que uma palavra, mesmo potencial, ou seja, ainda que não usada pelo falante por qualquer motivo, faz parte do sistema lexical de uma língua. Através dessa definição, percebe-se quão amplo é o universo lexical. A formação desse universo relaciona-se com o processo de nomeação e cognição da realidade. Isso por que, ao dar nome aos seres e aos objetos, o homem classifica-os simultaneamente. Em outras palavras, a geração do léxico processou-se e processa-se através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência humana, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.<sup>19</sup> Isso demonstra que o léxico de uma língua não é estanque, está em constante movimento. À medida que o conhecimento humano avança e novas tecnologias são desenvolvidas, o léxico das línguas naturais incorpora novas palavras utilizadas para nomear novas realidades. Pode ocorrer, também, que velhas palavras tenham o sentido deslocado e

<sup>16</sup> CRYSTAL, 2000, p. 157.

<sup>17</sup> VILELA, 1994, p. 10.

<sup>18</sup> NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 27. (tradução nossa).

passem a designar novos referentes e, ainda, que algumas palavras entrem em desuso pelo fato de seus referentes terem desaparecido do uso daquela comunidade. Dessa maneira, a imagem que se pode formar do léxico de uma língua é a de uma galáxia e, como tal, em constante expansão. Mas, a “expansão” lexical não é aleatória, “o que ocorre é uma associação mental entre as palavras.”<sup>20</sup> Essa associação mental é comprovada no nível empírico pelo fato de uma palavra produzir imediatamente uma palavra-resposta. Para explicar tal fenômeno, supõe-se que os padrões neuronais da memória léxica estabeleçam redes de ligações entre os lexemas de modo funcional.<sup>21</sup>

Outro termo intrinsecamente ligado ao léxico é *vocabulário*. Serão analisados três conceitos desse termo. O primeiro é o seguinte:

[a] LINGÜÍSTICA usa este termo em seu sentido cotidiano, reservando para seus estudos técnicos outros termos (cf. LÉXICO). Às vezes, faz-se a distinção entre vocabulário “ativo” (que se refere aos itens lexicais que as pessoas usam) e “passivo” (palavras que as pessoas entendem, mas não usam).<sup>22</sup>

Embora essa informação tenha sido retirada de um dicionário técnico, ela é pouco precisa. Ao afirmar que a linguística usa esse termo em seu sentido cotidiano, não diz qual é o sentido cotidiano. Supôs-se, então, que o sentido cotidiano seja o que consta em um dicionário geral. Mas ao se consultar um dicionário geral, encontraram-se dez definições para vocabulário, sendo que seis delas estão listadas a seguir:

1. O conjunto das palavras de uma língua. 2. O conjunto das palavras em certo estágio de uma língua. 3. O conjunto das palavras especializadas em qualquer campo de conhecimento ou atividade; nomenclatura, terminologia: vocabulário de medicina, de sociologia, de eletrônica. 4. O conjunto das palavras e expressões conhecidas e/ou empregadas por pessoa (s) de determinada faixa etária, social, etc.; o o vocabulário infantil; o vocabulário do poder jovem; o vocabulário dos marginais. 5. O conjunto das palavras usadas por um autor em sua obra, ou em parte dela: o vocabulário de Os lusíadas é de umas 6000 palavras. 6. Lista de vocábulos de uma língua dispostos em ordem alfabética: vocabulário ortográfico; vocabulário etimológico.<sup>23</sup>

Pelo exposto, percebe-se que o primeiro conceito não define nem esclarece o que seja vocabulário e, ao se buscar informação em um dicionário geral, constatou-se ser muito ampla a conceituação, o que obrigou a nova consulta em obras especializadas.

---

<sup>19</sup> BIDERMAN, 1998, p. 11.

<sup>20</sup> BIDERMAN, 1981.

<sup>21</sup> BIDERMAN, 1981.

<sup>22</sup> CRYSTAL, 2000, p. 268.

<sup>23</sup> FERREIRA, 1998, p. 1786.

O segundo conceito encontrado para esse termo traz a seguinte definição: vocabulário é “o conjunto de palavras utilizado pelo falante na produção de um texto oral ou escrito.”<sup>24</sup> Esse conceito é bom, mas para os fins desta pesquisa, é necessário restringir um pouco mais a definição.

No terceiro conceito, encontra-se a afirmação de que “vocabulário é um repertório que faz uma descrição minuciosa dos termos de um domínio e que descreve as noções designadas por esses termos por meio de definições ou de ilustrações”.<sup>25</sup> Nesse caso, vocabulário está restrito a uma parte específica ou técnica do léxico de uma língua. Como descreve os termos de um domínio, não se restringe a um único texto, detalhe esse que faz essa definição apropriada para os objetivos desta pesquisa que é analisar o vocabulário do vestuário em documentos setecentistas mineiros.

Quando se pensa em parte específica do léxico, sente-se a necessidade de um suporte que ajude a determinar, a recortar parte do sistema lexical. Um desses suportes teóricos são os *campos lexicais*.

A teoria de campos lexicais tem uma tradição de longa data. Os precursores dessa teoria remontam à Antiguidade, mas o autor que propôs uma definição que revolucionou a semântica foi J. Trier<sup>26</sup> (especialmente nos seguintes trabalhos: *Der deutsche Wort-schatz im Sinnbezirk des Verstandes* – 1931; *Sprachliche Felder, Zeitschrift für Deutsche Bildung* – 1932; *Die Idee der Klugheit in ihrer sprachlichen Entfaltung, Zeitschrift für Deutschkunde* - 1932)<sup>27</sup> dentre outros. Nessa proposta, verifica-se a influência de Humboldt e Saussure, sendo perceptível que foi de Saussure que o autor adotou a ideia de língua como sistema e foi o primeiro a aplicar esse princípio ao vocabulário. Vocabulário, nessa proposta, é um estado linguístico sincrônico com uma totalidade semanticamente articulada, estruturada precisamente em “campos léxicos”, que podem estar, entre eles, em relação de coordenação ou de hierarquia. Sendo assim, campo léxico representa um todo articulado e está subordinado a um complexo conceitual mais ou menos fechado cuja distribuição interna concretiza-se em uma estrutura articulada de signos de uma determinada comunidade.<sup>28</sup> Noutras palavras, “campos são as realidades lingüísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário que, enquanto totalidades parciais, têm como característica comum

---

<sup>24</sup> NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 27. (tradução nossa).

<sup>25</sup> BOUTIN-QUESNEL *apud* BARBOSA, 1996, p. 42. (tradução nossa).

<sup>26</sup> GUIRAUD *apud* GECKELER, 1994, p. 97. (tradução nossa).

<sup>27</sup> GECKELER, 1994, p. 117. (tradução nossa).

<sup>28</sup> TRIER *apud* GECKELER, 1994. (tradução nossa).

com a palavra o articular-se (*ergliedern*) e, com o vocabulário, o organizar-se (*ausgliedern*).”<sup>29</sup>

Foi de fundamental importância para o desenvolvimento da semântica moderna essa idéia de *campo*. A partir de então, o léxico passou a ser visto como algo possível de estruturação, não como uma lista desarticulada de palavras. Mas uma ressalva é necessário fazer em relação à terminologia adotada por esse autor: “[a] definição dos termos não é seu ponto forte. Assim, em seus trabalhos utiliza-se dos termos “campo léxico”, “campo linguístico de signos”, “campo conceptual”, “campo linguístico”, “campo” e “esfera conceptual.”<sup>30</sup>

Um estudioso contemporâneo a Trier que percebeu esse ponto fraco foi Weisgerber.<sup>31</sup> Esse pesquisador teve o mérito particular de tirar a teoria de campos de sua debatida e isolada existência e de incluí-la em uma ampla teoria linguística,<sup>32</sup> baseada na famosa frase de Humboldt: “[a] língua, concebida em sua essência real, é algo constantemente passageiro. Não é uma obra (*ergon*), e sim uma atividade (*energeia*).”<sup>33</sup> De acordo com essa oposição, Weisgerber distingue uma análise linguística estática e outra energética, caracterizando a primeira como “método gramatical” e a segunda como “método plenamente linguístico”. Para ele, os campos linguísticos englobam tanto os campos léxicos como os campos sintáticos. A importância dos “estudos de campo se liga ao fato de ser um conceito metodológico central da investigação aplicada ao conteúdo linguístico, e, ao mesmo tempo, a chave para o descobrimento de uma visão linguística do mundo.”<sup>34</sup>

Reconhece-se o mérito do trabalho de Weisgerber ao desenvolver as ideias propostas por Trier, mas uma objeção – que se aplica ao trabalho dos dois autores – é possível fazer: ambos preocuparam-se muito pouco em criar um método linguístico. Problemas tão importantes como a delimitação recíproca dos campos lexicais assim como a integridade de seus componentes não foram solucionados de uma maneira satisfatória.<sup>35</sup>

Ampliando essa teoria de linha estruturalista e lhe dando uma sustentação metodológica e terminológica coerente, tem-se a definição de campo lexical proposta por Coseriu. Ele define campo lexical como “um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo de conteúdo léxico em diferentes unidades, dadas em uma língua

<sup>29</sup> TRIER *apud* GECKELER, 1994, p. 123. (tradução nossa).

<sup>30</sup> GECKELER, 1994, p. 124. (tradução nossa).

<sup>31</sup> GECKELER, 1997, p. 124-125. (tradução nossa).

<sup>32</sup> WEISGERBER *apud* GECKELER, 1994, p. 125-126. (tradução nossa).

<sup>33</sup> HUMBOLDT *apud* GECKELER, 1994, p. 126. (tradução nossa).

<sup>34</sup> WEISGERBER *apud* GECKELER, 1994, p. 127. (tradução nossa).

<sup>35</sup> GECKELER, 1994, p. 130. (tradução nossa).

como palavras, que estão reciprocamente em oposição imediata mediante características distintivas de conteúdo simples.<sup>36</sup> Para construir um campo léxico, esse autor propõe

partir de oposições imediatas, por exemplo, entre dois ou três lexemas, identificar as características distintivas que fazem com que estes conceitos se oponham e ‘construir’ progressivamente o campo léxico, estabelecendo novas oposições entre os conceitos já considerados e outros. Em cada fase da análise se obtém, por um lado, as características distintivas mínimas já identificadas e, por outro, um valor comum a todos os conceitos estudados, que por sua vez pode decompor-se em características distintivas mínimas e, por meio da oposição com outros conceitos, em um valor comum cada vez mais reduzido.<sup>37</sup>

A proposta de Coseriu não se opõe às teorias de Trier e Weisgerber. Significa, sim, uma ampliação da linha estruturalista dessas teorias sustentadas por uma base muito intuitiva. Essa ampliação manifesta-se pela introdução de uma terminologia coerente e, sobretudo, no emprego de um método que se baseia em procedimentos linguísticos.<sup>38</sup> Mas é possível fazer uma crítica, não só à proposta de Coseriu, como às de Trier e Weisgerber. Essa crítica se refere ao fato de essas propostas não admitirem a possibilidade de haver lacunas ou sobreposições em um campo lexical,<sup>39</sup> lembrando que a crítica não invalida o conceito de campo lexical proposto por Coseriu.

Apesar das críticas, a teoria de campos léxicos foi importantíssima para os estudos lexicais. Conforme já dito em parágrafo anterior, a partir dela foi possível pensar o léxico como um sistema, não como uma lista de exceções.

Porém mesmo reconhecendo a importância dessa teoria de campos para tais estudos, não se pode negar a influência de fatores extralinguísticos na constituição do léxico. Há uma relação dialógica entre léxico e sociedade. Basta lembrar que a língua é um sistema de signos constituído através de um pacto coletivo. Dentro desse contexto, é possível se pensar em uma *lexicologia social*.

A lexicologia social, proposta por Georges Matoré, tem alguns pontos em comum com as ideias de Trier, como os fundamentos que sustentam a teoria de campo linguístico e/ou lexical.<sup>40</sup> Mas o núcleo da proposta de Matoré é a relação léxico e sociedade. De acordo com essa proposta, a lexicologia é uma ciência que está situada entre a linguística e a *sociologia*, já que o vocabulário é um elemento móvel e suscetível às variações do meio social.<sup>41</sup> Sendo

<sup>36</sup> COSERIU *apud* GECKELER, 1994, p. 232. (tradução nossa).

<sup>37</sup> COSERIU *apud* WOLF, 1982, p. 339-340. (tradução nossa).

<sup>38</sup> GECKELER, 1994, p.232. (tradução nossa).

<sup>39</sup> LYONS, 1977, p.212.

<sup>40</sup> MATORÉ, 1953, p. 63-64. (tradução nossa).

<sup>41</sup> MATORÉ, 1953, p. 49-50. (tradução nossa).

assim, para a lexicologia os fatos sociais têm em efeito o aspecto das coisas, mas das coisas vistas, sentidas e compreendidas pelos homens. Por isso, essa ciência deve visar às realidades sociológicas, pois o vocabulário é tradução, às vezes objetiva – como no caso das realidades independentes do indivíduo - e às vezes subjetiva, em função de serem os homens sujeitos históricos que vivem em um meio concreto, dentro de certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc.<sup>42</sup>

Dentro da proposta da lexicologia social, para localizar características socioeconômicas de uma determinada época, é necessário o estudo de textos que representem aquele período. Cada fato social de uma época é, então, caracterizado por uma *mot-témoin* (“palavra-testemunha”) que é o símbolo material de um fato espiritual importante, um elemento expressivo e tangível que concretiza um fato de civilização. Para determinar as *mots-témoins* é necessário ter um conhecimento expressivo da época em que apareceu o campo nocional do qual a *mot-témoin* faz parte, já que a *mot-témoin* é o símbolo de uma mudança, é um neologismo. A mutação brusca que a faz nascer é o signo de uma nova situação social, econômica, estética, etc. Porém, como as *mots-témoins* são muito numerosas dentro de um campo nocional, propõe-se fazer o estudo lexical através de *mot-clé* (“palavra-chave”), que é uma unidade lexical que exprime de maneira sintética uma época qualquer, noutras palavras, a *mot-clé* designa um ser, um sentimento, um ideal de uma determinada sociedade. Sendo assim, através do estudo de textos representativos de uma época é possível, através das *mots-clés*, identificar as principais características sociais e econômicas daquele período.<sup>43</sup>

Porém, para a aplicação integral desse método, é necessário um conhecimento profundo do vocabulário do período estudado e do anterior. Isso porque os estudos lexicográficos não são precisos em relação à datação das palavras. Como exemplo, pode-se citar *magazin*, que, de acordo com Matoré (1953, p.66), teria sido introduzida no vocabulário francês no período compreendido entre 1820-1825. No entanto, essa palavra já aparece em um decreto real com o sentido de “grande armazém” um século antes, em 1723.<sup>44</sup> A esse exemplo, pode-se acrescentar as palavras de um lexicógrafo brasileiro:

O fato, porém, de havermos atribuído uma data de primeira ocorrência para determinado vocábulo não significa, de modo algum, que essa data não possa ser recuada. A lexicografia histórica portuguesa ainda se encontra numa fase de lamentável atraso. Comparados, então, com os das outras línguas de cultura, como o

<sup>42</sup> MATORÉ, 1953, p. 43. (tradução nossa).

<sup>43</sup> MATORÉ, 1953, p. 65-69. (tradução nossa).

<sup>44</sup> BASSETO, 2001, p. 85.

inglês e o alemão, o francês e o italiano – para só citar as mais conhecidas –, os nossos recursos para a datação dos milhares de vocábulos portugueses de diversas origem são, na realidade, poucos.<sup>45</sup>

Em síntese, esta pesquisa será norteada pelos princípios gerais da lexicologia social, ou seja, o léxico entendido como testemunha de uma sociedade funcionando, por isso, como uma porta para se estudar uma sociedade de uma determinada época, mas não serão aplicados os conceitos de *mot-témoin* e de *mot-clé*.

### 1.2.2 Palavra, lexema, lema e lexia

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!

Ai, palavras, ai, palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,  
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!

Todo o sentido da vida  
principia à vossa porta;  
o mel do amor cristaliza  
seu perfume em vossa rosa;  
sois o sonho e sois a audácia,  
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,  
ai! com letras se elabora...  
E dos venenos humanos  
sois a mais fina retorta:  
frágil, frágil como o vidro  
e mais que o aço poderosa!  
Reis, impérios, povos, tempos,  
pelo vosso impulso rodam...

(...)

Ai, palavras, ai, palavras,  
íeis pela estrada afora,  
erguendo asas muito incertas,  
entre verdade e galhofa,  
desejos do tempo inquieto,  
promessas que o mundo sopra...

(...)

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Éreis um sopro na aragem...  
- sois um homem que se enforca!<sup>46</sup>

<sup>45</sup> CUNHA, 1997, p. XIV.

<sup>46</sup> MEIRELES, 1989, p. 182-184.

A capacidade de a *palavra* agir sobre o mundo, de transformá-lo está expressa no *Romance LII ou das Palavras Aéreas*, de Cecília Meireles, que inicia esta seção. Embora seja frágil como o vento - devido à sua matéria fônica - e breve - em poucos segundos se dá uma ordem, pronuncia-se uma frase - ela tem o poder de transformar a realidade a seu redor. Sua fragilidade material contrapõe-se ao seu poder de ação, já que através da palavra condena-se e/ou absolve-se um réu; determina-se ou não a continuidade da vida através da assinatura de um tratado de paz ou de um decreto de guerra. Os Estados constituem-se ou dissipam-se ao impulso da palavra e mesmo o indivíduo comum muda o rumo de sua vida ao sabor das palavras que diz e das palavras que ouve. Esse poder ferrenho da palavra não é apenas licença ou exagero poético, a força de ação da palavra já foi matéria de estudo linguístico liderado por Austin sob o título de “Atos de Fala” em que trata, dentre outras coisas, da força ilocutória das palavras.<sup>47</sup> Outros estudiosos também detiveram-se sobre a palavra, sendo esta entendida como ação.

As palavras são partes ou equivalentes às ações. [...] Em toda comunidade há palavras geradoras de atos. Exterioriza-se um voto ou promessa ou falsifica-se uma firma, o sujeito se encontra ligado para toda a vida a um convento, a uma mulher ou a um cárcere. [...] De onde provem a convicção na força criadora e no poder pragmático das palavras? No uso das palavras no discurso mágico ou sacramental ou numa fórmula legalmente vinculante, pode-se com segurança interpretar a autêntica função da língua, o verdadeiro significado das palavras.<sup>48</sup>

Mas as palavras não têm autonomia; elas são sempre ditas e/ou escritas por alguém. É o sujeito que, através da palavra, age no mundo e sofre a ação do mundo. Mesmo no *Palavras aéreas*, fala-se das palavras, mas ficam subentendidos seus locutores: a rainha que poderia ter dado o perdão aos Inconfidentes, os depoimentos dos réus, das testemunhas, etc. O que fica claro é que os fatos ocorreram de uma determinada maneira pelas palavras escolhidas pelos atores históricos e pela força ilocutória dessas mesmas palavras.

Uma questão relativa à palavra já intrigou diversos pesquisadores: saber em que consiste essa entidade mais frágil que o vidro e mais poderosa que o aço, ou seja, o que é realmente uma palavra e como conceituá-la de uma maneira universal.

Essa questão teve grande relevância no *VI Congresso Internacional de Linguística*, realizado em Paris, em 1948. Muitas polêmicas foram levantadas e houve quem propusesse a retirada definitiva desse termo da nomenclatura linguística, já que não se conseguia uma generalização na conceituação. Não se chegou a um consenso porque o banimento da noção

---

<sup>47</sup> AUSTIN, 1962.

<sup>48</sup> MALINOWSKI *apud* EBNETER, 1982, p.v153. (tradução nossa).

de palavra da linguística faria com que todos os outros conceitos que se ergueram tendo-a como suporte - frase, morfologia e sintaxe - ruíssem, pelo fato de terem sido construídos sobre o eixo *palavra-frase*.<sup>49</sup>

Se o entendimento que se tem de palavra é de uma unidade léxica, uma definição universal que valha para todas as línguas, recobrando todas as peculiaridades de cada uma não foi feita até o momento. A proposta que se adota neste trabalho é a de se entender a palavra como uma “unidade psicolinguística que se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o *morfema* – e uma unidade sintagmática maior – o *sintagma*.”<sup>50</sup>

É importante, porém, frisar que só é possível identificar essa unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua específica. Considerando a língua portuguesa, é possível adotar três critérios para delimitar a palavra: fonológico, morfossintático e semântico.

No plano fonológico, pode-se considerar a palavra como “uma seqüência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível,”<sup>51</sup> lembrando que o acento próprio de cada palavra também ajuda nesse processo de segmentação. Como exemplo, pode-se citar /uva/, palavra paroxítona em português cujo acento tônico ajuda em sua identificação. Porém, é importante esclarecer que essa identificação preliminar é insuficiente dado o fato de que no português há muitas palavras átonas que têm alta frequência como artigos, pronomes e preposições. Por isso, é necessário considerar os demais níveis da análise linguística para a delimitação dessa unidade léxica.<sup>52</sup>

No plano morfossintático, é necessário analisar as unidades depreendidas da análise fonológica à luz do sistema morfossintático da língua em questão, nesse caso específico, o português. Verifica-se, dentro desse contexto, que casos como *no* e *das*, emitidos como uma seqüência fônica apenas são, na verdade, unidades complexas do sistema, ou seja, *em+o* e *de+as*.<sup>53</sup> Nesse plano, pode-se identificar as palavras através de dois critérios: *o princípio da coesão interna* e *o da permutação*.<sup>54</sup>

Em relação à coesão interna, um indicativo morfológico de que dois elementos combinaram-se para formar uma palavra é a impossibilidade de inserir uma outra forma entre eles. Por exemplo, em português, na palavra *casamento*, reconhece-se um tema *casa* – e um sufixo derivacional *-mento*, formador de substantivo. Há entre esses elementos mórficos uma

<sup>49</sup> MIKUS *apud* BIDERMAN, 2001, p. 105-106.

<sup>50</sup> BIDERMAN, 1999, p. 82.

<sup>51</sup> BIDERMAN, 1999, p. 83.

<sup>52</sup> BIDERMAN, 1999, p. 84.

<sup>53</sup> BIDERMAN, 1999, p. 85.

coesão interna sólida de tal forma que não se pode inserir nada entre eles. Não é possível, por exemplo, \**casamento*. O princípio da coesão interna aplica-se naturalmente às palavras compostas e complexas. Não é possível inserir nenhum elemento entre os constituintes de *beija-flor* ou *cesta-básica*: \**beija-bela-flor* ou \**cesta bem básica*.<sup>55</sup>

O princípio da permutação diz respeito à mobilidade; isto é, à possibilidade de uma palavra trocar de posição com outra na mesma frase.<sup>56</sup> Nesse caso, a separabilidade da palavra corresponde logicamente a inseparabilidade dos elementos que a compõem, à qual se acrescenta sua ordem fixa.<sup>57</sup> Essa separabilidade evidencia-se tanto pela permutação quanto pela possibilidade de se inserir outra palavra na sequência frasal.<sup>58</sup>

Mesmo se reconhecendo a possibilidade de definir palavra em língua portuguesa através de critérios fonológicos e morfossintáticos, o termo é ambíguo, gera equívocos e imprecisões. Por isso será adotada outra terminologia para designar as unidades do sistema e do discurso neste trabalho. Sendo assim, será utilizado o termo *lexema* “para denominar as unidades virtuais que compõem o léxico” e *lema* como “sua representação canônica no dicionário.” Já as manifestações discursivas dos lexemas serão referidas tecnicamente como *lexias* que se classificam em três tipos: “lexias simples, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separada por dois brancos; lexias complexas, formadas por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen e lexias compostas formadas por sequências gráficas ligadas por hífen.”<sup>59</sup> Para determinar se uma lexia é simples ou complexa serão observados os princípios de coesão interna e permutação discutidos em parágrafo anterior.

### 1.2.3 A estruturação do vocabulário: alguns modelos de estudo

Ao se estudar o vocabulário de uma língua qualquer, há duas opções para o pesquisador: a semasiologia e a onomasiologia. Na semasiologia, parte-se da forma, ou seja, “do significante para se chegar ao significado, noutras palavras, aos vários conceitos aos quais o significante está ligado. Na onomasiologia, parte-se do conceito para se chegar às materializações dos significados, ou seja, aos significantes”.<sup>60</sup> Veja a representação gráfica desses dois modelos de análise.<sup>61</sup>

---

<sup>54</sup> LAROCA, 2003, p. 22.

<sup>55</sup> LAROCA, 2003, p. 22.

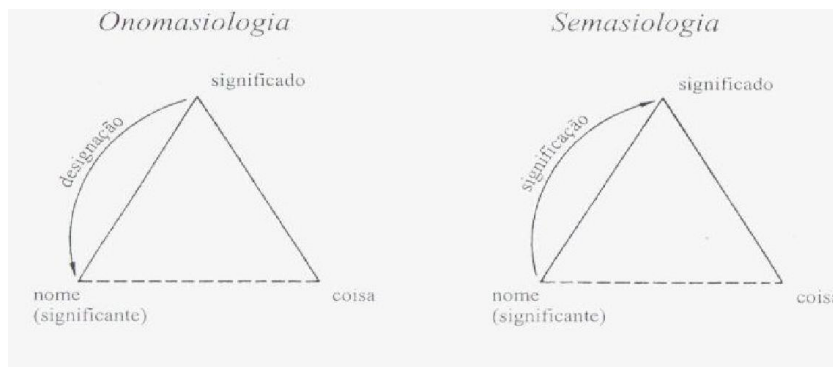
<sup>56</sup> LAROCA, 2003, p. 22.

<sup>57</sup> ADRADOS *apud* LAROCA, 2003, p. 22.

<sup>58</sup> LAROCA, 2003, p. 22.

<sup>59</sup> BIDERMAN, 1999, p. 89.

<sup>60</sup> BALDINGER, 1970, p. 115. (tradução nossa).



Como se percebe, a semasiologia e a onomasiologia complementam-se. Esse duplo aspecto corresponde à dupla natureza do signo linguístico, ou seja, à união de uma forma a um conteúdo.<sup>62</sup>

Neste dissertação, devido a seu caráter terminológico, optou-se por fazer a análise lexical a partir da onomasiologia, ou seja, verificar quais são as realizações empíricas do conceito de vestuário no século XVIII. Além da identificação dos termos do vestuário, será feita a inter-relação entre esses termos e a realidade cultural da época. Isso porque a onomasiologia “permite ver a cultura do povo cuja língua se estuda, costumes, ocupações, instrumental, crenças e credices, moradia, enfim, sua mundividência. Permite sentir a linguagem viva, traduzindo a vivência cultural do povo.”<sup>63</sup>

Diversos trabalhos foram feitos baseados na onomasiologia. Como exemplos, podem ser citados o *Dictionnaire idéologique*, de Robertson – publicado em 1859; *Die romanischen Verwandtschaftsnamen mit besonderer Berücksichtigung der französischen und italienischen Mundarten: ein Beitrag zur vergleichenden Lexikologie*, de Tappolet – publicado em 1895; *Die romanischen Namen de Körperteile: eine onomasiologische Studie*, de Zauner – publicado em 1903; e a obra que é considerada como uma etapa fundamental dentro dos estudos de onomasiologia: *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie (Système raisonné des concepts)*, de autoria de Wartburg e Hallig – publicado em 1952.<sup>64</sup>

Como a classificação dos lexemas do vestuário será feita através do *Sistema Racional de Conceitos* – citado no parágrafo anterior - faz-se uma pequena análise da estrutura dessa obra.

<sup>61</sup> BALDINGER *apud* SEABRA, 2004, p. 34.

<sup>62</sup> BALDINGER, 1970, p. 116. (tradução nossa).

<sup>63</sup> BASSETO, 2001, p. 77.

<sup>64</sup> BABINI, 2000, p. 69-71. (tradução nossa).

Na introdução do Sistema Racional de Conceitos – doravante SRC - constam as razões de tal trabalho, além de questões teóricas e metodológicas relativas à classificação dos conceitos.<sup>65</sup>

O ponto de partida para a realização do SRC foi a necessidade sentida de se abandonar a classificação alfabética dos dicionários científicos e substituir tal classificação por um sistema racional que fosse aplicado não apenas a uma só língua ou dialeto. Para tanto, foi escolhido fazer uma classificação de conceitos. Esses conceitos devem ser pré-científicos e serem organizados de maneira a constituírem um conjunto harmônico. As noções devem suceder-se segundo a lógica própria da vida e todos os conceitos tem que ser ligados internamente por uma “linha” que permita reconhecer a estrutura do conjunto, a determinação de uma coisa por outra. O modo de classificação dos conceitos seguiu o ponto de vista de um indivíduo mediano, inteligente, com uma concepção de mundo fundada sobre conceitos pré-científicos. Tal classificação foi executada através da metodologia fenomenológica, sendo entendida essa metodologia como “classificação e assimilação de objetos empíricos, ou seja, que estejam sob o domínio da experiência”<sup>66</sup> Seguindo essas diretrizes metodológicas e teóricas, o plano do SRC desenvolveu-se a partir de três árvores diferentes: *O universo*, *O homem e O homem e O universo*.<sup>67</sup>

Essa classificação de Hallig e Wartburg sofreu duras críticas sendo que algumas serão objeto de análise neste trabalho. A primeira delas relaciona-se ao pretendido valor universal do SRC. Tal crítica advém do fato de ser difícil aceitar a universalidade dos conceitos utilizados na classificação porque eles foram retirados de uma língua apenas, no caso, o francês.<sup>68</sup>

A segunda crítica relaciona-se à definição de conceitos pré-científicos. Se esses conceitos estão fixados por palavras e se tal classificação é feita através da metalinguagem de uma ciência – no caso a linguística – só pode haver nessa metalinguagem conceitos científicos. Isso, *a priori*, tornaria a classificação irrealizável.<sup>69</sup>

A terceira crítica está relacionada à hierarquia dos conceitos. Eles estão relacionados entre si unilateralmente, em forma de pirâmide. A questão colocada é que, na prática, os conceitos apresentam muitas relações multilaterais, fato esse que uma pirâmide não consegue

---

<sup>65</sup> BABINI, 2000, p. 105. (tradução nossa).

<sup>66</sup> BABINI, 2000, p. 114. (tradução nossa).

<sup>67</sup> WARTBURG; HALLIG *apud* BABINI, 2000, p. 105-114. (tradução nossa).

<sup>68</sup> HEGER *apud* BABINI, 2000, p. 109. (tradução nossa).

<sup>69</sup> HEGER *apud* BABINI, 2000, p. 109-110. (tradução nossa).

representar.<sup>70</sup> Como exemplo, pode-se citar o conceito de cores. Vários elementos, como vestuário, plantas, animais, apresentam alguma coloração. Entretanto, o vestuário está em B I (B - *O homem; I – O homem, ser físico*) e as plantas estão em A III (*A – A natureza, o universo; III – As plantas*).

Reconhece-se, neste trabalho, a pertinência das críticas feitas ao SRC. Entretanto tais críticas não invalidam o método. O *Sistema* ainda mantém sua importância devido ao fato de, entre outros motivos, provocar debates sobre a classificação ideológica dos dicionários. Além do mais, como instrumento de trabalho, o método só poderá ter seu valor efetivamente medido a partir do momento em que for colocado em prática.<sup>71</sup> Em língua portuguesa, há alguns trabalhos feitos que utilizaram o SRC. Isso mostra que tal sistema é um método que funciona para análise sistemática do vocabulário. Como exemplos, podem ser citados *A linguagem de Fernão Mendes Pinto, segundo um sistema de conceitos: exame parcial de amostras do vocabulário – tese de livre docência de Clemente Segundo Pinho (1966); O vocabulário do Leal Conselheiro através do Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg - tese de doutorado de Najla Lauand (1973) e a Edição e vocabulário onomasiológico de três tratados da obra ascético-mística Castelo Perigoso - tese de doutorado de Rita de Cássia Ribeiro Queiroz (2002).*

#### 1.2.4 Terminologia

Conforme já discutido na primeira seção desta dissertação, entende-se por léxico o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição do falante. Mas esse conjunto não é uma massa uniforme. Ao sistematizá-lo, percebe-se que ele comporta várias dimensões e inter-relações. Sendo assim, diversas ciências ocupam-se de seu estudo. No universo das ciências do léxico situa-se a *terminologia*,<sup>72</sup> campo de estudo que

trata não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas. [...] Quanto ao objeto de estudo, observa-se que enquanto a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceitual na língua comum, a terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada, dos conceitos inerentes às diversas matérias especializadas.<sup>73</sup>

As linguagens especializadas caracterizam-se por usar termos que representam a estrutura conceitual de uma determinada matéria ou área. Entendem-se *termos* como

<sup>70</sup> HEGER *apud* BABINI, 200, p. 110-111. (tradução nossa).

<sup>71</sup> BABINI, 2000, p. 120. (tradução nossa).

<sup>72</sup> KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 40.

<sup>73</sup> ANDRADE, 2001, p. 191-192.

“unidades sgnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, apresentando-se de forma tão natural no discurso especializado, quanto as palavras, nos discursos que se valem da língua comum.”<sup>74</sup> E, para analisar os termos, a terminologia parte da onomasiologia, ou seja, dos conceitos para a denominação que eles recebem numa área específica.<sup>75</sup>

Embora seja uma ciência relativamente nova, a terminologia proporciona um grande campo de estudos que vem se desenvolvendo rapidamente, em paralelo com as transformações tecnológicas do mundo atual.<sup>76</sup>

### 1.3. Breve história do vestuário

Vestido o Gama vem ao modo hispano,  
mas francesa era a roupa que vestia,  
de *cetim* da adritica Veneza  
*carmesim*, cor que a gente tanto preza.  
De botões de ouro as mangas vêm tomadas,  
onde o sol reluzindo a vista cega.  
As *calças* soldadescas recamadas  
do metal que fortuna a tantos nega,  
e com pontas do mesmo delicadas.  
Os *golpes* do *gibão* ajunta e achega,  
ao itálico modo urea espada.  
Pluma na *gorra*, um pouco inclinada.<sup>77</sup>

Antes de se adentrar pela história do *vestuário*, serão discutidas algumas definições desse termo e de outros pertencentes a seu campo lexical: *indumentária*, *roupa* e *traje*.

Em relação  indumentária, consta no verbete de um dicionário a seguinte definição: “1. Arte do vestuário. 2. História do vestuário; uso do vestuário em relação às épocas ou povos. 3. Traje, uso do indumento, induto, vestuário [...]”<sup>78</sup> Nesse verbete, há, na verdade, mais de uma significação. É comum a polissemia das palavras, mas em relação a um termo técnico é mister precisar seu conceito, visto que “ele tende  monossemia.”<sup>79</sup> Noutras palavras, a definição terminológica veicula “conceitos de uma área de conhecimento.”<sup>80</sup> Sendo assim, adota-se, neste trabalho, uma definição mais específica, ou seja, indumentária é entendida como sistema que regula os usos e maneiras de vestir de uma determinada sociedade.<sup>81</sup>

<sup>74</sup> ANDRADE, 2001, p. 193.

<sup>75</sup> ANDRADE, 2001, p. 194.

<sup>76</sup> ANDRADE, 2001, p. 199.

<sup>77</sup> ERNESTO; CAMPOS *apud* OLIVEIRA, 1998, p. 38.

<sup>78</sup> FERREIRA, 1998, p. 939.

<sup>79</sup> ANDRADE, 2001, p. 198.

<sup>80</sup> KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 93.

<sup>81</sup> BARTHES, 2005, p. 257-272.

Roupa é outro termo intrinsecamente ligado ao universo do vestuário. Também, em verbete de um dicionário, dentre outras acepções que não se relacionam com este trabalho, é definida como “Peça de vestuário; indumentária, traje.”<sup>82</sup> Novamente, esbarra-se na polissemia o que faz com que se procure outro significado mais restrito. Adota-se, então, a definição de roupa como “tudo o que serve para cobrir o corpo, para adorná-lo, ou para protegê-lo das injúrias do ar”.<sup>83</sup>

Traje também permeia o mundo do vestuário. Em um dicionário consultado, encontra-se a seguinte definição para esse termo: “1. Vestuário habitual. 2. Vestuário próprio de uma profissão. 3. Vestes, vestuário, roupa, fato.”<sup>84</sup> Também é necessário, nesse caso, restringir e especificar melhor sua definição. Dessa maneira, entende-se traje como o “modo pessoal como um usuário adota (ou adota mal) a indumentária que lhe é proposta por seu grupo.”<sup>85</sup>

Se todos esses termos giram em torno de vestuário, este ainda carece de uma definição. Em um dicionário, ele é definido como “1. Conjunto das peças de roupa que se vestem; traje, indumentária. 2. Vestidura.”<sup>86</sup> Essa definição choca-se com as descritas acima. Por isso, nesta pesquisa, adota-se outra acepção, ou seja, vestuário é entendido como conjunto composto por indumentária, roupa e traje.<sup>87</sup>

Sendo o vestuário um conjunto composto por roupa, traje e indumentária e a indumentária um sistema que regula o modo de vestir de uma determinada comunidade, então não se pode negar o caráter social do vestuário. Ele é, “no sentido pleno, um ‘modelo social’, uma imagem mais ou menos padronizada de condutas coletivas previsíveis e, essencialmente nesse nível, ele é significante.”<sup>88</sup>

A relação entre o vestuário e a estrutura social também é defendida por outro pesquisador que o considera a língua da moda.<sup>89</sup>

Esse ponto de vista do vestuário como modelo social tem mais adeptos, conforme percebe-se pela seguinte afirmativa:

através do aspecto do modo de vestir, poder-se-á observar e descobrir a relação da pessoa com a roupa, seguindo uma perspectiva psicológica; poder-se-á também observar esse comportamento num nível dos vários grupos sociais, desenvolvendo

<sup>82</sup> FERREIRA, 1998, p. 1785-1786.

<sup>83</sup> ROCHE, 2007, p. 20.

<sup>84</sup> FERREIRA, 1998, p. 1697.

<sup>85</sup> BARTHES, 2005, p. 270.

<sup>86</sup> FERREIRA, 1998, p. 1771.

<sup>87</sup> Adaptação da definição de Barthes. Barthes (2005, p. 270) considera vestuário um todo composto por indumentária e traje. A roupa é acréscimo nosso.

<sup>88</sup> BARTHES, 2005, p.279.

<sup>89</sup> SILVA NETO, 1952, p. 349-350.

uma perspectiva antropológica ou etnográfica da indumentária. [...] O traje [...] indica a posição do indivíduo em sociedade, permite que traços do seu inconsciente transpareçam, apresenta uma dimensão ‘moral’. Entretanto ele precisa ser explorado em seu aspecto cultural, enquanto um fenômeno de cultura, de sociedade. É meio estético de expressão de idéias, desejos e crenças que circulam nas sociedades.<sup>90</sup>

Estando explícita a relação entre vestuário e sociedade, pode-se pensar sobre a sua função, ou melhor, quais teriam sido os motivos que levaram o homem a vestir-se. Do ponto de vista tradicional, o vestuário foi inventado por três motivos básicos: proteção contra as intempéries, pudor (para ocultar a nudez) e adorno (para se fazer notar). Mas, além dessas funções, pode-se acrescentar uma quarta, que é a de significação:

[o] homem vestiu-se para exercer sua atividade significante. O uso de um vestuário é fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos de pudor, adorno e proteção. É um ato de significação, logo um ato profundamente social, alojado no próprio cerne da dialética das sociedades.<sup>91</sup>

Como meio de expressão e de significação, as linhas gerais do vestuário caracterizam épocas e sociedades diferentes. O vestuário, na maior parte da sua história, seguiu duas linhas distintas de desenvolvimento cujo marco divisório mais óbvio aos olhos modernos está entre a vestimenta masculina e a feminina, embora nem sempre tenha sido assim.<sup>92</sup>

Na Roma Antiga, o traje masculino e o feminino eram muito parecidos. A diferença que havia se referia ao modo de se usar as roupas. A principal roupa do vestuário romano era a túnica.<sup>93</sup> Tratava-se de uma espécie de camisa de corte bem amplo e totalmente fechada que descia abaixo dos joelhos<sup>94</sup> e era feita de lã.<sup>95</sup> Entretanto, no início do século III, com a intensificação da influência oriental em Roma, a lã foi substituída pelo “hilo”. Como a túnica era muito larga, era necessário ajustá-la com um cinturão. O modo de se ajustar a túnica variava segundo o sexo da pessoa e de acordo com sua posição na sociedade: as mulheres amarravam-na um pouco baixa, os homens mais acima, os soldados traziam-na mais cingida ao corpo. A túnica deveria ser atada acima do quadril e era tão comprida que deveria cobrir o joelho: essa era uma regra que não poderia ser esquecida sem perigo de passar-se por descuidado ou indolente. Usar a túnica completamente desatada era prova de má educação e

<sup>90</sup> MIRANDA, 1998, p. 7-9.

<sup>91</sup> BARTHES, 2005, p. 363-364.

<sup>92</sup> LAVER, 2006, p. 7.

<sup>93</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 157-158. (tradução nossa).

<sup>94</sup> KÖHLER, 2005, p. 138.

<sup>95</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 158. (tradução nossa).

somente os indivíduos pertencentes às classes mais baixas da sociedade mostravam tal indolência.<sup>96</sup>

Na rua os romanos usavam a toga sobre a túnica. Era usada suspensa sobre os ombros e teria uma forma que, apesar dos muitos documentos existentes sobre esse particular, não é possível determinar com precisão.<sup>97</sup> Entretanto Köhler (2005, p.135) afirma que a toga assemelhava-se a uma tebena dupla, formada provavelmente por dois grandes segmentos de círculo, iguais em tamanho e com as extremidades retas colocadas juntas. Esse era o traje nacional dos romanos, mas como era de uso difícil, entrou em desuso e foi substituído por uma espécie de manto. Um desses mantos era o pálio, que consistia em um pedaço de pano de forma retangular e de comprimento três vezes maior que sua largura. Ele era preso no ombro esquerdo por meio de uma fíbula.<sup>98</sup>

Conforme dito, as túnicas masculinas e femininas diferenciavam-se muito pouco. As das mulheres eram mais largas e eram atadas debaixo dos seios e iam até os pés. Até o final do século III, as mangas das túnicas masculinas e femininas eram iguais, entretanto no século IV as mangas das túnicas das mulheres passaram a ficar mais largas. A romana, ao sair à rua, cobria-se com a *pala*. Era essa uma peça que cobria a cabeça e descia ao largo do corpo, à maneira dos mantos que as senhoras usavam em momentos de luto.<sup>99</sup>

No século IV passou a ser elegante ornar a túnica com fios purpúreos. Essa tendência em ornar a roupa cristalizou-se em formas sistemáticas, ou seja, passou para o nível da indumentária. Os funcionários públicos tinham que usar na região do peito uma ornamentação quadrada, de cor distinta da túnica. De acordo com a cor desse adorno podia-se conhecer a hierarquia das pessoas. Essa tendência em adorno excessivo veio do Oriente. O luxo encontrou em Bizâncio terreno favorável para seu desenvolvimento e devido a sua influência surgiram algumas inovações na indumentária romana, inovações essas ligadas ao acabamento.<sup>100</sup>

Enquanto a indumentária romana do tempo dos Césares era influenciada por Bizâncio no sentido de ser cada dia menos flexível devido aos excessivos adornos, ocultando a forma do corpo; no Ocidente, devido ao contato dos romanos com as tribos germanas, as roupas adquiriram as formas que mais tarde deram a origem à indumentária europeia. O sistema indumentário dos germanos era simples e atendia mais às exigências do uso do que da estética

---

<sup>96</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 158. (tradução nossa).

<sup>97</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 161. (tradução nossa).

<sup>98</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 162. (tradução nossa).

<sup>99</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 166-168. (tradução nossa).

<sup>100</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 170-176. (tradução nossa).

e do orgulho. O mais característico dele era o costume de cobrir as pernas. No início, os germanos cobriam-nas até o tornozelo, onde atavam as *perneras*, que logo foram encurtando-se até não chegar sequer ao joelho. De acordo com reproduções presentes nas colunas de Trajano e Marco Aurélio, percebe-se que as roupas das germanas não se diferenciavam muito das mulheres romanas. Mas essa casual semelhança levanta a suspeita de que as reproduções dos germanos presentes nessas colunas não foram feitas atendendo ao critério de reproduzir fielmente a realidade, mas foram artisticamente reproduzidas por seus autores, já que nessas mesmas colunas os homens germanos também aparecem vestidos segundo a indumentária romana,<sup>101</sup> o que contradiz outras fontes.

Em relação aos cabelos, os romanos usavam-nos curtos. A barba começou a ser raspada a partir do século II a.C. Em geral a cabeça ficava descoberta, mas às vezes eram usados chapéus de feltro de várias formas<sup>102</sup> para cobri-la. Os penteados foram elaborados com o passar do tempo e os cabelos louros eram moda. As pessoas que tinha cabelos escuros recorriam aos descolorantes.<sup>103</sup>

O calçado era uma parte importante – e, na verdade, indispensável – do vestuário romano. Havia inúmeros estilos em todas as gradações possíveis. Em termos gerais, os calçados das mulheres eram iguais aos dos homens, mas sua variedade era menor. Preferiam sandálias e sapatos que não iam além dos tornozelos às botas que chegavam quase aos joelhos. Dedicavam mais atenção do que os homens às questões de aparência e elegância e seus sapatos não só eram guarnecidos de ouro, mas também bordados com pérolas e outros ornamentos semelhantes.<sup>104</sup>

Após a queda do Império Romano, nos feudos e reinos que se formaram durante a Idade Média, usavam-se roupas que misturavam modas nativas com as do final da Antiguidade. Há uma relação muito estreita entre os estilos dos primórdios da Idade Média e o estilo da indumentária religiosa,<sup>105</sup> já que a Igreja dominava a vida política e cultural do período. Um exemplo que ilustra o poder da Igreja foi a formação das Cruzadas. Elas tiveram um papel decisivo na formação dos reinos europeus na medida em que propiciou a expulsão dos árabes através de alianças políticas.

Na Espanha, por exemplo, a conquista gradativa das terras ocupadas pelos mouros resultou na coleta de um rico saque: jóias e tecidos finos, muito mais luxuosos do

<sup>101</sup> BOEHN, 1951, t. I, p. 177-180. (tradução nossa).

<sup>102</sup> LAVER, 1989, p. 40-41.

<sup>103</sup> LAVER, 1989, p. 42.

<sup>104</sup> KÖHLER, 2005, p. 142.

<sup>105</sup> KÖHLER, 2005, p. 159-161.

que os produtos contemporâneos da Europa cristã. Ao retornarem para a Europa, os cruzados levaram não só os tecidos orientais, mas as próprias roupas ou a técnica de corte. As mulheres ocidentais adotaram o véu muçulmano, ou um pequeno véu cobrindo a parte inferior do rosto. Por outro lado, começaram a amoldar os vestidos ao corpo por meio de abotoamento lateral, que deixava a parte superior justa sobre o busto.<sup>106</sup>

Mas apesar disso, no final da Idade Média, o vestuário feminino permaneceu ligado às formas tradicionais – vestes amplas que dissimulavam as formas do corpo enquanto que o masculino evoluiu espetacularmente devido à influência do vestuário bélico.<sup>107</sup> A beleza perturbadora e prestigiosa do homem das armas afetou de modo mais profundo o vestuário europeu dos séculos posteriores ao XIII. A maior parte das roupas masculinas dos séculos XIV, XV, XVI e do início do século XVII tendia a imitar a armadura ao constituir formas abstratas e rígidas em torno do corpo, culminando na gola de tufos engomados no pescoço, uma espécie de abstração semelhante à armadura da gola do colarinho.<sup>108</sup>

Dessa forma, pode-se afirmar que de 1300 em diante, começou a acentuar a diferença entre o vestuário masculino e o feminino.<sup>109</sup> A roupa masculina caracterizava-se por “malhas e gibões perfeitamente ajustados que uniam-se em torno da cintura formando um conjunto único, casacos formais eram usados por cima disto tudo e eram curtos, bem-feitos e acolchoados. As mangas eram cortadas em diversas partes, moldadas e acolchoadas.”<sup>110</sup>

Os homens, nesse período, passaram a usar calções ou *braies* que eram calças até os tornozelos presos nos quadris por um cordão enfiado na parte superior - influência do vestuário germano. Os nobres usavam-nos justos e as classes inferiores vestiam-nos frouxos ou bem largos. Às vezes eram usados com ataduras amarradas em espiral ou cruzadas. Sob os calções usavam-se *chausses*, isto é, meias que eram cortadas em lã ou linho com o formato das pernas e terminavam nos tornozelos ou possuíam uma tira como um estribo sob o arco do pé.<sup>111</sup> O uso dessas peças populares no final da Idade Média causou muito escândalo quando apareceram. Quando Manuel de Noronha, por exemplo, apareceu em Saragoça com calças de chamalote fino (espécie de cetim) o espanto e o riso foram tais que motivaram mais de quarenta trovas de escárnio.<sup>112</sup>

Para os cabelos existiam diversos adornos. Até aproximadamente 1380, o capuz com o *liripipe* comprido havia sido usado por quase todos. Então alguém teve a idéia brilhante de

<sup>106</sup> LAVER, 1989, p. 56-58.

<sup>107</sup> MARQUES, 1964, p. 24.

<sup>108</sup> HOLLANDER, 2003, p. 63.

<sup>109</sup> HOLLANDER, 2003, p. 62.

<sup>110</sup> HOLLANDER, 2003, p. 62.

<sup>111</sup> LAVER, 1989, p. 28.

enfiar a cabeça na abertura em que deveria ficar o rosto, enrolando o capuz, com sua borda adornada, em volta da cabeça como um turbante e amarrando-o com o *liripipe*. Um prolongamento deste foi o *chaperon*, que consistia em um rolo circular acolchoado ao qual era preso um *gorjal* feito de tecido cortado em formas decorativas. Às vezes era usado no ombro em vez de ser posto na cabeça e, nesta posição, diminuiu, transformando-se em marca de tratadores de cavalos. Durante o século XV, usavam-se cada vez mais chapéus e eles adquiriram diversas formas. No final do século, passou-se a usar um gorro achatado com a aba virada para cima e enfeitada por um único adorno com pedras.<sup>113</sup>

Os calçados masculinos, até 1480, eram muito pontudos, por vezes de maneira fantástica. Essa tendência já fora notada desde 1360 e não era do agrado das autoridades eclesiásticas e civis. Esses sapatos eram conhecidos como *crackowes* ou *poulaines*, os termos sendo corruptelas, respectivamente, de Cracóvia e Polônia.<sup>114</sup>

Em relação às mulheres, conforme dito em parágrafo anterior, mesmo após séculos de revolução no vestuário masculino ocorrida na Idade Média, elas continuaram a usar as mesmas variações de roupas. A roupa básica era constituída pela mesma túnica que tocava o chão usada na Antiguidade, por um xale grande que servia para encobri-la e pelo véu. Em outras palavras, o traje feminino permaneceu essencialmente o mesmo desde a Idade Média com mudanças eventuais no seu caimento e na rigidez das várias partes que o compunha. A imagem feminina ficou, desta maneira, para sempre fundamentada em seu próprio passado longínquo, variando a sua estrutura básica somente de acordo com as regras antigas.<sup>115</sup>

O objetivo original expresso do vestuário feminino de outrora era a modéstia. A primeira variação da moda sobre esse tema foi o aumento do decote no século XIV. Quando ele adquiriu estaturas que podiam ser mais notadas, a mulher imediatamente adquiriu seios que chamavam mais a atenção. Esta manobra foi eletrizante, realizada sem abandonar as vestes sobrepostas que as mulheres usavam por milênios e foi seguida, mais tarde, por um enrijecimento igualmente eletrizante do corpete, cujo efeito sexy foi a imitação dos novos efeitos da armadura masculina. [...] Mas, o aumento de tamanho do decote estabeleceu um precedente na moda feminina: a partir do primeiro movimento medieval em direção ao aumento do tamanho do decote, a exposição seletiva da pele seria um tema feminino. Embora os homens ficassem solidamente mais inovadores com respeito à confecção de suas roupas exteriores, a superfície inteira de seus corpos era em geral coberta.<sup>116</sup>

No início da Idade Média, as mulheres usavam os cabelos compridos (assim como os homens) sendo que as casadas os prendiam com uma espécie de chinó. Estas cobriam a

<sup>112</sup> MARQUES, 1964, p. 39.

<sup>113</sup> LAVER, 1989, p. 70-71.

<sup>114</sup> LAVER, 1989, p. 71-72.

<sup>115</sup> HOLLANDER, 2003, p. 65-66.

cabeça com um véu em forma de turbante ou comprido que cobria todo o corpo. No século XII, o véu costumava ser preso por um semicírculo ou um círculo completo de ouro usado em volta da testa. Além disso, do final desse século ao início do século XIV, usava-se a *barbette* - uma faixa de linho passada sobre o queixo e puxada sobre as têmporas. Na mesma época usou-se o gorjal. Era feito de linho fino branco ou renda, cobria o pescoço e parte do colo, sendo às vezes enfiado dentro da blusa do vestido; as pontas eram então puxadas para cima e presas no alto da cabeça sob o véu, para emoldurar o rosto. No final do século XIII, a *crespine* já havia surgido, usada com a *barbette* e o *fillet*. Este era um tipo de rede para os cabelos e foi, de certa forma, uma inovação surpreendente, uma vez que em épocas anteriores considerava-se imoral os cabelos femininos ficarem à mostra. A partir de meados do século XIV o véu foi abandonado passando a ser usado somente por freiras e viúvas. Em seu lugar surgiu uma longa série de penteados e adornos que tornaram-se cada vez mais elaborados e fantásticos até o final do século XV. Como exemplos, podem ser citados penteados e adornos como “almofada” usado com o penteado “temporal”, “corniforme”, “coração”, “campanário” ou *hennin*, “borboleta”, “turbante” e “chaminé”, sendo esse dois últimos nomes designações modernas, não da época.<sup>117</sup>

Até o final do século XIV, os sapatos femininos eram iguais aos masculinos.<sup>118</sup>

Do ponto de vista econômico e político, os séculos XV e XVI assistiram à expansão dos Estados europeus, à abertura a novos mundos, novas gentes e culturas. Portugal foi um dos pioneiros desse processo. Lisboa tornara-se uma cidade cosmopolita. Os comerciantes apregoavam os seus produtos em mercados improvisados. Senhores passavam exuberantes em seus gibões, calções de seda, espada e gorras emplumadas. A feira do Rossio era um dos sítios preferidos para a venda de toda a multiplicidade de artigos do vestuário. Ali tudo se encontrava: coifas de ouro e toucados de todo o gênero, gorgeias, lenços, gibões, pelotes, bijuterias, tecidos indianos e florentinos.<sup>119</sup>

Na época da expansão portuguesa, período em que eles chegaram ao Brasil, os portugueses confeccionavam suas roupas com diversos tecidos como algodão, arminho, burel, estopa, lã, seda, dentre outros.<sup>120</sup> O modo de confecção do pano dava requinte e prestígio às roupas – tanto masculinas quanto femininas. Os tecidos mais valiosos eram a seda, o brocado,

---

<sup>116</sup> HOLLANDER, 2003, p. 67.

<sup>117</sup> LAVER, 2006, p. 52-67.

<sup>118</sup> KÖHLER, 2005, p.1 83-235.

<sup>119</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 5-12.

<sup>120</sup> BONFIM, 2002, p. 159-178. Dados retirados do estudo que a autora fez do vestuário dos *Autos de Gil Vicente*.

o veludo e o cetim. As sedas decoradas com ouro existiam no Oriente e, mais tarde, na Espanha e na Sicília onde eram manufaturadas pelos árabes.<sup>121</sup>

Um dos processos de valorização dos tecidos era o frisado. Esse consistia em pentear e retorcer o pelo do pano. Até meados do século XV, os mantos e outras peças costumavam ser enfeitadas com farpas, um acabamento requintado. Estas eram cortadas no próprio tecido ou postilhas.<sup>122</sup>

Em Portugal - desde a Idade Média - existiam duas zonas manufatureiras: uma no Minho, particularmente tradicionalista, remontando às origens romanas e germânicas; a outra - de influência muçulmana - desde o Algarve às Beiras, com centros importantes em Silves, Lisboa e Coimbra. No século XV, predominou nos tecidos uma decoração mais complexa, de folhagens, flores e frutos, refletindo uma maior imaginação decorativa. A Renascença não provocou de imediato uma transformação dos motivos e elementos ornamentais. Com a evolução da decoração têxtil, os motivos inspiravam-se cada vez mais na arte europeia: tornavam-se menos comuns os motivos com animais e simultaneamente diluíam-se os temas orientais dando lugar apenas a motivos ibéricos, de feição mais geométrica.<sup>123</sup>

No século XVI permaneceu a tradição anterior na composição dos tecidos, acrescentando novas formas estéticas. Os *brocatéis* da época, tecidos finos de *seda*, surgiram decorados com faixas serpenteadas e pinhas rodeadas de ramagens e flores.<sup>124</sup>

Em relação à divisão por gênero, o vestuário masculino, à mesma época, era composto por: a) roupa exterior: saios e pelotes, gibão e opa, calças e calções, mantos e capas, barretes, capeirão, carapuças, gorros, chapéus; b) roupa interior: camisa, fraldilhas, ceroulas, braguilhas e meias; c) acessórios e adornos: alfredes, cintos, cintas, lenço, luvas, telas de ouro e prata; d) calçados: botas, chapins e sapatos de ponta.<sup>125</sup>

O vestuário feminino português era composto pelas seguintes peças: a) roupa exterior: saios e pelotes, cota e opa, mantos e capas, chapéus, véus, coifas, turbantes, mantel; b) roupa interior: camisas, espartilhos (frequentemente designados como corpinhos) e meias; c) acessórios e adornos: luvas, golas ou colarinhos, anéis, cadeias de ouro, broches, braceletes, coroas, diademas, brincos, aljófar, rubis, esmeraldas, ametistas, turquesas, safiras e olhos de gato; d) calçados: pantufos, chapins, sevilhas, abarcas ou galochas.<sup>126</sup>

---

<sup>121</sup> BOMFIM, 2002, p. 38.

<sup>122</sup> BOMFIM, 2002, p. 38.

<sup>123</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 13-14.

<sup>124</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 13-14.

<sup>125</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 23-31.

<sup>126</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 17-22

E vestidos de acordo com essa indumentária, os portugueses chegaram ao Brasil em 1500. O primeiro choque cultural sentido foi justamente em relação à indumentária indígena, que não seguia a nenhum padrão europeu. Essa diferença de costumes é descrita na carta de Caminha:

feçam deles he seerem pardos dauermelhados de bõs Rostros e boos narizes bem feitos / andam nuus sem nhũua cobertura. Nem estimam nhũua coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e estam açerqua disso com tamta jnoceçia como teem em mostrar o Rostro.<sup>127</sup>

A nudez dos índios continuou a chamar a atenção da Igreja nos primeiros anos da colonização, o que pode ser verificado através do trecho de uma carta do Padre Nóbrega - escrita em 1549:

[a] informação que vos posso dar destas partes do Brasil, padres e irmãos caríssimos, é que tem esta terra mil léguas de costa, toda povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens, tirando algumas partes, muito longe de onde estou, nas quais as mulheres andam vestidas com traje de ciganas, com panos de algodão, por ser a terra mais fria que esta, a qual, aqui, é muito temperada.<sup>128</sup>

Uma das preocupações da Igreja, no processo de evangelização dos nativos, foi a de substituir a indumentária indígena pela europeia, conforme consta no trecho de uma carta do Padre José Anchieta, escrita em 1555:

[e]stamos, como lhes escrevi, nesta aldeia de Piratininga onde temos uma grande escola de meninos filhos de índios, já ensinados a ler e escrever, e aborrecem muito os costumes de seus pais, e alguns sabem ajudar a cantar a missa, estes são nossa alegria e consolação porque seus pais não são muito domáveis, posto que sejam mui diferentes dos das doutras aldeias porque já não matam nem comem contrários, nem bebem como antes. No dia de São Lourenço se deram algumas roupas a alguns deles, feitas do pano que el rei nos dá de esmola, coisa com que folgam muito, e assim as mais das noites se juntam para cantar coisas de Deus em sua língua, e alguns de outras aldeias vêm aqui a pousar nesta, com suas casas.<sup>129</sup>

Afirma-se que no Brasil Colônia - em um primeiro momento - muitos colonos distanciaram-se da mãe-pátria europeia e adotaram alguns modos das populações indígenas da região,<sup>130</sup> fato esse que pode ser entrevisto através do trecho de uma carta do Padre Leonardo Nunes, escrita em 1551:

[a]qui me disseram que, no campo, a quatorze ou quinze léguas daqui, entre os índios, estava derramada alguma gente cristã, e passava-se o ano sem ouvir missa e

<sup>127</sup> CAMINHA, 2001, p. 35.

<sup>128</sup> HUE, 2006, p. 31-32.

<sup>129</sup> HUE, 2006, p. 128.

<sup>130</sup> HOLANDA *apud* SOUZA, 2007, v. 1, p. 46.

sem se confessarem, e andavam numa vida de selvagens. [...] Trabalhei muito com os cristãos, que achei derramados naquele sítio entre os índios, para que tornassem às vilas dos cristãos, no que os achei muito duros, mas por fim acertei com eles que se juntassem todos em um lugar e fizessem uma ermida e buscassem algum padre que lhes dissesse missa e confessasse.<sup>131</sup>

Mas, mesmo assim, a população que vivia nas vilas mantinha ou tentava manter o padrão de vida europeu e, parte dela, ostentava riqueza através de suas roupas, especialmente as mulheres:

[j]á no século XVI, Gabriel Soares de Souza notava que em Salvador todos “tratam suas pessoas mui honradamente”, mas “especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria”, no que era secundado pelo padre José de Anchieta, que dizia que as mulheres da colônia “vestem muitas sedas e jóias.”<sup>132</sup>

No século XVII, intensificou-se o processo de colonização da terra brasílica e uma das facetas desse processo foram as entradas e bandeiras. Nesse século, ainda permanecia o costume de muitos europeus apropriarem-se de hábitos indígenas. Como exemplo, pode-se citar o caso do alentejano Antônio Raposo Tavares, que com sua bandeira andava dias inteiros a pé, descalço, esparramando, como os índios, toda a planta dos pés pelo chão ao andar e virando os artelhos um pouco para dentro, o que diminuía o cansaço e facilitava em muito a marcha.<sup>133</sup> Além dele, os demais bandeirantes, quando adentravam o território brasileiro, levavam quase toda a roupa que tinham no corpo. Um ou outro sertanista mais cioso do bem-estar levava pentes, toalhas de rosto e de mão.<sup>134</sup>

O vestuário feminino, nas vilas, variava de acordo com a condição social da mulher e o local de uso. O tecido e a forma do vestido indicavam o mundo em que a mulher vivia: as abastadas exibiam sedas, veludos, serafinas, cassa, filós, debruados de ouro e prata, musselina. As mulheres pobres contentavam-se com raxa de algodão, baeta negra, picote, xales baratos e pouca coisa mais; as escravas estavam limitadas a uma saia de chita, riscado ou zuarte, uma camisa de cassa grossa ou vestido de linho, ganga ou baeta.<sup>135</sup>

Em relação ao penteado, as mulheres ricas usavam chapéus variados e havia a moda “pata” que consistia no cabelo armado com arames; essas armações foram crescendo tanto

<sup>131</sup> HUE, 2006, p. 94-96.

<sup>132</sup> ARAÚJO, 2007, p. 57.

<sup>133</sup> SOUZA, 2007, v. 1, p. 46.

<sup>134</sup> SOUZA, 2007, v. 1, p. 55.

<sup>135</sup> ARAÚJO, 2007, p. 54.

que para poder entrar uma mulher com este enfeite nas igrejas era necessário que estivessem as portas desimpedidas de gente.<sup>136</sup>

Enquanto isso, na Europa do século XVII, uma inovação na linha do vestuário se fez sentir. Por volta de 1650, a armadura tinha ficado definitivamente obsoleta no campo de batalha e tinha mesmo perdido muito de sua importância cerimonial. Durante o tenebroso período da Guerra dos Trinta Anos e da Guerra Civil Inglesa, o combatente mais excitante era o soldado rude e sempre pronto para a luta, vestido com calções largos amarrados abaixo do joelho e gibão de couro folgado. Como roupa interior, ele usava uma camisa simples de mangas largas, da qual se viam partes através das abas e aberturas do gibão. A figura toda era coberta de correias, cintos e botões com os quais partes do equipamento militar eram presos. O soldado era ainda equipado com botas, chapéu, capas grandes e uma espada que pendia da cintura.<sup>137</sup>

Refletindo a atmosfera, os homens elegantes deixavam o cabelo crescer e tinham modos insolentes, desabotoavam as golas e deixavam as meias enrugadas e enrolavam-se em capas esvoaçantes. O poder da simetria perfeita e da contenção deram lugar à força do impulso e da persuasão.<sup>138</sup> Mas mesmo com a nova descontração na forma e no feitio das roupas masculinas, as dos homens da corte continuaram a ser confeccionadas com tecidos caros e pesados e suas camisas tinham quantidades prodigiosas de laços e fitas. Bordados, espadas cerimoniais e outros ornamentos exibicionistas permaneceram adequados para os homens até boa parte do século XVIII.<sup>139</sup>

Durante o mesmo período – século XVII – o traje das mulheres elegantes continuou a tornar-se muito mais rígido, apertado em torno de toda a parte superior do corpo e começou a ser confeccionado com tecidos de cores leves que incidentalmente formavam um drapeado decorativo e episódico. Os decotes eram mais enfatizados do que nunca, as mulheres não usavam botões, abas, punhos de renda, cintos ou bolsos, ou quaisquer sugestões de caimento solto ou de dragonas militares. Os chapéus eram raros; os cabelos eram os naturais, com algumas ajudas.

No século XVIII predominou, na Europa, a indumentária francesa.<sup>140</sup> A indumentária masculina conservou-se, sem grandes mudanças, durante três quartos do século XVIII. Era constituída de casaco, colete e calções. O casaco era justo até a cintura e depois se abria,

---

<sup>136</sup> ARAÚJO, 2007, p. 54-55.

<sup>137</sup> HOLLANDER, 2003, p. 70.

<sup>138</sup> HOLLANDER, 2003, p. 71.

<sup>139</sup> HOLLANDER, 2003, p. 87.

<sup>140</sup> BOEHN, 1951, t. IV, p. 231. (tradução nossa).

apresentando comprimentos variados. As mangas eram de grande importância e é possível datar as roupas pela diminuição gradual no tamanho dos punhos no decorrer do século. Por baixo do casaco ficava o colete, de tecido diferente e, muitas vezes, muito bordado. Os calções iam até os joelhos e eram usados por toda parte. Eram razoavelmente largos e presos acima dos quadris sem necessidade de cinto ou suspensórios.<sup>141</sup>

Em relação aos penteados e adornos para cabeça, o uso de peruca era generalizado entre os homens, assim como o chapéu tricórnio.<sup>142</sup>

No final do século XVIII, com as grandes revoluções burguesas ocorridas na Europa, verificou-se a diminuição da influência francesa e a adoção de um estilo inglês, caracterizado pela praticidade e simplicidade. Os casacos eram lisos, com punhos mais estreitos. Até o chapéu tricórnio começou a ser substituído por outro de aba estreita e copa alta.<sup>143</sup>

A indumentária feminina nos setecentos apresentou um aspecto curioso: a volta dos arcos. Ao invés de altura, as mulheres buscavam amplitude. A saia abria-se para os lados e às vezes media 4,5 metros de largura. Isso era conseguido por meio de barbatanas de baleia ou arcos de salgueiro. A classificação das roupas femininas dessa época apresenta certa dificuldade e os estudiosos modernos dividem os vestidos em “abertos” e “fechados”, termos esses modernos, não da época. O vestido fechado consistia em um corpete e uma anágua sem abertura na frente da saia. O vestido aberto mais característico tinha essa abertura na forma de um V invertido, deixando aparecer a anágua - peça acolchoada ou bordada - muito mais ricamente do que a própria saia.<sup>144</sup>

Em relação aos penteados, eram baixos no início do século, mas começaram a se elevar na década de 1760, conforme descrito:

[u]m topete altíssimo puxado a partir da raiz dos cabelos e esticado sobre uma almofada no alto da cabeça formava o centro da construção; fileiras de cachos dos lados; um chinó dependurado atrás defendia seu occipício como um contraforte; e toda a estrutura era mantida no lugar e à prova d'água por um grande número de longos alfinetes simples e duplos.<sup>145</sup>

Pelo exposto nos parágrafos anteriores, percebe-se que o século XVIII, na Europa, foi o divisor de águas em relação à diferença do vestuário masculino e feminino:

<sup>141</sup> LAYER, 2006, p. 135-136.

<sup>142</sup> LAYER, 2006, p. 127-136.

<sup>143</sup> LAYER, 2006, p. 137-139.

<sup>144</sup> LAYER, 2006, p. 130-132.

<sup>145</sup> COLMAN *apud* LAYER, 2006, p. 139-140.

[o] momento marcou o começo de uma divergência fundamental nas roupas dos dois sexos que afetou todo o século XVIII, alcançou seu ápice no século XIX e ainda persiste. E a partir disto começou também o desenvolvimento único e notável do traje masculino moderno com sua aparência abstrata marcante, que esteve sempre em desacordo com todas as roupas femininas projetadas durante a longa ascendência do traje.<sup>146</sup>

Sendo assim, pode-se afirmar que a grande renúncia sartória masculina ocorrida em fins do século XVIII influenciou o vestuário até os dias atuais. O homem renunciou a seu desejo de ser considerado belo. Objetivou, assim, ser considerado somente útil. Se as roupas permaneceram importantes para ele, seu maior empenho ficou no sentido de estar corretamente trajado, não de estar elegante ou elaboradamente vestido. Até os setecentos, o homem tinha competido com a mulher no esplendor de suas vestes, residindo a única prerrogativa da mulher no *decolleté* e outras formas de exibição erótica do próprio corpo. Desde então, até os dias atuais, a mulher passou a gozar do privilégio de ser a única possuidora da beleza e da magnificência, até mesmo no sentido puramente sartório.<sup>147</sup>

Diversos motivos políticos e sociais influenciaram nessa renúncia masculina: a Revolução Francesa, a ascensão da burguesia e novos ideais civis impuseram novas ordens no sistema social como, por exemplo, a uniformidade e simplificação do traje. Se os homens eram iguais, não fazia mais sentido mostrar a diferenciação de classes através das vestes, como no Antigo Regime. Mas uma dúvida aparece: por que a nova ordem política não afetou a indumentária feminina da mesma maneira que a masculina e por que os homens submeteram-se à nova ordem, deixando de lado as tendências psicológicas narcisistas e exibicionistas que anteriormente encontraram expressão nos aspectos ornamentais de suas vestes?<sup>148</sup>

Um dos motivos pelo qual a nova ordem sociopolítica exerceu maior influência na indumentária masculina refere-se ao fato de os homens terem uma participação mais ativa na vida social e, por isso, sofrerem mais a influência do grupo do que as mulheres. Além disso, é importante ressaltar que as tendências que sem dúvida constituíram formidáveis obstáculos à estandardização e simplificação dos trajes das mulheres nas linhas adotadas pelos homens são aquelas que sempre provaram ser altamente antagônicas às influências sociais, isto é, o narcisismo e a competição sexual. Características essas mais evidentes no sexo feminino.<sup>149</sup>

<sup>146</sup> HOLLANDER, 2003, p. 88.

<sup>147</sup> FLÜGEL, 1966, p. 101-102.

<sup>148</sup> FLÜGEL, 1966, p. 103-104.

<sup>149</sup> FLÜGEL, 1966, p. 104-105.

Os motivos pelos quais os homens submeteram-se à nova ordem social adotando a sobriedade ao trajar são complexos. Dentre vários, podem ser comentados dois. O primeiro relaciona-se ao trabalho: quando o homem passou a não necessitar de gastar energia na elaboração dos trajes, empregou-a, com sucesso, em outras direções e, uma delas, nas novas formas de trabalho que surgiram nos últimos 130 anos. O segundo motivo relaciona-se à projeção do desejo exibicionista numa pessoa do sexo oposto. O homem usualmente se sente orgulhoso quando aparece em público acompanhado de uma mulher bela ou bem vestida. Esse fato é um importante elemento que certamente permanece na exibição delegada que assim lhe é permitida.<sup>150</sup>

A situação do vestuário no Brasil nesse século - especificamente na Capitania de Minas - constitui-se objeto central desta pesquisa e será tratada em seção específica, mais adiante.

---

<sup>150</sup>

FLÜGEL, 1966, p. 106-107.

## **CAPÍTULO 2– OBJETIVOS E MÉTODO**

### **2.1 Objetivo geral**

Analisar contrastivamente o vocabulário do vestuário de homens e de mulheres do séc. XVIII em Minas Gerais.

### **2.2. Objetivos específicos**

2.2.1. Realizar edição de textos do séc. XVIII lavrados em Minas Gerais.

2.2.2. Coletar os termos do vocabulário do vestuário de homens e de mulheres encontrados nos textos editados.

2.2.3. Tabular e classificar os termos do vocabulário do vestuário de homens e de mulheres retirados dos textos editados.

2.2.4. Comparar os termos do vocabulário do vestuário quanto à diferença de gênero do proprietário.

### **2.3. O *corpus***

Os documentos jurídicos e administrativos produzidos no Brasil colônia são uma das principais fontes de estudos sobre a história colonial brasileira. A importância dessa documentação ainda é maior no período anterior ao século XIX, pelo motivo de ainda não haver imprensa no Brasil. Esse fato faz com que esses documentos sejam um dos poucos registros da vida colonial.

O domínio jurídico apresenta uma variedade muito grande de gêneros textuais como inventários, testamentos, justificações, termos de arrematações, acórdãos, editais, despachos, perfilhações, etc. e tratam sobre os mais variados assuntos.<sup>151</sup>

Foram escolhidos como fonte para esta pesquisa documentos jurídicos que emanam da esfera privada, mais especificamente, os inventários oriundos dos cartórios do primeiro e segundo ofício de notas da antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, sede da Comarca do Rio das Velhas e uma das mais ricas e importantes vilas da capitania. Esses documentos estão sob a guarda do IPHAN/IBRAM na Casa de Borba Gato na sede da atual Comarca de Sabará.

Os inventários são textos, conforme já dito, pertencentes ao domínio jurídico e podem ser definidos *grosso modo* como um documento no qual se arrolam bens. Existem dois tipos

de inventários: os *post-mortem* e os *por demência*. Nos primeiros são arrolados os bens deixados por um defunto para partilha entre os herdeiros e no segundo são arrolados os bens pertencentes a uma pessoa legalmente declarada incapacitada para que um “tutor” possa geri-los.

Os inventários *post-mortem* tinham geralmente a seguinte estrutura: inicialmente, no preâmbulo, a identificação do falecido, o local e a data de sua morte e o nome do cônjuge - caso casado. Em seguida vinham a relação dos herdeiros e suas idades, o termo de curadoria e o termo de tutela no caso de haver órfãos menores de idade. Em seguida, o termo de juramento dos avaliadores. Após, a relação de bens com seus respectivos valores, as dívidas que deviam ao casal e as que o casal devia a terceiros. À medida que o tempo passasse, era necessário registrar à margem a emancipação, o casamento e a morte dos órfãos. “O processo de divisão dos bens inventariados era definido na seção intitulada *Auto de partilha*. Primeiramente, deveria ser calculado o ‘Monte Mor’ do qual seriam subtraídas as dívidas do casal e abatidos os gastos, chegando assim ao líquido.”<sup>152</sup>

Os inventários *por demência* tinham geralmente a seguinte estrutura: a identificação do demente, a do seu tutor e a relação de bens.

Embora se caracterizem por apresentar uma estrutura formulaica - principalmente inicial e final – os inventários são fonte rica de informações sócio-históricas e culturais. Eles permitem visualizar, através dos bens inventariados, a vida e a língua de parte da população (a mais abonada) daquele período. Não apenas através da inventariação dos bens, já que nos inventários são encontrados recibos, receitas médicas, bilhetes e outros gêneros de textos que deixam importantes pistas relativas ao cotidiano do período em que foram lavrados. Do ponto de vista linguístico, podem fornecer dados para estudos fonéticos, morfossintáticos e lexicais.

O motivo de escolha de textos desse gênero para a presente pesquisa baseia-se no fato de que eles expressam toda a complexidade da cultura de uma determinada comunidade. E a expressão dessa cultura ocorre por meio da língua que foi materializada através do texto escrito.

Para a pesquisa, foram selecionados inventários de homens e mulheres brancos, casados e não-casados, sendo que no último caso encaixam-se solteiros e viúvos. O motivo de no segundo grupo (não-casados) incluírem-se pessoas de mais de um estado civil é devido ao fato de não terem sido encontrados no arquivo inventários de mulheres brancas apenas

---

<sup>151</sup> PAIVA, 1993, p. 27.

<sup>152</sup> PAIVA, 1993, p. 29.

solteiras que se encaixassem em todos os critérios. Foram escolhidos 20 inventários sendo 10 documentos de homens (5 de homens casados e 5 de homens não-casados) e 10 documentos de mulheres (5 de mulheres casadas e 5 de mulheres não-casadas). Cada um desses documentos apresentou, no mínimo, 5 lexemas do campo lexical do vestuário. Para montar o *corpus* foram lidos quantos inventários foram necessários até se conseguir a quantidade desejada de documentos dentro dos critérios estabelecidos. Os documentos lidos pertencem ao cartório do primeiro e do segundo ofício de notas incluindo as provedorias sendo que todos estão sob guarda do arquivo do órgão supracitado. Em relação à seleção dos inventários de mulheres, foi necessário ler todos os documentos do século XVIII que estão no arquivo para se fechar o *corpus*. Foram selecionados documentos escritos no século XVIII.

A escolha do século XVIII justifica-se por ser a época em que houve um grande fluxo de migrantes para a região das Minas Gerais atraídos pela descoberta do ouro feita pelas entradas e bandeiras. Mas não houve apenas o fluxo de população, ela acabou fixando-se na região e consolidando o domínio português sobre os sertões, fato este que contribuiu de forma decisiva para a formação e a fixação da língua portuguesa nessa parte do território brasileiro.

Com a descoberta aurífera, a Coroa Portuguesa intensificou seu controle sobre a colônia, “objetivando o mais eficaz e rigoroso gerenciamento das novas fontes de riqueza,” sendo que as atenções “voltaram-se para Minas Gerais, centro do frenesi setecentista, elevada a capitania em 1720.”<sup>153</sup> Entretanto “desde 1711 iniciara-se a instalação de vilas e de suas Câmaras no território mineiro, consolidando-se, assim, uma vigorosa estratégia de controle utilizada, durante todo o século XVIII”<sup>154</sup> pela Metrópole. Constam, então, a partir dos setecentos, os primeiros registros oficiais da administração portuguesa produzidos em Minas. E são esses registros uma das principais fontes de pesquisa da língua daquela época usada na comunicação oficial no território mineiro.

Além dos motivos já explicitados, outro que levou à escolha desse século está diretamente ligado à história do vestuário e relaciona-se à seguinte afirmação:

[p]or volta dessa época [final do século XVIII], ocorreu um dos mais notáveis acontecimentos em toda a história das vestes, sob cuja influência estamos ainda vivendo e que, sobretudo, atraiu menos atenção do que merece: os homens abdicaram de seu direito a todas as formas mais claras, mais alegres, mais elaboradas e mais variadas de ornamentação, deixando-as inteiramente para o uso das mulheres, fazendo assim o seu corte de roupa a mais austera e ascética de todas as artes. [...] O homem abandonou sua reivindicação de ser considerado belo.

---

<sup>153</sup> PAIVA, 1993, p. 26.

<sup>154</sup> PAIVA, 1993, p. 26.

Objetivou, assim, ser considerado somente útil. [...] Até aqui [século XVIII] o homem tinha competido com a mulher no esplendor de suas vestes.<sup>155</sup>

Se foi nesse século que ocorreu uma grande mudança no trajar masculino que determinou as linhas do vestuário até os dias de hoje, pretende-se verificar se nas Minas Setecentistas já se fazia sentir alguma diferença entre os trajes masculinos e femininos, quais eram essas diferenças e se elas já delineavam a renúncia sartória masculina que teria influenciado as linhas do vestuário até a atualidade.

## 2.4 A edição

Foram editadas, no mínimo, as seções iniciais dos documentos (nas quais estão as informações pessoais sobre a pessoa cujos bens seriam inventariados), as seções em que estão arrolados os bens e outras, como recibos, nas quais constem lexias do vestuário. Para editar tais documentos foi escolhida a edição paleográfica, muito usada quando se trata de documentos jurídicos. Ela tem um grau médio de mediação: o editor desenvolve abreviaturas, insere elementos por conjectura (mas os deixa marcados no texto), além de fazer outras intervenções, com vistas à facilitação da leitura.<sup>156</sup> Os textos editados e as normas da edição estão nos Apêndices.

## 2.5. Coleta e descrição dos dados

Conforme consta na seção 1.3 deste trabalho, vestuário é entendido como um conjunto composto por indumentária, roupa e traje.

Na análise do vocabulário do vestuário do século XVIII, os lexemas foram classificados de acordo com o SRC. Conforme já dito, esse sistema foi criado por Wartburg e Hallig e permite o estudo do vocabulário de uma dada época através de uma ordenação de conceitos.<sup>157</sup> Além disso, ele se baseia em conceitos gerais da língua e reflete forçosamente as ligações de conceito a conceito, respeitando-se também o princípio associativo. A seção *O mundo exterior objetivo* divide-se em  *fatos da natureza* e  *fatos da cultura material*. Os fatos da natureza constituem a matéria da primeira parte do sistema: *A. A natureza, o universo*. Ao homem, consciente de si mesmo, e aos objetos da cultura material criados pelo homem e em

---

<sup>155</sup> FLÜGEL, 1996, p. 100.

<sup>156</sup> CAMBRAIA, 2005.

<sup>157</sup> QUEIROZ, 2002.

estreita ligação com ele é dedicada a segunda parte: *B. O homem*. Ao homem em face do universo é consagrada a terceira parte: *C. O homem e o universo*.<sup>158</sup>

O campo conceitual do vestuário está localizado na segunda parte — *O homem* — na subdivisão *O homem, ser físico*. O vestuário, por sua vez, é classificado em *generalidades, vestes masculinas, vestes femininas, penteados, calçados, ornamentos e jóias, fazendas, tecidos e peles, higiene pessoal, modas, trajes antigos* e, por último, *trajes nacionais, pitorescos e exóticos*. O vestuário apresenta a seguinte divisão no SRC (os demais campos conceituais da tabela foram resumidos apenas em seu título):

*Plano do sistema racional de conceitos*<sup>159</sup>

**A – A NATUREZA, O UNIVERSO**

I – A NATUREZA, O UNIVERSO

II – A TERRA

III – AS PLANTAS

V – OS ANIMAIS

**B – O HOMEM**

I – O HOMEM, SER FÍSICO

[...]

3 – O vestuário

aa) Generalidades

bb) Vestes masculinas

1 – Roupas exteriores

2 – Roupas íntimas

3 - Partes do vestuário e vestes acessórias

cc) Vestes femininas

1 – Roupas exteriores

2 – Roupas íntimas

3 – Partes do vestuário e vestes acessórias

dd) Penteados

ee) Calçados

ff) Adereços: jóias e bijuterias

gg) Fazendas, tecidos, peles

hh) *Toilette*, higiene pessoal

ii) Modas

jj) Trajes antigos

kk) Trajes nacionais, pitorescos e exóticos

(...)

II – A VIDA ANÍMICA E O INTELLECTO

III - O HOMEM, SER SOCIAL

IV – A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

**C – O HOMEM E O UNIVERSO**

I – O “A PRIORI”

II – A CIÊNCIA E A TÉCNICA

<sup>158</sup> LAUAND, 1973.

<sup>159</sup> HALLIG; WARBURG, 1952.

Para esta pesquisa, foi necessário fazer modificações no SRC porque algumas divisões feitas pelos autores deixam a desejar em relação ao critério adotado. Por exemplo: as vestes são divididas em *masculinas* e *femininas* e cada uma dessas categorias está subdividida em *roupas exteriores*, *roupas íntimas* e *partes do vestuário e vestes acessórias*. Porém, é sabido — pelo menos na cultura brasileira atual — que homens e mulheres usam calçados, ornamentos e penteados diferentes (o que justificaria que houvesse uma seção de cada um desses itens para cada gênero, como no caso das anteriores). Como a proposta do SRC é a de ser universal, como consta no próprio prefácio de Wartburg e Hallig:

[...] que se trata de um sistema classificatório de base empírica e universalmente aplicável, que reflecte “a imagem do mundo [Weltbild] da pessoa de inteligência mediana tal como é determinada pelos conceitos gerais pré-científicos estabelecidos na língua [durch die sprachlich bedingten vorwissenschaftliche Allgemeinbegriffe bestimmt].”<sup>160</sup>

esperava-se que ela desse conta da cultura nacional. Nesse ponto, porém, foi necessário fazer alteração e, neste trabalho, esses conceitos foram divididos, também, por gênero.

Outra adaptação feita relaciona-se, também, às “vestes masculinas e vestes femininas”, especificamente a seção 3 – “Partes do vestuário e vestes acessórias”. Nessa seção, foi acrescentado o conceito *acabamento*, conceito esse importante no campo lexical do vestuário. Sendo assim, essa seção foi renomeada para “Partes de roupas, acabamentos e acessórios”.

Outra adaptação que foi feita refere-se às macrodivisões *vestes masculinas* e *vestes femininas*. Se o vestuário é o núcleo dessa divisão, então, o prioritário é o tipo de vestuário e apenas depois o gênero. Sendo assim, foi feita inversão: o tipo do vestuário passou a ser a macrodivisão e o gênero tornou-se microdivisão.

Uma última alteração foi feita no SRC para atender aos objetivos desta pesquisa que é contrastar o vocabulário do vestuário masculino e feminino: os campos *Fazendas*, *tecidos e peles* e *Toilette, higiene pessoal* também foram subdivididos em relação ao gênero do portador, ou seja, *Fazendas, tecidos e peles masculinos* e *Fazendas, tecidos e peles femininos*. O campo conceitual de *Toilette, higiene pessoal* sofreu a mesma divisão.

Dessa forma, a parte do SRC adaptada ficou da seguinte maneira:

## **O vestuário**

### aa) Generalidades

<sup>160</sup> WARTBURG; HALLIG *apud* LYON, 1977, p.242.

- bb) Roupas exteriores
  - 1 – Masculinas
  - 2 – Femininas
- cc) Roupas íntimas
  - 1 – Masculinas
  - 2 – Femininas
- dd) Partes de roupas, acabamentos e acessórios
  - 1 – Masculinas
  - 2 – Femininas
- ee) Penteados
  - 1 – Masculinos
  - 2 – Femininos
- ff) Calçados
  - 1 – Masculinos
  - 2 – Femininos
- gg) Adereços: jóias e bijuterias
  - 1 – Masculinos
  - 2 - Femininos
- hh) Fazendas, tecidos, peles
  - 1 – Masculinos
  - 2 - Femininos
- ii) *Toilette*, higiene pessoal
  - 1 – Masculinos
  - 2 - Femininos
- jj) Modas
- kk) Trajes antigos
- ll) Trajes nacionais, pitorescos e exóticos

Em relação aos critérios utilizados para se classificar os lexemas, convém esclarecer que nos vinte documentos pesquisados foram coletados inicialmente 335 lexemas distribuídos em 3978 lexias pertencentes ao campo lexical do vestuário. Entretanto, alguns foram eliminados da pesquisa para não comprometerem a análise. Isso ocorreu nos seguintes casos:

a) nos inventários dos comerciantes, além da arrolação dos bens pessoais, consta a arrolação dos bens das lojas. Para não comprometer a análise comparativa de gêneros, na seção na qual foram arrolados os bens das lojas, as lexias referentes a itens do vestuário que poderiam servir tanto para homens quanto para mulheres foram desprezadas. Exemplos: camisas, meias, lenços, etc. Exceto nos seguintes casos:

a.1) quando vinha determinado o gênero do usuário, como no exemplo: “Doze pares de Meias de Seda de Mulher de varias Cores quefoj avalliado Cadahum par aMil eSeis Sentos Reis que todos emportaõ dezanoue Mil eduzentoz Reis” (CPOMCP, f. 42r – grifo nosso). Nesse caso, as lexias “meias de seda” foram incluídas na seção dedicada aos lexemas cujos proprietários eram mulheres;

a.2) as lexias das lojas referentes a itens de vestuário que eram usados exclusivamente por pessoas de determinado sexo foram incluídas. Para saber qual era o uso foram consultados dicionários da época. Se houve convergência na especificação do uso e se os dados do *corpus* ou de algum outro documento da época não divergiram da informação lexicográfica, tais lexias foram incluídas. Exemplo: anágua lexia essa que tanto Bluteau (1712-1728, p. 358) quanto Silva (1813, t.I, p.79) definem como roupa de uso feminino;

b) nos inventários em que foram encontrados recibos com prestação de contas referente a gastos com vestuários de órfãos e havia mais de um órfão de sexos diferentes e no recibo continha a prestação de contas sem constar a indicação do órfão que recebeu o item do vestuário, as lexias foram desprezadas. Exemplo:

O Senhor Joaõ Pereira daFonceca peloque comprova / aAntonio Moreira daSilva de fazenda para os Lutos / dos orphaõs que ficaraõ de Luiza Maria daCon / ceyçaõ moradora que foy em Bento Pires / [...] / 1 par debrincos pretos deluto (CSOLMC, f. 16r).

Entretanto, se havia só um órfão ou se havia indicação do órfão ao qual era destinada a a roupa, as lexias foram consideradas e agrupadas no campo do gênero do órfão, não do falecido. Exemplo:

O Senhor Joaõ Pereira da Fonseca, pelaz obraz doluto / Que lhe fiz para os orphaõs que ficaraõ de Luiza Maria / Por feitio de huma veztia ecalçaõ para Jozé Pereira (CSOLMC, f. 17r).

c) as lexias referentes aos penhores constituídos de itens do vestuário foram consideradas quando vinha discriminado o nome do proprietário. Nesse caso, foram classificadas segundo o sexo do proprietário, não do inventariado. Exemplo:

Hum par debotoens deouro queSea / acho(u) empenhados por Antonio Tei / xeira da(S)omba pelaquantia de / oitava emeya deouro que adinhei / ro importa mil oito centos reiz / Com oqueSeSaefora (CPOCJA, f. 48v).

Entretanto foram desprezadas as lexias dos penhores dos quais não se sabia o nome do proprietário, como no seguinte exemplo:

Tres pares de(Argollas) ComSuas Bixas Com / SeuCanotilho aRolda quetem depezo trinta etres / Oitauas eMeja queSeacham por empenho / SemSeSaber dequem avalliada cada / Humaitaua amil edusentos Reis (CPOMCP, f.6r).

d) as lexias das lojas referentes a itens do vestuário de uso exclusivo de membros da Igreja em celebrações litúrgicas não foram computadas.

Após essa triagem, foi constituído um *corpus* composto de 267 lexemas materializados em 1.770 lexias. Os lexemas foram inicialmente listados por categoria do SRC (cf. seção 3.1.1) e em seguida foram apresentados em lemas, com etimologia, definição e abonação (cf. seção 3.1.2). Foi utilizado como fonte para as informações etimológicas o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* de Antônio Geraldo da Cunha. Para se classificar os lexemas, foram feitas consultas a dicionários e/ou documentos da época, enciclopédias de história do vestuário, etc, pois nos inventários o uso, na maioria das vezes, não era explicitado, apenas se listavam os itens. Para a elaboração da definição dos verbetes foram pesquisadas as seguintes obras, nesta ordem de prioridade:

- a) *Vocabulário portuguez e latino* do padre Raphael Bluteau;
- b) *Dicionário da língua portugueza* de Antônio de Moraes Silva;
- c) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss e Mauro de Salles

Villar;

d) definição própria quando nos dicionários supracitados não constasse o lexema procurado e quando o contexto permitisse que se inferisse seu significado. Por exemplo: o côvado era uma medida de três palmos usada para medir tecidos<sup>161</sup> e, quando surgiu algum lexema cujo significado não se encontrou, mas sua medida foi feita em côvados, foi possível inferir, pelo contexto, que se tratava de um tecido embora não se saiba qual.

Posterior à classificação, foram comparados e analisados os lexemas relativos ao vocabulário do vestuário quanto à diferença de gênero do proprietário.

Um problema que se apresentou quando da coleta dos dados refere-se à fronteira de cada lexia. Quando se teve alguma dúvida se uma sequência era uma lexia ou várias, como em “pano de linho” (CSOAMJ, f. 4v), utilizou-se o princípio da permutação<sup>162</sup> e o teste da inserção,<sup>163</sup> ambos já explicados em outra seção, para determinar se era uma lexia simples, complexa e/ou composta. É importante frisar que não foi utilizada a intuição linguística do pesquisador ou de qualquer outro falante do século XXI. Esses recursos foram usados apenas analisando as construções linguísticas do próprio *corpus* ou de outro documento da época. Exemplo: teve-se dúvida se droquete castor era uma lexia simples ou complexa. Ao se

<sup>161</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 592.

<sup>162</sup> LAROCA, 2003, p. 23.

<sup>163</sup> BIDERMAN, 2001, p. 172.

analisar todas as ocorrências de droguete castor no *corpus* encontrou-se em um inventário a seguinte ocorrência: “*Huma cazaca vestia ecalçaõ deDruguete preto / Castor*” (CPOCPR, f. 68r). A partir dessa ocorrência concluiu-se que se o escrivão inseriu o adjetivo preto entre droguete e castor, para ele – falante dos setecentos – não se tratava de uma única palavra ou – em termos modernos – de uma lexia complexa, mas de duas lexias simples.

## CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

### 3.1 Classificação

#### 3.1.1 Classificação geral

Os lexemas foram inicialmente classificados da seguinte maneira:

a) As categorias de classificação do *Sistema Racional de Conceitos* encontram-se em caracteres redondos em negrito (e a diferenciação por gênero sublinhada).

b) Os lexemas são apresentados em versalete seguido do número de ocorrências (ou seja, de lexias) entre parênteses<sup>164</sup>.

#### O vestuário

aa) **Generalidades:** AVARIA (2); BICO (3), BOM (23), CASTA (1), CORTE (2), CÔVADO (69), CRIVADO (1), CRU (3), DEFEITO (1), ENCASTOADO (9), ENGRANZADO (1), ENLAÇADO (1), ENTREFINO (3), ESMALTADO (3), ESMALTE (4), ESTREITO (4), FEITIO (9), FINO (26), FURADO (1), GRANDE (8), GROSSO (11), INFERIOR (2), INTEIRIÇO (2), LARGO (4), LARGURA (1), LAVRADO (14), LISO (11), LISTRA (3), MAIOR (1), MEADA (13), MODA (6), NOVELO (1), NOVO (16), ORDINÁRIO (8), PEÇA (16), PEQUENO (19), PINTADO (4), REMENDADO (1), RETALHO (7), RISCADO (5), ROTO (8), ROUPA (11), USADO (59), USO (65), VARA (38), VELHO (25), VESTIR (1), VESTUÁRIO (3).

#### bb) Roupas exteriores

1. Masculinas: CALÇÃO (30), CAPA (1), CAPOTE (9), CASACA (24), CHAMBRE (2), FARDA (4), FRAQUE (1), HÁBITO (1), JALECO (10), LOBA (1), QUIMÃO (1), SOBRETUDO (2), SURTUM (2), TIMÃO (2), UNIFORME (3), VÉSTIA (29), VESTIDO (6).

<sup>164</sup> É importante salientar que o número de lexias não corresponde ao número de peças de vestuário, uma vez que o que assinala o número de peças é o número (a quantificação) que precede cada item nos inventários, aspecto não contemplado nesta pesquisa. Sendo assim, há dois tipos de quantificação possíveis na presente análise: (a) *número de lexemas*, aspecto que indica a riqueza lexical para nomeação/discernimento de itens do vestuário e, conseqüentemente, a diversidade material desses itens; e (b) *número de lexias*, aspecto que indica a amplitude da difusão de um dado item lexical e, conseqüentemente, a amplitude de difusão de certos itens do vestuário.

2. Femininas: CAPA (13), CAPOTE (2), CASACA (3), COLETE (2), GIBÃO (1), GUARDA-PÉ (4), HÁBITO (1), MANTO (8), ROUPÃO (1), SAIA (31), TIMÃO (2), VÉSTIA (4), VESTIDO (2).

**cc) Roupas íntimas**

1. Masculinas: CAMISA (24), CEROULAS (4), LENÇO (9), LIGA (2), MEIAS (31), POLAINAS (1).

2. Femininas: ANÁGUA (3), CAMISA (8), ESPARTILHO (2), LENÇO (5), MACAQUINHO (3), MEIAS (9).

**dd) Partes de roupas, acabamentos e acessórios**

1. Masculinas: ALFORJE (1), BABADO (6), BAINHA (3), BARRA (1), BOCAL (3), BOLDRIÉ (3), BOLSA (1), BORDADO (2), BORDADURA (1), BOTÃO (29), CANA-DA-ÍNDIA (1), CASTÃO (1), CATANA (2), CINTA (1), COLCHETE (1), ENTREMEIO (1), ESPADA (6), ESPIGULHADO (1), FIVELA (5), FLOR (1), FLORETE (2), FORRADO (13), FORRO (3), GANCHO (2), GRAVATA (1), GUARNIÇÃO (4), LUVA (2), MANGA (2), MANGUITO (1), PONTEIRA (4), PUNHO (6), RENDA (5), RENDADO (1), TRASSADO (1).

2. Femininas: ABANDADO (5), BABADO (1), BANDA (1), BARRA (2), BASTÃO (2), BORDADO (2), BORDADURA (1), BOTÃO (13), CASTÃO (1), CATANA (2), COLCHETE (1), ESPADA (1), FORRADO (7), FRANJA (1), GALÃO (1), GOLA (1), GUARDA-PEÇA (1), GUARNECIDO (1), GUARNIÇÃO (1), LEQUE (2), LUVA (3), PUNHO (1), RENDA (9), RENDADO (1).

**ee) Penteados**

1. Masculinos: BARRETE (5), BARRETINA (1), CABELEIRA (2), CHAPÉU (16), CHAPÉU DE SOL (3), PLUMA (1).

2. Femininos: CABELEIRA (1), CHAPÉU (4), COIFA (2), FITA (1), PENTE (2), PLUMA (2).

**ff) Calçados**

1. Masculinos: BOTA (2), BOTIM (1), CANHÃO (2), CHINELOS (3), ESPORA (3), FIVELA (6), SAPATO (12), SOLA (12), TACÃO (2).

2. Femininos: CHARNEIRA (1), CHINELOS (2), ESPORA (1), FIVELA (1), SALTO (1), SAPATO (4), SOLA (1).

**gg) Adereços: jóias e bijuterias**

1. Masculinos: ANEL (4), ARGOLA (1), BRINCO (15), CANUTILHO (1), CHAPA (1), CONTA (1), CORDÃO (9), CRUZ (4), ESPÍRITO SANTO (1), FIGA (3), FILIGRANA (4), FIO (1), LAÇO (5), MEIA-LUA (1), MEMÓRIA (2), MEMÓRIA DE BRAÇADEIRA (1), PENDENTE (4), RECILQUE (1), RELÓGIO (3), RELÓGIO DE ALGIBEIRA (2), SANTO CRITO (2), SÃO BRÁS (1), SENHORA DA CONCEIÇÃO (2), VOLTA (3).

2. Femininos: ADEREÇO (2), ANEL (4), ARGOLA (2), BRINCO (8), CANUTILHO (1), CONTA (9), CORAÇÃO (2), CORDÃO (7), CORRENTE (1), CRUCIFIXO (2), CRUZ (2), FIGA (1), FILIGRANA (2), FIO (4), FLOR (1), LAÇO (5), MEMÓRIA (2), PEDRA (1), PENDENTE (1), PULSEIRA (1), ROSÁRIO (4), ROSICLER (1), SENHORA DA CONCEIÇÃO (3), VOLTA (4).

**hh) Fazendas, tecidos, peles:**

1. Masculinos: ALGODÃO (7), ANIAGEM (1), BAETA (15), BARREGANA (1), BELBUTE (1), BERBERISCO (3), BEZERRO (2), BOCAXIM (1), BOMBAZINA (2), BRETANHA (18), BRILHANTE (4), BRIM (1), CABAIA (1), CADARÇO (1), CAMBRAIA (1), CAMBRAIETA (1), CAMELÃO (3), CANGA (1), CASSA (3), CASTOR (2), CETIM (7), CHAMALOTE (2), CHITA (4), COURO (5), DROGA (2), DROGUETE (3), DURANTE (8), DURAQUE (3), ESGUIÃO (3), ESTOPA (2), FIO (1), FIO DE SAPATEIRO (1), FITA (5), FUSTÃO (4), GALA (3), GUINGÃO (1), HOLANDA (8), HOLLANDILHA (2), LÃ (8), LAIA (3), LEMISTE (3), LINHA (14), LINHAGEM (1), LINHO (22), LÓ (1), MARROQUIM (1), MELANIA (3), NASTRO (3), PANO (44), PELÚCIA (1), PISÃO (2), RATINA (1), RETRÓS (10), RISCADO (1), RISSO (1), ROSAGRANA (1), RUÃO (1), SAETA (5), SARJA (1), SEDA (23), SEDA DE MANTO [1], SERAFINA (1), TAFETÁ (4), TORÇAL (2), TRANCELIM (2), VELUDO (5).

Femininos: ALGODÃO (4), BAETA (8), BIGODE (1), BRETANHA (10), BRILHANTE (3), CABAIA (2), CADARÇO (1), CALAMANHA (3), CAMBRAIA (1), CAMBRAIETA (1), CAMELÃO (3), CASSA (2), CETIM (11), CHAMALOTE (1), CHITA (13), COURO (1), DAMASCO (1), DAMASQUILHO (1), DROGUETE (9), DROGUETE-REI (1), DURANTE-REI (1), ESTOFO (3), FIO (1), FITA (7), HOLANDA (2), LÃ (4), LEMISTE (3), LINHA (3), LINHO (5), LÓ (1), LUSTRO (3), MELANIA (4), NASTRO (1), NOBREZA (1), PANICO (2), PANO (13), PELICA (1), PELÚCIA (1), RETRÓS (7), RISCADO (1), SARAÇA (1), SEDA (22), TAFETÁ (9), TORÇAL (1), VELUDILHO (2), VELUDO (5).

**ii) Toilette, higiene pessoal:**

1. Masculinas: AGUAR (5), ALFAZEMA (1), BACIA (3), BANHO (1), ESPELHO (3), FAZER A BARBA (1), GAMELA (1), GOMIL (3), GUARDANAPO (6), JARRO (3), NAVALHA (7), PENTEADOR (2), PRATO (2), SABÃO (1), TOALHA (7).

2. Femininas: AGUAR (3), ÂMBAR (1), BACIA (3), GUARDANAPO (3), JARRO (3), TOALHA (2).

### 3.1.2 Classificação em lema

Os lexemas foram classificados da seguinte maneira::

1. Os dados de classificação retirados do *Sistema Racional de Conceitos* encontram-se sem recuo, em negrito.

2. A entrada dos lemas é apresentada em letras maiúsculas e com um recuo da margem esquerda.

3. As entradas dos nomes são feitas, preferencialmente, no masculino singular.

4. As entradas dos verbos são feitas no infinitivo, exceto o particípio.

5. A entrada dos lemas foi grafada conforme a ortografia atual.

6. Após a entrada do lema, segue-se a etimologia, quando encontrada.

7. Após a etimologia, segue-se a definição, acompanhada de uma abonação retirada do *corpus*.

8. Foi citada, em nota de rodapé, a obra da qual foi retirada a definição. Quando não constar a citação em nota de rodapé significa que a definição é própria, ou seja, do pesquisador.

9. As abonações são apresentadas em itálico, entre aspas, com a indicação do texto à que pertencem. A lexia do vestuário será destacada em negrito, mas não estava assim no texto original.

10. O critério utilizado para escolha da abonação foi o seguinte: foi escolhida a primeira abonação que se apresentou, embora as lexias tenham apresentado, nos manuscritos, variações gráficas e fonéticas.

## O VESTUÁRIO

### aa) Generalidades

AVARIA. [2] Do italiano *avaria*, provavelmente do árabe *aṬārīya*.<sup>165</sup> Os danos que as fazendas embarcadas recebem. Podem ser provocados por chuva, água do mar, etc. Avaria

<sup>165</sup> CUNHA, 1997, p. 86.

simples: deterioração natural da coisa embarcada. Avaria grossa: a causada por tormenta, corsário, guerra, etc.<sup>166</sup> *Dous pares deMejas deSeda deCor / Com auarias queforaõ avalliadaCada / par a Mil edu(z)entos Reis que anboz / emportaõ dous Mil equatro Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 31v).

BICO. [3] Do latim *beccus*.<sup>167</sup> Tudo que lembra um bico de ave por sua forma pontuda e/ou encurvada; ponta extremidade.<sup>168</sup> “*Hum par de Botois grandes deBico / eoutros pequenoz deSinzel Humpar pe / quenoLizo que tudo tem depeso trinta e duas / oitauas eHumquarto penhores deJoanna / Monteiro empenhados porVinte oito oita / uas deOuro que emportam a dinheiro qua / renda e dous Mil Reis*” (CPOMCP, f. 6v).

BOM. [23] Do latim *bõnus bõna*.<sup>169</sup> “Qualidade positiva ou satisfatória.”<sup>170</sup> Neste caso específico, refere-se à peça do vestuário que ainda está em condição de ser usada, que está bem conservada. “*Huma vestia deBaEta Cor depere / quitoforrada de BaEta Cor deCamurça / ahinda embom uzo avalliada em dous / Mil Reis*” (CPOMCP, f. 12v).

CASTA. [1] Do latim *castus*.<sup>171</sup> “Gênero, espécie, etc.”<sup>172</sup> de alguma peça de vestuário. “*HumCordaõ deOurogroço etre(z)e pare(z) / de Botoins de Variaz Castas ehuma Memo / ria deBracadeira de fillo grana penhore(z) / deSimaõ Machado empenhados pello / pe(z)o que emporta adinheiro sincoenta e / quatro Mil Reis*” (CPOMCP, f. 6v).

CORTE. [2] De ‘corte’ – ação de cortar – por sua vez do latim *cũrtãre*.<sup>173</sup> Pedaco de tecido com medida certa para um gibão, vestido, etc.<sup>174</sup> “*Humcortedecalcaõ demeya deLam / cramezim avaliado em mil eduzen / tozReis*” (CPOMPPN, f. 7r).

CÔVADO. [69] Do latim *cũbĩtus* – $\bar{t}$ .<sup>175</sup> Medida de três palmos com a qual se mede seda e panos de cor.<sup>176</sup> “*Nove emeyõ couadozdeBombazina cra / mezim aualiada aquinhentozReis / cadacouado emporta quatro mil sete / cento(s) esincoentaReis*” (CPOMPPN, f. 2v)

<sup>166</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 237.

<sup>167</sup> CUNHA, 1997, p. 108.

<sup>168</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 286.

<sup>169</sup> CUNHA, 1997, p. 117.

<sup>170</sup> HOAISS, 2009, p. 309.

<sup>171</sup> CUNHA, 1997, p. 164.

<sup>172</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t.II, p.183.

<sup>173</sup> CUNHA, 1997, p. 221.

<sup>174</sup> BLUTEAU, 1712, p. 576.

<sup>175</sup> CUNHA, 1997, p. 224.

<sup>176</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 592.

CRIVADO. [1] Cheio ou com grande quantidade de marcas, pintas, etc; constelado, sarapintado.<sup>177</sup> “*Hum pardeLuvas dealgudaõ / Crivadas [vistas] eauliadaz / pellosditos aua[li]adores naquan / tiade Sento es[in]coenta Reiz*” (CSOJCS, f. 4v).

CRU. [3] Do latim *crūdus* (feminino de *crūda*).<sup>178</sup> “Seda que não foi lavada, nem tinta”.<sup>179</sup> “Não curtido: couro. Não preparado: seda crua (antes de se cozer); linho cru: (não curado); pano cru de linho (não curado); de lã (não tinto, mas da cor natural da lã).”<sup>180</sup> “*HumCovadoemeyodeolanda / Cruauist(o)eaualliad(o)pelloz / ditosaualliaadoresemopresso e / qu(a)ntiade trezentos etrintae / sete reis ComqueSesayfora*” (CPOARSG, f. 286v).

DEFEITO. [1] Do latim *dēfectus* –us, de *defectum*, supino de *dēficēre*.<sup>181</sup> Imperfeição.<sup>182</sup> “*Declarou mais elle Inventarian / te hauerhun Capote deCamelaõ / azul já comseos deffeitos por estar / com bas tante uzo quefoj visto eaulia / do por ellesditos aualiaadores eacha / raõ valer Mil eseis Centos reis como / Seue amargem*” (CPOJH, f. 79r).

ENCASTOADO. [9] Participípio passado de encastoar. Encastoar: engastar em filigrana, encasquilhar, v.g. pedras preciosas encastoadas em ouro e prata, etc.<sup>183</sup> “*Humcoraçã dem[.].ç(a) encost(e)ado / emouro, que foi visto, eavaliado / pelozditos Avalidadoresnaquantia / detrezento(s) Reis comquesesahé*” (CSOAMJ, f. 4r).

ENGRANZADO. [1] Participípio passado de engranزار. Do latim *grānum*.<sup>184</sup> Engrazar, quererá dizer, *Fazer, Atar, ou Ajuntar*. Engrazar contas, Engrazar rosarios, é o mesmo que encadear uma conta com outra com fio de prata, ouro, ou outro metal.<sup>185</sup> “*Huma boltade cervi(z) / debraço em g(o)ranzada(s) em ou / ro ehum menino Jezuz / domesmo ouro quetudo pe / za trez oytavaz emeya e / quatro vinteis visto eava / liado pellozditoz avalia / dores amil eduzentos Reiz / cad[a] oytava enpo(r)ta em / quatro mil etrezento(s) / [e]Sencoenta Reiz*” (CPOCPR, f. 4v).

ENLAÇADO. [1] De *laçar* e esse do latim vulgar *\*lacēus* por *laquēus*.<sup>186</sup> Preso em laços.<sup>187</sup> “*Hum adreço delaço, ebrinco(z) deou / rotudo compedrasenlassadaz de / topazio piquenoseuza dozquefoi / visto, eavaliado peloz dittosAva / liad ores naquantia desetemil, e / du(s)entos Reiscomquesesaha*” (CSOAMJ, f. 3v).

<sup>177</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 875.

<sup>178</sup> CUNHA, 1997, p. 230.

<sup>179</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 613.

<sup>180</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 497-498.

<sup>181</sup> CUNHA, 1997, p. 243.

<sup>182</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 519.

<sup>183</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 681.

<sup>184</sup> CUNHA, 1997, p. 299 e p.393.

<sup>185</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 122.

<sup>186</sup> CUNHA, 1997, p. 46.

<sup>187</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 125.

ENTREFINO. [3] Pano de espessura entre fina e grossa e assim chapéu entrefino, cambraia entrefina, etc.<sup>188</sup> “3 (covados) depano delinho **entre fino** para forro” (CPOCPR, f. 363r).

ESMALTADO. [3] Esmalt+ADO. Esmalte: do catalão *esmalt*, de origem germânica.<sup>189</sup> Pintado [...] a modo de esmalte.<sup>190</sup> “*HumBrinco **exmaltado** deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo exmal / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafiga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quetudo / tem depeso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalues Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amil edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis*” (CPOMCP, f. 7r).

ESMALTE. [4] Do catalão *esmalt*, de origem germânica.<sup>191</sup> Esmalte a fogo. Massa com que os ourives dão acabamentoo aos objetos. É uma espécie de vidro cuja base e ingrediente fundamental é chumbo e estanho, quase calçinados em fogo de reverberação. Nessa mistura, o artífice acrescenta as cores metálicas que quiser.<sup>192</sup> “*HumBrinco **exmaltado** deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo **exmal** / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafiga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quetudo / tem depeso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalues Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amil edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis*” (CPOMCP, f. 7r).

ESTREITO. [4] Do latim *stritus* –a –um.<sup>193</sup> Não largo, de pouco espaço.<sup>194</sup> “*Noventa eoitovaras de gallaõde / Seda mais **estreiro** vistoeavaliado / Pellozdittosavaliadorescadavara / acentoeoitentaesettereis emportaõ / emdezoitomil etrezentos enoventa / eseisreis*” (CSOJSCR, f. 22r).

FEITIO. [9] De fato, por sua vez do latim *factum* –ī.<sup>195</sup> A feição e forma que o artista dá a um vestido, fivela, etc.<sup>196</sup> “*Por **feitio** dehuã ro(b)a ecapa ao Alfayate*” (CPOCPR, f. 360r)

<sup>188</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 715.

<sup>189</sup> CUNHA, 1997, p. 320.

<sup>190</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 247.

<sup>191</sup> CUNHA, 1997, p. 320.

<sup>192</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 247.

<sup>193</sup> CUNHA, 1997, p.333.

<sup>194</sup> SILVA, 1789, t.I, p.782.

<sup>195</sup> CUNHA, 1997, p. 351.

<sup>196</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 20.

FINO. [26] Do latim *finis*.<sup>197</sup> Não grosso. Pano, seda ou lenço cujo fio é delgado.<sup>198</sup> “*Huma vara eduasterçaz decam / braya fina vista eavaliada a / trez mil reiz avara enporta em / Sinco mil Reiz*” (CSOAMR, f. 4v).

FURADO. [1] Do latim *fōrātum*.<sup>199</sup> Que contém furo: buraco feito com furador ou instrumento pontudo.<sup>200</sup> “*Porhuma cazaca [corroído] (canaberne) = / furadadecetim [br]anco quefoy= / vistaeavaliada [pe]llos Avaliado / res naquantia d[eno]vemil eseis / centos Reis*” (CSOACB, f. 2v).

GRANDE. [8] Do latim *grandis*.<sup>201</sup> O que tem maior extensão em qualquer das dimensões.<sup>202</sup> “*Hum<a>capadeu<z>o grande uista / eavaliadapellos dittos aualia / dores emSettesentos esinco enta / reis comquesesaij*” (CSOJSA, f.8v).

GROSSO. [11] Do latim *grössus*.<sup>203</sup> Oposto a delgado e fino: v. g. corda grossa, pano grosso, etc.<sup>204</sup> “*Oito varas decassaLavrada grossa / vista eavaliadapellozdittos avalia / dores cadavaramileoito centoz / reis emportaõ emcatorzemil / equatrocentosreis*” (CSOJSCR, f. 21r).

INFERIOR. [2] Do latim *inferiōr*.<sup>205</sup> Que não é tão perfeito, excelente, ilustre.<sup>206</sup> “*Hum aneldetopazio amarello com / ceusolhoz demo(z)quito(s) na(z)bandaz / jau(z)ado, inferior, quefoi visto ea / valiad opelozditos Avaliadoresna / quantia demil, equinhentozrei(z) / comquesesahi*” (CSOAMJ, f. 3v).

INTEIRIÇO [2]. Do latim.<sup>207</sup> Que não tem partes, todo de um pedaço.<sup>208</sup> “*Huma espada comguarniçoins / inteiricas com punh(oe)gancho epon / tejra depratta avalliada emSeis Mil / Reis*” (CPOMCP, f. 13r).

LARGO. [4] Do latim *largus*.<sup>209</sup> Extenso em largura, de margem a margem, de ourela a ourela: v. g. pano, rio largo.<sup>210</sup> “*Trez varasdepanodelinho largo / efino visto eavaliado pellozdi / toz avaliad ores aquatrocen / toz esincoenta reiz avara em / porta em mil etrezentoz esincoenta / reiz*” (CSOAMR, f. 4v).

<sup>197</sup> CUNHA, 1997, p. 358.

<sup>198</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 35.

<sup>199</sup> CUNHA, 1997, p. 372.

<sup>200</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 69.

<sup>201</sup> CUNHA, 1997, p. 393.

<sup>202</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 119.

<sup>203</sup> CUNHA, 1997, p. 396.

<sup>204</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 102.

<sup>205</sup> CUNHA, 1997, p. 435.

<sup>206</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 123.

<sup>207</sup> CUNHA, 1997, p. 440.

<sup>208</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 157.

<sup>209</sup> CUNHA, 1997, p. 465-466.

<sup>210</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 206.

LARGURA. [1] De *largo* e, este, do latim *largus*.<sup>211</sup> Extensão que as superfícies tem desde a linha de um extremo de comprimento à outra extremidade.<sup>212</sup> “6 varas derenda fina *delargura detres dedos*” (CSOHST, f. 17r).

LAVRADO. [14] Ornado com figuras e artificiosos labores.<sup>213</sup> “*Huma Saya deestofo labrado cord e / Rozaebranc[o] comSeo u(s)o visto eavali / adopellozd[i]toz avaliadores naquan / [t]ia dedoiz mil equatrocentoz reiz*” (CSOAMR, f. 5r).

LISO. [11] De origem obscura.<sup>214</sup> O que não tem aspereza nenhuma ao tato. Não crespo. Sem artifício, sem ornato.<sup>215</sup> “2 Covados desetim roza *lizo*” (CSOHST, f. 20v).

LISTRA. [3] Risca no pano, com bastante largura, de alto para baixo, com diferença na cor.<sup>216</sup> “*Hum mantodeListrasnouo ava / Lliadoemvinteecoatromi[l]reis*” (CSOAM, f. 5r).

MAIOR. [1] Do latim *māior* –*oris*, comparativo de *magnus*.<sup>217</sup> Que excede em grandeza, em extensão, espaço, número, duração, e qualquer qualidade, intensão.<sup>218</sup> “*Seis Botois de chapa Majores que / tem depezo doze oitauas aValliada cada / oitaua aSem Reis emporta adinheiro / Mil e duzentos Reis*” (CPOMCP, f. 9r).

MEADA. [13] Fiado de linho ou fios de lã, algodão ou seda dispostos no carrilho de tal forma que quando os tirão dele ficam em círculos, sobrepostos uns aos outros, para se não embaraçarem e para que, metidos na dobadura se possam depois ir fazendo os novelos.<sup>219</sup> “*Quatro meadasdelinhas francasviz - / taseaualliadaspellosditos aua / Liadorestodasellasemaqu(a)ntia / deSetentaeSinco Reis queSaem*” (CPOARSG, f. 285v).

MODA. [6] Do francês *mode*.<sup>220</sup> O modo de trajar, falar e fazer conforme costume novamente introduzido. Antigamente não havia modas do trajo como ainda não as há em todo o Levante.<sup>221</sup> “*Hum buldrie de(Retroz) da / moda novo (es)[pe]lhado com / fivella grande demetal epe / quena{z} deestanho emollaz / deferro visto eavaliado / pelloz ditoz avaliadores / naquantiad e d ouz mil / equatroc entoz Reiz*” (CPOCPR, f. 16r).

NOVELO. [1] Do latim tardio *\*lubellus* ou *\*lobellos*, forma hispânica de *globellus*, diminutivo de *globus*.<sup>222</sup> Linhas dobradas e colhidas e forma oval ou redonda.<sup>223</sup>

<sup>211</sup> CUNHA, 1997, p. 465-466.

<sup>212</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 8-9.

<sup>213</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 53.

<sup>214</sup> CUNHA, 1997, p. 479.

<sup>215</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 153.

<sup>216</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 157.

<sup>217</sup> CUNHA, 1997, p. 490.

<sup>218</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 249.

<sup>219</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 376.

<sup>220</sup> CUNHA, 1997, p. 527.

<sup>221</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 526.

<sup>222</sup> CUNHA, 1997, p. 552.

“Trezquartasdefio *emnovellosdeal* / *godaõ* *vistoseaualliadospelloz* / *ditosaualliadoresemoprecoequan* / *tiadetrezentos ReiscomqueSeSay*” (CPOARSG, f. 287r).

NOVO. [16] Do latim *nōvus* –a.<sup>224</sup> Que foi feito há pouco. O oposto a antigo, velho.<sup>225</sup> “*Huasayadebertanhanovabanda* / *da, que foi vistaeavaliadapelos* / *ditos valiadoresnaquantiade* / *quatromil, equatrocentozreis* / *comquesesahé.*” (CSOAMJ, f. 6v).

ORDINÁRIO. [8] Do latim *ordinārius*.<sup>226</sup> “De sorte não subida,<sup>227</sup> noutras palavras, de classe inferior. “*Trintaeeitovaras decassa ordi* / *naria* *vistaseavaliadascada* / *varapellozdittozavaliadores* / *amil eduzentos emportaõemqua* / *rentaeincomileseiscentosreis*” (CSOJSCR, f. 21r).

PEÇA. [16] Do céltico *\*pěttia*.<sup>228</sup> Pedaco de tecido que se faz de uma só vez no tear.<sup>229</sup> “(Por) *dezaSeis peças depanodelinho* / (E) *mtres Retalhos comquinhen* / (tos) *eSecenta etres uaras aqua* / [tro] *Sentos reis cadauara que* / *emporta Dozentos euinteeSi* / *nco Mil eduzentos Reis que Saj*” (CPOFPG, f. 11r).

PEQUENO. [19] De criação expressiva.<sup>230</sup> Contrário a grande e grosso.<sup>231</sup> “*Dois Timois deBaeta pique* / *nozde mulher queforaõ avallua* / *dos pellos(l)ouvadoz adois Mil* / *Reis cadahum quefazaacoma* / *dequa[t]romilreis*” (CPOMCP, f. 105r).

PINTADO. [4] De *pintar* e, este, do latim *pīnctāre*, de *\*pinctus*, participio de *pingĕre*.<sup>232</sup> Que contém pintas e/ou manchas. 2. Obra feita com pincéis que imita com várias cores figuras de coisas naturais ou artificiais.<sup>233</sup> “*Huapessa debaetaõ verdemar pin* / *tado co(v)ados quarenta equatro (o)qu* / *alSendo Visto ea(v)aliado por ellez* / *ditos a(v)aliadores por elles foi aualia* / *do Cada Covado a mil eCento evin* / *te Reis que ao todo emporta aquantia* / *de quarenta enove mil duzentos e* / *oitenta Reis Comque SeSaefora*” (CPOCJA, f. 10v).

REMENDADO. [1] De *emendar*<sup>234</sup> e este, por sua vez, do latim *ēmēndāre*.<sup>235</sup> Que sofreu remendo: “Pedaco de panno, cozido a hum vestido roto.”<sup>236</sup> “*Duas ditas aRomendadas avaliadas* / *ambas emtrezentosReis*” (CPOMPPN, f. 8r).

<sup>223</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 757.

<sup>224</sup> CUNHA, 1997, p. 552.

<sup>225</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 249.

<sup>226</sup> CUNHA, 1997, p. 564.

<sup>227</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 370.

<sup>228</sup> CUNHA, 1997, p. 589.

<sup>229</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 338.

<sup>230</sup> CUNHA, 1997, p. 594.

<sup>231</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 406

<sup>232</sup> CUNHA, 1997, p. 606.

<sup>233</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 516-517.

<sup>234</sup> CUNHA, 1997, p. 674.

RETALHO. [7] Pedaco de pano cortado.<sup>237</sup> “*Vinteetecouados detafeta em Retalho(z) / devarias cores avaliadocadacouado / a trezentozReis emporta oito mil cem Reis*” (CPOMPPN, f. 3v).

RISCADO. [5] Provavelmente do latim *resecāre*.<sup>238</sup> “Adornado com riscos (diz-se de tecido); listrado.”<sup>239</sup> “*1 // Panno deRiscado azul*” (CSOHST, f. 19r).

ROTO. [8] Do latim *ruptus* –a –um.<sup>240</sup> Participio passado de romper.<sup>241</sup> Romper: rasgar, dilacerar, etc.<sup>242</sup> “*Dezoito Cami(z)as deoLanda eBertanha / Uzadas todas Rotas avalliasdas todas em / Mil eSeis Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 11r).

ROUPA. [11] Do gótico *\*raupa*.<sup>243</sup> Na mais comum significação, roupa são os panos que as pessoas usam junto ao corpo ou na decoração da casa.<sup>244</sup> “*Diz oReverendo Padre Joze daCosta Moreira / que elle assestio a Orphã Bernarda Thereza deJezus, / filha de Elena deSantaThereza com as roupapas, e vestu / arios que constaõ das contas juntas, que importaõ em / vinte eoitto oitavas trez quartos, eseis oitavas, [...]*” (CSOHST, f. 18ran).

USADO. [59] De *usar* e, este, do latim *\*ūsāre*, frequentativo de *ūti*.<sup>245</sup> Causa que está ou estava em uso.<sup>246</sup> “*Huasayademelania pretajauza / da, que foi vistaeavaliadapelos / dittos Avaliadoresnaquantiade / demil, oitocentosreiscomquesesahe*” (CSOAMJ, f. 7v).

USO. [65] Do latim *usus*.<sup>247</sup> Moda. De muito uso: muito usado.<sup>248</sup> “*HuaSayadecabayaasulclara(com) / seouzo, quefoi vistaeavaliadapelos / dittos Avaliadoresnaquantiade / Seismil Reicomquesesahé*” (CSOAMJ, f. 6v).

VARA. [38] Do latim *vāra*.<sup>249</sup> Medida de panos que contém palmos geométricos.<sup>250</sup> “[*Por*]Trinta varas decaça emtres / [*reta*]lhos que foi vistaeagua / [*lua*]da pelos ditos aualua / [*dores*] amil reis cadauara / [*que*]emportatrintaMilreis / queSeSaj” (CPOFPG, f. 20r).

VELHO. [25] Do latim *vētūlus*, diminutivo de *vētus* –*ēris*.<sup>251</sup> Não novo, não moderno.<sup>252</sup> “*Duascami(z)asli(z)asdeBertanhaja / Muitovelhasvistas ambaseauallia /*

235 CUNHA, 1997, p. 291.

236 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 234.

237 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 301.

238 CUNHA, 1997, p. 686.

239 HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1671.

240 CUNHA, 1997, p. 692.

241 SILVA, 1789, t. II, p. 362.

242 SILVA, 1789, t. II, p. 359.

243 CUNHA, 1997, p. 692.

244 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 386.

245 CUNHA, 1997, p. 806.

246 BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 593.

247 CUNHA, 1997, p. 806.

248 SILVA, 1789, t. II, p. 824.

249 CUNHA, 1997, p. 811.

250 SILVA, 1789, t. II, p. 830.

*daspellosditosauallidores emopresso / equantiadeseissentosReis queSaem*” (CPOARSG, f. 284v).

VESTIR. [1] Do latim *vĕstĭre*.<sup>253</sup> Cobrir o corpo com qualquer peça das que vestimos. Ornar.<sup>254</sup> “*Humaespadavelha de / vestir sem bainha punta / decabello vista eavaleada / pellozditoz avaliadores naqu / antiadeseiz centoz reiz*” (CPOCPR, f. 21r).

VESTUÁRIO. [3] Do latim medieval *vestuarĭum*. Conjunto de diversas peças de roupa. Designação geral de peças do vestuário.<sup>255</sup> “*Diz oReverendo Padre Joze daCosta Moreira / que elle assestio a Orphã Bernarda Thereza deJesus, / filha de Elena deSantaThereza com as roupas, e vestu / arios que constaõ das contas juntas, que importaõ em / vinte eoit oitavas trez quartos, eseis oitavas, [..]*” (CSOHST, f. 18ran).

## bb) Roupas exteriores

### 1. Masculinas

CALÇÃO. [30] Do latim vulgar *\*calcĕa*, de *calcĕus*.<sup>256</sup> A parte da vestidura em que entram as pernas e que fica cobrindo o corpo da cintura até os joelhos.<sup>257</sup> “*Hum calção debelbute a(z)ul / em bon uzo vistoeavaliadope / lozd itoz aval iadores naquantia / dedoiz mil equatroc entoz / Reiz*” (CPOCPR, f. 15r).

CAPA. [1] Do latim tardio *cappam*.<sup>258</sup> Vestidura que se traz por cima das outras e se usa fora de casa. No verão serve de adorno e no inverno de amparo.<sup>259</sup> “*Porfeitio dehuã Loba, eCapa, ao Alfayate*” (CPOCPR, f. 360r).

CAPOTE. [9] Do francês *capot*.<sup>260</sup> Espécie de manto com o qual os homens cobrem-se do pescoço até o calcanhar, ou mais curto, de fralda larga com cabeção.<sup>261</sup> Mesmo que

<sup>251</sup> CUNHA, 1997, p. 813.

<sup>252</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 848.

<sup>253</sup> CUNHA, 1997, p. 819.

<sup>254</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 848.

<sup>255</sup> HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 2853.

<sup>256</sup> CUNHA, 1997, p. 139.

<sup>257</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 52.

<sup>258</sup> CUNHA, 1997, p. 149.

<sup>259</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 117.

<sup>260</sup> CUNHA, 1997, p. 149.

<sup>261</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 342.

caparote: capa de água.<sup>262</sup> “*HumcapotedeCamalaõ Escuro forrado / deBaetacordeRoza muito uzado ava / liadoa naquantia demil eoitocentos Reis*”(CPOMPPN, f. 8r).

CASACA. [24] Do francês *casaque*, de origem incerta.<sup>263</sup> Vestidura com mangas e abas grandes.<sup>264</sup> “*Hua Cazaca depano azul do u / Zo aqual Sendo vista ea(u)aliada / por elles ditos avaliadores por el / les foi a(v)aliad(a) naquantia de / mil eoitocentos reis Com que / SeSae fora amargem*” (CPOCJA, f. 43r).

CHAMBRE. [2] Do francês *chambre* derivado do latim *camēra*, abreviatura de *robe de chambre*, porque o *chambre* é usado no quarto.<sup>265</sup> Vestido caseiro, fraldado até abaixo dos joelhos; roupa de câmara, de estar no seu quarto.<sup>266</sup> “*Hum Xambre de Riscado uzado oqu / alSendo visto eavaliado porellez / ditos a(v)aliadores porelles foi a(v)a / Liado naquantia dehum mil reiz / Com oqueSeSae fora amargem*” (CPOCJA, f. 43v).

FARDA. [4] Do catalão *farda*, derivado do árabe *al-fardâ*.<sup>267</sup> Libré do Regimento ou do exército.<sup>268</sup> “*Hua farda do Uniforme aqual / Sendo vista ea(u)aliada por ellez / ditos a(v)aliadores por elles foi a / Valiada na quantia de dua(z) / oitauas digo naquantia dequa / tro mil eoitocentos Reis como / queSae fora amargem*” (CPOCJA, f. 43r).

FRAQUE. [1] Do francês *frac*.<sup>269</sup> Traje masculino<sup>270</sup> “*Hum fraque de duraque do uzo oqu / al Sendo visto ea(v)aliado por ellez / ditos a(v)aliadores por eles foi a(v)a / Liado naquantia dedois mil e / quatro Centos Reis Com oqueSe / Sae fora amargem*” (CPOCJA, f. 44v).

HÁBITO. [1] Do latim *habitus –us*.<sup>271</sup> Vestido, vestidura: v. g. o hábito religioso, hábitos ricos ou humildes.<sup>272</sup> “*Humhabitodesamfrancisco / def[†.....] ecomseucordaõ visto / Eaualliadopellosditosauallia / doresemaquantia detresmil / eseiscentosReisComquesesaj*” (CPOARSG, f. 286v).

JALECO. [10] Do castelhano *jaleco*, derivado do árabe argelino *ğalika* e, este, do turco *ielék*.<sup>273</sup> Vestidura, como colete, que se aperta pelas ilhargas com colchetes. Comumente

<sup>262</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 129.

<sup>263</sup> CUNHA, 1997, p. 161.

<sup>264</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 175.

<sup>265</sup> CUNHA, 1997, p. 175.

<sup>266</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 381.

<sup>267</sup> CUNHA, 1997, p. 349.

<sup>268</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 34.

<sup>269</sup> CUNHA, 1997, p. 367.

<sup>270</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1387.

<sup>271</sup> CUNHA, 1997, p. 402.

<sup>272</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 111.

<sup>273</sup> CUNHA, 1997, p. 452.

se usa só no inverno.<sup>274</sup> “*HumJalecodeBaeta a(v)aliado em / mil eduzentosReis*” (CPOMPPN, f. 7r).

LOBA. [1] De origem incerta.<sup>275</sup> Roupas roçagante antiga. Vestido escolástico antigo, consta de túnica aberta que sobrepõe por diante, sem mangas, e de uma capa talar; também era vestido de dó antigo.<sup>276</sup> “*Porfeitio dehuã Loba, eCapa, ao Alfayate*” (CPOCPR, f. 360r).

QUIMÃO. [1] Do japonês *kimono*.<sup>277</sup> “Vestidura de alguns povos da Índia. Era quase igual ao chambre,”<sup>278</sup> ou seja, “roupão grande aberto por diante.”<sup>279</sup> “*Humquimaõ de (Bae)ta velho / euzado avalliadoemouta / va emeyadeouro*” (CSOJSS, f.6r).

SOBRETUDO. [2] Casacão de uso masculino, próprio para se vestir sobre o outro e que serve como proteção contra o frio e a chuva.<sup>280</sup> “*Humsob(u)tudo deBa(rra)ga / na azul comSua vestia ecal / çãõ jauzado tudo visto eavali / adopellozditoz avaliadores / naquantiade quatro mil eoyto / centoz Reiz.*” (CPOCPR, f. 14v).

SURTUM. [2] Talvez do francês *surtout*.<sup>281</sup> É uma casaca larga que se veste sobre a outra.<sup>282</sup> Veste que não fecha pelo meio do ventre, mas passa a abotoar-se a um lado do corpo, com duas ordens de botões.<sup>283</sup> “*Hum Sertum defustaõ Branco / forradode pano de Linho ainda em bom / Uzoavalliado em Oito Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 11v).

TIMÃO. [2] Timão por queimão, ou roupão grande aberto por diante, diz-se no Brasil.<sup>284</sup> “*Hum timaõ ded ua(z) baeta(z) / a(z)ul u(z)ado visto eavaliado / pellozditoz avaliadores na / quantiade douz mil equa / trocentoz Reiz*” (CPOCPR, f. 16r)

UNIFORME. [3] Do latim *uniformis* –e.<sup>285</sup> Vestuário padronizado e distintivo usado por membros de uma categoria (estudantil, profissional, militar, etc.); farda, fardamento.<sup>286</sup> “*Hua barretina doUniforme / aqualsendo vista eavaliada por / eles ditos avaliadoresporeles foi / avaliada naquantiade trezentos / equarente areis com aquesesae*” (CPOCJA, f. 46v).

VÉSTIA. [29] Do latim.<sup>287</sup> Parte dos vestidos que cobre o tronco do corpo, com mangas ou sem elas, traz-se por baixo da casaca<sup>288</sup> ou “vestidura de homem com mangas,

<sup>274</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IX, p. 504.

<sup>275</sup> CUNHA, 1997, p. 478.

<sup>276</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 30.

<sup>277</sup> CUNHA, 1997, p. 656.

<sup>278</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p.61.

<sup>279</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 459.

<sup>280</sup> HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 2594.

<sup>281</sup> CUNHA, 1997, p. 746.

<sup>282</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p.799.

<sup>283</sup> SILVA, 1789, t. II p. 434.

<sup>284</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 459.

<sup>285</sup> CUNHA, 1997, p. 803.

<sup>286</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2806.

<sup>287</sup> CUNHA, 1997, p. 819.

chega até os joelhos.”<sup>289</sup> “*Hua vestia deSetimpreto sem mangas / com oforro Roto avaliada emtrezentos / Reis.*” (CPOMPPN, f. 7v).

VESTIDO. [6] Do latim *vestītus* – *ūs*.<sup>290</sup> É uma casaca, véstia e calções.<sup>291</sup> “*Hum vistido depano azulFerrete forra / doMeio Bordado detafeta carmesi / comBotonis deouro crioulo quevisto ea / valliadopellos avallidores em de / zoito oitavas deouro que adinheiro saõ / vinte esete Mil Reis*” (CPOMSO, f. 5r).

## 2. Femininas

CAPA. [13] Do latim tardio *cappam*.<sup>292</sup> Vestidura que se traz por cima das outras e se usa fora de casa. No verão serve de adorno e no inverno de amparo.<sup>293</sup> “*Huma Capa pequena deDrogue / te preto (abe)ndada detaf[eta] bran / Co vista eauliada pell[os] [dit]tos a / Valiadores naquantia d[e treze]n / tos Reiz*” (CSOJCS, f. 4v).

CAPOTE. [2] Do francês *capot*.<sup>294</sup> Espécie de manto com o qual os homens cobrem-se do pescoço até o calcanhar, ou mais curto, de fralda larga com cabeção.<sup>295</sup> Mesmo que caparote: capa de água.<sup>296</sup> “*Humcapote depano escarlata [†.] / to[†.]do eaco(u)ado de[†....] (I)zado uisto / eauliado pellosdittos auliado / resem Seis mil Reis com queSe / say.*” (CSOJSA, f. 7r).

CASACA. [3] Do francês *casaque*, de origem incerta.<sup>297</sup> Vestidura com mangas e abas grandes.<sup>298</sup> “*Porhuma cazaca [†...] canaberne = / furadadecetim (br)anco quefoi= / vistaeavaliadapellos Avaliado / res naquantiadenovemil eseis / centos Reis*” (CSOACB, f. 2v).

COLETE. [2] Do francês *collet*.<sup>299</sup> Espécie de gibão sem mangas.<sup>300</sup> “*HumColete deBrilhante deSeda / Cordesinza forrado detafeta verde / em[†....]lo uistoeauliadopello(z) / dittosaualiadores emmil eduzen / tos Reis ComqueSeSa(y)*” (CSOJSA, f. 7r).

GIBÃO. [1] Do italiano *giubbone*, de *giubba*, derivado do árabe *ġubba*.<sup>301</sup> A parte da vestidura que cobre o corpo do pescoço até quase a cintura.<sup>302</sup> “*HumGibaõ deDrogueteJa /*

288 SILVA, 1789, t. II, p. 522.

289 BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 456.

290 CUNHA, 1997, p. 819.

291 SILVA, 1789, t. II p. 522.

292 CUNHA, 1997, p. 149.

293 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 117.

294 CUNHA, 1997, p. 149.

295 SILVA, 1789, t. I, p. 342.

296 BLUTEAU, 1712-1728, t. II p. 129.

297 CUNHA, 1997, p. 161.

298 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 175.

299 CUNHA, 1997, p. 196.

*Uzado Cor de flor de pessegue(i)ro / Velho Visto pellosaualiado[r]es lhe / não deraõ Valor pello n[ão] o ter.”* (CSOJCS, f. 5r).

GUARDA-PÉ. [4] Vestidura de cor e a primeira saia que a mulher veste.<sup>303</sup> “*Outra(g)uardape deSeda encarnada / Com Seos Matizes vistaeavaliada / pellosdittosavaliadores emoitomil / reis”* (CSOJSCR, f. 5r).

HÁBITO. [1] Do latim *habitus* –us.<sup>304</sup> Vestido, vestidura: v. g. o hábito religioso, hábitos ricos ou humildes.<sup>305</sup> “*(...) seu corpo foi amortalhado em **habito** de / Samranjsco, [..]”* (CSOAMJ, f. 14r).

MANTO. [8] Do latim ibérico *mantus*.<sup>306</sup> Espécie de véu com que cobre a mulher a cabeça e, às vezes, o rosto ao sair fora de casa. Há mantos de buraco de seda, de lã, de seda e lã, etc.<sup>307</sup> “*Hum **manto** deSeda [ř..] em / bom uzo visto eavaliadope / pellosditz avaliadores naquan / tia de oyto mil Reiz”* (CSOAMR, f.4 v).

ROUPÃO. [1] De roupa que por sua vez se deriva do gótico \**raupa*.<sup>308</sup> Vestido largo, mui fraldado, que se traz sobre outros.<sup>309</sup> “*Hum **Roupaõ** dexita ou ba[ř..] o / dexita eaban(dado) uzado visto / eavaliado pellosditz avaliadores / naquantia de Mil eduzentoz Reiz.”* (CSOAMR, f. 6r).

SAIA. [31] Do latim vulgar \**săgia*, de *sagum* –ī ‘manto’.<sup>310</sup> Vestidura de mulher da cintura para baixo. Alguns lhe chamam túnica e outros, crocota.<sup>311</sup> “*Hua **saiadesapretta**embom uso / Comcolxetesdeouroavaliado / tudo emvintemil reis* (CSOAM, f. 5r)

TIMÃO. [2] Timão por queimão, ou roupão grande aberto por diante, diz-se no Brasil.<sup>312</sup> “*Hum **timaõ** debaeta (li)za aba[n]dado / desetim azul, quefoivistoeava / liadopelozdittos Avaliadoresna / quantiadequatromil, equinhen / tos reiscomquesesahé”* (CSOAMJ, f. 7r).

VÉSTIA. [4] Do latim.<sup>313</sup> Parte dos vestidos que cobre o tronco do corpo, com mangas

<sup>300</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 368.

<sup>301</sup> CUNHA, 1997, p. 385.

<sup>302</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 69.

<sup>303</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 146.

<sup>304</sup> CUNHA, 1997, p. 402.

<sup>305</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 111.

<sup>306</sup> CUNHA, 1997, p. 497.

<sup>307</sup> BLUTEAU, 1712, t. V, p. 303.

<sup>308</sup> CUNHA, 1997, p. 692.

<sup>309</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 359.

<sup>310</sup> CUNHA, 1997, p. 699.

<sup>311</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 517.

<sup>312</sup> SILVA, 1799, t. II, p. 459.

<sup>313</sup> CUNHA, 1997, p. 819.

ou sem elas, traz-se por baixo da casaca<sup>314</sup> “*Hua vestia desedaencarnada Com / Ramos brancos muitovelha a(u)alli / adaemdousmil reis*” (CSOAM, f. 5r).

VESTIDO. [2] Do latim *vestītus* – *ūs*.<sup>315</sup> Hum vestido de mulher consta das peças ordinárias, roupa, saia, etc.<sup>316</sup> “*Hum vestido demolher ComCa / zacadevelludo azul, vestia de / sedaverde com Ramos deouro(,) guar / dape damesma Comalgum uzo ava / lliado tudo emsetentamil reis*” (CSOAM, f. 5r).

## cc) Roupas íntimas

### 1. Masculinas

CAMISA. [24] Do latim *camīsia*<sup>317</sup> Roupa que se traz por baixo de outros vestidos imediatamente sobre a carne.<sup>318</sup> *Quatro camizasdepanodelinho em / bom uzo avaliada toda(z) em dou(z) mil / equatro Cento(z)Reis*” (CPOMPPN, f. 8r).

CEROULAS. [4] Do árabe *sarāwīl*, plural de *sirwāl*.<sup>319</sup> Vestidura interior de pano de linho que a modo dos calções cobrem o corpo da cintura até os joelhos ou mais abaixo.<sup>320</sup> “*Tres Siroullasdepanodelinho avaliado / cadahũa aquatro Centos eSincoenta / Reis emporta digo cadahua acento esinco / entaReis importa quatro centos esin / coentaReis*” (CPOMPPN, f. 8r).

LENÇO. [9] Do latim *lenteum*, por *lintĕum* –*ĕi*.<sup>321</sup> Pano de linho que a gente traz na algibeira para se assoar e limpar o rosto.<sup>322</sup> “*Seis Lençoz depalhinha pintados avalia / dos aquinhentozReis emporta tres mil Reis*” (CPOMPPN, f. 4r).

LIGA. [2] De ligar que por sua vez deriva-se do latim *ligāre*.<sup>323</sup> Fita ou qualquer outra cousa que se atão as meias por cima ou por baixo dos joelhos.<sup>324</sup> “*Peça que rodeia o bocal da perna do calção, e o aperta com fivelas, ou atando, as pontas da liga.*”<sup>325</sup>

<sup>314</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 522.

<sup>315</sup> CUNHA, 1997, p. 819.

<sup>316</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 847.

<sup>317</sup> CUNHA, 1997, p. 144.

<sup>318</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 81.

<sup>319</sup> CUNHA, 1997, p. 174.

<sup>320</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 252

<sup>321</sup> CUNHA, 1997, p. 469.

<sup>322</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 78.

<sup>323</sup> CUNHA, 1997, p. 474.

<sup>324</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 123.

<sup>325</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 23.

“Dozepare(z)*deligasdeRetros estreita(z) / avaliado cadapar aduzentos Reiz / que emportaõ em dous milequatro/ c[e]ntos Reis*” (CPOMPPN, f. 4v).

MEIAS. [31] Do latim *mēdiā*, feminino de *mēdius*. Vem da expressão *meia calça*.<sup>326</sup> Calçado das pernas.<sup>327</sup> “*Humpar demeias deSedadecor / Leguejras dehomẽ queforaõ / (lavrada)digoaavalluadas pelloz / Louvadozpor dois mil reis*” (CPOMCP, f. 105v).

POLAINAS. [1] Do francês *polaine*, inicialmente feminino do antigo francês *polain* ‘polaco’.<sup>328</sup> Meias de pano de linho, encerado, que se abotoão por um lado, e chegam até o peito do pé, calçam-se sobre as meias e por fora do sapato, delas usam os soldados.<sup>329</sup> “*Humpardepolainas deBertanhauzadas / a(v)aliadas naquantia decento esincoentaReis*” (CPOMPPN, f. 8v).

## 2. Femininas

ANÁGUA. [3] Do castelhano *enagua*, derivado do taino de São Domingos.<sup>330</sup> Vestidura de panno de linho, de que usam as mulheres imediatamente sobre a camiza [...].<sup>331</sup> “*Huã enagoauzadadeBertanha / avallia daemdousmil reis*” (CSOAM, f. 5v).

CAMISA. [8] Do latim *camīsia*.<sup>332</sup> Roupa que se traz por baixo de outros vestidos imediatamente sobre a carne.<sup>333</sup> “*Trescamizas deBertanha ComSuas / Rendas ordinarias JaUzadas (u)is / tas eauliadas pellosdittoz / aualiadores Cadahuma amil edo / Zentos Reis Soma tres mil eSe / isSentos Reis ComqueSesay*” (CSOJSA, f. 7r).

ESPARTILHO. [2] Esparto + ILHO, espart (i). Elemento compositivo antepositivo, do grego *sapárton* ou *spártos*, pelo latim *sapartum*.<sup>334</sup> Colete sobre a camisa, rijo, com barbas de baleia para endireitar e afeiçoar o talhe do corpo.<sup>335</sup> Faziam-se com barba de baleia para apertar o corpo.<sup>336</sup> “*Hum espartilho de[rasgado] branco e molas recortadaz deexmal / te cordeRoza ebranco em (v)aõ uzo / visto eavaliado pel[o]zdittoz avali / adores naquantia deSeiz mil Reiz*” (CSOAMR, f. 5r).

<sup>326</sup> CUNHA, 1997, p. 509.

<sup>327</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 378.

<sup>328</sup> CUNHA, 1997, p. 617.

<sup>329</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 212.

<sup>330</sup> CUNHA, 1997, p. 43.

<sup>331</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 359.

<sup>332</sup> CUNHA, 1997, p. 144.

<sup>333</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 81.

<sup>334</sup> CUNHA, 1997, p. 322.

<sup>335</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 756.

<sup>336</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 260.

LENÇO. [5] Do latim *lenteum*, por *lintĕum* –ĕi.<sup>337</sup> Pano de linho que a gente traz na algibeira para se assoar e limpar o rosto.<sup>338</sup> “*l lenço dexita fino*” (CSOHST, f. 19r).

MACAQUINHO. [3] “*Hum macaquinho decabayabanda / dodeSétimRoza, que foi vistoea / valiadopelozdittos Avaliadoresna / quantiadedoismil, equatrocen / tosreiscomquesesahê*” (CSOAMJ, f. 6v).

MEIAS. [9] Do latim *mēdiā*, feminino de *mēdius*. Vem da expressão *meia calça*.<sup>339</sup> Calçado das pernas.<sup>340</sup> “[*ř.*]/*Par demeias deseda demesmacor*” (CSOHST, f. 165ran).

## dd) Partes de roupas, acabamentos e acessórios

### 1. Masculinas.

ALFORJE. [1] Do árabe *al- hurġ*.<sup>341</sup> Espécie de sacola de couro ou de outro material dividida em duas algibeiras em que se coloca alguma provisão necessária para a jornada. Nas bestas, é colocado nas ancas de uma ou de outra parte do arção da sela e, na gente de pé, carrega-se nos ombros com uma parte no peito e outras nas costas.<sup>342</sup> “*Hum pardeAlfor(g)e(z) decou / roudeveado usado(s) visto(z) ea / valiado(z) pello(s)dito(s) avali / adores naquantiademil e / quinhento(z) Reiz*” (CPOCPR, f. 19r)

BABADO. [6] Provavelmente de *babar* e, este, de *baba* que vem do latim *\*baba*.<sup>343</sup> Enfeite ou remate pregueado ou plissado usado em roupas femininas, roupas de cama e mesa, em cortinados, etc.<sup>344</sup> “*DuasCamizas debabados javelhas / vistaseaualliadadas pellozditoz / aualliaadores cadahumanove / Centos reis queambas emportaõ / emaquantiademileoitocen- / tosreis Com que amargemSeSaj*” (CPOARSG, f. 285r).

BAINHA. [3] Do latim *vagī*.<sup>345</sup> Funda, estojo, forro onde se recolhe a espada, faca, tesoura, para a resguardar da umidade.<sup>346</sup> “*Humaespadavelha de / vestir sem bainha ponta /*

<sup>337</sup> CUNHA, 1997, p. 469.

<sup>338</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 78.

<sup>339</sup> CUNHA, 1997, p.509.

<sup>340</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 378.

<sup>341</sup> CUNHA, 1997, p. 30.

<sup>342</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 246.

<sup>343</sup> CUNHA, 1997, p. 90.

<sup>344</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 236. (Embora o dicionarista informe que babado é usado em roupas femininas, no século XVIII, babado era usado, também, em roupas masculinas, como se percebe através dos dados do *corpus*).

<sup>345</sup> CUNHA, 1997, p. 93.

<sup>346</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 252.

*decabello vista eavaliada / pellozditoz avaliadores naqu / antiadeseiz centoz reiz*” (CPOCPR, f. 21r).

BARRA. [1] De origem pré-romana.<sup>347</sup> Tira de tecido ou de outro material que, numa peça de vestuário, serve de acabamento ou de enfeite. A borda inferior de vestimenta. Bainha.<sup>348</sup> “*Sincopares deMejas deBarra de / Seda deRapas devarias Cores que foj / avalliado cadapar aseis Sentoz / Reis que todos emportaõ tres Mil /Reis*” (CPOMCP, f.44r).

BOCAL. [3] Extremidade mais grossa e resistente de metal que guarnece a boca de armamentos como canhão, morteiro, etc.; joia. Extremidade inferior da manga, especialmente em casaco.<sup>349</sup> “*Hum espadim dePrata [†...] / uado ComSeuBocal eponteira damesma / Pratta avalliado emOito Mil Rei(s)*” (CPOMCP, f. 12v).

BOLDRIÉ. [3] Do francês *baudrier*.<sup>350</sup> Tipo de correia que se prende na cintura e tem dependuradas outras correias com anéis nos quais se coloca a espada.<sup>351</sup> “*Hum buldrie deRet(troz) da / moda novo (es)[pe]lhado com / fivella grande demetal epe / quena deestanho emollaz / deferro visto eavaliado / pelloz ditoz avaliadores / naquantidade douz mil / equatrocentoz Reiz*” (CPOCPR, f. 16r).

BOLSA. [1] Do latim *bŭrsa*, derivado do grego *bŭrsa*.<sup>352</sup> Recipiente feito de couro, pano, plástico ou metal, com ou sem alça, no formato de saco, sacola ou maleta etc. Usado para guardar, transportar objetos diversos, cada um dos sacos do alforje.<sup>353</sup> “*Hum pár de Xaires ebolcas do / Iniforme da cavalaria todo es / peguilhado oqual Sendo visto ea / valiado por eles ditos avaliado / res por elles foi avaliado naquan / tia de quatro mil oito Centos Reiz / Com oque SeSae fora*” (CPOCJA, f. 45v).

BORDADO. [2] De *bordar* e, este, de *borda* provavelmente do francês *bord*, derivado do frâncico *\*bord*.<sup>354</sup> Que se bordou; ornado de bordadura. Trabalho sobre tecido (ou outro material) em que se criam ornatos com fios de diferentes tipos, introduzidos por meio de agulha, às vezes com aplicação de outros materiais, como miçangas, lantejoulas, etc.<sup>355</sup> “*Hum vistido depano azulFerrete forra / doMeio Bordado detafeta carmesi / comBotonis deouro crioulo quevisto ea / valliadopellos avalliaadores em de / zoito oitavas deouro que adinheiro saõ / vinte esete Mil Reis*” (CPOMSO, f. 5r).

<sup>347</sup> CUNHA, 1997, p. 100.

<sup>348</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 260.

<sup>349</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 303.

<sup>350</sup> CUNHA, 1997, p. 116.

<sup>351</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 143.

<sup>352</sup> CUNHA, 1997, p. 117.

<sup>353</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 312.

<sup>354</sup> CUNHA, 1997, p. 119.

<sup>355</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 314.

BORDADURA. [1] De *borda* provavelmente do francês *bord*, derivado do frâncico *\*bord*.<sup>356</sup> O lavor que se faz bordando.<sup>357</sup> “*Hum chapeo fino com pluma depena / encarnada com **Bordadura** deprata que / vi[st]oeavaliado em tres oytavas de ouro / em tres oytavas deour[o] que adinheyro / sam coatro mil equinhentos Reis*” (CPOMSO, f. 5v-6r).

BOTÃO. [29] Do francês antigo *boton* hoje *bouton*.<sup>358</sup> Bolsinha de metal ou pauzinho esférico envolto em panos ou em fios o qual serve para juntar uma parte da vestidura na outra.<sup>359</sup> “*Doiz pares debotoins d[e] / camiza pequenino(z) h[um] / brinco pequeno com dou[s] / ojofes ehuma C[rasgado] / dediamantes ehum [rasgado] / esmaltadodeou[ro] [rasgado] / Seo aljofe que t[em] [rasgado] / oytava(z) e(rez) qua[rasgado] / tro vinteins vysto e [avaliados] / pello(s)dito(z) av[a]li[adores] / a(m)ileduzentos [reis a oita] / va emporta e[m][rasgado] / duzento(z) e[rasgado]*” (CPOCPR, f. 2r).

CANA-DA-ÍNDIA. [1] Provável tipo de bengala. “*Humacanada**India** comcastaõ / dec(a/o)quilho vistaeaualliada / Vistaeaualliadapellozditosa / Valliadores emaquantiadeseis / Centos ReisComqueamargemSesay*” (CPOARSG, f. 287r).

CASTÃO. [1] Do antigo francês *caston chaston*, derivado do frâncico ou germano ocidental *\*kastō*.<sup>360</sup> Ornato na parte superior de bengalas, bastões, etc.<sup>361</sup> *HumacanadaIndia comcastaõ / dec(a)quilho vistaeaualliada / Vistaeaualliadapellozditosa / Valliadores emaquantiadeseis / Centos ReisComqueamargemSesay*” (CPOARSG, f. 287r).

CATANA. [2] Do japonês *katana*.<sup>362</sup> Gênero de arma branca, mesmo que alfanje.<sup>363</sup> “*Humacatanavelha Sem / bainha vista eavaliadape / lozditoz avaliadores naquan / tiadeSeiz centoz Reiz digo / no(u)e centoz Reiz*” (CPOCPR, f. 21r).

CINTA. [1] Do latim *cincta*, participio de *cingere*. Qualquer coisa tecida que com sua largura cinge alguma parte do corpo.<sup>364</sup> “*Duas**Sintas** de(c)amanha avaliadas / ambaz em cento esesenta Reiz*” (CPOMPPN, f. 4v).

COLCHETE. [1] Adaptação do francês *crochet*, derivado do frâncico *\*krôk*.<sup>365</sup> Obra de fio de arame, que prende como os alamares; usa-se para tomar as aberturas dos vestidos.<sup>366</sup>

<sup>356</sup> CUNHA, 1997, p. 119.

<sup>357</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 292.

<sup>358</sup> CUNHA, 1997, p. 120.

<sup>359</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 168.

<sup>360</sup> CUNHA, 1997, p. 163.

<sup>361</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 419.

<sup>362</sup> CUNHA 1997, p. 164.

<sup>363</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 242; t. II, p. 195.

<sup>364</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 318.

<sup>365</sup> CUNHA, 1997, p. 194.

<sup>366</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 411.

“*Hum Sertum de panode Linho com / Sinco Colxetes de Pratta ainda embom / Uzo avalliado em quinhentos e sesenta / Reis*” (CPOMCP, f. 11v).

ENTREMEIO. [1] Renda sem bico, entre-fachada em alguma costura. Os entremeyos de uma camisa.<sup>367</sup> “*Tresvarazde Rendade Estremeyo Estrei / ta avaliada atrinta Reis avara em / porta entrezentos enoventa Reis*” (CPOMPPN, f. 5r).

ESPADA. [6] Do latim *spatha* –*ae*, derivado do grego *spáthē*. Arma ofensiva composta de uma folha de ferro, que tem fio e ponta, guarnição, punhos, copo, virotes, guarda-mão, maçã e se traz na cintura.<sup>368</sup> “*Humaespadavelha de / vestir Sem bainha punta / decabello vista eaval(e)ada / pellozditoz avaliadores naqu / antiadeSeiz centoz Reiz*” (CPOCPR, f. 21r).

ESPIGUILHADO. [1] Guarnecido de espiguiilha, ornado com ela.<sup>369</sup> “*Hum pár de Xaires ebolcas do / Iniforme da cavalaria todo es / peguilhado oqual Sendo visto ea / valiado por eles ditos avaliado / res por elles foi avaliado naquan / tia de quatro mil eito Centos Reiz / Com oque SeSae fora*” (CPOCJA, f. 45r).

FIVELA. [5] Do latim vulgar \**fibella*, de *fibûla*, com troca de sufixo.<sup>370</sup> Peça formada por arco (anel), trave (ferrinho que atravessa o arco), fuzilão (ferrinho agudo que prende a correia e serve para apertar), charneira (chapinha que tem por cima o botão).<sup>371</sup> “*Hua fivela depescocinho deprata / Com opezo deSete oitavas aqual / Sendo vista eavaliada por elle(z) / ditos avaliadores por eles foi avali / ado a Cem Reis Cada oitava que / ao todo emportaSete Centos Reiz / Com oqueSeSae fora*” (CPOCJA, f. 4v).

FLOR. [1] Do latim *flōs* –*ōris*.<sup>372</sup> Obra de pintura ou escultura que imita as flores naturais; pode ser de seda ou lençaria, lavrada de agulha, feita de papel, pintada, etc.<sup>373</sup> “*Humflorete deprata comhuma / flor deoiro Comseubuldrié de / Marroquim quetudofojvistoea - / Valliadopellosditosauallidoresdeste / Juizoemaquantiadedezacetemil / eseiscentos ReisComqueSeSay*” (CPOARSG, f. 282v).

FLORETE. [2] Arma branca [...] semelhante à espada, porém mais comprida, de lâmina flexível, seção quadrada ou retangular, sem gume e com a extremidade terminada por um botão revestido com ouro.<sup>374</sup> “*Humflorete deprata comhuma / flor deoiro Comseubuldrié*

<sup>367</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 154.

<sup>368</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 253.

<sup>369</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 761.

<sup>370</sup> CUNHA, 1997, p. 360.

<sup>371</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 134.

<sup>372</sup> CUNHA, 1997, p. 361.

<sup>373</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 39.

<sup>374</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1359.

de / Marroquim quetudofojvistoea - / Valliadopellosditosaualliaadoresdeste / Juizoemaquantiadedezacetemil / eseiscentos ReisComqueSeSay” (CPOARSG, f. 282v).

FORRADO. [13] (forrADO) De forro e esse, por sua vez, do antigo francês *feurre* de origem germânica.<sup>375</sup> Particípio passado de forrar. Forrar: por capa ou cobertura externa que cubra o que fica por baixo do forro. Exemplo: forrar o vestido de seda.<sup>376</sup> “*Hua vestiadepano azul ferrete forrado / desaetacramezim uzada avaliada / em mil equinhentosReis*” (CPOMPPN, f. 8r).

FORRO. [3] Do antigo francês *feurre* de origem germânica.<sup>377</sup> O pano, droga, seda com que se reveste interiormente a peça do vestido.<sup>378</sup> “*Hua vestia deSetimpreto sem mangas / com oforro roto avaliada emtrezentos / Reis*” (CPOMPPN, f. 7r).

GANCHO. [2] Do céltico \**ganskio*.<sup>379</sup> Ponta de ferro curva inserida em haste ou pregada pelo espigão.<sup>380</sup> “*Huma Espada de Montar Com / Seugancho Compunho de Pratta eguar / niçoins inteiriças avalliaada emqua / troMil Reis*” (CPOMCP, f. 13r).

GRAVATA. [1] Do francês *cravate* que provém do alemão dialetal *krawat*, derivado do servo-croata *hrvat*, de origem iraniana.<sup>381</sup> Tira de lençaria, que se dobra, e enrola no pescoço por cima do colar da camisa.<sup>382</sup> “*Humacravata decaça / [vis]ta ea[va]liada pellozdi / toz ava[lia]dores naquan / tia deduze[n]toz vinte eSin / co Reiz*” (CPOCPR, f. 13v).

GUARNIÇÃO. [4] Do antigo português *guarnir*.<sup>383</sup> Copos, punho e cruz de uma espada.<sup>384</sup> “*Dous espadins hum comgoarnicoenz / demetal branco eoutro amarello ava / liados ambos em dousmil equatro Centos / Reis*” (CPOMPPN, f. 7v).

LUVA. [2] Do gótico *lôfa* ‘palma da mão’.<sup>385</sup> Calçado da mão em que se vê a figura dela e dos dedos.<sup>386</sup> “*Sincopares deLuvas deCastor de / home quefoj avalliaadoCadahum / para seis Sentos Reis quetodos em / portaõ em tres Mil Reis*” (CPOMCP, f. 44r).

MANGA. [2] Do latim *manīca*, de *manus* ‘mão’.<sup>387</sup> Parte da vestidura que cobre os braços até as mãos. Manga de gibão, camisa, roupeta, etc.<sup>388</sup> “*Hua vestia deSetimpreto sem mangas / com oforro roto avaliada emtrezentos / Reis*” (CPOMPPN, f. 7v).

<sup>375</sup> CUNHA, 1997, p. 365.

<sup>376</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 50-51.

<sup>377</sup> CUNHA, 1997, p. 365.

<sup>378</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 51.

<sup>379</sup> CUNHA, 1997, p. 377.

<sup>380</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 77.

<sup>381</sup> CUNHA, 1997, p. 394.

<sup>382</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 99.

<sup>383</sup> CUNHA, 1997, p. 399.

<sup>384</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 150.

<sup>385</sup> CUNHA, 1997, p. 484.

<sup>386</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 212.

MANGUITO. [1]. *manguITO*, de *manga*..<sup>389</sup> Meia manga que debaixo da casaca supre a manga da véstia ou regalo em que se põe as mãos para mantê-las quentes.<sup>390</sup> “*Dous paresdemanguitos combabados / avaliados ambos emtrezentosReis.*” (CPOMPPN, f. 8v).

PONTEIRA. [4] Peça de espada. “É o ferro que fica na extremidade da bainha e que tem um botão no cabo para o bico da espada não fazer mal.”<sup>391</sup> “*Hum espadim dePrata [†...] / uado ComSeuBocal eponteira damesma / Pratta avalliado emOito Mil Reiz*” (CPOMCP, f. 12v).

PUNHO. [6] Do latim *pūgnus* –ī. “Cabo da espada.”<sup>392</sup> Noutras palavras, parte da espada onde se segura. “*Humaespada avelha aomodoantigo com / punho dePrataavaliada em duas / oytauasdeouro que adinheyro saõ trez / Mil Reis*” (CPOMSO, f. 4r).

RENDA. [5]. Certo lavor que se faz com linhas e bilros, ou com seda, ou com fios de prata, ouro, etc.<sup>393</sup> “*Tresvarasemeyade Renda vista / eaualliad apellozditosauallia / dorescadahumavara a cento / esincoentareis quetodasemportaõ / aqu(a)n(th)iade quinhentos euinte / esinco reis ComqueSesayfora*” (CPOARSG, f. 287r)

RENDADO. [1] Guarnecido de rendas. Que tem, possui rendas.<sup>394</sup> “*Hum penteador de Bertanha aren / dado ja uzado avalliado emquinhem / tosReis*” (CPOMCP, f. 11v).

TRASSADO. [1] Arma. *Vid.* Terçado.<sup>395</sup> Terçado: Espada larga, & curta, assim chamada por le faltar a terça. Parte da de marca.<sup>396</sup> “*Hum Trassado comgornaissoins de / Lataõ comseubuldrie deAnta / visto tudoeaualliadopelloz / ditosaualliadoresemopressoe / quon(t)hiadedoismil equatro / Centos reis comqueSeSayfora*” (CPOARBS, f. 282v).

## 2. Femininas.

ABANDADO. [5]. Que tem bandas ou listras.<sup>397</sup> “*Huacapadedrugueteescarlate / abandadadeSetim azul, quefoi / vistaeavaliadapelozditos Ava / liadores naquantiadequatorze / mil, e quatrocentozreis comque / sesahé...*” (CSOAMJ, f. 6v).

<sup>387</sup> CUNHA, 1997, p. 495.

<sup>388</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 289.

<sup>389</sup> CUNHA, 1997, p. 495.

<sup>390</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 292.

<sup>391</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 597.

<sup>392</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 828.

<sup>393</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. 7, p. 144-145.

<sup>394</sup> SILVA, 1783, t. II, p. 321.

<sup>395</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 232.

<sup>396</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 107.

<sup>397</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 4.

BABADO. [1]. Provavelmente de *babar* e, este, de *baba* que vem do latim *\*baba*.<sup>398</sup> Enfeite ou remate pregueado ou plissado usado em roupas femininas, roupas de cama e mesa, em cortinados, etc.<sup>399</sup> “*HumaSaya depanoescuro em / meyo Uso comsuacazaquinhade / Demontar tudo(Lizo) Babado de / trosal uista eauliada pellos di / tosauliadores amil des mil Reis / ComqueS[e]Say*” (CSOJSA, f. 6v-7r).

BANDA [1] Do francês *bande* derivado do frâncico *\*binda*, de *bindan* ‘atar’.<sup>400</sup> Lado do tecido “que se cose por dentro nas extremidades de um vestido.”<sup>401</sup> “*Humacapade brilhante Com(bandas) / depelucia vistaeavaliadapelloz / dittosavaliadores emquatromil reis*” (CSOJSCR, f. 5v).

BARRA. [2] Cinta de pano ou seda que se prega no fim da saia junto ao debrum. Há barras de diferentes alturas e há saias que tem três ou quatro.<sup>402</sup> “*Huma Sayã deS[ed]a branca / Com Ramos e[co]m ba[rr]adetafeta / Cor de Roza vista eauliadape / llosd[i]tos aualiadores naquantia / denouesentos Reis*”(CSOJCS, f.4v).

BASTÃO. [2]. Do latim medieval *bastō –ōnis*, de *bastum –i* “bastão”.<sup>403</sup> Peça de páo, cana de Bengala, ou coisa semelhante que se leva na mão para nos apouarmos nelle, e talvez só por insignia, e distintivo militar, segundo os castões.<sup>404</sup> “*Hum bastão detartaruga auall / iadoemmil eduzentos(R)eis*” (CSOAM, f. 5r).

BORDADO. [2] De *borda* provavelmente do francês *bord*, derivado do frâncico *\*bord*.<sup>405</sup> Que se bordou; ornado de bordadura. Trabalho sobre tecido (ou outro material) em que se criam ornatos com fios de diferentes tipos, introduzidos por meio de agulha, às vezes com aplicação de outros materiais, como miçangas, lantejoulas, etc.<sup>406</sup> “*Sette Camizas finas comSeos bordados / Com uzo vistasevaliadaspellosdittos / avaliadores em dozemil eSeiscentoz / reis*” (CSOJSCR, f. 6v).

BORDADURA. [1] De *borda* provavelmente do francês *bord*, derivado do frâncico *\*bord*.<sup>407</sup> O lavor que se faz bordando.<sup>408</sup> “*Humchapeofinouzado comhuma / bordaduradepatatambemuzada / visto eavaliado tudo pellozditto(z) / avaliadores emdois Milequatrocentos*” (CSOJSCR, f. 6r).

398 CUNHA, 1997, p. 90.

399 HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 236.

400 CUNHA, 1997, p. 96.

401 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 29.

402 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 53.

403 CUNHA. 1997, p. 101.

404 SILVA, 1813, t. I, p. 268.

405 CUNHA, 1997, p. 119.

406 HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 314.

407 CUNHA, 1997, p. 119.

408 SILVA, 1789, t. I, p. 292.

BOTÃO. [14] Do francês antigo *boton* hoje *bouton*.<sup>409</sup> Bolsinha de metal ou pauzinho esférico envolto em panos ou em fios o qual serve para juntar uma parte da vestidura na outra.<sup>410</sup> “*Sette pares de Botoes grandes / deouro Laurados comope(s)o dequa / renta ehumaojtauas visto(z) / eauliadospellosdittos a / [v]aliadorescadaojtaua/ Cadaojtaua [a]mil equatrosen / tos Reis Somam Sinco enta esette / mil equatro sentos reis comque / sesay*” (CSOJSA, f. 4r-4v).

CASTÃO. [1] Do antigo francês *caston chaston*, derivado do frâncico ou germano ocidental *\*kastō*.<sup>411</sup> Ornato na parte superior de bengalas, bastões, etc.<sup>412</sup> “*Hum bastam comseucastamdepra / ta avaliadoem mil equinhentos reis*” (CSOAM, f. 5v).

CATANA. [2] Do japonês *katana*.<sup>413</sup> Gênero de arma branca, mesmo que alfanje.<sup>414</sup> “*HuaCatana compunhosdeprata / de(copos) uzados, quefoi vistaeavalia / dapelosdittos Avaliadoresnaquan / tiadedousmil, quinhentosecinc / coentareiscomquesesahi*” (CSOAMJ, f. 7v).

COLCHETE. [1] Adaptação do francês *crochet*, derivado do frâncico *\*krôk*.<sup>415</sup> Obra de fio de arame, que prende como os alamares; usa-se para tomar as aberturas dos vestidos.<sup>416</sup> “*Hua saia desedaprettaembom uzo / comcolxetesdeouroavaliado / tudo emvintemil reis*” (CSOAM, f. 5r).

ESPADA. [1] Do latim *spatha -ae*, derivado do grego *spáthē*. Arma ofensiva composta de uma folha de ferro, que tem fio e ponta, guarnição, punhos, copo, virotes, guarda-mão, maçã e se traz na cintura.<sup>417</sup> “*Huma espada (u)ista eauliadape / Los ditos aualiadores em mil eduzen / tos Reis*” (CSOLMC, f.4r).

FORRADO. [7] (forrADO) De forro e esse, por sua vez, do antigo francês *feurre* de origem germânica.<sup>418</sup> Particípio passado de forrar. Forrar: por capa ou cobertura externa que cubra o que fica por baixo do forro. Exemplo: forrar o vestido de seda.<sup>419</sup> “*Hum colete deBrilhantedeSeda / cordesinza forrado detafeta verde / emBonUzo uisto eauliadopellos / ditos aualiadores emmil eduzen / tos reis comqueSesay*” (CSOJSA, f. 7r).

<sup>409</sup> CUNHA, 1997, p. 120.

<sup>410</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 168.

<sup>411</sup> CUNHA, 1997, p. 163.

<sup>412</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 419.

<sup>413</sup> CUNHA 1997, p. 164.

<sup>414</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 242; t. II, p. 195.

<sup>415</sup> CUNHA, 1997, p. 194.

<sup>416</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 411.

<sup>417</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 253.

<sup>418</sup> CUNHA, 1997, p. 365.

<sup>419</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 50-51.

FRANJA. [1] Do francês *frange* e, este, do latim *\*frimbia*, de *fimbria*.<sup>420</sup> Cadilhos de linha, seda ou fio de ouro ou prata para guarnecer.<sup>421</sup> “*huma pessa debretanha defranja*” (CSOHST, f. 17ran).

GALÃO. [1] Do francês *galon*, de verbal de *galonner*.<sup>422</sup> Espécie de fita estreita e basta com que de ordinário se garante a extremidade de um vestido.<sup>423</sup> “*Hum galaõ deouro ja u(s)ado / [t]emope(s)o [d]e dez oytava(z) emeya / visto eavaliado pellosditos avali / adores naquantia de mil eoyto / [cen]toz Reiz*” (CSOAMR, f. 3r).

GOLA. [1] Do latim *gūla*.<sup>424</sup> Parte da roupa que cinge o pescoço ou está junto dele.<sup>425</sup> “*quatro para go(II)as Camizas*” (CSOHST, f. 17ran).

GUARDA-PEÇA. [1] “*HumaSaya deLemiste preto em / BonUso consua guardapecca deBaeta / vistae aualiada pellos dittosa / ualiadores emdoze mil Reis com / queSesay*” (CSOJSA, f. 6v).

GUARNECIDO. [1] De *guarnecer* e, este, do latim lusitano *garnescere* e, este, do incoativo do latim medieval *guarnīre*, do germano *\*warnjan*, que deu no antigo participio *guarnir*.<sup>426</sup> Adereçado, ornado.<sup>427</sup> “*HumLaço, ebrincos detopazios guarnecido / comDiamantesquefoi vistoeavalia / dopelosditos Avaliadoresnaquantia / detrintaeseismil reiscomquesesahi*” (CSOHST, f. 4r).

GUARNIÇÃO. [1] Do antigo português *guarnir*.<sup>428</sup> Aparelho de ornar, como fitas, galões, rendas, bandas, que se ajuntam aos vestidos. Pedraria de adornar-se a mulher.<sup>429</sup> “*Humacapinha deueludo verde / forada detafetauermelho com / sua guarnessaõ deRenda deouro Uza / da uista eavaliada pellosditos / aualiadores emdois mil Reis Com / queSesay*” (CSOJSA, f. 6v).

LEQUE. [2] Adaptação do chinês *Lieu Khieu* ‘ilhas léquias’.<sup>430</sup> Pequeno abano ou “abanico”.<sup>431</sup> “*Doiz lequez velhos equebradoz sem valor*” (CSOAMR, f. 6r).

LUVA. [3] Do gótico *lōfa* ‘palma da mão’.<sup>432</sup> Calçado da mão em que se vê a figura dela e dos dedos.<sup>433</sup> Peça do vestuário para as mãos. “*Hum pardeLuvass dealgudaõ / Crivadas*

420 CUNHA, 1997, p. 367.

421 SILVA, 1789, t. II, p. 56.

422 CUNHA, 1997, p. 375.

423 BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 11.

424 CUNHA, 1997, p. 389.

425 HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 976.

426 CUNHA, 1997, p. 402.

427 BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 150.

428 CUNHA, 1997, p. 399.

429 SILVA, 1789, t. II, p. 106.

430 CUNHA, 1997, p. 470.

431 BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 84.

[vistas] aualiadaz / pellosditos au[a]liadores naquan / tiade Sento es[in]coenta Reiz” (CSOJCS, f. 4v).

PUNHO. [1] Do latim *pūgnus* –ī.<sup>434</sup> “Cabo da espada.”<sup>435</sup> Noutras palavras, parte da espada onde se segura. “*HuaCatana compunhosdeprata / de(copos) uzados, quefoi vistaeavalialia / dapelosdittos Avaliadoresnaquan / tiadedousmil, quinhentosecinc / coentareiscomquesahi*” (CSOAMJ, f. 7v).

RENDA. [9] Certo lavor que se faz com linhas e bilros, ou com seda, ou com fios de prata, ouro, etc.<sup>436</sup> “*Humacaste lhana depanoazul / ComSuaRend a velha vistaeavalialia / dapellozditto<s>avaliadores emqua / t[i]adeMiledu(s)enttosrei(z)*” (CSOJSCR, f. 5v).

RENDADO. [1] Guarnecido de rendas. Que tem, possui rendas.<sup>437</sup> “*Humadita deBertanha [renda]da / da vista eavaliada pellos d[í]tosa]ua / liadores naquantia deSeis S[entos] reis*” (CSOJCS, f. 4v).

## ee) **Penteados**

### 1. Masculinos.

BARRETE. [5] Do francês *barrette*, derivado do italiano *barretta*.<sup>438</sup> Cobertura da cabeça, antiga, usada ainda polos tempos d’el-Rei D. João III e pouco depois. Hoje trazem-nos os Clérigos, com alguma diferença; também o trazião as mulheres – como toucado. Hoje usão os homens de mar e os de terça barretes que são espécies de fundas de cobrir a cabeça; quando estão em casa, e são de lá em ponto de meia tecida em pano ou linho.<sup>439</sup> “*Sinco Barretes dePizaõ incarnadoz / eSingelloz avalliadoz emtres Mil / Rreis.*” (CPOMCP, f. 14r).

BARRETINA. [1]. Dim. de Barreta, ou Barrete.<sup>440</sup> “*Hua barretina doUniforme / aqual Sendo vista eavaliada por / eles ditos avaliadores poreles foi / aualiada naquantia detrezentos / e quarenta Reis Com (o)queSeSae.*” (CPOCJA, f. 46v).

<sup>432</sup> CUNHA, 1997, p.484.

<sup>433</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 212.

<sup>434</sup> CUNHA, 1997, p. 648.

<sup>435</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 828.

<sup>436</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 144-145.

<sup>437</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 321.

<sup>438</sup> CUNHA, 1997, p. 100.

<sup>439</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 267.

<sup>440</sup> SILVA, 1783, t. I, p. 2671.

CABELEIRA. [2] Cabelo + EIRA, cabelo: do latim *capillum*.<sup>441</sup> Cabelo postiço. É um barretinho a modo de rede com cabelos unidos e atados com tal artifício que cobrem e ornem a cabeça como cabelos naturais.<sup>442</sup> “*Duas Cabeleiras do uzo as quaes / Sendo vistas eavaliadas por ellez di / tos aualiadores por eles forao ambas / aualiadas naquantia demileduzen / tos Reis comoqueSeSaefora*” (CPOCJA, f. 43v).

CHAPÉU. [16] Do antigo francês *chapel* hoje *chapeau*, derivado do latim popular \**cappellus*, diminutivo de *cappa*.<sup>443</sup> Cobertura da cabeça, com abas.<sup>444</sup> “*Quatro chapeosdoPorto avaliadoca / dahum emtrezentoz Reis queem / portaõ todoz mil eduzentosReis*” (CPOMPPN, f. 6r).

CHAPÉU DE SOL. [3] Parece, que antes do descobrimento da India, os Portuguezes ignoravaõ o que era chapeo de Sól; porque nem este nome lhe dá Joaõ de Barros, mas com outras periphrasis lhe chama, *Pallio de huma só maõ*, & no mesmo capitulo mais abaixo *Sombreiro de pé*. Na Decada 3, fol. 260. col. 2. diz Joaõ de Barros, que o uso dos chapeos de sól passou da China à India, & juntamente descreve este ariticioso defensivo do calor do Sól com tanta miudez, que parece, que està dando conta de alguma singular novidade. Dos exemplos Latinos, que se seguem constará, que no tempo de Juvenal, & de Marcial havia hapeos de Sól em Roma, & he provavel, que muito antes, que estes Poetas escressem usassem os Romanos de chapeos de sól, da feiçaõ d'aquelles da China, os de outro [.....] mais peregrino Chapeo de Sól.<sup>445</sup> “*HumchapeodeSol detafeta cramezim / uzado avaliado emdous mil Reis*” (CPOMPPN, f. 10r).

PLUMA. [1] Do latim *plūma* –*ae*.<sup>446</sup> Pena de ema com que de ordinário se orna o chapéu.<sup>447</sup> “*Hum chapeo fino com pluma depena / encarnada com Bordadura deprata que / (v)istoeavaliado em tres oitava de ouro / em tres oitava deour[o] que adinheiro / saõ coatro mil equinhentos Reis*” (CPOMSO, f. 5v-6r).

## 2. Femininos

<sup>441</sup> CUNHA, 1997, p. 131.

<sup>442</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 12

<sup>443</sup> CUNHA, 1997, p. 176.

<sup>444</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 274.

<sup>445</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 275-276.

<sup>446</sup> SILVA, 1997, p. 614.

<sup>447</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 552.

CABELEIRA. [1] Cabelo + EIRA, cabelo: do latim *capillum*.<sup>448</sup> Cabelo postiço. É um barretinho a modo de rede com cabelos unidos e atados com tal artifício que cobrem e ornem a cabeça como cabelos naturais.<sup>449</sup> “*p[ente]s grosso, finno ede Cabelleira*” (CSOHST, f. 17arn)

CHAPÉU. [4] Do antigo francês *chapel* hoje *chapeau*, derivado do latim popular \**cappellus*, diminutivo de *cappa*.<sup>450</sup> Cobertura da cabeça, com abas.<sup>451</sup> “*hum chapeo finno deCopa alta pelludo*” (CSOHST, f. 17ran).

COIFA. [2] Do latim tardio *cofia*, de origem germânica.<sup>452</sup> Cobertura de cabeça em forma de rede dentro da qual as mulheres recolhem os cabelos.<sup>453</sup> “*HuacoifadesetimRosa,quefoi / vistaevaliadapelozdittosAva / liadoresnaquantiaadenovecen / tozreiscomquesesahe...*” (CSOAMJ, f. 6v).

FITA. [1] Provavelmente do latim *vitta*.<sup>454</sup> Tecido longo, estreito de lã ou seda para atar, guarnecer, etc.<sup>455</sup> “*6 varas defitta Cór deRoza para oCabello*” (CSOHST, f. 165ran).

PENTE. [2] Do latim *pecten -inis*.<sup>456</sup> Bocado de bucho, marfim ou outra matéria dividido em dentes delgados e compridinhos com o que se desembrulhão os cabelos.<sup>457</sup> “*p[ente]s grosso, finno, ede Cabelleira*” (CSOHST, f. 17ran).

PLUMA. [2] Do latim *plūma -ae*.<sup>458</sup> Pena de ema com que de ordinário se orna o chapéu.<sup>459</sup> “*Huma plu(ma) preta R(uim)sem / nada*” (CSOAMR, f. 6r).

## ff) Calçados

### 1. Masculinos

---

448 CUNHA, 1997, p. 131.  
 449 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 12  
 450 CUNHA, 1997, p. 164.  
 451 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 274.  
 452 CUNHA, 1997, p. 193.  
 453 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 363.  
 454 CUNHA, 1997, p. 360.  
 455 SILVA, 1789, t. II, p. 37.  
 456 CUNHA, 1997, p. 594.  
 457 BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 403.  
 458 CUNHA, 1997, p.614.  
 459 BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 552.

BOTA. [2] Do francês *botte* de origem incerta.<sup>460</sup> Calçado de couro que cobre toda a perna até o joelho ou por cima dele.<sup>461</sup> “*Hum par de Bottas de Canhaõ ede / Beserro ainda em Bom uzo avalliadadas em / Oito Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 15r).

BOTIM. [1] Do francês *bottine*, de *botte*.<sup>462</sup> Bota de cano mole que chega até o meio da perna.<sup>463</sup> “*Hum par de Botins de Beserro Sem Canhaõ / embom uzo aualliadadas em Seis Sentoz Reis*” (CPOMCP, f. 15r).

CANHÃO. [2] É a parte mais larga da bota, que toma da curva da perna até acima.<sup>464</sup> “*Hum par de Bottas de Canhaõ ede / Beserro ainda em Bom uzo avalliadadas em / Oito Sentos Reis*” (CPOMCP, f.15r).

CHINELOS. [3] Do dialeto genovês *cianèlla* (italiano *pianèlla*), derivado do latim médio *planella*, de *planus* ‘plano, chato’.<sup>465</sup> Calçado, que não tem quartos, que cubraõ o calcanhar, como sapato: usamos delle em casa.<sup>466</sup> “*Por 1 par de(xinelas)*” (CSOLMC, f. 73v).

ESPORA. [3] Do gótico *\*spaura*.<sup>467</sup> Instrumento de metal, que se embebe no calcanhar da bota; serve de picar o cavalo.<sup>468</sup> “*H[um] par de esporas deprata / com Sua[s] fivellas [ʔ..]t(a) / [rasgado] c(o)mp(ez) quetudo / [p]esa [rasgado] eoyto oytavas / [[v]isto e[avali]ado pelllozdi / tosa[v]ali[adore]z acem Reiz / aoytava [rasgado] tudo emporta / em doiz m[il]eoytocentos / Reiz*” (CPOCPR, f. 4r).

FIVELA. [6] Do latim vulgar *\*fibella*, de *fibûla*, com troca de sufixo.<sup>469</sup> Peça formada por arco (anel), trave (ferrinho que atravessa o arco), fuzilão (ferrinho agudo que prende a correia e serve para apertar), charneira (chapinha que tem por cima o botão).<sup>470</sup> “*Hum par de fiuellas deprata de Sa / patos que tem desepo desoitauas e / Meja avalliaada Cada oitua a / Sem Reis emporta adinheiro Mil e / Sincoenta Reis*” (CPOCMP, f. 9r).

SAPATO. [12] De origem duvidosa, talvez do turco *çabata*.<sup>471</sup> Calçado de couro que consta de rosto, pala, orelhas, talão, solas e salto com que guardamos o pé.<sup>472</sup> “*Por hũ par de capatos*” (CPOCPR, f.377r).

<sup>460</sup> CUNHA, 1997, p.120.

<sup>461</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 167.

<sup>462</sup> CUNHA, 1997, p. 120.

<sup>463</sup> HOUAISS; VILLAR, 200, p. 318.

<sup>464</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 103.

<sup>465</sup> CUNHA, 1997, p. 179.

<sup>466</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 292.

<sup>467</sup> CUNHA, 1997, p. 325.

<sup>468</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 764.

<sup>469</sup> CUNHA, 1997, p. 360.

<sup>470</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 134.

<sup>471</sup> CUNHA, 1997, p. 704.

<sup>472</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 490.

SOLA. [12] Do latim tardio *sola* (clássico *sōlēa*).<sup>473</sup> O couro inteiriço do qual se cortam solas para sapatos.<sup>474</sup> “*Por hũ par de colas*” (CPOCPR, f. 377r).

TACÃO. [2] Do italiano *taccóne*.<sup>475</sup> Bocado de sola. Remendo que se bota no sapato.<sup>476</sup> “*Por hũ par de (colas) etacoins*” (CPOCPR, f. 377r).

## 2. Femininos

CHARNEIRA. [1] He uma das partes, de que se cõpoem a fivélla.<sup>477</sup> “*Hum pardefivellaz deprata com / x ar neyras deferro que pezaõ fora / az x arneyraz quebradaz vistas e / av[a]liadaz a cem reiz aoytava em / po[r]ta e[m] d[o]iz mil reiz*” (CSOAMR, f. 6v).

CHINELOS. [2] Do dialeto genovês *cianèlla* (italiano *pianèlla*), derivado do latim médio *planella*, de *planus* ‘plano, chato’.<sup>478</sup> Calçado, que não tem quartos, que cubraõ o calcanhar, como sapato: usamos delle em casa.<sup>479</sup> “*Recebi do Senhor Joaquim Lima aquantia dedoze vinteins de ouro por [†..] hum par de xinell(a)s dehuã orfa por nome Bernarda [...]*” (CSOHST, f. 9rr).

ESPORA. [1] Do gótico *\*spaura*.<sup>480</sup> Instrumento de metal, que se embebe no calcanhar da bota; serve de picar o cavalo.<sup>481</sup> “*Hum pár de esporas deprata novascom / opezodequarenta duasoitavaz, que / foraõvistaseavaliadazpelosditos / Avaliadoresacem Reis cadaoitava / acemmil, eduzentosdefeitio em / portatudonaquantiadecincomil / equatrocentos reiscomquesesahi*” (CSOMJ, f. 5r).

FIVELA. [1] Do latim vulgar *\*fibella*, de *fibūla*, com troca de sufixo.<sup>482</sup> Peça formada por arco (anel), trave (ferrinho que atravessa o arco), fuzilão (ferrinho agudo que prende a correia e serve para apertar), charneira (chapinha que tem por cima o botão).<sup>483</sup> “*Dois pares de fuelas depratadeça / patos comopezodeoitentaeoitooi / tavas, queforaõvistaseavaliadas / pelosditos Avaliadorescadaoita / vaacemreis importamaquantia / deoito mil eito centos reis com / quesesahi*” (CSOAMJ, f. 5r).

<sup>473</sup> CUNHA, 1997, p. 732.

<sup>474</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 697.

<sup>475</sup> CUNHA, 1997, p. 750.

<sup>476</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 13.

<sup>477</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 278.

<sup>478</sup> CUNHA, 1997, p. 179.

<sup>479</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 292.

<sup>480</sup> CUNHA, 1997, p. 325.

<sup>481</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 764.

<sup>482</sup> CUNHA, 1997, p. 360.

<sup>483</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV p. 134.

SALTO. [1] Do latim *saltus* –ūs.<sup>484</sup> A parte posterior do sapato, que o levanta do chão.<sup>485</sup> “*Por VinteehumparezdeSaltodem / ulher quefor am vistoz eualu / ados pelos ditoz aualuadores aSe / centa reis que emportaMiledu / zentoseSecenta reis*” (CPOFPG, f. 25r).

SAPATO. [4] De origem duvidosa, talvez do turco *čabata*.<sup>486</sup> Calçado de couro que consta de rosto, pala, orelhas, talão, solas e salto com que guardamos o pé.<sup>487</sup> “*HumpardeSapatozdeveludo encarna / do vistos eualiadospellozdittoz / avaliadores emtrezentos Reis*” (CSOJSCR, f. 6v).

SOLA. [1] Do latim tardio *sola* (clássico *sōlēa*).<sup>488</sup> O couro inteiriço do qual se cortam solas para sapatos.<sup>489</sup> “*Por 1 par de Solaz ditas*” (CSOLMC, f. 74v).

## gg) Adereços: jóias e bijuterias

### 1. Masculinos

ANEL. [4] Do latim *ānnelus* –i. Pequena tira circular que cinge os dedos.<sup>490</sup> “*HumaCrus de Ouro dechapa Hum aNel / deLaço tudo pesa Seis Oitauas ehumquarto e / oitenta Reis empenhados em quatro oitauas / etrez quartoz queSam empenhados por Ignacio Alues Barbalho que adinheiro emportaõ / Sete Mil Sento evinte e sinco Reis.*” (CPOMCP, f. 7r).

ARGOLA. [1] Do árabe *al-gūlla*.<sup>491</sup> Espécie de anel ou de círculo pequeno de ferro ou de outra matéria.<sup>492</sup> “*Huas algoras deourodeCanotilho que / pezarão quin(s)eoitauas avaluadas / em De(s)oito oitauas*” (CSOACD, f. 3r).

BRINCO. [15] Do latim *vincŭlum* ‘laço’, através das formas \**vinclu*, \**vincru*, \**vincro*.<sup>493</sup> Jóia como rosa ou broche.<sup>494</sup> “*Hum par debrincos de ouro novos / Com opezo dehua oitava os quaes Sen / do Vistos eavaliados pelos Sobredito(z) / avaliadores por eles foraõ avaliadoz / em mil oito Centos reis com queSe / Sae fora*” (CPOCJA, f. 3v).

484 CUNHA, 1997, p. 701.

485 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 455.

486 CUNHA, 1997, p. 704.

487 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 490.

488 CUNHA, 1997, p. 732.

489 BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 697.

490 BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 371.

491 CUNHA, 1997, p. 66.

492 BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 491.

493 CUNHA, 1997, p. 124.

494 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 193.

CANUTILHO. [1]. Do castelhano *canutillo*.<sup>495</sup> Fio de prata singela ou dourada, em forma de caracol, tão estreito que basta um alfinete para lhe encher o vão.<sup>496</sup> “*Huas algoras deourodeCanotilho que / pezarão quin(s)eoitauas avaluadas / em De(s)oitauas*” (CSOACD, f. 3r).

CHAPA. [1] De uma base \**klappa*, de origem desconhecida.<sup>497</sup> Peça de qualquer metal chato e não muito grosso, nem muito largo.<sup>498</sup> “*Humas chapinhas deprata depescosso que / vistas eavaliadas pellos ditos avallidores / em meya oytava deouroque adinheiro saõ / Setecentos esincoenta Reis*” (CPOMSO, f. 3r).

CONTA. [1] Pequena peça furada no centro por onde passa barbante, arame, etc. para formar colares, rosários, bordados, etc.<sup>499</sup> Contas de rezar, enfiadas em cordão ou arame são balaszinhas para marcar o número das ave-marias ou padre-nossos.<sup>500</sup> “*Quinzezfios <<contaz>>depra / ta novos os quaes Sendo vista eava / Liados por elles ditos avaliadores / por elles foi avaliado Cada par / a duzentos euinte eCinco Reis cada / fio que ao todo emporta mil trezen / tos eCincoenta Com oqueSeSae / fora*” (CPOCJA, f. 4r)

CORDÃO. [9] Do francês *cordón*.<sup>501</sup> Corda pequena e delgada principalmente se for de seda, algodão, ouro, etc.<sup>502</sup> “*Humcordam fino deouro que temdepe(z)o / noue oytavas emeya queaRezaõ demil e / Coatro centos Reis a oytava importa tre / zemil etre(s)entos Reiz*” (CPOMSO, f. 3r).

CRUZ. [4] Do latim *crux crūcis*.<sup>503</sup> É uma jóia muito usada, que se traz no peito.<sup>504</sup> Tem a forma do antigo instrumento de suplício de mesmo nome que se constituía de dois madeiros, um atravessado no outro no qual se amarravam ou pregavam os condenados à morte.<sup>505</sup> “*Huma crus de Diamantes com doze la(z) / cas zinhas que tem depezo tres oytavaz / emeya avallida pellos avallidores / em oyto oytavas deouro que adinheyro / emporta em dozemil Reis*” (CPOMSO, f. 3r).

ESPÍRITO SANTO. [1] “*Humcordaõ dedes palmos comhum / espirito Santo quepezou quinze / oitauasehumquarto avalua / doemdezaceteoitauas*” (CSOACD, f. 3r).

495 CUNHA, 1997, p. 149.

496 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 108.

497 CUNHA, 1997, p. 176.

498 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 273.

499 HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 533.

500 SILVA, 1789, t. I, p. 317.

501 CUNHA, 1997, p. 216.

502 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 546.

503 CUNHA, 1997, p. 231.

504 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 621.

505 CUNHA, 1997, p. 231.

FIGA. [3] Do francês *figue*, derivado do latim vulgar *\*fica*.<sup>506</sup> Figura que se faz fechando a mão e metendo o polegar entre o mostrador ou index e o dedo grande. A mesma figura feita de corno, azeviche, ouro, prata, etc.<sup>507</sup> “*HumBrinco exmaltado deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo exmal / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafiga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quetudo / tem depeso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalues Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amel edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis*” (CPOMCP, f.7 r).

FILIGRANA. [4] Do italiano *filigrana*.<sup>508</sup> Obra delgada, de fios torcidos de prata ou ouro.<sup>509</sup> “*Humacrus comhumas ped[ras] / verdes defilograna quep[ezam] / quatro oitauas emeia Vist(a) e / ualiada pelosditos validado / res amel equatrocentos Reis / aoutaua Soma Seis mile[tr] / esentos Reis*” (CPOFPG, f. 3v).

FIO [1]. Do latim *filum* –i.<sup>510</sup> Fio de contas “ou pérolas”: as pérolas enfiadas. Porção de metal dúctil adelgado pela fieira.<sup>511</sup> “*Quinzezfios <<contaz>>depra / ta novos os quaes Sendo vista eaua / Liados por elles ditos avaliadorez / por elles foi avaliado Cada par / a duzentos euinte eCinco Reis cada / fio que ao todo emporta mil trezen / tos eCincoenta Com oqueSeSae / fora*” (CPOCJA, f. 4r)

LAÇO. [5] Do latim vulgar *\*lacĕus*, por *laquĕus*.<sup>512</sup> Fita, corda, correia, etc. com nó corrido.<sup>513</sup> “*Hum Lacinho deouro com duaz / lasquinhaz quepeza trez quar / to(z) equatro vinte(z) empenha / [do]pello Bento pellaquantia / de Sinco oytavas emeya equa / tro vinte(n)s visto eavaliado / pellozditoz avaliadores naquan / tiade doiz mil equatro cen / toz Reiz*” (CPOCPR, f. 4v).

MEIA-LUA. [1] Jóia feita ao “modo de meya Lua.”<sup>514</sup> “*HumBrinco exmaltado deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo exmal / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafiga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quetudo / tem depeso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalues Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amel*

<sup>506</sup> CUNHA, 1997, p. 156.

<sup>507</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 31.

<sup>508</sup> CUNHA, 1997, p. 357.

<sup>509</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 122.

<sup>510</sup> CUNHA, 1997, p. 359.

<sup>511</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 35.

<sup>512</sup> CUNHA, 1997, p. 462.

<sup>513</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 13.

<sup>514</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 194.

*edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis*” (CPOMCP, f. 7r).

MEMÓRIA. [2] Do latim *mēmōria*, de *memor* –*ōris* ‘que se lembra’, relacionado com *meminisse*.<sup>515</sup> Anel sem pedra, ou com pedra, que não sai para fora, ou com diamantes pequeninos ao redor. O anel, que não tem pedra, chama-se Memória Lisa. Memória também é uma cadeia de anéis, que se traz no dedo, e às vezes serve para lembrar alguma coisa [...].<sup>516</sup> “*Quatromemorias quepezaraõ trezeoit / uas avaloadas emdezaceisoitauas*” (CSOACD, f. 3r).

MEMÓRIA DE BRAÇADEIRA [1] Provável de tipo de memória.<sup>517</sup> “*Hum Cordaõ deOurogroço etrese pares / de Botoins de Varias (Castas) ehuma Memo / ria de Bracadeira de fillo grana penhores / deSimaõ Machado empenhados pello / pe(z)o que emporta adinheiro sincoenta e / quatro Mil Reis* (CPOMCP, f. 6v).

PENDENTE. [4] Vulgo pingente.<sup>518</sup> “*HumBrinco exmaltado deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo exmal / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafíga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quietudo / tem depeso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalues Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amil edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis*” (CPOMCP, f. 7r).

RECILQUE. [1] Provavelmente algum tipo de jóia. “*Hum(Recilque) com suas p(edras) / dediamantes deSinco qu(ila) / tes quepeza tres oitauas / que foj uisto eaualiado(pelos) / ditos aualiadores emdoz(e) (mil) /reis*” (CPOFPPN, f. 3v).

RELÓGIO. [3] Do latim *hōrologĭum-ī*, derivado do grego *hōrológion*.<sup>519</sup> Máquina ou instrumento que aponta e distingue as horas.<sup>520</sup> “*Hum Relogio depexibeque / eesmalte queSeacha em / penhado pella quantia / deSeix oytava(z) visto ea / valiado pellosdito(z) avali / adores pella mesma quan / tia queSaõ Seiz mil reiz*” (CPOCPR, f. 8r).

RELÓGIO DE ALGIBEIRA. [2] Relógio portátil, que se traz na algibeira.<sup>521</sup> “*Hum Rellogiodaogibeira ava / lliado emoytavas [ř....]s deouro*” (CSOJSS, f. 5v).

SANTO CRISTO. [2] Mesmo que crucifixo.<sup>522</sup> “*Huma Senhora daConseicaõ HumSan / toCristo comSeuCordam ehum Cordaõ Com / o ditto Senhor HumaCrus defillo*

<sup>515</sup> CUNHA, 1997, p. 512.

<sup>516</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 416.

<sup>517</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 490.

<sup>518</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 425.

<sup>519</sup> CUNHA, 1997, p. 674.

<sup>520</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 224.

<sup>521</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 226.

<sup>522</sup> Foi possível chegar a essa definição através de um dos inventários, embora ele não faça parte do *corpus*. Primeiro o escrivão descreve “Item uma imagem de santo cristo de latão velho [...]” e logo em seguida

*grana / quietudo peza vinte oitauas penhores de / Jozeph Ribeiro Da Costa por de(s)anoue oita[v]as / deOuro que lhe [rasgado] o[d]efunto que adinheiro / emporta Vinte [rasgado]go Vinte eOito Mil / equinhentos [rasgado] Reis” (CPOMCP, f. 6v).*

SÃO BRÁS. [1] Provavelmente pingente com a forma desse santo. “*HumaSenhora daConseição Hum / par deBotois grandes humSam Brase / huma Memoria Oito pa[l]moz de Cordaõ / groço que tudo tem depezo Sincoenta oitauas / penhores doCoronel Faustino Pereira daSil / ua para pagamento doquedeue aodefunto / que aSim di(z) oPapel emque estauaõ / eLido Ouallor amil edusentoz Reis aOitaua / que adinheiro emporta emSeSenta Mil / Reis” (CPOMCP, f. 6v).*

SENHORA DA CONCEIÇÃO. [2] Provavelmente pingente em forma dessa santa. “*HumaSenhora daConseição Hum / par deBotois grandes humSam Brase / huma Memoria Oito pa[l]moz de Cordaõ / groço que tudo tem depezo Sincoenta oitauas / penhores doCoronel Faustino Pereira daSil / ua para pagamento doquedeue aodefunto / que aSim di(z) oPapel emque estauaõ / eLido Ouallor amil edusentoz Reis aOitaua / que adinheiro emporta emSeSenta Mil / Reis” (CPOMCP, f. 6v).*

VOLTA. [3] Derivado de voltar, que por sua vez deriva do latim *\*voltāre* (*\*volvitāre*), iterativo de *vōlvĕre*.<sup>523</sup> É uma volta do cordão, ou corda, que cinge o corpo por inteiro uma vez.<sup>524</sup> “*Huma volta decordaõ de / ouro quepeza huma oyta / va edoze vinteis visto ea / valiadopellozditoz avalia / dores amil eduzentos Reis / aoytava importa em mil / eSeiz centoz eSincoenta / Reiz” (CPOCPR, f. 4r).*

## 2. Femininos

ADEREÇO. [2] De adereçar e este do latim *\*ad-dīrēctiāre*, de *dīrēc-tus*, participio de *dīrīgĕre*.<sup>525</sup> Adorno, compostura, ornato.<sup>526</sup> “*Hum adreço grande emouro compe / drazdetopazio encarnadosnovos, / quefoivisto, eavaliadopelozditos / Avaliadoresnaquantiadetrinta / mil Reis Comquesesah” (CSOAMJ, f. 3v).*

---

ele descreve mais um item: “Item mais outro Crucefição de Lataõ pequeno [...]” (CPOFVS, f. 171v-172r). Pela ordenação e pelo pronome outro foi possível chegar a essa definição.

<sup>523</sup> CUNHA, 1997, p. 827.

<sup>524</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 534.

<sup>525</sup> CUNHA, 1997, p. 14.

<sup>526</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 123.

ANEL. [4]. Do latim *ānnelus* –i.<sup>527</sup> Pequena tira circular que cinge os dedos.<sup>528</sup> “*HumAnelcomtopazio vermelho, que / foi visto, eavaliadopelo(z)ditos Avalia / doresnaquantia deSeismil reiscomque / sesahe*” (CSOHST, f. 4r).

ARGOLA. [2] Do árabe *al-ġulla*.<sup>529</sup> Espécie de anel ou de círculo pequeno de ferro ou de outra matéria.<sup>530</sup> “*HumCordaõdeouro, hunsbotoins / domesmo, hum parde brincos, edous / pares deargollas tudodeouro que / temdepezesentaecoatrooyta / vas deouro avalliaada aoytaua / amil ecoatrocentos Reis impor / ta oytentaenouemil eseis cen / tos Reis*” (CSOAMR, f. 4v).

BRINCO. [8] Do latim *vincūlum* ‘laço’, através das formas \**vinclu*, \**vincru*, \**vincro*.<sup>531</sup> Jóia como rosa ou broche.<sup>532</sup> “*Humpar deBrincos de(aljofes) pe / quenos Comope(z)odeduas ojtauas / e(Corenta) (tustois)uistoseaualia / dos pellosditos aualiaadorescada / ojtava amil equatro sentos Reis / Soma tres mil quatro sentos edoze / ReisComquesa(y)*” (CSOJSA, f. 6r)

CANUTILHO. [1]. Do castelhano *canutillo*.<sup>533</sup> Fio de prata singela ou dourada, em forma de caracol, tão estreito que basta um alfinete para lhe encher o vão.<sup>534</sup> “*HumaArgolla deOuro deCanotilho Com / Sua pinha Huma Imagem de Nossa Senhora da / Comseição Hum par deBotois debico eoutropar / de Botoins debico huma Memoria defillogra / na que tudotem depe(s)o tre(z)e oitauas eMeja / penhores deJozefa de Men[e](z)eSenaõ sabe / opor quanto estaõ empenhados e Selhe daoua / llor de Mil edu(z)entos Reis aOitava que a / dinheiro emporta de(z)aseis Mil edu(z)entoz / Reis*” (CPOMCP, f. 7r)

CONTA. [9] Pequena peça furada no centro por onde passa barbante, arame, etc. para formar colares, rosários, bordados, etc.<sup>535</sup> “*Quatro contas deourofinas compe / zo desinco enta etres ojtauas uis / taseaualiadadas pelosditos / Pellos dittos aualiaadorescadaoj / taua amil equatro sentos Sona / Setenta equatro mil edozentos Reis / ComqueSeSay*” (CSOJCA, f. 5r-6r).

CORAÇÃO. [2] Do latim *cor*.<sup>536</sup> Figura de coração imitada,<sup>537</sup> nesse caso específico, jóia em forma de coração. “*Humcoração (demo)ça emcost(e)ado / emouro, que foi visto,*

<sup>527</sup> CUNHA, 1997, p. 46.

<sup>528</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 371.

<sup>529</sup> CUNHA, 1997, p. 66.

<sup>530</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 491.

<sup>531</sup> CUNHA, 1997, p. 124.

<sup>532</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 193.

<sup>533</sup> CUNHA, 1997, p. 149.

<sup>534</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 108.

<sup>535</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 533.

<sup>536</sup> CUNHA, 1997, p. 216.

<sup>537</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 470.

*eavaliado / pelozditos Avaliadoresnaquantia / detrezento(s) reis comquesesahé*” (CSOAMJ, f. 4r).

CORDÃO. [8] Do francês *cordón*.<sup>538</sup> Corda pequena e delgada principalmente se for de seda, algodão, ouro, etc.<sup>539</sup> “*Doiscordoensdeouro, queanbos pezaõ / desoitavas, queforaõ vistoseavalia / dospelosdittos Avaliadorescadaoita / vaamil, equatrocentos reis, osquaes / seachaõ empenhadosnamaõdeJoaõ / Marques pelaquantiadecinco oita / vasetresquartosdeouro, que importaõ / naquantia dequatorze mil reis / comquesesahé*” (CSOHST, f.6v).

CORRENTE. [1] Do latim *currēns – ēntis*, participio de *cūrrēre* ‘correr’.<sup>540</sup> Conjunto de argolas.<sup>541</sup> “*Hua corrente d(o)uzo, quepezasete / oitavas, equin(z)e vinteinsdeouro / que seachaempenhadaemmaõde / JozephRodrigues Aluaroporduas / oitavas, tresquartos, equatrovintens / Avaliadacadaoitavapelosditos / Avaliadoresamil, equatrocentos / reis, que(fói) quantiade desmil, / quatrocentos, esecentaedoisreis com / quesesahé*” (CSOHST, f. 6v).

CRUCIFIXO. [2] Do latim eclesiástico *crucifixus*.<sup>542</sup> Imagem de Cristo pregado em uma cruz.<sup>543</sup> “*Dois Rozarios verdes com trinta con / tas deouro groçoz, ecadahua com / seocrucifício deouro grandes que / foraõvistos, eavaliadozpelosditos / Avaliadoresnaquantia deSeismil*” (CSOAMJ, f. 4r).

CRUZ. [2] Do latim *crux crūcis*.<sup>544</sup> É uma jóia muito usada, que se traz no peito e tem a forma do antigo instrumento de suplício de mesmo nome que se constituia de dois paus sendo um atravessado pelo meio do outro.<sup>545</sup> “*HumaCrus deouro damoda antiga / com quarenta enouediamantes e / conpe(z)o deSeisojtauas etres quar / tos euista eavaliada pellosdi / tosavaliadascadaojtaua / digo aualiadas em trintaesin / co mil Reis conqueseSay*” (CSOJSA, f. 6r).

FIGA. [1] Do francês *figue*, derivado do latim vulgar *\*fica*.<sup>546</sup> Figura que se faz fechando a mão e metendo o polegar entre o mostrador ou index e o dedo grande. A mesma figura feita de corno, azeviche, ouro, prata, etc.<sup>547</sup> “*Hua figa enc(a)st(e)ada (em)prata / que*

<sup>538</sup> CUNHA, 1997, p. 216.

<sup>539</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 546.

<sup>540</sup> CUNHA, 1997, p. 219.

<sup>541</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 555-556.

<sup>542</sup> CUNHA, 1997, p. 231.

<sup>543</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 618.

<sup>544</sup> CUNHA, 1997, p. 231.

<sup>545</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 620-621.

<sup>546</sup> CUNHA, 1997, p. 156.

<sup>547</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 31.

*foi vista e avaliada pelos ditos / Avaliadores na quantia de duzen / tozevinte, e cinco reis com quesesahi*” (CSOAMJ, f. 4r).

FILIGRANA. [2] Do italiano *filigrana*.<sup>548</sup> Obra delgada, de fios torcidos de prata ou ouro.<sup>549</sup> “*Huma Argolla de Ouro de Canotilho Com / Sua pinha Huma Imagem de Nossa Senhora da / Comseição Hum par de Botois debico e outropar / de Botoins debico huma Memoria de **fillogra** / na que tudotem depe(s)o tre(z)e oitauas e Meja / penhores de Jozefa de Men[e](z)e Senaõ sabe / opor quanto estaõ empenhados e Selhe daoua / llor de Mil edu(z)entos Reis a Oitaua que a / dinheiro emporta de(z)aseis Mil edu(z)entoz / Reis*” (CPOMCP, f. 7r)

FIO. [4]. Do latim *filum –i*.<sup>550</sup> Fio de contas “ou pérolas”: as pérolas enfiadas. Porção de metal dúctil adelgado pela fieira.<sup>551</sup> “*Huns **fioz** de contas d[e] ouro co[m] / Seo(z) coracoiz tudodeouro quepe[z]a[õ] / pezaõ trez oytavaz visto eavaliado pelozditos avaleadarez a mil etrezentos reiz e cadaoytava empor / ta em trintamil nove centoz / reiz.*” (CSOAMR, f. 2v-3r).

FLOR. [1] Do latim *flōs –ōris*.<sup>552</sup> Obra de pintura ou escultura que imita as flores naturais; pode ser de seda ou lençaria, lavrada de agulha,, feita de papel, pintada, etc.<sup>553</sup> “*Hũa **florde** Grizolitas com hum topazio / amarello nomeyoque foi vista e avalia / da pelos ditos Avaliadores na quantia / de vinte e quatromil reis com quesesahê*” (CSOHST, f. 4r)

LAÇO. [5] Do latim vulgar *\*lacēus*, por *laquēus*.<sup>554</sup> Fita, corda, correia, etc. com nó corrido.<sup>555</sup> “*Hum **Laço**, ebrincos de topazios guarnecido / com Diamantes que foi visto e avalia / do pelos ditos Avaliadores na quantia / de trinta e seis mil Reis com quesesah(e)*” (CSOHST, f. 4r).

MEMÓRIA. [2] Do latim *mēmōria*, de *memor –ōris* ‘que se lembra’, relacionado com *meminisse*.<sup>556</sup> Anel sem pedra, ou com pedra, que não sai para fora, ou com diamantes pequeninos ao redor. O anel, que não tem pedra, chama-se Memória Lisa. Memória também é uma cadeia de anéis, que se traz no dedo, e às vezes serve para lembrar alguma coisa [...].<sup>557</sup> “*Huma **memoria** quebrada deou / ro(lisa) comopezo de hun(cruzado) / uista e avaliada*

<sup>548</sup> CUNHA, 1997, p. 357.

<sup>549</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 122.

<sup>550</sup> CUNHA, 1997, p. 359.

<sup>551</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 35.

<sup>552</sup> CUNHA, 1997, p. 361.

<sup>553</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 39.

<sup>554</sup> CUNHA, 1997, p. 462.

<sup>555</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 13.

<sup>556</sup> CUNHA, 1997, p. 512.

<sup>557</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 416.

*pellosditos / aualiaadores cadaojtaua amil / equatro sentos reis Soma oitosen / tos esetentasinco reiscomque / Sesay*” (CSOJSA, f. 6r).

PEDRA. [1] Do latim *petra* –*ae*, derivado do grego *pétra*.<sup>558</sup> Provável pingente que se dependurava em cordão. “*Huma pedracoadrada encastoadada / emouro comseucordaõ domesmo / tudocomopezo detres ojtauase / meya equatro (vin)teis uistas ea / valiadapellos ditosaualiado / rescadaojtaua amil equatro sen / tos Reis Soma Sinco mil eSeten / ta esinco Reis comqueSesay*” (CSOJSA, f. 5v).

PENDENTE. [1] Vulgo pingente.<sup>559</sup> “*Humpár debrincos deDiamantes emc(a)ste(a)dos / emprata dependentes, queforaõvistosea / valiadospelosditos Avaliadoresna / quantiade de(s)oytomil Reis com quesesah*” (CSOHST, f. 4r)

PULSEIRA.[1]. De pulso e esse do latim *pulsus* –*ūs*.<sup>560</sup> Ornato dos pulsos dos braços, d'aljofres, granadas, etc.<sup>561</sup> “*Hüaspulseiras depedrasGri(s)olitas, queforaõ / vistaseavalidaspelozditosAvaliado / resnaquantia de dezanovemil, edu / zentosreiscomquesesah*” (CSOHST, f. 4r).

ROSICLER. [1] Jóia usada pelas mulheres, sobre a cabeça, em forma quase piramidal, com pingentes trêmulos de várias castas.<sup>562</sup> “*Hum Rocicle comSuas pedras miudaz / eSeos olhos demosquito que temde / pezo ebrincos Irmaos (Seis) oitavas / etres quartos vistoseavalidospellos / dittosavaliadores amilequatro / centosreis emportaadinheiroaqua / tia denovemil digopellosavalia / dores emaquantia de vintequatro / mil reis*” (CSOJSCR, f. 3v).

SENHORA DA CONCEIÇÃO. [3]. Provavelmente pingente em forma dessa santa. “*H[uma] Senhoradaconcejcaõ de / O[uro] Exmaltada pequenina / en[fia]da en humasgranadas vis / ta [eau]aliada pellosditos aua / l[iad]ores offeittio naquantia / de[sete] sentos esincoenta reis*” (CSOJCS, f. 4r).

VOLTA [4]. Derivado de *voltar*, que por sua vez deriva do latim *\*voltāre* (*\*volvitāre*), iterativo de *vōlvĕre*.<sup>563</sup> É uma volta de cordão, ou corda, que cinge o corpo por inteiro uma vez.<sup>564</sup> “*Huavolta dec(o)ra(i)s comquinzezo / ra(i)s, econtasdeprata comhuafolheta / deouro, quetudofoi visto, eavalia / dopelozditos Avaliadoresnaquan / tiade doismil, dusentos, esincoen / tareiscomquesesahé.*” (CSOAMJ, f. 4r).

<sup>558</sup> CUNHA, 1997, p. 591.

<sup>559</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 425.

<sup>560</sup> CUNHA, 1997, p. 647.

<sup>561</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 264.

<sup>562</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 380.

<sup>563</sup> CUNHA, 1997, p. 827.

<sup>564</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 534.

## hh) Fazendas, tecidos, peles

### 1. Masculinos

ALGODÃO. [7] Do árabe hispânico *al-qutún* (clássico *qutn*).<sup>565</sup> Espécie de carepa ou lanugem muito fina, branda e branca que depois de caída a flor da planta que a produz, sai de um fruto semelhante ao avelã barbado o qual se abre em três ou quatro parte e expõe a vista um floco que com o calor se incha e se faz do tamanho de uma noz. Do dito fruto se separa o algodao propriamente dito o qual se fia e com ele se faz roupa, dentre outras coisas.<sup>566</sup> Noutras palavras, tecido feito de algodão. “*Dous pares demeyas dealgodaõ uzadas ava / liadas ambas em trezentoz Reis*” (CPOMPPN, f. 8v).

ANIAGEM. [1] Provavelmente de um \**niagem*, alteração de *linhagem*, com aglutinação do artigo A<sup>567</sup>. *Linhagem*, por sua vez, deriva do francês *lignagem* que equivale ao antigo provençal *linhatge*.<sup>568</sup> Espécie de roupa de linho cru, muito grossa e estreita, para capas de fardos, etc.<sup>569</sup> “*1/2 vara de aniage*” (CPOCPR, f. 363r).

BAETA. [15] Do antigo picardo *bayette*, derivado do latim *badĭus* ‘baio’.<sup>570</sup> Tecido de lã a que com o uso ou instrumento se levanta o pêlo. Tem de muitas castas.<sup>571</sup> “*O tutor lhecomprehuã / vestia ecalçaõ depano / ehũ capote debaeta*” (CPOCPR, f. 362r).

BARREGANA. [1]. Pano tecido de pelo de cabra para resistir à chuva.<sup>572</sup> “*Hum Sobretudo de Barrega / na azul com Sua vestia ecal / çaõ jauzado tudo visto eavali / ad opelloz ditoz avaliadores / na quantiade quatro mil eoyto / centoz Reiz*” (CPOCPR, f. 14v).

BELBUTE. [1] Do inglês *velvet*.<sup>573</sup> Tecido grosso e pesado, de algodão, que semelha o veludo.<sup>574</sup> “*Hum Calçaõ debelbute a(z)ul / em bom uzo vistoeavaliadope / loz ditoz avaliadores naquantia / dedoiz mil equatrocentoz / Reiz*” (CPOCPR, f. 15r).

<sup>565</sup> CUNHA, 1997, p. 31.

<sup>566</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 250.

<sup>567</sup> CUNHA, 1997, p. 49-50.

<sup>568</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>569</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 135.

<sup>570</sup> CUNHA, 1997, p. 92.

<sup>571</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 12.

<sup>572</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 54.

<sup>573</sup> CUNHA, 1997, p. 104.

<sup>574</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 274.

BERBERISCO.[3] Camelão grosso ou, como outros lhe chamão, droguete de condão.<sup>575</sup> “*HumaCazaca eCalcaõdebarba / riscotudovisto eaualliadopellos / ditosaualliaadores Comcalcaõdo / mesmo emaqu(o)ntiad etres / mileseis Centosreis comqueSeSay*” (CPOARSG, f. 284r).

BEZERRO. [2] Provavelmente de um latim hispânico *\*ibicerra*, *\*ibicirra*, derivado de *ibex icis* ‘camurça, cabra montês,’ em razão do caráter indômito e arisco de ambos os animais.<sup>576</sup> Couro curtido desse animal.<sup>577</sup> “*Hum par de Bottas deCanhaõ ede / Bezerro ainda em bom uzo avalliaadas em / Oito Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 15r).

BOCAXIM. [1] Do árabe, provavelmente derivado do turco *bogasy* ‘entretela’.<sup>578</sup> Certo pano de linho pisado a modo de pano de lã que se costuma tingir de várias cores.<sup>579</sup> “*Dezaseis couadosdeBocachim avaliado / aduzentos Reis cadacouado emporta / tres mileduzento(z)Reis*” (CPOMPPN, f. 3v).

BOMBAZINA. [2] Do italiano *bombagina*, derivado do latim *bombȳcīna*.<sup>580</sup> Um gênero de pano grosseiro de que se fazem vestidos. É o mesmo que bordadilo, ou fustão, mas é isso com pelo pela parte, que serve à vista.<sup>581</sup> “*Nove emeyó couadozdeBombazina cra / mezim avaliada aquinhentosReis / cadacouado emporta quatromil sete / centos esincoentaReis*” (CPOMPPN, f. 2v).

BRETANHA. [18]. Do topônimo *Bretanha*.<sup>582</sup> Pano de linho que vem da Bretanha.<sup>583</sup> “*huapesca deBertanha*” (CPOCPR, f. 375r).

BRILHANTE. [4]. Provável tipo de tipo de tecido. “*Vinte ehum emeyó couadozdebrilhante / deLam eSeda cordevinagre avaliado / aquatro CentozReis cadacovado em / porta oito mil eSeis centos Reis*” (CPOMPPN, f. 2v).

BRIM. [1] Do francês *brin*, de origem desconhecida, talvez céltica.<sup>584</sup> Lençaria da qual há muitas castas. Brim ordinário, brim fino, largo, grosso, curado, etc.<sup>585</sup> “*Tres couad ozdeBrim Riscado avaliado / acento esincoentaReis cadacouado / emporta quatro centos esincoentaReis*” (CPOMPPN, f. 3r).

<sup>575</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 127.

<sup>576</sup> CUNHA, 1997, p. 107-108.

<sup>577</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 283.

<sup>578</sup> CUNHA, 1997, p. 114.

<sup>579</sup> BLUTEAU 1712-1728, t. II, p. 137.

<sup>580</sup> CUNHA, 1997, p. 118.

<sup>581</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t.II, p. 151; t. IX, p. 147.

<sup>582</sup> CUNHA, 1997, p. 123.

<sup>583</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p.189.

<sup>584</sup> CUNHA, 1997, p. 124.

<sup>585</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p.193.

CABAIA. [1] Do árabe *qabā* (dialeto *qabāja*), derivado do persa *qābā*.<sup>586</sup> Seda ligeira.<sup>587</sup> “*Hum vestido de Barbarisco / forrado de **cabaya** com su[a]ves / tia calssaõ domesmo emeyapre / tas deseda avalliado em vin / te oitauas de ouro*” (CSOJSS, f. 6r).

CADARÇO. [1] Provavelmente do castelhano *cadarzo*, derivado de um latim *\*cathartheum* e, este, do grego *kathartéon* ‘(seda) que deve ser purificada’.<sup>588</sup> Gênero de seda que se faz dos casulos e da seda mais grossa e embaraçada.<sup>589</sup> “*Seizvaras de **cadaço** vistase aua / Liada pellos ditos aualliad orestodaz / Ellasemaqu(a)ntia decento e / vinte Reis com que Say fora*” (CPOARSG, f. 285v).

CAMBRAIA. [1] Do topônimo *Cambraia*, cidade do norte da França, onde se fabricava esse tecido.<sup>590</sup> Pano de linho muito fino que tomou o nome da Cidade de Cambrai donde se faz.<sup>591</sup> “*Hüacamizade Bertanha com babado(s) / de **Cambraia** embom uzo avaliada na / quantiade milequinhento(z) Reis*” (CPOMPPN, f. 8r).

CAMBRAIETA. [1] De *cambraia* e esse do topônimo *Cambraia*, cidade do norte da França onde se fabricava esse tecido.<sup>592</sup> *Cambraia inferior*.<sup>593</sup> “*Duazuaras eterssade **cambrayeta** / vista e aualliaada pellos ditos / aualliaadoresaseiscentos reis auara / quetudo em portaemaqu(a)ntia / de milequinhentos Reis com que Sesay*” (CPOARSG, f. 285r).

CAMELÃO. [3] Camelo + -AO, o primeiro do latim *camēllus*, derivado do grego *kámēlos*, de origem semítica (hebraico *gāmāl*, árabe *ǧamal*).<sup>594</sup> Certo pano que se fazia de pelo de camelo, donde lhe veio o nome. Camelão, hoje, é pano que se faz de pelo de cabra com lã ou seda.<sup>595</sup> “*Hum capote de **Camalaõ** Escuro forrado / de Baeta corde Roza muito u(s)ado ava / liado na quantiade mil e oito centos Reis*” (CPOMPPN, f. 8r).

CANGA. [1] Do chinês *káng*.<sup>596</sup> Variante de Ganga. Fazenda d’algodão, que vem da Índia, amarelada ou azul, em peças pequenas, tecido de boa dura.<sup>597</sup> “*Hum Jaleco de **Canga** do uzo oqu / al Sendo [[Sendo]] visto e avaliado por / elles ditos avaliadores por elles foi / avaliado na quantia de Cento ecin / Coenta reis Com o que Se Sae fora*” (CPOCJA, f. 44v).

586 CUNHA, 1997, p. 130.

587 SILVA, 1789, t.1, p. 309.

588 CUNHA, 1997, p. 135.

589 BLUTEAU, 1712-1728, t. II p.29.

590 CUNHA, 1997, p. 143.

591 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 74.

592 CUNHA, 197, p. 143.

593 SILVA, 1789, t. I, p. 330.

594 CUNHA, 1997, p. 43.

595 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 186.

596 CUNHA, 1997, p. 377.

597 SILVA, 1789, t. I, p. 335.

CASSA. [3] Do malaio *kāsa*.<sup>598</sup> Pano branco que vem da Índia.<sup>599</sup> “*Trezevaras decasa avaliada cada vara / a Seis Cento(z) Reis emporta sete mil / oito Cento(z) Reis*” (CPOMPPN, f. 4r).

CASTOR. [2] Do latim *castor* –*ōris*, derivado do grego *kástōr* –*oros*. Animal quadrúpede, anfíbio, que vive hora nos campos, hora nos rios. Tem [...] pele felpuda, pelo branco, cinzento e finíssimo com o qual se fazem bons chapéus. Pele de castor.<sup>600</sup> “*Sincopares de Luuas de Castor de / home quefoj avalliado Cadahum / par a seis Sentos Reis quetodos em / portaõ em tres Mil Reis*” (CPOMCP, f. 44r).

CETIM. [7] Do árabe *zaitūnī*, derivado do nome da cidade chinesa *Tseuthung* (em árabe *Zajtūn*), onde se fabricava o cetim, provavelmente através do francês *satín*.<sup>601</sup> Tecido de seda muito liso e lustroso.<sup>602</sup> “*Declarou elle Inventariante ha / uer huma Cazaca de Druguete em / Carnada vestia ecalçaõ de Setim / azul que tudo por ter já uzo aualia / raõ elles aualiaadores eacharaõ valer / Seis mil Reis como Seue amargem*” (CPOJH, f. 78r).

CHAMALOTE. [2] Do francês *chamelot*, provavelmente do antigo francês *chamel* [...] hoje *chameau*.<sup>603</sup> Tecido de pelos de camelo ou de certa casta de bode.<sup>604</sup> “*Quatro couados de chamalote azul ava / liado cada couado a seis centos Reis em / porta dous mil equatro centos Reis*” (CPOMPPN, f. 4v).

CHITA. [4] Do neo-árabe *chhīt*, derivado do sânscrito *chitra* ‘matizado’.<sup>605</sup> Tecido pintado da Índia.<sup>606</sup> “*Nove Couado(z) de xitaordinariafor[r]ada / avaliado Cada Couado aduzentos equa / renta Reis emporta dous mil cento esesen / ta Reis*” (CPOMPPN, f. 3r).

COURO. [5] Do latim *cōrŭm*.<sup>607</sup> Pele retirada do corpo ou despojo de animal.<sup>608</sup> Usada para fazer sapatos e outros itens do vestuário. “*Hum pardemeyas de couro / deveado novaz vistaz eavali / adaz pelloz ditoz avaliadores / na quantiade mil eduzentoz / Reiz*” (CPOCPR, f. 16r).

<sup>598</sup> CUNHA, 1997, p. 162.

<sup>599</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 23.

<sup>600</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 190.

<sup>601</sup> CUNHA, 1997, p. 175.

<sup>602</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 623.

<sup>603</sup> CUNHA, 1997, p. 175.

<sup>604</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 268.

<sup>605</sup> CUNHA, 1997, p. 179.

<sup>606</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 293.

<sup>607</sup> CUNHA, 1997, p. 223.

<sup>608</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 595.

DROGA. [2] Do francês *drogue*.<sup>609</sup> Mercadorias ligeiras de lã ou seda.<sup>610</sup> “*Humacazaca vestiaecalção / deDrogaa(z)ul decordaõ com / Seo uzo vista eavaliadapelloz / ditoz avaliadores naquantia / detrez mil Reiz*” (CPOCPR, f. 14v).

DROGUETE. [3] Do francês *droguet*.<sup>611</sup> Casta de pano tecido com linho e lã ou linho e seda.<sup>612</sup> “*Hum Jaleco dedroguete do uzo / oqualSendo vistoeaualiado por / elles ditos avaliadores por elez / foi avaliado naquantia deSeiz / Centos Reis com oqueSeSae fora*” (CPOCJA, f.43v).

DURANTE. [8] De *durar*, por causa da relativamente longa duração do tecido. *Durar* vem do latim *dūrāre*.<sup>613</sup> Droga estreita e rara de lã, rasa ou sem frisa.<sup>614</sup> “*2 Covados deDorante azul*” (CPOCPR, f. 363r).

DURAQUE. [3] Tecido de lã, seda ou algodão, forte e consistente como a sarja, empregado especialmente nos sapatos femininos.<sup>615</sup> “*Hum couado deDuraquecramezim / avaliado naquantia de quatrocentos Reis*” (CPOMPPN, f. 6r).

ESGUIÃO. [3] De origem obscura.<sup>616</sup> Pano de linho, fabricado no Norte, tem quatro palmos de largura e serve para roupa branca.<sup>617</sup> “*Sete emeyá varas deEsguiaõ avaliado / cada vara aoito Centos Reis emporta / Seis mil Reis*” (CPOMPPN, f. 4r).

ESTOPA. [2] Do latim *stūppa*.<sup>618</sup> É o grosso do linho.<sup>619</sup> “*Duas varas de Estopa quevista / eavallliada cadavara pellos dittos avallia / dores a seis vintens deouro queadinheiro / saõ quinhentos esesentaedois reis emeyo*” (CPOMSO, f. 5v).

FIO. [1].Do latim *fītum* –i.<sup>620</sup> O que se tira do linho, lã ou algodão estendendo-o em delgado comprimento para com ele tecer ou coser panos.<sup>621</sup> “*Trezquartosdefio emnovellosdeal / godaõ vistoseaualliadospelloz / ditosaualliadoresemoprecoequan / tiadetrezentos ReiscomqueSeSay*” (CPOARSG, f. 287r).

FIO DE SAPATEIRO. [1] “*Meja Libra defio deSapateiro avaliado emcento evinteReis*” (CPOMPPN, f. 4v).

<sup>609</sup> CUNHA, 1997, p. 278.

<sup>610</sup> SILVA, 1813, t. I, p. 642.

<sup>611</sup> CUNHA, 1997, p. 278.

<sup>612</sup> BLUTEAU, 1713, t. III, p. 306.]

<sup>613</sup> CUNHA, 1997, p. 280.

<sup>614</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 643.

<sup>615</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 716.

<sup>616</sup> CUNHA, 1997, p. 319.

<sup>617</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 398.

<sup>618</sup> CUNHA, 1997, p. 332.

<sup>619</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 327.

<sup>620</sup> CUNHA, 1997, p. 359.

<sup>621</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 127.

FITA. [5] Provavelmente do latim *vitta* 'faixa'.<sup>622</sup> Tecido comprido e estreito que serve de atar ou ornar.<sup>623</sup> “*Huapesade fita cramezim de Seis em / maço avaliada em mil equinhentos*” (CPOMPPN, f. 4v).

FUSTÃO. [4] De origem contrtroversa.<sup>624</sup> , Tecido feito de algodão.<sup>625</sup> “*Huma Vestia defustam Branco forra / da depano de Linho ainda em bom uzo / avalliada em Oito Sentos Reis*” (CPOMCP, f. 11v).

GALA. [3] Do italiano *gala* que deriva-se do alto francês *gale*, de *galer* e, este do antigo alto alemão *wallan*.<sup>626</sup> Estofa de lã fino, e lustroso, quando lhe cá a felpa.<sup>627</sup> “*Trinta esinco Couadozdegalla Preta ava / liada aseis centoz Reis cadacouado em / porta vinte e hum mil Reis*” (CPOMPPN, f. 2v).

GUINGAO. [1] Do malaio *guingong* ‘cotonia listrada ou axadrezada’, derivada do tamul *Kindan*.<sup>628</sup> Certo pano que se lavra nas terras do Mogol.<sup>629</sup> *Hum xambre de (guingao) muito uzado visto eavaliadopelloz ditoz avaliadores em seiz centoz reiz*” (CPOCPR, f. 13r).

HOLANDA. [8] Do topônimo *Holanda*.<sup>630</sup> Lençaria fina que vem de Holanda.<sup>631</sup> “*Huapesade [olanda] crua de Amburgo / decoarenta oito couados avaliada ca / dacouado acento esesenta Reis em por / ta Sete mil Seis centos eoitenta Reis*” (CPOMPPN, f. 3v).

HOLANDILHA. [2] Provavelmente do castelhano *holandilla*.<sup>632</sup> Pano de linho engomado com que costumam forrar os vestidos. As mais nomeadas são as holandilhas de canequins, de cores com cestos, olandilha fina encarnada, etc.<sup>633</sup> “*Tres pesa(s) deo Landilha avaliada cada / pesa anoue Cento(z) esesenta Reis em / portaõ dous mil oito centos eoitenta reis*” (CPOMPPN, f. 3v).

LÃ. [8] Do latim *lāna*.<sup>634</sup> Matéria felpuda que cobre a pele da ovelha a qual se tece e se transforma em tecido.<sup>635</sup> “*Corentaedous couadoz de Brilhante / de Lam e Seda azul em dous retalho(s) / avaliada cada couado aquatro cento(s) / Reise importa ade(s) aseis mil eoitenta reis*” (CPOMPPN, f. 2v).

<sup>622</sup> CUNHA, 1997, p. 360.

<sup>623</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 133.

<sup>624</sup> CUNHA, 1997, p. 373.

<sup>625</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 242.

<sup>626</sup> CUNHA, 1997, p. 375.

<sup>627</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 74.

<sup>628</sup> CUNHA, 1997, p. 400.

<sup>629</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 159.

<sup>630</sup> CUNHA, 1997, p. 414.

<sup>631</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 362.

<sup>632</sup> CUNHA, 1997, p. 414.

<sup>633</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 53.

<sup>634</sup> CUNHA, 1997, p. 461.

<sup>635</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 5-6.

LAIA. [3]. A lã mais fina que há.<sup>636</sup> *Humpar de meias para homẽ delaia / ComSua avaria quefoÿ avalluada pellosLouvadoz emquatro / centoz eoutenta reis*” (CPOMCP, f. 105v).

LEMISTE. [3] Do castelhano *límiste*, derivado do topônimo *Lemster*, cidade da Inglaterra onde se fabricava esse tecido.<sup>637</sup> Tecido muito fino de lã, vindo da Inglaterra.<sup>638</sup> “*Huma Cazaca deLemiste ComSua / Vestia develludo ja Munto uzada a / valliadotudo em Sinco Mil Reis*” (CPOMCP, f. 12r).

LINHA. [14] Do latim *līnĕā*, de *līnĕus* e, este, de *līnum* ‘linho’.<sup>639</sup> Fios de linho torcidos que servem para coser.<sup>640</sup> “*2 pares de Meias deLinha*” (CPOCPR, f. 350r).

LINHAGEM. [1] Do francês *lignage* (= antigo provençal *linhatge*).<sup>641</sup> Tecido de linho, grosseiro [...].<sup>642</sup> “*Por 1 Vara de linhage para toalha*” (CSOLMC, f. 74r).

LINHO. [22] Do latim *līnum –i*.<sup>643</sup> Planta que tem folhas triangulares e cuja casca tem muitos fios com os quais se faz o pano de linho. Em Portugal havia três castas de linho: o Galego (mais fino), o Mourisco (de forte meia) e o Cãnamo, que é o mais grosso.<sup>644</sup> “*Sei(s) Siroulas dePanodeLinho ja/ ComSeuuzo avalliada Cada huma a / [[a]]quinhentos Reis emportão em tre(s) / Mil Reis*” (CPOMCP, f. 11r).

LÓ. [1] De origem obscura.<sup>645</sup> É um pano muito ralo, entretecido de labores de palheta de ouro. Trazem-no da China, Japão e outras partes do Oriente.<sup>646</sup> “*onze emeyo couados deLó Riscado Branco / avaliado atrezentosReis cadacouado / importa tresmil quatro cen[t]os sincoe[n]ta*” (CPOMPPN, f. 3r).

MARROQUIM. [1] Do árabe *marrōkī* de Marrocos, marroquino.<sup>647</sup> Pele de cabra ou bode, assim chamada por vir de Marrocos ou de outras partes de Berberia.<sup>648</sup> “*Humflorete deprata comhuma / flor deoiro Comseubuldrié de / (Marroquim) quetudofoyvistoea - / Valliadopellosditosaualliaadoresdeste / Juizoemaquontiadedezacetemil / eseiscentos reiscomqueSeSay*” (CPOARSG, f. 282v).

<sup>636</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 59.

<sup>637</sup> CUNHA, 1997, p. 469.

<sup>638</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 77.

<sup>639</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>640</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 143.

<sup>641</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>642</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1766.

<sup>643</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>644</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 148.

<sup>645</sup> CUNHA, 1997, p. 478.

<sup>646</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 167.

<sup>647</sup> CUNHA, 1997, p. 504.

<sup>648</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V p. 344.

MELANIA. [3] Tecido ondedado de lã ou de seda, que era usado em decoração.<sup>649</sup> “*Humacazaqua euestia demelania / de Ramos cor escura que temmui / touzo quefoj vistaeauliada / peloz ditoz aualidores emdoiz / Mil reis*” (CPOFPG, f. 5v).

NASTRO. [3] Do italiano *nastro*.<sup>650</sup> Designa vários gêneros de fita. Pode ser a trena e, às vezes, a fitinha com que as mulheres prendem as tranças.<sup>651</sup> “*Hum maço denas tro deSeis pesas ava / liado emtrezentos evinteReis*” (CPOMPPN, f. 4v).

PANO. [44] Do latim *pānnus* –ī.<sup>652</sup> Tecido de lã, algodão, seda ou linho.<sup>653</sup> “*Huã cazacadepano alvadio forradade / saeta emcarnada avaliada em seis Cen / tos Reis*” (CPOMPPN, f. 8r).

PELÚCIA. [1] Adaptação do italiano *peluzzo*, derivado do latim medieval *pellutium*.<sup>654</sup> Droga felpuda de seda ou lã. Tem a felpa mais longa e rara que o veludo.<sup>655</sup> “*Duasterssas depeluçiabranca avalia / da em quatro cento(z)Reis*” (CPOMPPN, f. 6r).

PISÃO. [2] “Moinho com uma roda adentada, que faz andar huns paos da feyçaõ de martellos, os quaes cahindo sucessivamente sobre os panos, os fazem mais firmes, e mais lisos.”<sup>656</sup> Por metonímia, tecido que sofreu acabamento por esse instrumento. “*Sinco Barretes de Pizaõ inCarnadoz / eSingelloz avalliadoz emtres Mil / reis/*” (CPOMCP, f. 14r).

RATINA. [1] Provavelmente algum tipo de tecido. “*Humcouado eterssa de Ratina emcarne / da avaliada amil oito conto(z)Reis / importadous mil equatro centos Reis*” (CPOMPPN, f. 2v).

RETRÓS. [10] Do francês *retors*.<sup>657</sup> Fios de seda torcidos.<sup>658</sup> “*2 oitavas deRetros etroçal*” (CPOCPR, f. 342v).

RISCADO. [1] Tecido barato de algodão com riscos coloridos; riscadinho.<sup>659</sup> “*Hum xambre de Riscado uzado oqu / al Sendo visto eavaliado porellez / ditos aualidores porelles foi ava / Liado naquantia dehum mil reiz / Com oqueSeSae fora amargem*” (CPOCJA, f. 43v).

RISSO. [1] Pano de seda cuja superfície não corta com navalha.<sup>660</sup> “*Hum calcaõ (de)riso muito ordinario / azul avaliado em mil oito centos reis*” (CPOMPPN, f. 6v).

<sup>649</sup> FERREIRA, 2009, p. 1305.

<sup>650</sup> CUNHA, 1997, p. 545.

<sup>651</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 681.

<sup>652</sup> CUNHA, 1997, p. 577.

<sup>653</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 224.

<sup>654</sup> CUNHA, 1997, p. 592.

<sup>655</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 180.

<sup>656</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 533.

<sup>657</sup> CUNHA, 1997, p. 682.

<sup>658</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 310.

<sup>659</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1671.

<sup>660</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IX, p. 183.

ROSAGRANA. [1] Provavelmente algum tipo de tecido. “*Hum vestido deCamelaõ pardo / Casaca//Calcaõ evestia deRossa grana / forradodechamallote Cramesim ehum / par deMejas deSeda damesmaCor a / Valliado tudo em vinte Mil Reis*” (CPOMCP, f. 312r).

RUÃO. [1] Do topônimo francês *Rouen*<sup>661</sup>. Panno delinho tosado, e talvez tinto, que serve para forros de vestidos.<sup>662</sup> Havia mais de um tipo: Ruão de Sello, e Ruão de cofre. He hum panno de linho muito alvo, semelhante ao crê, o qual he de varias castas, e se fabrica em Ruão de França.<sup>663</sup> “*TresFardas depanno emtrefinno fo / rradados deRoãõavalluadacada huã / aSete mil reis que emportaõ em / Vinteehum mil reis*” (CPOMCP, f. 105r).

SAETA. [5] Pano de lã de Inglaterra, mais fino que sarafina, muito usado e de todos conhecido.<sup>664</sup> “*Huã cazacadepano alvadio forradade / saeta emcarnada avaliada em seis Cen / tos Reis*” (CPOMPPN, f. 8r).

SARJA. [1] Do francês antigo *sarge* derivado do latim vulgar \**sarica* (clássico *sérica*, feminino substantivado de *sëricus*).<sup>665</sup> Tecido leve de seda ou lã, como uma espécie de trançado.<sup>666</sup> “*Hum Calçao deSarja pretaVe / lho oqual Sendo visto eavaliado / por elles ditos avaliadores por ellez / foi avaliado naquantia deSeis cen / tos Reis ComoqueSeSae fora*” (CPOCJA, f. 43v).

SEDA. [23] Do latim *saeta* (*sēta*) –*ae*.<sup>667</sup> Matéria que se fia, produzida polo bicho chamado de seda; dela se fazem sedas ou tecidos deste nome, torçais, etc. Há, também, a seda de sapateiro, espécie de agulha feita de pelo de cavalo ou porco.<sup>668</sup> “*Sete Pares deMejas deSeda deme / nino deurias Cores quefoj aualliadoCa / dapar amil edu(z)entos Reis quetodos / emportaõ em Oito Mil equatro Sen / tos Reis*” (CPOMCP, f. 42r).

SEDA DE MANTO. [1] Provável tipo de seda. “*QuatroCouadozdeSedadeManto ava/liadocadacovado amilReis emporta / quatromil Reis*” (CPOMPPN, f. 4r).

SERAFINA. [1] Tecido de lã delgada para forros, cortinas, etc.<sup>669</sup>. “*Humcovadoeduastersasde / S(a)rafina vermelha vista / Vistae aualliadapellosditosaualliaadores / emoprecoequ(a)ntiadequatro centos e / Sincoenta Reis comqueSesayfora*” (CPOARSG, f. 286v-287r).

<sup>661</sup> CUNHA, 1997, p. 693.

<sup>662</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 647.

<sup>663</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IX, p. 189.

<sup>664</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 189.

<sup>665</sup> CUNHA, 1997, p. 706.

<sup>666</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 378.

<sup>667</sup> CUNHA, 1997, p. 710.

<sup>668</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 383.

<sup>669</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 394.

TAFETÁ. [4] Do francês *taffetas*, derivado do persa *tāftah* ‘tecido, pano de seda’.<sup>670</sup> Tecido leve de seda.<sup>671</sup> “vinte esetecouados *detafeta* em retalho(z) / devarias cores *avaliadocadacouado* / *atrezentozReis* *emporta oito mil e cem reis*” (CPOMPPN, f. 3v).

TORÇAL. [2]. Cordãozinho de seda. Seda torcida.<sup>672</sup> *2 oitavas deRetros etroçal*” (CPOCPR, f. 342v).

TRANCELIM. [2] Do castelhano *trencellin*.<sup>673</sup> Trançado estreito de fios de seda ou metal usado geralmente para prender bentinhas, etc.<sup>674</sup> “*Dous trancelins deRetros para botaõ / avaliado ambos emmil eduzentosReis*” (CPOMPPN, f. 6r).

VELUDO. [5] Do provençal *velut*, derivado latim tardio *villūtus*, de *villus* –ī.<sup>675</sup> É um pano de seda felpudo de uma banda.<sup>676</sup> “*Huma Cazaca deLemiste ComSua / Vestia develludo ja Munto uzada a / valliadotudo em Sinco Mil Reis*” (CPOMCP, f. 12r).

## 2. Femininos

ALGODÃO. [4] Do árabe hispânico *al-qutún* (clássico *qutn*).<sup>677</sup> Espécie de carepa ou lanugem muito fina, branda e branca que depois de caída a flor da planta que a produz, sai de um fruto semelhante ao avelã barbado o qual se abre em três ou quatro parte e expõe a vista um floco que com o calor se incha e se faz do tamanho de uma noz. Do dito fruto se separa o algodao propriamente dito o qual se fia e com ele se faz roupa, dentre outras coisas.<sup>678</sup> Noutras palavras, tecido feito de algodão. “*Hum parteLuvras dealgudaõ / crivadas [rasgado] aualiadaz / pellosditos aua[li]adores naqua(n) / tiade Sento es[in]coenta Reiz*” (CSOJCS, f. 4v).

BAETA. [8] Do antigo picardo *bayette*, derivado do latim *badīus* ‘baio’. Tecido de lã a que com o uso ou instrumento se levanta o pêlo. Tem de muitas castas.<sup>679</sup> “*6 ½ Covados deBaeta cordevinho*” (CSOHST, f. 20v).

BIGODE. [1] Provável tipo de tecido. “*3/2 varas debigode*” (CSOHST, f. 19r).

<sup>670</sup> CUNHA, 1997, p. 750.

<sup>671</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 15.

<sup>672</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 2004.

<sup>673</sup> CUNHA, 1997, p. 781.

<sup>674</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 481.

<sup>675</sup> CUNHA, 1997, p. 814.

<sup>676</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 391.

<sup>677</sup> CUNHA, 1997, p. 31.

<sup>678</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 250.

<sup>679</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 12.

BRETANHA. [10] Do topônimo *Bretanha*.<sup>680</sup> Pano de linho que vem da Bretanha.<sup>681</sup> “*Hũa pessa debretanha*” (CSOHST, f. 19r).

BRILHANTE. [3]. Provável tipo de tipo de tecido. “*Humcolete deBrilhante deSeda / Cor desinza forrado detafeta uerde / emBonUzo uistoeaualiado pellos / dittos aualiadores emmil eduzen / tos Reis ComqueSesay*” (CSOJSA, f. 7r).

CABAIA. [2] Do árabe *qabā* (dialeto *qabāja*), derivado do persa *qābā*.<sup>682</sup> Seda ligeira.<sup>683</sup> “*HuaSayadecabayaa(s)ulclaracom / seouzo, quefoi vistaeavaliadapelos / dittos Avalidoresnaquantidade / Seismil reicomquesesahé*” (CSOAMJ, f. 6v).

CADARÇO. [1] Provavelmente do castelhano *cadarzo*, derivado de um latim *\*cathartheum* e, este, do grego *kathartéon* ‘(seda) que deve ser purificada’.<sup>684</sup> Gênero de seda que se faz dos casulos e da seda mais grossa e embaraçada.<sup>685</sup> [rasgado] 1/2 “*deCadarsos vermelho*” (CSOHST, f. 17rre).

CALAMANHA. [3] Provavelmente algum tipo de tecido. “*Huma(catela)dec[a]laman(h)a que / tendez covadoz em ff[o]lha (pora) / cabar vista eavaleada pellos / ditos avalidores na quanti[a] [d]e / trez mil reiz*” (CSOAMR, f. 4v).

CAMBRAIA. [1] Do topônimo *Cambraia*, cidade do norte da França, onde se fabricava esse tecido.<sup>686</sup> Pano de linho muito fino que tomou o nome da Cidade de Cambrai donde se faz.<sup>687</sup> “*Huma vara eduasterçaz decam / braya fina vista eavaliada a / trez mil reiz avara enporta em / Sinco mil Reiz*” (CSOAMR, f. 4v).

CAMBRAIETA. [1] De *cambraia*, do topônimo *Cambraia*, cidade do norte da França, onde se fabricava esse tecido.<sup>688</sup> Cambraia inferior.<sup>689</sup> “*TresCamizas deCanbrayeta / Comsuas rendas or<di>narias Ja(I)za / das uistas eavaliadas pellos / dittos aualiadores cadahua / amil eduzentos Reis Soma tresmil / eseissentos Reis ConqueSesay*” (CSOJSA, f. 7r).

CAMELÃO.[3] Camelo + -AO, o primeiro do latim *camēllus*, derivado do grego *kámēlos*, de origem semítica (hebraico *gāmāl*, árabe *ğamal*).<sup>690</sup> Certo pano que se fazia de pelo de camelo, donde lhe veio o nome. Camelão, hoje, é pano que se faz de pelo de cabra

680 CUNHA, 1997, p. 123.

681 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 189.

682 CUNHA, 1997, p. 130.

683 SILVA, 1789, t. i, p. 309.

684 CUNHA, 1997, p. 135.

685 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 29.

686 CUNHA, 1997, p. 143.

687 BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 74.

688 CUNHA, 1997, p. 143.

689 SILVA, 1789, t. I, p. 330.

690 CUNHA, 1997, p. 43.

com lã ou seda.<sup>691</sup> “*Vinte covadozdecamelaõ deRo / lo escuro visto eavaleado pelloz / ditoz avaliadores aduzentoz evin / te esinco reiz ocovado emporta em / quatromil equinhentoz reiz*” (CSOAMR, f. 4r).

CASSA. [2] Do malaio *kāsa*.<sup>692</sup> Pano branco que vem da Índia.<sup>693</sup> “*Duasdittas decaça finariscadasque / foraõvistaseavaliadaspelosdittos / Avaliadores cadahua adoismil / equatrocentos ReisConportanaqua<n> / tiadequatromil, oito centosReis / comquesesahī*” (CSOAMJ, f.7v).

CETIM. [11] Do árabe *zaitūnī*, derivado do nome da cidade chinesa *Tseuthung* (em árabe *Zajtūn*), onde se fabricava o cetim.<sup>694</sup> Tecido de seda muito liso e lustroso.<sup>695</sup> “*2 Covados desetim roza*” (CSOHST, f.19r).

CHAMALOTE. [1] Do francês *chamelot*, provavelmente do antigo francês *chamel* [...] hoje *chameau*.<sup>696</sup> Tecido de pelos de camelo ou de certa casta de bode.<sup>697</sup> “*Humdittadechamaloteazul / forrada detafeta Cordeouro tudo / uzado avaliadopelozdittosava / Liadores em mil oito centosrei(z)*” (CSOJCR, f. 5v).

CHITA. [13] Do neo-árabe *chhīt*, derivado do sânscrito *chitra* ‘matizado’.<sup>698</sup> Tecido pintado da Índia.<sup>699</sup> “*Tressayasdexitanovaz, queforaõ / vistaseavaliada(s)pelozdittosAva / liadoresnaquantiaquatorze / mil, equa[t]rocento(s)reis comquese / sahe*” (CSOAMJ, f. 6v).

COURO. [1] Do latim *cōrŭm*.<sup>700</sup> Pele retirada do corpo ou despojo de animal.<sup>701</sup> Usada para fazer sapatos e outros itens do vestuário. “*Por 1 par demeyas de couro*” (CSOLMC, f. 73v).

DAMASCO. [1] Do topônimo *Damasco*, na Síria.<sup>702</sup> Tecido de seda com lavrores entre tafetá e raso.<sup>703</sup> “*OutraSahia dedamasco delanCom / Seouzo vistaeavaliadapellozditto(z) / avaliadoresemSeisMilequatrocento(z) / reis*” (CSOJSCR, f. 5r).

DAMASQUILHO. [1] Pano de seda a modo de damasco, mas mais leve.<sup>704</sup> “*Humcovadode damasquilho verde / Vistoeavaliadopellozdittos / avaliadores emseiscentosreis*” (CSOJSCR, f. 6r).

<sup>691</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 186.

<sup>692</sup> CUNHA, 1997, p. 162.

<sup>693</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, 23.

<sup>694</sup> CUNHA, 1997, p. 175.

<sup>695</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 623.

<sup>696</sup> CUNHA, 1997, p. 175.

<sup>697</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 268.

<sup>698</sup> CUNHA, 1997, p. 179.

<sup>699</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p.293.

<sup>700</sup> CUNHA, 1997, p. 223.

<sup>701</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 595.

<sup>702</sup> CUNHA, 1997, p. 239.

DROGUETE. [9] Do francês *droguet*.<sup>705</sup> Casta de pano tecido com linho e lã ou linho e seda.<sup>706</sup> “*Huma Saÿade D[r]oguetete preta / Vista e aualiada p[e]llos ditos aua / l[ia]dores aquantiadetres mil / e[rasgado]centos reis*” (CSOJCS, f. 4v).

DROGUETE-REI. [1] Certo tipo de droguete. “*oito Covados dedroguete Rey cor deRoza*” (CSOHST, f. 17rre).

DURANTE-REI. [1] Variedade de durante. “*hum Covado dedurante Rei Cór deRoza*” (CSOHST, f. 17rre).

ESTOFO. [3] Do francês antigo *estofe* (hoje *étouffe*).<sup>707</sup> Pano alcochoado com lã, ou algodão, entre o forro e a peça.<sup>708</sup> “*Huma Saÿa deestofolabrado cord e / rozaebranco comSeo uzo visto eavali / adopelloz[d]itoz avaliadores naquan / tia dedoiz mil equatrocentoz Reiz*” (CSOAMR, f. 5r).

FIO. [1] Do latim *fītum -i*.<sup>709</sup> O que se tira do linho, lã ou algodão estendendo-o em delgado comprimento para com ele tecer ou coser panos.<sup>710</sup> “*A[†.] Doutor Joze da Costa mandou que toma / sse namaõ devossamerce tres varas de fita defio a / mostra que vaj ehuma daoutra am(e)stra / ecomo eu naõ posso já La ir vossamerce mande as / dittas varas epon ha naconta dele que a / ssim me detremina ehum par demeias brancas / demenina*” (CSOHST, f. 165ran).

FITA. [7]. Provavelmente do latim *vitta* ‘faixa’.<sup>711</sup> Tecido comprido e estreito que serve de atar ou ornar.<sup>712</sup> “*2 ½ varas defitamoda*” (CPOHST, f. 19ran).

HOLANDA. [2] Do topônimo *Holanda*.<sup>713</sup> Lençaria fina que vem de Holanda.<sup>714</sup> “*½ deOlanda roza e1/2 de setim*” (CSOHST, f. 19r).

LÃ. [4] Do latim *lāna*.<sup>715</sup> Matéria felpuda que cobre a pele da ovelha a qual se tece e se transforma em tecido.<sup>716</sup> “*Humasahiadeestofodelan vista / eavaliadapello(z)dittosavaliadores / emaquantiadeseis milreis*” (CSOJSCR, f. 5r).

<sup>703</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 6.

<sup>704</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 6.

<sup>705</sup> CUNHA, 1997, p. 278.

<sup>706</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 306.

<sup>707</sup> CUNHA, 1997, p. 331.

<sup>708</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 778.

<sup>709</sup> CUNHA, 1997, p. 359.

<sup>710</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 127.

<sup>711</sup> CUNHA, 1997, p. 360.

<sup>712</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 133.

<sup>713</sup> CUNHA, 1997, p. 414.

<sup>714</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 362.

<sup>715</sup> CUNHA, 1997, p. 461.

<sup>716</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 5-6.

LEMISTE. [3] Do castelhano *limiste*, derivado do topônimo *Lemster*, cidade da Inglaterra onde se fabricava esse tecido.<sup>717</sup> Tecido muito fino de lã, vindo da Inglaterra.<sup>718</sup> “*H[u]m panode**lemistes** dedoiz cova / doz uzado visto eavaliado pellozdi / toz avaliador[e]s naquantia de(tre)s / mil Reiz*” (CSOAMR, f. 5v).

LINHA. [3] Do latim *līnĕā*, de *līnĕus* e, este, de *līnum* ‘linho’.<sup>719</sup> Fios de linho torcidos que servem para coser.<sup>720</sup> “*1 Miada del**linhas***” (CSOHST, f. 19ran).

LINHO. [5] Do latim *līnum* –i.<sup>721</sup> Planta que tem folhas triangulares e cuja casca tem muitos fios com os quais se faz o pano de linho. Em Portugal havia três castas de linho: o Galego (mais fino), o Mourisco (de forte meia) e o Cânamo, que é o mais grosso.<sup>722</sup> “*1/2 vara depano del**linho***” (CSOHST, f. 19ran).

LÓ. [1] De origem obscura.<sup>723</sup> É um pano muito ralo, entretecido de labores de palheta de ouro. Trazem-no da China, Japão e outras partes do Oriente.<sup>724</sup> “*TresLenços, dousbrancos, hum dito de / Ló, queforaõvistoseavaliadospelos / dittos Avaliadoresnaquantia de/ mil, settecentosevintecincoreis / comquesahi*” (CSOAMJ, f. 7r).

LUSTRO. [3] Provavelmente algum tipo de tecido. “*Um manto de**Lustronouo** ava / lliadoemvintecoatomil reis*” (CSOAM, f. 5r)

MELANIA. [4] Tecido ondedado de lã ou de seda, que era usado em decoração.<sup>725</sup> “*Humadita dem**mellania** deflorenz / cordefogo forradadetafeta corde / perolla em uzo vista eavaliada em / doizmil reiz*” (CSOJCS, f. 4v).

NASTRO. [1] Do italiano *nastro*.<sup>726</sup> Designa vários gêneros de fita. Pode ser a trena e, às vezes, a fitinha com que as mulheres prendem as tranças.<sup>727</sup> “*1 1/2 vara de**Nastro***” (CSOHST, f. 19ran).

NOBREZA. [1]. Nome de certo pano de seda.<sup>728</sup> “*Huã saia den**obreza** prettacombas / tante uzo avallliada emoyto / mil reis*” (CSOAM, f. 5r).

<sup>717</sup> CUNHA, 1997, p. 469.

<sup>718</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 77.

<sup>719</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>720</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 143.

<sup>721</sup> CUNHA, 1997, p. 476.

<sup>722</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 148.

<sup>723</sup> CUNHA, 1997, p. 478.

<sup>724</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 167.

<sup>725</sup> FERREIRA, 2009, p. 1305.

<sup>726</sup> CUNHA, 1997, p. 545.

<sup>727</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 681.

<sup>728</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 732.

PANICO. [2] Lençaria de Hamburgo de várias cores. O panico-rei é de algodão muito fino da Índia.<sup>729</sup> “*Duas aNagoasdePanico que / forão auallias Cadahuma adous / Mil reis que anbas emportão Coa / tro Mil Reis*” (CPOMCP, f. 42r).

PANO. [13] Do latim *pānnus* –ī.<sup>730</sup> Tecido de lã, algodão, seda ou linho.<sup>731</sup> “*Humasahiadepanoazul demente / comSuaRendadeprata tudouza / dovisttaeavaliadapellozditto(s) / avaliadores emSeis mil reis*” (CSOJSCR, f. 5r).

PELICA. [1] Vestidura de pele, forrada de pelle com pelo.<sup>732</sup> “*Hum pard[e]capatos depelica pintada / vistoz eavaleadoz por tre(z)entoz reiz*” (CSOAMR, 6r).

PELÚCIA. [1] Adaptação do italiano *peluzzo*, derivado do latim medieval *pellutium*.<sup>733</sup> Droga felpuda de seda ou lã. Tem a felpa mais longa e rara que o veludo.<sup>734</sup> “*Hum pard[e]capatos depel(uca) pintada / vistoz eavaleadoz por tre(z)entoz reiz*” (CSOAMR, f. 6r).

RETRÓS. [7] Do francês *retors*.<sup>735</sup> Fios de seda torcidos.<sup>736</sup> “*1/2 de retros*” (CSOHST, f. 19ran).

RISCADO. [1] Tecido barato de algodão com riscos coloridos; riscadinho.<sup>737</sup> “*Oitentaecatrocovados emejo / deRiscado depalhinha de(S)ed(a) / emtres Retalhoz vistoz eavaliados / pellozditto(s)avaliadores cada / covado aquatro cent[oz]ecin[co]ent[a] / emportaõ emtrinta[ae] oito[m]il*” (CSOJSCR, f. 20r).

SARAÇA. [1] Do malaio *sarásah*.<sup>738</sup> Pano de algodão de várias cores e muito vistoso que se fabrica na Índia.<sup>739</sup> “*HumaSarassa dechita daíndia / finaforradadechita mais gro / ca emBom (U)zo uistaeaualiada / pellosditos aualiadores emtres / mil eseissentos Reis conquese / say.*” (CSOJSA, f. 7v).

SEDA. [22] Do latim *saeta* (*sēta*) –ae.<sup>740</sup> Matéria que se fia, produzida pelo bicho chamado de seda; dela se fazem sedas ou tecidos deste nome, torçais, etc. Há, também, a seda de sapateiro, espécie de agulha feita de pelo de cavalo ou porco.<sup>741</sup> “*Hum vesti do demolher*

<sup>729</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 153.

<sup>730</sup> CUNHA, 1997, p. 577.

<sup>731</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 224.

<sup>732</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IX, p. 381

<sup>733</sup> CUNHA, 1997, p. 592.

<sup>734</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 180.

<sup>735</sup> CUNHA, 1997, p. 682.

<sup>736</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 310.

<sup>737</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1671.

<sup>738</sup> CUNHA, 1997, p. 705.

<sup>739</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 497.

<sup>740</sup> CUNHA, 1997, p. 710.

<sup>741</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 383.

*comca / zacadevelludo azul, vestia de / sedaverde, com ramos deouro eguar / dape damesma comalgum uzo ava / lliado tudo emsetentamil reis*” (CSOAM, f. 5r).

TAFETÁ. [9] Do francês *taffetas*, derivado do persa *tāftah* ‘tecido, pano de seda’.<sup>742</sup> Tecido leve de seda.<sup>743</sup> *Huma Sayã deS[ed]a branca / Com ramos e[co]m ba[rr]adetafeta / Cor de Roza vista eauliadape / llosd[i]tos aualiadors naquantia / denouesentos Reis* (CSOJCS, f. 4v).

TORÇAL. [1] Cordãozinho de seda. Seda torcida.<sup>744</sup> “*HumaSaya depanoescuro em / meyo Uso comsuacazaquinhade / Demontar tudo(Lizo) Babado de / trossal uista eauliada pellos di / tosaualiadores amil des mil Reis / ComqueS[e]Say*” (CSOJSA, f. 6v-7r).

VELUDILHO. [2]. Provavelmente algum tipo de tecido. “*6 varas deVeludilho verde com Estrelas Vermelhas*” (CSOHST, f. 17rre).

VELUDO. [5] Do provençal *velut*, derivado latim tardio *villūtus*, de *villus* –ī.<sup>745</sup> É um pano de seda felpudo de uma banda.<sup>746</sup> “*Hum vesti do demolher comca / zacadevelludo azul, vestia de / sedaverde, com ramos deouro eguar / dape damesma comalgum uzo ava / lliado tudo emsetentamil reis*” (CSOAM, f. 5r).

## ii) Toilette, higiene pessoal

### 1. Masculina

AGUAR. [5]. De água e, esta, por sua vez do latim *āqua*.<sup>747</sup> Regar, borrifar com água.<sup>748</sup> “*Hum pratoeJarro deAgoa as Maonz / de Estanho damoda antiga avalliado / emoy tauaemeya deouroque adinheyro / Sam dois Mil edusentos esincoenta Reis*” (CPOMSO, f. 3v).

ALFAZEMA. [1] ‘alfazema’. Do árabe *al-huzâmā*.<sup>749</sup> Erva que se coloca entre a roupa lavada.<sup>750</sup> “*Hua libradeAlfazema avaliada / emCoento esesentareis*” (CPOMPPN, f. 6r).

<sup>742</sup> CUNHA, 1997, p. 750.

<sup>743</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 15.

<sup>744</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 2004.

<sup>745</sup> CUNHA, 1997, p. 814.

<sup>746</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 391.

<sup>747</sup> CUNHA, 1997, p. 23.

<sup>748</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 70.

<sup>749</sup> CUNHA, 1997, p. 29.

<sup>750</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 243.

BACIA. [3] Do latim *baccinum* (de *bacchinon*).<sup>751</sup> Nome genérico de vasos de barro ou de arame que tem muitas serventias como bacia de fazer a barba, etc.<sup>752</sup>. “*Hum jarro eBacia deagoa / asmaoz deestanho u(s)ado visto / eavaliado pellozditoz a / valiad ores naquantiade / mil equinhentoz Reiz*” (CPOCPR, f. 10r).

BANHO. [1] Do latim vulgar *balneum* (de *balnĕum*).<sup>753</sup> A água em que a pessoa se banha ou o lugar em que se tomam banhos em uma casa particular.<sup>754</sup> “*Humagamellagrande detomar / banhoz vista eavaliada pe / lozditoz avaliadores naquan / tia demil eduzentos reiz*” (CPOCPR, f. 17v).

ESPELHO. [3] Do latim *spĕcŭlum-i*.<sup>755</sup> Vidro ou lâmina de cristal muito lisa com azougue aplicado e estendido por detrás para refletir as imagens dos objetos que se põe diante.<sup>756</sup> “*Hum Espelho grande deVestir oqu / al Sendo vistoeavaliado por ellez / ditos avaliadores por eles foi ava / Liado naquantia deSeis centos Rei(z) / com queSeSae fora amargem*” (CPOCJA, f. 40v).

FAZER A BARBA. [1] Rapar o cabelo da barba ou consertá-lo de outro modo, segundo do uso do país.<sup>757</sup> “*Seis navalhaz defazer abarba az / quaiscendo vistas eavaLiadas porellez / ditos avaliadores por elles foy avaLia / avaliadas todaz emquinhentos ese / Senta reis Comque amargemSeSay*” (CPOCJA, f. 109r-109v).

GAMELA. [1] Do latim *camella*, diminutivo de *camĕra* ‘vaso para beber’.<sup>758</sup> Vaso de pau como alguidar, ou côncavo por igual em redondo, para banhos ou lavar o corpo; para dar de beber às bestas, etc.<sup>759</sup> “*Humagamellagrande detomar / banhoz vista eavaliada pe / lozditoz avaliadores naquan / tia demil eduzentos reiz*” (CPOCPR, f. 17v).

GOMIL. [3] Espécie de jarro, de boca estreita, com asa, ao modo de galheta grande, serve só com prato raso para dar água às mãos como o jarro com bacia.<sup>760</sup> “*HumGoMil dePrattaLizo que tem / de peso tre(z)entos eOn(z)e oitaua / avalliad(a) aSem Reis que adinheiro emporta / emtrinta ehum Mil eSem Reis*” (CPOMCP, f. 7v).

GUARDANAPO. [6] Do Francês *gardenappe*, derivado do latim medieval *guardanappa*, de *guardamappa*.<sup>761</sup> Pano que serve para limpar a boca e proteger o vestido e a

<sup>751</sup> CUNHA, 1997, p. 91.

<sup>752</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 8.

<sup>753</sup> CUNHA, 1997, p. 97.

<sup>754</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 35.

<sup>755</sup> CUNHA, 1997, p. 322.

<sup>756</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. III, p. 266.

<sup>757</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 262.

<sup>758</sup> CUNHA, 1997, p. 377.

<sup>759</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 77.

<sup>760</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 92.

<sup>761</sup> CUNHA, 1997, p. 355.

toalha da mesa quando se come.<sup>762</sup> “*Huma Toalhademeza deal / godaõ Cheyadenodua(s) com dez / g(o)rdanapoz devariaz marcaz / uzados vista eavaliadapelloz / ditoz avaliadores tudo pormil / eduzentoz Reiz*” (CPOCPR, f. 13r).

JARRO. [3] Do árabe *ğárra*.<sup>763</sup> Vaso com asa e bico, em que se traz agua para lavar as mãos, e por ele se vasa sobre elas na bacia de aguar as mãos.<sup>764</sup> “*Hum pratoeJarro deAgoa as Maonz / de Estanho damoda antiga avalliado / emoy tauaemeya deouroque adinheyro / Sam dois Mil edusentos esincoenta Reis*” (CPOMSO, f. 3v).

NAVALHA. [7] Do latim *novācŭla -ae*.<sup>765</sup> Instrumento de barbeiro com que depois de amolado e afiado se rapa a barba e o cabelo.<sup>766</sup> “*Seis NavalhasdeBarba avaliada cada / huã acemReis emporta seis centosReis*” (CPOMPPN, f. 5v).

PENTEADOR. [2] Pentear + dor. Pente: do latim *pecten -inis*.<sup>767</sup> Pano de linho que se põe ao redor do pescoço e com que se cobrem os ombros para não sujar a roupa com cabelos ou carepa da cabeça quando alguém se penteia.<sup>768</sup> “*Hum penteador deBertanha aRen / dado ja uzado avalliado emquinhen / tos Reis*” (CPOMCP, f. 11v).

PRATO. [2] Do francês *plat*, derivado do latim vulgar *\*plattus* e, este, do grego *platýs*.<sup>769</sup> “*Hum pratoeJarro deAgoa as Maonz / de Estanho damoda antiga avalliado / emoy tauaemeya deouroque adinheyro / Sam dois Mil edusentos esincoenta Reis*” (CPOMSO, f. 3v).

SABÃO. [1] So latim *sāpō -ōnis*.<sup>770</sup> Massa de cinzas de carvalho, cal virgem ou outros ingredientes. Serve para lavar a roupa.<sup>771</sup> “*oitoLivasdeSabaõ do Reyño avalliado / cadaLavra atrezentosReis emporta / dous mil equatro centos Reis*” (CPOMPPN, f. 7r).

TOALHA. [7] Do provençal *toalha*, derivado do frâncico *thwahja*.<sup>772</sup> Pano de tecido absorvente próprio para enxugar.<sup>773</sup> “*Huma T(o)[a]lhad e Agoaas [m]aons de / Algudam quevistaeavalliadapellos / ditos avallidores em meypataca / d eouro que adinheyro saõ tre(z)entoz / esetentaeSinco Reiz*” (CPOMSO, f. 8v).

<sup>762</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 146.

<sup>763</sup> CUNHA, 1997, p. 453.

<sup>764</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 187-188.

<sup>765</sup> CUNHA, 1997, p. 545.

<sup>766</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. V, p. 687.

<sup>767</sup> CUNHA, 1997, p. 594.

<sup>768</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 402.

<sup>769</sup> CUNHA, 1997, p. 628.

<sup>770</sup> CUNHA, 1997, p. 695.

<sup>771</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 406.

<sup>772</sup> CUNHA, 1997, p. 773.

<sup>773</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 779.

## 2. Feminina

AGUAR. [3]. De *água* e, esta, por sua vez, do latim *ăqua*.<sup>774</sup> Regar, borrifar com água.<sup>775</sup> “*Humaba[c]ia ejarro deagoasmaoz / deestanho vistoeavaliado pellos / pellosditto(z)avaliadores emhuma / oitavaemeyaqueadinhei[r]o sao Mil / eoitocentosreis*” (CSOJSCR, f. 4r).

ÂMBAR. [1] Do árabe *al- ‘anbar*.<sup>776</sup> Espécie de betume brando, pardo e leve ou viscosidade marinha formada da natureza para as delícias do olfato.<sup>777</sup> “*Huma bolladeam[bar] em ga[†...] / zada em ouro quepeza huma oytava / etrez quartos vista eavaliada pe / loz ditoz avaliadores em mil ed(u) / zentos Reiz*” (CSOAMR, f. 3r).

BACIA. [3] Do latim *baccīnum* (de *bacchinon*).<sup>778</sup> Nome genérico de vasos de barro ou de arame que tem muitas serventias como bacia de fazer a barba, etc.<sup>779</sup>. “*Hun Jarro eBasia deagua / asma(u)os (I)zado uistaeavaliada / pellosdittos aualiadores emdo / is mil ReiskonqueSesay*” (CSOJSA, f. 8v).

GUARDANAPO. [3] Do Francês *gardenappe*, derivado do latim medieval *guardanappa*, de *guardamappa*.<sup>780</sup> Pano que serve para limpar a boca e proteger o vestido e a toalha da mesa quando se come.<sup>781</sup> “*Porseis goardanap[os] demarcapeque / Na queforamvisto[s] [e]avaliados pelos / Avaliadores naqua[n]tiademileno / vecen tos reis digo [novecen]tos evinte reis*” (CSOACB, f. 2v).

JARRO. [3] Do árabe *ğarra*.<sup>782</sup> Vaso com asa e bico, em que se traz água para lavar as mãos, e por ele se vasa sobre elas na bacia de aguar as mãos.<sup>783</sup> “*Por humjarro ebacia deagoa az maoz a / indaembom uzo quefoi uisto ea/ valido pellos avaliadores naquantia / dedois milReis*” (CSOACB, f. 3r).

TOALHA. [2] Do provençal *toalha*, derivado do frâncico *thwahja*.<sup>784</sup> Peça de pano de linho que serve de enxugar as mãos, etc.<sup>785</sup> “*Quatrotoalhasdemaõz d[e]algudaõ /*

<sup>774</sup> CUNHA, 1997, p. 23.

<sup>775</sup> SILVA, 1789, t. I, p. 70.

<sup>776</sup> CUNHA, 1997, p. 38.

<sup>777</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. I, p. 324.

<sup>778</sup> CUNHA, 1997, p. 91.

<sup>779</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 8.

<sup>780</sup> CUNHA, 1997, p. 355.

<sup>781</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. IV, p. 146- 147.

<sup>782</sup> CUNHA, 1997, p. 453.

<sup>783</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 187-188.

<sup>784</sup> CUNHA, 1997, p. 773.

<sup>785</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 779.

*queforaõvistaseavaliadaspelos / dittos Avaliadorescadahua adu / zentosevinteecinco Reiscadahua / emportanaquantidadenovecen / tosreiscomquesesahi.” (CSOAMJ, f. 8r).*

### 3.2 O vestuário nas Minas setecentistas: tecendo história através do léxico

#### 3.2.1 Generalidades

Ornar o corpo é bem mais que simples vaidade. Esse ato revela complexa organização social das comunidades cujos membros o pratica. Intrinsecamente ligada à cultura desde os primórdios da humanidade, a ornamentação evoluiu de rito para um complexo sistema de uso no qual ornar/vestir está subordinado ao uso que o indivíduo faz da roupa (traje) e às normas dadas pela sociedade sobre tal uso (indumentária). Dessa tensão resulta o vestuário de uma determinada sociedade em uma dada época, vestuário esse impregnado de marcas de classe social e de fatos sócio-históricos. Tendo essa afirmação como referência, percebe-se que, para entender o vestuário das Minas setecentistas, é necessário considerar a situação social e política da capitania à época.

Embora as primeiras incursões dos colonizadores no território que viria ser as Minas Gerais datem do século XVI, a ocupação da região iniciou-se na virada do século XVII para o século XVIII, após a descoberta de ouro. Essa ocupação começou com um intenso fluxo migratório, fato esse que levou, em 1700, a Coroa portuguesa a iniciar o processo de normatização da arrecadação tributária nessa região aurífera.<sup>786</sup>

Apesar de as Minas serem extremamente ricas em metais preciosos, houve várias crises de fome no local nos períodos de 1697/98, de 1700/01 e de 1713. Essas crises foram provocadas pelas dificuldades de se transportar os víveres do litoral até a região mineradora. Além disso, havia pouca agricultura na região nesse período, devido ao fato de as terras serem sáfaras e de os mineradores preferirem o garimpo ao cultivo de gêneros agrícolas.<sup>787</sup> Esse foi um dos motivos do elevado preço de mercadorias na região mineradora. Essa carestia é perceptível nas listas de bens dos inventários. Além do fato de cada item inventariado ter sua avaliação, o ato de se inventariar qualquer bugiganga – agulhas, ceroulas, copos quebrados, cadeiras quebradas, etc. – mostra que tais itens possuíam valor para que se dessem ao trabalho de os inventariar.

Alguns objetos que à época constavam em quase todos os inventários e que hoje

<sup>786</sup> ANASTASIA, 2005.

<sup>787</sup> ZEMELLA, 1951.

dificilmente constariam em algum sã as roupas. Embora em primeiro momento possa parecer que o motivo de as roupas constarem nos inventários esteja relacionado à pobreza da população e à situação colonial, essa hipótese não procede quando se compara com outros países, como a França, por exemplo. No século XVIII, roupas também constavam na arrolação de bens dos inventários dos franceses, como se pode perceber através dessa afirmação:

[O] inventário do mestre Guillaume Bertrand, um fundidor de metal e dourador residente na rue de la Verrerie, é um exemplo disso: “Segue a lista de roupas que está na lavanderia, dois lençóis, uma camisa de homem, uma camisa de mulher, uma pilha de guardanapos, dois gorros de lã, uma trouxa de panos de prato e dois lenços coloridos.”<sup>788</sup>

Ou nesta outra:

[n]ão detalharemos além do necessário uma terceira razão para o estudo do consumo nobiliário: a abundância das fontes. Os nobres são privilegiados na excepcional conservação de seus arquivos, e a dificuldade aqui não é contornar lacunas documentais, como acontece em relação às pessoas comuns, mas dar conta de um mar de informações. Os *inventários* da nobreza contam-se aos milhares, e em muitos arquivos provinciais é possível compará-los com outras fontes, tais como livros de contabilidade. Já vimos que o inventário póstumo de várias centenas de famílias parisienses pode nos relatar acerca dos valores gastos com aparência, dos conteúdos dos guarda-roupas e como estes mudaram.<sup>789</sup>

Como a fonte desta pesquisa é constituída por inventário e quem deixa inventário é quem possui bens, é importante frisar que o panorama do vestuário esboçado neste trabalho refere-se ao das pessoas que tinham, na época, posses. O vestuário dos “escravos, pobres e deserdados de toda sorte que pululavam nas Minas de então”<sup>790</sup> – não foi contemplado aqui por falta de fontes.

Embora as pessoas inventariadas possuíssem bens, é importante verificar se as roupas que tais pessoas possuíam eram novas ou usadas. Isso dá uma dimensão do poder aquisitivo dos inventariados e da importância das roupas no período.

Para tal verificação, as lexias que dão pistas sobre o estado de conservação das roupas foram agrupadas em dois campos: *usado* e *não-usado*. No campo de não-usado foram agrupadas as lexias do lexema NOVO e no campo de usado foram agrupadas as lexias dos lexemas REMENDADO, ROTO, USADO, USO e VELHO. Houve 16 ocorrências de lexias no campo de não-usado e 158 ocorrências de lexias no campo de usado. Isso mostra que a maioria das

<sup>788</sup> ARQUIVES ... *apud* ROCHE, 2007, p. 100.

<sup>789</sup> ROCHE, 2007, p. 195. (grifo nosso).

roupas referenciadas no *corpus*, cujo estado foi informado, era de roupa já com algum uso. Esse fato demonstra que o acesso a esse tipo de bem demandava um investimento financeiro alto e que, mesmo as pessoas que tinham posses, não podiam renovar constantemente seus guarda-roupas. Na verdade, o hábito de se usar roupas usadas era um costume herdado da Europa:

[u]ma parte significativa da população européia não usava roupas novas, comprando roupas de segunda mão. As crianças se vestiam com as roupas dos irmãos mais velhos ou feitas a partir dos tecidos da roupa de um adulto[...] As mães trocavam as roupas dos filhos pelo intermédio das criadas, o que lhes servia como pagamento. As roupas dos falecidos também eram vendidas ou transformadas em outras pelos herdeiros. Eram consideradas herança de alto valor.<sup>791</sup>

Isso demonstra, aliado a outros fatores, que não é possível afirmar categoricamente que houve nas Minas desse século moda própria, levando em conta que moda demanda uma renovação constante do guarda-roupa de acordo com os novos estilos ofertados/impostos pelo mercado. Os outros fatores referem-se à distância da Colônia em relação à Metrópole e ao fato de não haver imprensa no Brasil nesse período; já que caso houvesse poderia facilitar a propagação de jornais e/ou revistas de moda.

Mas, por outro lado, a questão da moda não foi completamente ignorada pelos mineiros de então, conforme já foi percebido por outro pesquisador:

Não concordo [que a moda no Brasil tenha surgido com a chegada da Família Real] porque Ouro Preto, a Vila Rica no século 18, era um dos centros urbanos mais importantes do mundo. Com crescimento enorme em função da união de três arraiais: Antônio Dias, Pilar e Padre Faria. Temos dados de consumo de produtos de moda na época, não sabemos como vestiam. Ainda mais porque a relação até o século 18 era bem diferente. As pessoas usavam uma peça de roupa por anos e, muitas vezes, elas ficavam como herança. Nos inventários há roupas, sapatos e perucas vindas de Paris.<sup>792</sup>

Corroborando essa afirmação (de que moda não era desconhecida dos mineiros) o fato de o lexema MODA ter seis lexias no *corpus* referindo-se tanto à moda atual (daquela época) quanto à antiga (anterior ao período em que o inventário foi feito), conforme mostram os exemplos seguintes:

Hum buldrie deRet(troz) da / moda novo (es)[pe]lhado com / fivella grande demetal epe / quena deestanho emollaz / deferro visto eavaliado / pellos ditoz avaliadores / naquantidade douz mil / equatrocenoz Reiz (CPOCPR, f. 16r);

<sup>790</sup> SOUZA, 2004, p. 203-211.

<sup>791</sup> MIRANDA, 1998, p. 167.

<sup>792</sup> PARRELA *apud* MONTEIRO, 2009, p. 4-5.

HumaCrus deouro damoda antiga / com quarenta enouediamantes e / conpe(z)o deSeisojtauas etres quar / tos euista eauliada pellosdi / tosauliadascadaojtaua / digo aualiadas em trintaesin / co mil Reis conqueSesay (CSOJSA, f. 6r).

Devido ao alto preço das peças do vestuário, a ostentação de tais peças era sinônimo de distinção: “[p]or isso mesmo, nas cidades mais ricas, quem pode e luxa, cobra-se do sacrifício exagerando para dar na vista, e cobre-se de gibões [...], carassuilhas de metal, pestanas lavradas, que fazem da roupa um estandarte vistoso atraindo a atenção de todo mundo.”<sup>793</sup> Pode-se verificar se a afirmação do historiador é procedente ou não contrastando a ocorrência de lexias de dois campos - *liso* e *ornado* - sendo que no primeiro campo estão incluídas as lexias do lexema LISO e no segundo campo estão incluídas as lexias dos lexemas CRIVADO, ENCASTOADO, ESMALTADO, ESMALTE, LAVRADO, LISTRA, PINTADO e RISCADO. Verifica-se que há 11 ocorrências de lexias do campo de liso para 43 ocorrências para o campo de ornado. Assim os dados do *corpus* corroboram a afirmação do historiador de que havia uma preferência geral para peças de vestuário com alguma ornamentação, fato esse que dá destaque à peça. Essa tendência à ostentação não pode, entretanto, ser atribuída apenas a questão econômica. Pode-se atribuí-la, também, ao estilo barroco que ainda tinha fortes resquícios na cultura de então.<sup>794</sup> Esse estilo caracteriza-se pelo

gosto pelo cenário teatral e feérico, a atração do exotismo, do raro, das fantasias gratuitas que correspondem ao triunfo da cultura cortês, de seu ideal de jogo e de preciosidade mundana. Aos percursos ondulantes das formas e à riqueza profusa dos ornamentos na arte correspondem agora os trajes sofisticados, estranhos, extravagantes da corte e das festas noturnas.<sup>795</sup>

Em relação à presença das lexias de LISTRA e RISCADO, é mister algum comentário devido ao fato de os tecidos listrados e/ou riscados carregarem uma carga ideológica e simbólica muito grande. Na Idade Média, os tecidos com listras eram mal-vistos e as pessoas que os usavam recebiam o opróbrio geral da sociedade da época. Na verdade, muitas vezes, esses tecidos eram reservados – por leis – às prostitutas, aos bufões, aos saltimbancos, aos condenados, etc.<sup>796</sup> Entretanto, na Europa do século XVIII, entrando em voga um certo gosto oriental, as listras timidamente apareceram em roupas de pessoas que gostavam de se fantasiar como sultão e/ou sultana e um pano listrado bastava para dar um toque oriental ao traje.

<sup>793</sup> OMEGNA, 1971, p. 145.

<sup>794</sup> ÁVILA, 1967.

<sup>795</sup> LIPOVETSKY, 2008, p. 63.

<sup>796</sup> PASTOUREAU, 1993, p. 17-28.

Posteriormente, com a explosão das revoluções burguesas (americana e francesa), o caráter perjurativo das listras entrou em declínio, visto que

a revolução americana é filha das Luzes, e a bandeira com treze listras vermelhas e brancas das treze colônias da América, sublevadas contra a coroa britânica, aparece como a imagem da Liberdade e como símbolo das idéias novas. Assim, as listras adquirem rapidamente um status ideológico e político: vestir-se em listras, exibí-las em casa ou na rua pode ser um meio de proclamar a anglofobia ou a adesão ao movimento das liberdades. Mas é também, evidentemente, uma moda que, tanto na França quanto em outros países da Europa, se difunde rapidamente numa grande parte da sociedade. Até a Inglaterra, no início diretamente visada, adota as *stripes* no fim dos anos 1780. A partir de então, por toda a parte no velho continente, é uma avalanche de listras. Vestidos, casacos, gibões, mantos, sobrecasacas, coletes, anáguas, blusas, meias, culotes, calças, aventais, fitas, faixas: tanto na corte quanto na aldeia, a maioria das peças de roupa são ou podem ser listradas.<sup>797</sup>

Percebe-se que na Colônia dos Setecentos já havia tecidos listrados e/ou riscados. Entretanto não se pode supor que o uso deles tivesse um caráter ideológico, como na Europa. Provavelmente apenas refletia um modismo do velho continente.

Um outro aspecto que marca a tendência do vestuário de uma época relaciona-se à forma das roupas, à sua geometria. Dentro dessa ótica, pode-se classificar a roupa em relação a três tipos de eixo: *reto*, *angular* e *curvo*. Tais tipos possuem, no entanto, duas variantes cada: o eixo reto pode ser *vertical* ou *horizontal*, o angular pode ser *obtusos* ou *agudo* e o curvo pode ser *circular* ou *elíptico*.<sup>798</sup>

No *corpus* foram encontradas lexias relacionados ao eixo reto, tanto horizontal quanto vertical. Sendo assim, uma peça pode ser grande ou pequena, larga ou estreita, etc. Para analisar a tendência detectada através do *corpus*, contrastaram-se, primeiro, dois campos: *largo* e *estrito*. Foram encontradas 4 lexias no primeiro campo e 4 no segundo. Percebe-se que havia um certo equilíbrio no eixo vertical. Em relação ao eixo reto vertical, percebeu-se diferença significativa, visto que foram encontradas 19 lexias do lexema PEQUENO e 8 do lexema GRANDE.

Além do eixo, pode-se analisar as roupas em relação à sua espessura. Para tanto, contrastaram-se os campos de *fino* e *grosso*. Encontraram-se 26 lexias no primeiro campo e 11 no segundo. As peças grossas dão um efeito de rigidez ao traje e as finas de leveza. Esse fato é um indício de que a escolha das roupas era condicionada pelo clima, já que há uma predominância de itens mais finos e faz calor em Minas na maior parte do ano. Um outro qualificador utilizado no *corpus* pode ser um indício de que, talvez, o clima tenha tido alguma

<sup>797</sup> PASTOUREAU, 1993, p.66.

<sup>798</sup> SOUZA, 1993, p.44.

relevância na escolha dos itens do vestuário: trata-se do termo *entrefino*, que designa um item do vestuário cuja espessura esteja entre fina e grossa, ou seja, um meio-termo. Há duas ocorrências dessas lexias no *corpus*, conforme as abonações transcritas a seguir:

3 Covados depano delinho **entrefino** para forro (CPOCPR, f. 363r - grifo nosso);

Trezcovadoz depanocordechum / bo vistoeavaliadopellozdittoz / avaliadores cadacovadopore**entre** / **fino** amil oito cento[s] [rei]z (CSOJSCR, f.18r – grifo nosso).

Como se vê, os aspectos gerais dos itens do vestuário revelam aspectos relacionados também à sociedade da época.

### 3.2.2 Roupas exteriores

O vestuário, conforme já discutido em seção anterior, vai além da proteção e do pudor. Os signos que traz consigo estão ligados à questão da aparência, de como o indivíduo apresenta-se no mundo, ou seja, como ele quer ou como o contexto social determina que ele se apresente. Nesse sentido, a roupa que ele usa – que é a matéria concreta do vestuário – funciona como um cartão de visitas no qual estão inscritos, dentre outros, a classe social, a idade e o sexo da pessoa. Esses signos não são estáticos: variam conforme a sociedade, o tempo, o lugar e a ocasião. No século XVIII, pode-se excluir, por exemplo, a idade, visto que naquela época as crianças vestiam-se como os adultos “em ocasiões especiais, sendo mantidas, tão somente, as diferenças naturais das dimensões.”<sup>799</sup>

De todo o tipo de roupa, a que é mais vista e por isso carrega uma significação maior é a roupa exterior. Essa é o encontro entre como o indivíduo se apresenta e como a sociedade o vê. E esse se apresentar nas Minas Setecentistas era condicionado por diversos fatores.

A roupa exterior, à época, variava conforme a classe social e o contexto de uso. Como, neste trabalho, a relação de bens utilizada como fonte pertence a pessoas mais ou menos da mesma classe, ou seja, à classe mais abastada da época, apenas se caracterizará o traje dessas pessoas, sem contrastar com outras classes.

Em relação ao contexto de uso, a roupa exterior variava conforme duas ocasiões: a de uso doméstico e a de uso em eventos públicos. Se em casa a roupa caracterizava-se pela simplicidade,<sup>800</sup> a roupa usada nos eventos públicos caracterizava-se pelo esplendor e pela riqueza, como foi descrita na comemoração da criação do arcebispado de Mariana:

<sup>799</sup> BARROS, 147, p. 122

<sup>800</sup> BARROS, 147, p. 122-131.

[a] procissão era precedida por danças, acompanhadas por músicos e coros e seguida por figurantes a pé, a cavalo, ou em carros alegóricos. Havia nesse desfile o propósito de representar a história humana, ou da Escritura em termos breves e claros. Os tecidos mais finos foram usados nas vestimentas, mas não só os complementos que enriquecem e assombam. Há diamantes, pérolas, aljôfares, ouro e prata em profusão. Vamos destacar apenas os ornamentos da cabeça, onde traziam: turbantes, cocares, caraminhola, boné de cocar, cocar de plumas, toucado, chapéus, toucas mouriscas, capacetes, cabeleira branca, perucas louras, cabeleira de fios de ouro [...]<sup>801</sup>

Ou como informado por um historiador: “[o]s ricos mineradores, depois de escolherem cuidadosamente seu traje, seu chapéu de castor, sua tabaqueira de prata, sua faca de ponta, sua arma de qualidade, os arreios luxuosos de seu cavalo, cuidavam com carinho [...].<sup>802</sup>

O modo pomposo de se apresentar do mineiro também foi observado por um viajante da época: “[...] logo começãrão os mercadores a mandar às Minas o melhor que chega nos navios do Reyno ou de outras partes, assim de mantimentos como de regalo ou de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França que lá também forão dar.”<sup>803</sup>

Mas, além da variação em relação ao contexto de uso, a roupa exterior variava conforme o sexo do portador. Por esse ângulo, ela não é mais

apenas símbolo hierárquico e signo de estatuto social, mas instrumento de sedução, poder de mistério e de segredo, meio de agradar e de ser notado no luxo, na fantasia, na graça amaneirada. A sedução afastou-se da ordem imemorial do ritual e da tradição: inaugurou sua longa carreira moderna individualizando, ainda que parcialmente, os signos do vestuário, idealizando e exacerbando a sensualidade das aparências.<sup>804</sup>

Levando em conta, então, que os fatores de gênero foram elementos de grande importância, talvez de suprema importância no desenvolvimento das roupas, não é de surpreender que as diferenças entre os sexos encontrassem expressão nas distinções de hábito e convenção em relação ao traje.<sup>805</sup>

Nas sociedades primitivas, como na maioria da espécie animal, o macho é mais ornamental que a fêmea.<sup>806</sup> Na sociedade ocidental contemporânea, o oposto é que se encontra. Resta saber como era o vestuário de homens e mulheres nas Minas dos setecentos: verificar se havia diferenças e quais eram essas diferenças.

<sup>801</sup> MACHADO *apud* MAGALHÃES, 1987, p. 177.

<sup>802</sup> ZEMELLA, 1951, p.206.

<sup>803</sup> ANTONIL, 1965, p.380.

<sup>804</sup> LIPOVETSKY, 2008, p.66.

<sup>805</sup> FLÜGEL, 1966, p.93.

<sup>806</sup> FLÜGEL, 1966, p.93.

### 3.2.2.1 Masculinas

As ordens já são mandadas,  
já se apressam os meirinhos.  
Entram por salas e alcovas,  
relatam roupas e livros:  
tantas casacas de seda,  
e tantos lençóis de linho;  
tantos calções, tantas véstias  
com bordados de ouro fino;  
tantas fronhas de babados  
e voltas de pescocinho...<sup>807</sup>

A população das Minas no século XVIII era formada, na sua maior parte, por negros e mestiços.<sup>808</sup> Embora a população branca fosse minoria, ela detinha o poder econômico local. Parte dessa população era descendente de numerosas famílias brancas paulistas “que se estabeleceram nas Minas, possuindo latifúndios e fundando localidades, que ainda hoje são povoadas de descendentes seus, como São Caetano, São Sebastião e outros arraiais na Zona do Carmo, Rio das Mortes e Sabará.”<sup>809</sup> Além de São Paulo, da “Bahia vieram numerosos brancos e mestiços, reinóis e nortistas que, com os de São Paulo, formaram as bases estáveis da primeira etapa do povoamento mineiro.”<sup>810</sup> Mas grande parte dos imigrantes veio de Portugal e de outras partes da Europa. Até 1720, essa leva de imigrados era constituída quase que exclusivamente por homens solteiros.<sup>811</sup> Essa informação é possível de ser constatada no *corpus*, visto que os inventariados masculinos que tiveram a naturalidade declarada eram portugueses, conforme consta nos Apêndices. Tais portugueses trouxeram para cá modos de vestir europeus, conforme mostram os dados a seguir.

No *corpus* foram encontradas 17 lexemas materializados em 128 lexias referentes às vestes exteriores, distribuídas conforme Gráfico 1:

---

<sup>807</sup> MEIRELES, 1989.

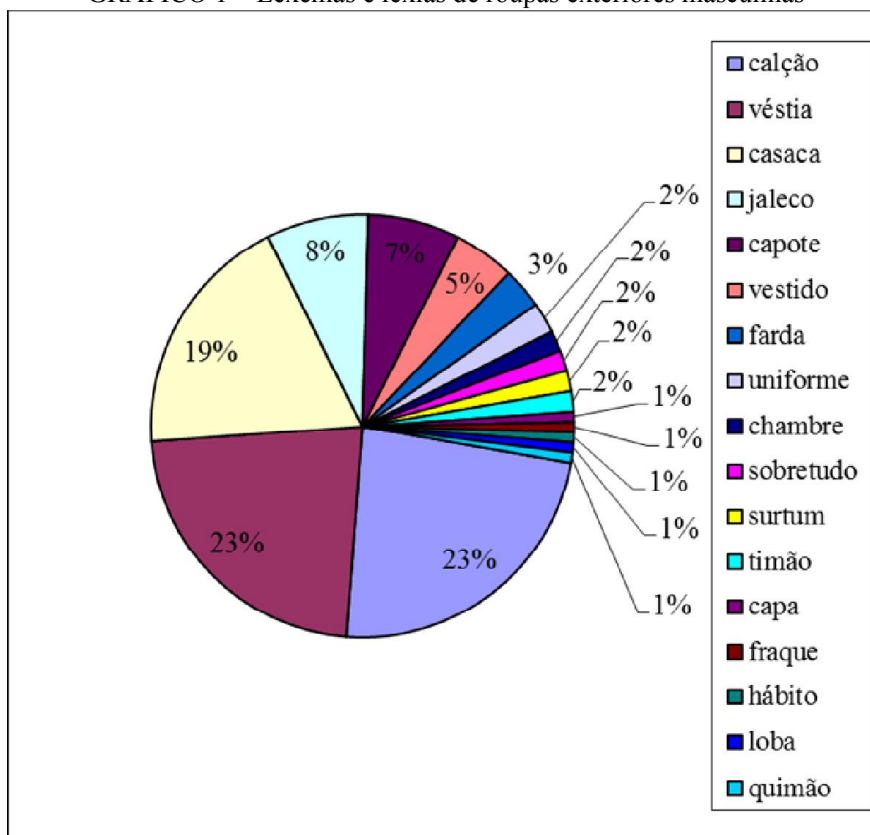
<sup>808</sup> SOUZA, 2004, p.204.

<sup>809</sup> LIMA JÚNIOR, 1978, p. 75.

<sup>810</sup> LIMA JÚNIOR, 1978, p. 75.

<sup>811</sup> LIMA JÚNIOR, 1978, p. 75.

GRÁFICO 1 – Lexemas e lexias de roupas exteriores masculinas



Ao analisar o gráfico, percebe-se que os lexemas com lexias em número superior a 10% foram CALÇÃO, VÉSTIA e CASACA. Esse aspecto origina-se do fato de o vestuário básico exterior masculino à época ser composto pelas peças designadas por esses lexemas. O conjunto dessas peças podia receber, também, a denominação de VESTIDO, conforme mostram os exemplos:

Hum vestido de Camelaõ pardo / - Casaca // Calção evestia deRossa grana / forradode chamallote Cramesim ehum / par demejas deSeda damesmaCor a / valliado tudo em vinte Mil Reis "(CPOMCP, f. 12r);

Hum vestido depano a(s)ulFerrete forra / doMeyo Bordado detafeta carmesy / comBoto[e]ns deouro crioulo quevisto ea / valliadopellos ditos avalliaadores em de / zoyt[o] oyttaus deouro que adinheiro sam / vinte esete Mil Reis (CPOMSO, f.5r).

Essas roupas eram usadas da seguinte maneira: o calção era usado sobre as meias que cobriam toda a perna. Estas eram justas e podiam ser uma peça única – semelhante às meias-calças femininas contemporâneas – ou em duas peças, sendo que a junção entre elas ocorria nos joelhos através de uma liga.<sup>812</sup> O calção ficava sobre as meias, era largo até a altura dos

812

MIRANDA, 1998, p. 156.

joelhos, local onde ficava muito justo.<sup>813</sup> Para cobrir o tronco, era usada a véstia, espécie de casaco curto. Poderia ter ou não mangas, conforme o exemplo:

Humac[a]zacadegadeda / [rasgado] a(s)uiz [co]mSua vestiaSem / mangaz de[S]eda dafabrica Soa / [†.....] A[rasgado] vistaeavaliada / pellozditoz [ava]liadores naquan / tiade quatromil eoitocen / toz reiz” (CPOCPR, f. 14v).

Sobre a véstia, usava-se a casaca. Pode-se ampliar a definição dada em seção anterior e afirmar que casaca era uma peça de roupa que “cobria o busto do homem, provida de lapela larga e abas.”<sup>814</sup> Correspondia à utilização do uniforme militar no traje civil e, também, à adaptação do casaco de montar em traje aristocrático.<sup>815</sup> Um fato que chama a atenção sobre as casacas referenciadas no *corpus* é que apresentavam um rico acabamento, mas isso será tratado em outra seção.

Em relação ao uso, alguns historiadores e sociólogos apontam para uma diferença nos trajes dos colonos quando esses estavam em ambiente doméstico ou público, conforme é perceptível nesta citação: “Seus tecidos finos [dos fidalgos] seriam talvez para as grandes ocasiões [...] a cavalo grandes fidalgos de estribo de prata, mas em casa uns franciscanos, descalços, de chambre de chita e às vezes só de ceroulas.”<sup>816</sup> Por isso, pode-se propor dois tipos de indumentárias à época: uma de uso público e outra de uso privado. A de uso público seria usada na rua, nos eventos sociais, religiosos, etc. e a de uso privado seria portada dentro de casa. A primeira caracterizava-se pela pompa e brilho, já que “vestir-se com requinte com tecidos importados e raros, falar bonito, pavonear opulência eram as preocupações forjadas na privacidade, para serem exibidas na rua.”<sup>817</sup> A segunda indumentária caracterizava-se pela simplicidade.

No caso da masculina, a indumentária pública era composta por calções, véstias, casacas, capotes, jalecos, vestidos, capas, sobretudos, surtuns e fraques.

O capote era uma espécie de capa larga e longa.<sup>818</sup> Poderia ser, também, uma capa d’água.<sup>819</sup> Isso é possível de se constatar por certo tecido usado na confecção de algumas delas: o camelão. “Tecido feito de pelo de camelos e, como tal, impermeável.”<sup>820</sup> Sendo assim, ideal para confecção de roupas que protegessem contra as chuvas:

<sup>813</sup> KÖHLER, 2005, p. 406.

<sup>814</sup> SERPA, 1998, p. 21.

<sup>815</sup> TEIXEIRA *apud* SERPA, 1998, p. 21.

<sup>816</sup> FREYRE, 2005, p. 101-102.

<sup>817</sup> PRIORE, 2007, v.1, p. 286.

<sup>818</sup> HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 396.

<sup>819</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 129.

<sup>820</sup> COSTA, 2004, p. 142.

Humcapotedecam(a)laõ escuro forrado / deBaetacor deRoza muito uzado ava / liado naquantidemil eito centos Reis (CPOMPPN, f. 8r);

Declarou mais elle Inventarian / te hauerhun Capote deCamelaõ / azul já Conseus deffeitos por estar / Con bas tante uzo quefoj visto eaulia / do por ellesditos aualiaadores acha / raõ valer mil eseis Centos Reis Como / Seue amargem (CPOJH, f. 79r).

O jaleco era uma espécie de casaco curto, tipo jaqueta.<sup>821</sup>

Vestido, conforme já dito, designava um conjunto composto por calção, casaca e véstia. Entretanto, podia designar, também, apenas a casaca,<sup>822</sup> conforme mostram os seguintes exemplos:

Hum vestido deBarbarisco / forradodecabaya comsu[a]ves / tia calsaõ domesmo emeyapre / tas deseda avalliaoemvin / te oitauas deouro (CSOJSS, f. 6r)

Declarou elle dito Inventarian / te hauerhum vestido depanopardo / eCalçaõ develudo preto ehuma / vestia de[[veludo preto huma]] / [[vestia de]]Seda já muntovelha que / foj visto Exzeminado por ellesditos / aualiaadores eacharaõ valer dois / Mil ecem reis como seue amargem (CPOJH,f.78r)

A capa compunha, com os calções, casacas e véstias, o traje de gala. Esse conjunto poderia receber, também, a denominação de vestido comprido.<sup>823</sup>

Na França, o sobretudo era usado, geralmente, quando se fazia mau tempo.<sup>824</sup> Como o vestuário francês influenciava, à época, todo o vestuário europeu e, também, algumas colônias, pode-se afirmar que nas Minas tivesse a mesma função. Isso é perceptível de verificação ao se analisar o material de que era feito um dos dois sobretudos encontrados no *corpus*: a barregana, um tipo de tecido “feito de pelo de cabra para resistir à chuva.”<sup>825</sup>

HumSob(u)tudo deBarregana / na azul comSua vestia ecal / çaõ jauzado tudo visto eavali / adopellozditoz avaliadores / naquantidade quatro mil eoyto / centoz Reiz (CPOCPR, f.14v).

O surtum era uma espécie de casacão usado sobre a casaca.<sup>826</sup> Era fechado no meio do ventre, abotoava-se ao lado do corpo, com duas ordens de botões,<sup>827</sup> e chegava até os

<sup>821</sup> SERPA, 1998, p. 32.

<sup>822</sup> SERPA, 1998, p. 53.

<sup>823</sup> SERPA, 1998, p. 53.

<sup>824</sup> KÖHLER, 2005, p. 413.

<sup>825</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. II, p. 54.

<sup>826</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 799.

<sup>827</sup> SILVA, 1789, t. II, p. 434.

joelhos.<sup>828</sup> O surtum era o chamado *justaucorps*, tipo de casaca francesa surgida no século XVII caracterizada pelo excessivo ornamento. O uso do *justaucorps* perdurou até final do século XVIII sofrendo várias modificações no período.<sup>829</sup> No final do século XVIII era usado, na França, só por homens de condição social inferior. Os homens de prestígio usavam-no apenas como sobretudo, ou *surtout*.<sup>830</sup> E, como sobretudo, era usado sobre a casaca.

O fraque era um modismo importado da França. Representava uma extraordinária modificação do casaco ocorrida na França, por volta de 1770: em imitação ao casaco de equitação inglês, as extremidades inferiores da frente do casaco foram cortadas, o que resultou em um novo estilo, *le frac*, ou fraque.<sup>831</sup> Talvez tenha sido por esse motivo que esse termo não foi encontrado em nenhum dos dicionários da época. Pode-se afirmar que, à época, era um neologismo na língua portuguesa por dois motivos:

1º) Se a peça surgiu na França por volta de 1770,<sup>832</sup> ou seja, em final do século XVIII, não seria possível que anterior a esse período já existisse em língua portuguesa. Em dicionário etimológico francês consultado, a data de entrada desse termo no francês é 1767.<sup>833</sup>

2º) Em dicionário etimológico de língua portuguesa, consta que a data de entrada desse termo na língua portuguesa foi em 1844.<sup>834</sup> Entretanto, é necessário retroagir essa data, visto que no *corpus* aparece em um documento de 1793.

A rapidez como o termo entrou na língua portuguesa mostra a grande influência que o vestuário francês exercia em várias partes do mundo ocidental, inclusive nas Minas Setecentistas.

Essas roupas de uso público eram exibidas, sobretudo, nas festas – ocasiões propícias para ostentação de riqueza e pompa. Na colônia, tais festas costumavam durar dias e ocorriam para, dentre outros motivos:

a) celebrar alguma data religiosa, como se percebe através do relato de um viajante estrangeiro do século XVIII:

“[...] creio que não será de todo desagradavel narrar como os habitantes do Rio de Janeiro celebram as suas festas religiosas”.

“Com uma antecedencia de oito dias arvora-se em face da igreja uma bandeira com a imagem do santo ou da santa a serem festejados.

<sup>828</sup> BOEHN, 1951, v. 4, p. 231.

<sup>829</sup> KÖHLER, 2005, p. 373.

<sup>830</sup> KÖHLER, 2005, p. 471.

<sup>831</sup> KÖHLER, 2005, p. 435.

<sup>832</sup> KÖHLER, 2005, p. 435.

<sup>833</sup> DAUZAT, 1938, p. 338.

<sup>834</sup> CUNHA, 1997, p. 367.

Chegado o dia das festividades todos os devotos vão ter ao templo indicado, mas nunca antes das sete horas da noite”.

“Ficam as igrejas magnificamente iluminadas: uma turba de músicos collocada em tribunas executa peças concertantes.”<sup>835</sup>

Ou nesse trecho em que um anônimo narra uma festa que ocorreu em Mariana, no século XVIII, para comemorar a criação do bispado marianense:

[p]rocedia a segunda figura com o mesmo traje, vestia tres fraldoes, e capilar; era este de seda branca com ramos de prata, e matiz cor de rosa e goivo guarnecido de franjões de prata crespada, e palhetão, todo salpicado de fitas de tela de varias cores com joias de diamantes, e no hombro esquerdo rematava com hum rico broche, prezo em laço de fita de tela de prata em campo azul [...] levava manguitos de fina cambrai, e ricas rendas de França com pulseiras de diamantes, que correspondiam ao affogador.<sup>836</sup>

b) comemorar a chegada de alguma autoridade. Essas festividades costumavam durar dias, conforme é perceptível no relato que segue transcrito:

Chegou o senhor \*bispo das Minas ao seu palácio na Cidade Mariana em 15 do mês de outubro de 1748 [...].

Como necessitava de tomar alguma cura para o que pudesse suceder, gastou esta algum tempo, donde veio dar sua entrada em 28 de novembro do dito ano, e fez esta função com grande solenidade e assistência de todo o principal destas Minas, fazendo-se-lhe uma aparatosa procissão triunfal, que se compunha de dois famosos \*carros triunfantes, cheios de música, cantando várias letras, repetindo muitos vivas, que pareciam os próprios anjos. [...] Na noite antecedente se lhe deitou um grave \*fogo, além das muitas línguas dele que tinham aparecido de noite pelas janelas três dias sucessivos, depois daquele que, em seu palácio, portou a primeira vez, o que se repetiu três dias mais no dia que tomou posse da sua catedral, havendo de noite em seu palácio vários divertimentos que lhes davam os moradores daquela cidade, que constaram de bailes, óperas, \*academias, \*parnasos, comédias, sonatas e vários saraus, tudo modesto e com gravidade e asseio feito, e duraram estes gratuitos divertimentos oito dias sucessivos, que se findou a esta solenidade [...].<sup>837</sup>

c) por ocasião de funerais, o que se pode inferir através de vários documentos da Câmara Municipal de Ouro Preto relacionados à cobrança de despesas para o funeral do rei que havia morrido em Portugal: “Diz Jacob de São Bernar / dez que por ordem deste sennado andou armando a Igreja do Ouro / Preto para as Exéquias de Sua Magestade em que gastou effectivamente / quinze dias, cheia noute / [...]” (CMOP/APM, Cx.24, Doc. 26, f. 1r).

Ou nesse trecho de outro documento:

Senhores do senado / Quando se deu principio ao necessario para as exequias de Sua / Magestade , que Deus haja por ordem do senado, e do Doutor provedor foraõ /

<sup>835</sup> TAYNAY, 1933, p. 92.

<sup>836</sup> ÁVILA, 1967, v. 2. p. 95.

<sup>837</sup> FIGUEIREDO; CAMPOS, 1999, p. 663.

conduzidos os operários precizos, e entre elles foi hum o suplicante / que vi trabalhou com disvello na armação e cuidado das baetas, mas di / pois que. findou a minha serventia he que ouve mayor laboriação, pois / hera continua de dia e de noite. He o que sey e posso responder / a vossa mercê que mandarão [e] que forem servidos, *Vila Rica* 22 de janeyro / 1751 / Aos pes de vossa mercê [...] (CMOP/APM, Cx. 24, Doc. 26).

Já a indumentária de uso doméstico era composta “pela camisa e ceroula sobre as quais se jogava um quimono ao modo de ‘chambre’ ao ser anunciada inesperadamente uma visita.”<sup>838</sup> Como são referenciadas apenas quatro ceroulas no *corpus*, pode-se supor que esse traje caseiro admitisse duas combinações: camisa e ceroula ou camisa e calção.

O quimono, que aparece no texto como *timão* e *quimão*, é um tipo de roupa oriental – mais especificamente japonesa - trazida ao Brasil pelos portugueses.<sup>839</sup> A denominação quimono surgiu de um ‘mal entendido’ ocorrido nos primeiros contatos entre os lusitanos e os japoneses no século XVI. Ao perguntarem aos japoneses, através de gestos - por não conhecerem o idioma local - como se chamavam as roupas que vestiam; ouviam frequentemente a expressão *kimono*, cuja tradução literal é “coisa de vestir, roupa”. Foi assim que a palavra quimono transformou-se numa expressão genérica que designa peças de vestuário que no conjunto formam um visual considerado típico japonês.<sup>840</sup> Nas Minas Setecentistas era usado em casa, assim como o chambre.

Hum xambre de Riscado uzado oqu / alSendo visto eavaliado por ellez / ditos avaliadores por elles foi ava / Liado naquantia dehum mil reiz / Com oqueSeSai fora amargem (CPOCJA, f.43v);

Humquimaõ de (Bae)ta velho / euzado avalliadoemoyta / va emeyadeouro (CSO JSS, f.6r);

Hum timaõ deduaz baetaz / a(z)ul u(z)ado visto eavaleado / pellozditoz aval[i]adores na / quantiade douz mil equa ; trocentoz Reiz (CPOCPR, f. 16r).

Ao se contrastar o vocabulário do vestuário masculino de uso público com o de uso privado, verifica-se que há 124 lexias do vestuário de uso público e 33 de uso privado<sup>841</sup>, ou seja, o primeiro prevalece com 78% das ocorrências e o segundo tem apenas 22% das ocorrências. Isso é um indício de que os ites do vestuário do homem das Minas do século XVIII mais difundidos pertenciam, principalmente, ao espaço público. Noutras palavras, o homem Setecentista dava uma importância muito grande à ostentação pública.

<sup>838</sup> BARROS, 1947, p.131.

<sup>839</sup> BARROS, 1947, p.131.

<sup>840</sup> SATO, 2007, p.198.

<sup>841</sup> É importante lembrar que nesse grupo estão incluídos ceroulas e camisas, além do quimão e do chambre. As ceroulas e as camisas estão quantificadas a seção que trata das roupas íntimas.

Um outro tipo de indumentária que aparece no *corpus* é a militar. Materializada através das lexias dos lexemas FARDA e UNIFORME, elas apareceram no inventário do Tenente Custódio José de Almeida e, também, a descrição de bens de uma loja. Pelo descrito no inventário, percebe-se que a farda era composta por calção e chapéu:

Hua farda do Uniforme aqual / sendo vista eavaliada por ellez / ditos avaliadores por elles foi a / valiada na quantia de duaz / oitauas digo naquantia dequa / tro mil e oito centos reis como / que saefora amargem (CPOCJA, f. 43r);

Hum calcao amarelo dafarda / oqual sendo visto eavaliado por / eles ditos avaliadores por eles foi / avaliado naquantia demil e / duzentos reis comquesesaefora (CPOCJA, f. 43r);

Hum Chapeo dafarda oqual Sen / do Visto eavaliado por elles ditos / avaliadores por eles foi avaliado / naquantia de dois mil equatro / Centos Reis comoque SeSaefora (CPOCJA, f. 43v);

TresFardas depanno emtrefinno fo / rrados deRoaãavalluadacada huã / aSete mil reis que emportaõ em / Vinteehum mil reis (CPOMCPR, f. 105r).

Mas, ao se consultarem outros documentos da mesma época, neste caso específico o sequestro dos bens dos inconfidentes, verifica-se que véstia, além de ligas, dragonas e franjas faziam parte da farda: “Uma farda de panno azul de seu uniforme com dragonas de galão de prata e franja do mesmo com vestia amarella de panno espeguilhada de prata e calções da mesma cor do panno com ligas de galão tambem de prata.”<sup>842</sup> Pelo contexto das ocorrências de farda nos documentos, constata-se que farda podia designar o conjunto de casaca, calção e véstia, como ocorre no inventário do capitão tenente Custódio José de Almeida.

Em relação a uniforme, um pesquisador define esse termo como sinônimo de farda.<sup>843</sup> Mas essa definição é passível de questionamento, visto que se farda e uniforme fossem, à época, sinônimos, esta construção encontrada no *corpus* não seria possível:

Hua farda do Uniforme aqual / sendo vista eavaliada por ellez / ditos avaliadores por elles foi a / valiada na quantia de duaz / oitauas digo naquantia dequa / tro mil e oito centos reis como / que saefora amargem (CPOCJA, f.43r).

Pelo exemplo, percebe-se que a farda era apenas um dos itens do uniforme.

No século XVIII, o uniforme, de acordo com um especialista em assuntos militares, era um conjunto composto por:

tricornio agaloado, com laço à esquerda e presilha; casaca com forros e canhões das cores regimentais; ao princípio amplo, cheios de casas e botões, depois, menores até

<sup>842</sup> AUTOS..., 1936, v.5, p.488-489.

<sup>843</sup> SERPA, 1998, p.27.

se tornarem da largura das mangas: camisa com bofes e punhos de rendas; bandas da cor dos forros, enchendo a frente das casacas, do pescoço à cintura: estas tinham abas longas e eram abertas, tendo-se fechado, a pouco e pouco, com o tempo. A véstia – antepassado do colete – tinha os mesmos galões que a casaca e, sobre ela, se abotoava o talim. Os calções, com botões, galão e fivela logo abaixo do joelho, aberto na frente, em alçapão, foi, mais tarde, substituído pela pantalone de presilha e, enfim, pela calça comum. Quando o militar estava de botas, as meias cobriam os joelhos. Sapatos e polainas curtos, característicos das tropas portuguesas e brasileiras. Gravata, em geral, negra, com o gorjal dourado por baixo. Cabelos empoados, rabicho e laço. Faixa carmim, boldrié ou talabarte de veludo agalado, bastão de castão de ouro lavrado para os coronéis, de ouro simples para os tenentes-coronéis, de prata lavrada para os sargentos-mores (majores), de prata singela para os capitães, de marfim para os tenentes e alferes.<sup>844</sup>

Conforme já dito na seção destinada à história do vestuário, a indumentária militar influenciou fortemente as roupas masculinas ocidentais. No caso específico da indumentária militar do Brasil à época colonial, o esplendor era tanto que um cronista da época afirmou que se fosse possível “vencer inimigos com a riqueza luzida dos uniformes, não haveria no mundo tropa mais respeitável nem mais invencível” de que a tropa da colônia brasileira.<sup>845</sup> Veja a observação sobre os soldados da colônia feita por um viajante inglês dos Setecentos:

Achou Lisle magnífica a cavallaria riograndese; talvez até fosse a melhor do mundo. Especialmente para aquellas paragens onde os cavallos, excellentes, viviam em pastagens a que não se habituariam os animaes da Europa.

E os cavalleiros?! Que cavalleiros! Intrepidos e robustos, acostumados á sella desde a infancia, supportando a fadiga, com assombrosa resitencia!

Cada soldado de dragões, além da propria cavalgadura, levava sempre a dextra de dois a cinco animaes, pelos quaes se revezava.

“Homens de grande elegancia, até quando se tratava de simples praças de pret, usavam enormes esporas e espadas, cujos copos eram de prata massiça”.<sup>846</sup>

Ou nessa outra:

“[...] Esplendida a apresentação de todos os corpos, homogeneamente muito bem fardados”. Reforçou-lhe o aspecto da cavallaria a opinião que desde o Rio Grande trazia desta arma.

“O uniforme dos milicianos da Ilha, quer o da infantaria quer o da cavallaria, é azul claro; os soldados, bem providos de carnes, são homens bem feitos e seus cavallos melhores do que os do Rio Grande. [...] As redeas e freios dos indios riograndenses eram quasi exactamente como os dos tartaros turcos e mouros, de Marrocos, quando jamais houvera entre estes povos tão distantes, o menor contacto. Os estribuos de uns e de outros é que se mostravam complementemente diversos.”<sup>847</sup>

Em outras palavras, a farda dos militares era considerada, na época, uma das vestimentas mais teatrais.<sup>848</sup> “Hum chefe de regimento em Portugal não se apresenta tão

<sup>844</sup> RODRIGUES; BARROSO *apud* DRUMOND, 2008, p. 160.

<sup>845</sup> CAIRU *apud* SERPA, 1998, p. 74.

<sup>846</sup> TAUNAY, 1933, p. 187.

<sup>847</sup> TAYNAY, 1933, p. 196-197.

<sup>848</sup> SERPA, 1998, p. 27.

luzido em galões como um alferes no Brasil.”<sup>849</sup> Veja um exemplo iconográfico de um uniforme militar dos Setecentos:

FIGURA 1 – Companhia dos Dragões Reais das Minas (1730).



Fonte: RODRIGUES *apud* DRUMOND, 2008, p. 159.

Outro tipo de indumentária que é referenciada no *corpus* é a religiosa. Neste caso, não se trata de roupas usadas por padres, bispos e demais membros da Igreja Católica, mas de roupas usadas por pessoas leigas que estavam, de alguma forma ou outra, vinculadas formalmente à Igreja.

Essa vinculação “formal” se dava, nas Minas Setecentistas, através das irmandades: associações de leigos que, desde o início da colonização das Minas, cuidaram da implementação da vida religiosa, não sendo restritas, porém, a tal vida. Grêmios de cunho orgânico e local, além do caráter devocional, tinham caráter social, beneficente e o compromisso de “assistir” seus integrantes na vida, nas vicissitudes desta e na morte.<sup>850</sup>

Pistas da relação dos mineiros com essas associações é dada através do lexema HÁBITO, que designa um traje religioso:

<sup>849</sup> BARDI *apud* SERPA, 1998, p. 27. (Trecho da carta de José da Silva Lisboa – escrita em 1781).  
<sup>850</sup> BOSCHI, 2007, v. 2, p. 59.

Humhabitodesamfrancisco / de(Tersus) comseucordaõ visto /  
 eaualliadopellosditosauallia / doresemaqu(a)ntia detresmil /  
 eseiscentosReisComquesesay (CPOARSG, f. 286v).

Pelo exposto, verifica-se que, através do vocabulário do vestuário, encontram-se pistas sobre a vida sociocultural na colônia. No caso dos homens, essa realidade cultural era marcada fortemente pela atuação na vida pública, pela atuação nas forças armadas e pela atuação na igreja.

### 3.2.2.2 Femininas

“Dentre os perfumes sutis que vêm  
 Das suas charpas, dos seus vestidos,  
 Isolar tentas o odor que tem  
 A trama rara dos seus tecidos.”<sup>851</sup>

Às mulheres brancas da colônia o Estado português reservou a tarefa de formar famílias “constituídas com base no matrimônio legal, consagrado pela Igreja católica.”<sup>852</sup> O motivo de tal tarefa é que a Coroa portuguesa pretendia, dessa maneira, fixar os colonos na terra e com isso povoar o território minerador, incrementar a produção, garantir a segurança e a posse da terra.<sup>853</sup>

Como o número de mulheres brancas na Colônia era inferior ao de homens, a administração portuguesa tratou de impor normas para evitar a saída de mulheres para o Reino. Tal impedimento era justificado em função do enorme contingente de pais que enviavam suas filhas a Portugal, a pretexto de possuírem vocação e seguirem carreira religiosa.<sup>854</sup>

A maioria das mulheres da elite casava-se muito cedo, no início da puberdade. Ligavam-se a esposos, muitas vezes, desconhecidos em casamentos arranjados pela família. Em geral os portugueses casavam-se tardiamente a partir dos trinta anos, enquanto a idade de suas esposas variava entre treze e dezenove anos.<sup>855</sup>

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a mulher colonial fosse um ser apagado, submisso e que, na opinião de um pesquisador, “nenhuma influência tinha na vida dos maridos, ou mesmo no desenvolvimento dos filhos.”<sup>856</sup> E isso porque, mesmo fazendo parte da elite branca, essas mulheres eram “impedidas de exercer funções públicas nas

<sup>851</sup> BANDEIRA, 2005, p. 38

<sup>852</sup> FURTADO, 2007, v. 2, p. 486.

<sup>853</sup> FURTADO, 2007, v. 2, p. 186.

<sup>854</sup> FIGUEIREDO apud CHEQUER, 2002, p. 44.

<sup>855</sup> FURTADO, 2007, v. 2, p. 487.

Câmaras Municipais, de participar das atividades eclesiásticas ou ter acesso a cargos da administração colonial.”<sup>857</sup> Mas pesquisas recentes apontam que a liderança feminina podia ser exercida em outros redutos de poder, de maneira menos visível, mas não menos importante.<sup>858</sup>

Um desses redutos de poder era a administração dos negócios da família. A legislação portuguesa previa que, após a morte do pai, deveria ser designado um tutor para os filhos menores e a viúva, ao contrário do viúvo, só poderia exercer a tutoria com a autorização dada no Juízo de Órfãos. Se a herança deixada pelo pai excedesse a quantia de 60\$000, a tutoria da mãe precisava ser ainda confirmada ou autorizada pelo rei de Portugal, via Conselho Ultramarino. Por isso, na ausência dos maridos, muitas mulheres brancas brigaram judicialmente para ter a tutela dos filhos e, conseqüentemente, gerenciar o patrimônio familiar.<sup>859</sup>

Além disso, nem sempre a mulher branca colonial exerceu o papel reservado a ela pelo Estado português. Exemplo disso é o caso de Helena de Santa Teresa. Mulher solteira que vivia em companhia de sua mãe. Após sua morte descobriu-se que tinha uma filha, conforme consta nesta portaria transcrita de seu inventário:

Como seja couza muito certa, *que por fallesci / mento de Elena de Santa Thereza falecida nesta Villa / emcaza e Companhia desua May Izabel Pe / reira lheficou huã filha por nome Bernarda / que por alguãs razoens depulitica estava nes / te tempo oculta, e por isso, etão bem por que al / guãs pessoas derespeito patrocinau aditta / Izabel Pereira nunca se fez Inventario dos muito / e concideraves benz, que ficarão dasobredita / Elena de Santa Thereza os quaes tem desfru / tado athe oprezente asobredita sua May.* (CSOHS, f.3r)

Além de Helena de Santa Tereza, Tomásia Francisca foi outra mulher branca que não se submeteu às normas reservadas às mulheres coloniais, conforme pode-se depreender de uma informação que consta no inventário de Custódio Pereira Rocha, de quem teve dois filhos naturais:

[...] mesdeAbril de[cl[a] / rando nelle que hera nat[u] / ral davillad eguimaraiz a[r] / Sebyspado deBraga [fi] / lho legitimodeAntonio F[ran] / cisco ede lui(s) da[rasgado] / estajadefunta eeste[rasgado] [t] / endo porSeo(z) univer(c)ais / erdeyros da(s)dua(z) partes / deSeoz ben(z) adoi(z)filho(z) na / turai(z) brancos menores filh[os] / deThoma(z)ia Francisca mu / lher Branca morad[o]ra n[a] / cidade doRiode Jan[eiro] / cujoz nomes sedec[arara] / emSeolugar [rasgado] [...]. (CPOCPR, f. 2r)

<sup>856</sup> BARROS, 1947, p. 129.

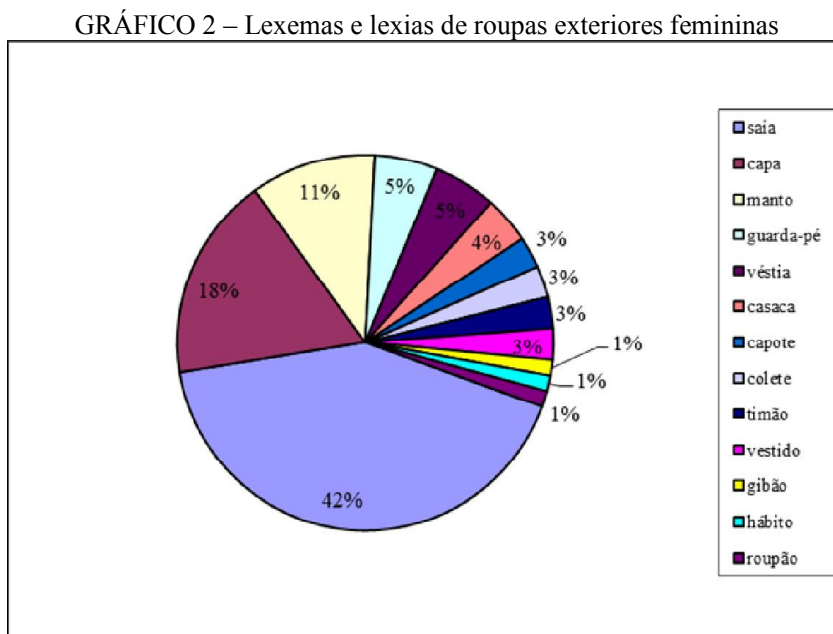
<sup>857</sup> FIGUEIREDO *apud* CHEQUER, 2002, p. 48.

<sup>858</sup> CHEQUER, 2002, p. 48.

<sup>859</sup> CHEQUER, 2002, p. 66.

Conforme exposto, percebe-se que o lugar ocupado pela mulher branca na Colônia é muito controverso. Será verificado, então, quais pistas o vocabulário do vestuário feminino fornece em relação ao papel desempenhado pela mulher da elite colonial.

No *corpus* foram encontrados 13 lexemas materializados em 74 lexias referentes às roupas exteriores, distribuídas conforme Gráfico 2:



Ao analisar o gráfico, percebe-se que as lexias mais recorrentes foram as dos lexemas SAIA, CAPA, MANTO, GUARDA-PÉ e VÉSTIA. Pressupõe-se que as roupas mais referenciadas eram as mais usadas e, conseqüentemente, formavam um traje básico. Nesse caso tem-se a saia e/ou guarda-pé que cobre da cintura para baixo; a véstia que cobre o tronco; e a capa e o manto que cobrem o corpo inteiro.

HumaSaya depanoescuru em / meyoUso consuacazaquinhade / demontar tudo [rasgado] Babado de / trosal uistaeeualiada pellos di / tosaualiadores amil des mil reis / comquesesaj (CSOJSA, f. 6v-7r);

Huasaya deestufodeLaaCor de / Cinza, que foi vistaeeValiada / pelozditos Aualiadoresnaquan / tia de doismil, equatrocetos / ReisComquesesahé (CSOCCM, f. 10r).

Assim como a indumentária masculina, a feminina também pode ser classificada em relação ao uso. Haveria uma de uso público e outra de uso doméstico sendo que a última caracterizaria-se pela simplicidade e sensualidade:

[e] assim elas foram vistas por estranhos que não deixavam de notar, como Luís dos Santos Vilhena, no final do século XVIII, ser hábito generalizado das mulheres “andarem dentro em suas casas em mangas de camisa, com golas tão largas que muitas vezes caem e se lhes vêem os peitos”, além de “muitas vezes descalças e de ordinário sem meias, com camisas de cassa finíssima e cambraia transparente. Pela mesma época um inglês confirma isso ao escrever que “o vestuário comum das senhoras é uma saia, que usam sobre a camisa. Esta é feita de musselina mais fina, sendo geralmente muito trabalhada e enfeitada.” [...] “As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios.”<sup>860</sup>

No *corpus* encontrou-se exemplo que confirma o uso de camisa feita com tecido fino:

Duasdittas [camisas] decaça finariscadas que / foraõvistaseavaliadaspeloz dittos / Avaliadores cadahua adoismil / equatrocentos reiseenportanaquan / tiadequatromil, oito centos reis / comquesesahé (CSOAMJ, f. 7v).

Ainda em relação ao traje doméstico, há informação de que nas casas-grandes a roupa caseira feminina de uso diário constava de uma camisa decotada com um cabeção picado de rendas e uma ampla saia franzida na cintura.<sup>861</sup> Ou, nas palavras de um sociólogo: “Quanto às grandes damas coloniais, ricas sedas e um luxo de tetéias e jóias na igreja, mas na intimidade, de cabeção, saia de baixo, chinelo sem meias.”<sup>862</sup>

Mas além das saias e camisas, outras peças de roupa faziam parte da indumentária doméstica na Colônia. Uma dessas roupas, o quimono, mostra que a influência oriental também se fez presente na roupa caseira feminina. Nas regiões mais frias, sobre o simples traje caseiro, usava-se um

“quimono”, peça de origem oriental, introduzida no Brasil pelos portugueses. O vocábulo em corruptelas sucessivas, ora surgia como – *quimão*, *queimão* ou *timão*. Esta espécie de bata, era confeccionada em chita ou em pano grosso de lã, em geral de côr escura. Num passado menos remoto, a mulher de baixa condição era apelidada de ‘mulher de saia e *timão*’.<sup>863</sup>

Todos os quimonos referenciados no *corpus* foram confeccionados de baeta, como mostra o exemplo a seguir:

Hum timaõ debaeta (liza) aba[n]dado / desetim azul, quefoivistoeava / liadopelozdittos Avaliadore(s)na / quantiad equatromil, equinhen / tos rei(s)comquesesahé (CSOAMJ, f. 7r).

<sup>860</sup> ARAÚJO, 2007, p. 55-56.

<sup>861</sup> BARROS, 1947, p. 122.

<sup>862</sup> FREYRE, 2005, p. 101-102.

<sup>863</sup> BARROS, 1947, p. 131.

Poderia, também, ser usado sobre a roupa caseira um roupão que, no caso, desempenharia a mesma função do quimono:

Hum roupaõ dexita ou bai(ss)o / dexita (e)ab[†.....]a u(s)ado visto / eavaliado pellozditoz avaliadores / naquantia de Mil edu(s)entoz Reiz (CSOAMR, f. 6r).

Já a indumentária feminina de uso público caracterizava-se pela pompa e pelo luxo. Nos domingos e dias santificados, as senhoras saíam em seus palanquins forrados de veludo e damasco, fechados por grossas cortinas e pesados tapetes de cores vivas e iam assistir aos ofícios religiosos na cidade. Esses trajes opulentos destinados quase que exclusivamente às atividades religiosas foram ironicamente denominados no interior do Brasil de “roupas de ver a Deus.” De acordo com comentaristas da época, tais roupas podiam custar até mais de 400\$000.<sup>864</sup>

Esses trajes eram dedicados quase que exclusivamente às atividades religiosas porque a essas se restringia praticamente a participação das senhoras importantes. Isso é perceptível através de um relato amado de um viajante francês que esteve no Brasil no século XVIII:

Qual não foi porém a nossa surpresa, quando, ao chegar num salão magnificamente illuminado, onde resoava a melhor musica, apenas vimos uma multidão de portuguezes e nem uma unica senhora! Compreende-se bem que em taes condições não podia haver baile alegre nem danças animadas.

Tres ou quatro marmanjos envergando roupas femininas faziam de pares para aquelles que queriam prestar-se a esta ridicula mascarada.<sup>865</sup>

Estavam os francezes pasmos de semelhante occurrencia. Souberam então que de balde convidara o Governador numerosissimas senhoras da cidade. Os maridos, inflexivelmente, se haviam opposto a que a palacio fossem as queridas metades.<sup>866</sup>

Além das saias e das capas, já comentadas em parágrafo anterior, a indumentária feminina de uso público era composta de outras peças. Uma delas era o manto, usado para cobrir todo o corpo e, algumas vezes, até o rosto. Isso mostra que as mulheres brancas, ao saírem nas ruas, cobriam o corpo todo, conforme relata um historiador, com base em uma declaração de um viajante: “[a]chei nesta cidade [Diamantina] o inculto uso de andarem as mulheres rebuçadas em dois côvados de baeta preta... com a cara tôda tapada.... Investe o governador contra a horrenda moda, baixando violento alvará. Mas a moda persistiu, mudada só a baeta em mantilha.”<sup>867</sup>

<sup>864</sup> BARROS, 1947, p. 128.

<sup>865</sup> FLOTE *apud* TAUNAY, 1933, p. 101.

<sup>866</sup> TAUNAY, 1933, p. 101.

<sup>867</sup> LUCCOCK *apud* OMEGNA, 1971, p. 141.

Véstia, colete e gibão eram usados sobre as camisas, formavam par com as saias e, muitas vezes, eram do mesmo tecido da última, conforme mostra o seguinte exemplo:

HumaSaia velha decalamanha / comhum colete domesmo tudo visto / eavaliado pellozditoz a[v]aliadores / naquantia de seiz sentoz reiz (CSOAMR, f. 5v).

Em relação à véstia, um comentário se faz necessário. Em um dicionário da época consultado, ela é descrita como “vestidura de homem com mangas, chega até os joelhos.”<sup>868</sup> Entretanto, véstia aparece tanto em inventários masculinos quanto em femininos. Isso leva a supor que era um tipo de roupa originariamente masculina sendo seu uso feminino posterior.

Sobre a saia, camisa e véstia ou gibão ou colete, poderia vir uma casaca. Nesse caso, essas peças poderiam formar um tipo de vestido feminino, usado à época, conforme exemplo:

Hum vestido demolher comca / zacadevelludo azul, vestia de / sedaverde, com Ramos deouro, guar / dape damesma comalgum uzo ava / lliado tudo emsetentamil reis (CSOAM, f. 5r).

Guarda-pé é um tipo de saia sobre a qual não se encontrou muita informação na bibliografia sobre vestuário e/ ou moda consultada. Ela foi classificada como roupa exterior porque no dicionário da época consultado consta a informação que seria uma roupa de cor, logo, não poderia ser roupa íntima. Neste trabalho, levanta-se a hipótese de que, talvez, o guarda-pé fosse o que alguns historiadores do vestuário chamam de “anágua, parte inferior do vestido feminino que era vista através de uma abertura frontal, em forma de V invertido, que a segunda saia do vestido possuía. Essa ‘anágua’ seria, muitas vezes, mais bordada e acolchoada que a própria saia”.<sup>869</sup> Em relação aos guarda-pés encontrados no *corpus*, eles diferem muito das anáguas no que se refere à qualidade dos tecidos: os guarda-pés são de seda e as anáguas são de panico. Seda, à época, era um tecido caro para se usar em uma roupa íntima, numa sociedade que primava pela ostentação.

Outra hipótese também que se levanta, com base na história do vestuário português do século XVIII é que, inicialmente, guarda-pé fosse apenas uma parte da saia utilizada para esconder ou “guardar” os pés, conforme é possível inferir pela descrição do vestido feminino português em 1719: “[...] sucederam os bambolins (*paniers*) armados em barbas de baleia, forrados de tafetá, [...], sucessores dos *verdugadins* montados em ferro, á castelhana, sobre os quaes se punha uma saia de baixo (*polheira*) com guarda-pé, e a de cima, de sêda,

<sup>868</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VIII, p. 456.

<sup>869</sup> LAVER, 2006, p.1 31.

caprichosamente tufada.”<sup>870</sup> E isso por que na época, em Portugal, mostrar os pés era “o cumulo da indecencia [...]”<sup>871</sup> Posteriormente, essa primeira saia que tinha guarda-pé pode ter sido chamada, por metonímia, de guarda-pé, como mostra o seguinte exemplo:

Huasahia ouguardapedeseda dema / (ti)zes Cordeouro uzadavistaeava / Liadapellozdittozavaliadores emsette / Mil eduzentos reis” (CSO JSCR, f. 5r);

Humguardapedesedaemcarnada / com Ramos emcarnados, Comsuaves / tiadamesmaCor avalliadotudo / emvinteesincomil reis (CSOAM, f. 5r).

Ao se comparar os lexemas do vestuário de uso privado e público verificou-se que os do primeiro grupo apresentaram 71 ocorrências e os do segundo grupo apresentam 42 ocorrências – lembrando que camisa foi incluída no último grupo e que saia pertence aos dois grupos. Isso mostra que o vocabulário do vestuário de uso público apresenta uma recorrência maior, ou seja, 62% contra 37% do vocabulário de uso doméstico. Esses dados apontam para um cuidado feminino com a apresentação e aparência em público.

FIGURA 2 – Vestido de seda azul lavrada com bordados florais – 1750



Fonte: foto da autora tirada na exposição *Mulheres reais – modas e modos no Rio de Dom João VI* – Belo Horizonte, out. 2009.

<sup>870</sup> SEQUEIRA, [19..], p.46.

<sup>871</sup> SEQUEIRA, [19..], p.47.

Em relação a hábito, trata-se de uma vestimenta de caráter religioso que, nesse caso específico, foi utilizada para amortalhar Ana Maria de Jesus:

Certifico<sup>que</sup> falecendo aos treze de Março dopresente / Anno Anna Maria de Jezus casada com Manoel / Joze Ribeiro, seu corpo foi amortalhado em habito de / Samranjsco, conduzido [...] (CSOAMJ, f. 14r).

Esse dado mostra a religiosidade presente no universo feminino, inclusive na hora da morte, visto que em muitos testamentos a testadora determinava a roupa com a qual seria enterrada e, geralmente, ligada a algum santo de sua devoção.<sup>872</sup>

### 3.2.2.3 Vestindo a sedução: roupas exteriores masculinas × roupas exteriores femininas

Como o objetivo principal deste trabalho é analisar contrastivamente o vocabulário do vestuário de homens e de mulheres do séc. XVIII em Minas Gerais, nesta seção será contrastado o vocabulário das roupas exteriores masculinas e femininas para verificar se havia diferença ou não entre eles.

No *corpus* foram encontrados 17 lexemas de roupas exteriores masculinas e 13 de roupas exteriores femininas. Desses, 7 lexemas são comuns aos dois grupos (CAPA, CAPOTE, CASACA, HÁBITO, TIMÃO, VÉSTIA e VESTIDO), 10 pertencentes apenas ao masculino (CALÇÃO, CHAMBRE, FARDA, FRAQUE, JALECO, LOBA, QUIMÃO, SOBRETUDO, SURTUM e UNIFORME) e 6 apenas ao feminino (COLETE, GIBÃO, GUARDA-PÉ, MANTO, ROUPÃO e SAIA). Sendo assim, 58,82% dos lexemas de roupas exteriores masculinas são privativos desse grupo contra 46% dos femininos privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia diferença relevante em relação ao vocabulário das roupas exteriores masculinas e das femininas, além de o vocabulário do vestuário masculino ser mais numeroso. Pode-se inferir assim que os homens, nas Minas do século XVIII, provavelmente preocupavam-se mais com o vestuário do que as mulheres. Isso ocorreria por que a roupa masculina era

um instrumento de afirmação pessoal, e nas reuniões sociais o exagero é tão grande quanto o feminino, os desenhos do período, explorando também o ridículo dos homens, com os bustos estufados artificialmente, os calções muito largos drapeados sobre as coxas, as gravatas monumentais que, juntamente com as golas altíssimas, engoliam rosto, cabeça e cartola<sup>873</sup>

<sup>872</sup> DAVES, 1998.

<sup>873</sup> SOUZA, 1993, p. 65.

Um dos motivos para tal preocupação masculina está relacionado ao fato de, na época, o traje ter uma importância excessiva na competição social. Noutras palavras, o brilho das roupas acentuava a ostentação de poder.<sup>874</sup> Numa época em que o poder era, geralmente, exercido pelo homem, nada mais natural que ele se esmerasse para demonstrá-lo sendo o traje um meio para esse fim.

### 3.2.3 Roupas íntimas

A roupa íntima ou roupa branca teve seu uso difundido, na Europa, após o século XVI. Relacionada à higiene, ao erótico e à distinção social, ela contribuiu para a demarcação da fronteira entre o espaço público e o espaço privado ocorrida na virada do século XV para o século XVI.<sup>875</sup>

Trazida ao Brasil pelos portugueses, a qualidade da roupa branca impressionou um viajante estrangeiro do século XVIII:

Usava roupa de baixo muito fina. E sempre tão assejada que esta circunstancia predispunha, do modo mais favoravel, o observador estrangeiro em seu favor e quanto ao padrão elevado de sua civilização  
Que differença com o povo da metropole!  
Eu que sempre levei o asseio aos extremos de refinado apuro e affectação vi-me, no Porto de s. Pedro a fazer secundaria figura!  
Tal o effeito do sol e da pureza do ar ali que a roupa debaixo, daquella gente, assumia inimaginaveis tons de alvura.<sup>876</sup> [...] Sua roupa branca, como a dos rio-grandense, é sobremodo fina e alva.<sup>877</sup>

Pela declaração do visitante, percebe-se que a alvura e a fineza da roupa branca eram qualidades consideradas na época. Entretanto, em sua declaração não há nenhuma menção sobre a distinção no uso de tais roupas por homens e mulheres.

Sendo assim, nas próximas seções, será verificado se o vocabulário das roupas íntimas fornecem pistas sobre o modo como tais roupas eram usadas por homens e mulheres.

#### 3.2.3.1 Masculinas

No *corpus* foram encontrados 6 lexemas materializados em 71 lexias referentes a roupas íntimas. Veja a distribuição no Gráfico 3:

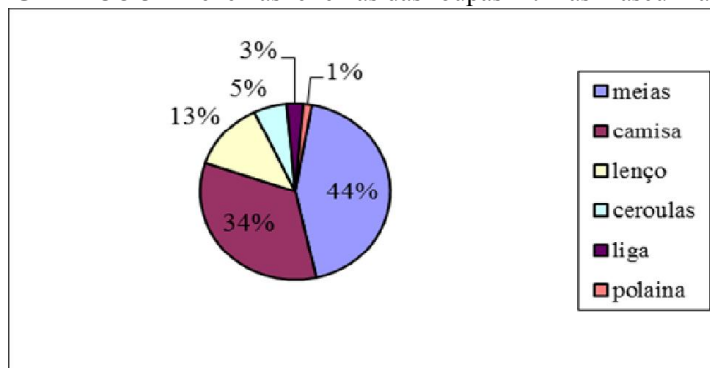
<sup>874</sup> SOUZA, 1993, p. 80.

<sup>875</sup> ROCHE, 2007, p. 161-173.

<sup>876</sup> LISLE *apud* TAUNAY, 1933, p. 176.

<sup>877</sup> LISLE *apud* TAUNAY, 1933, p. 220.

GRÁFICO 3 – Lexemas e lexias das roupas íntimas masculinas



Ao analisar o gráfico, percebe-se que as lexias mais recorrentes foram as dos lexemas MEIAS, CAMISA, LENÇO e CEROULAS. Pressupõe-se que as roupas mais referenciadas eram as mais usadas e, conseqüentemente, formavam um traje básico. Nesse caso tem-se as meias que cobriam toda a perna. Eram justas e podiam ser uma peça única semelhantes às meias-calças femininas da atualidade, ou em duas peças: uma que formava um calção justo até abaixo dos joelhos onde se colocava a liga para juntar a outra peça que cobria a parte inferior da perna até os pés.<sup>878</sup> Confeccionadas, na maioria das ocorrências, em tecido nobre (seda), havia distinção entre meias de menino, de rapaz e de homem, conforme mostram as seguintes abonações:

Sete Pares deMejas deSeda deme / Nino deurias Cores, quefoj auallidoca /  
dapar amil edu(s)entos Reis quetodos / emportaõ em Oito Mil equatro Sen / tos Reis  
(CPOMCP, f. 42r);

Sincopares deMejas deBarra de / Seda de Rapas deVarias Cores que foj / avalliado  
cadapar aSeis Sentoz / Reis que todos emportaõ tres Mil / Reis (CPOMCP, f. 44r);

Humpar demeias deSedadecor / Leguejras dehomẽ queforaõ / Lavradigoavalluadas  
pelloz / louvado(z) pordoiz mil reis (CPOMCP, f. 15v).

Em relação às cores das meias, das 30 lexias do *corpus*, 12 não tiveram as cores informadas. Das que tiveram a coloração definida, 11 não eram brancas e apenas 7 eram brancas. O interessante em relação às não-brancas se refere ao fato de não ter sido determinada, na maioria das ocorrências, uma cor específica, mas sim a expressão “de cor”:

Dou(z)pares demeyas d[e] Seda decores uza / dos avaliados ambos em mil eduzen /  
tosReis (CPOMPPN, f. 9r);

Humpar deMejas deSeda / deCor avalluadas em oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 12r);

Doi(z)ditozdeSeda decor Jave / lhos vistoz eavaliadoz pelloz / ditoz avaliadores  
amboz por / nove Centoz Reiz (CPOCPR, f. 13v).

878

MIRANDA, 1998, p. 156.

As camisas eram usadas imediatamente sob a pele, ficando por baixo da véstia e da casaca. Confeccionadas principalmente em bretanha e linho, algumas possuíam babados, como mostram os exemplos seguintes:

Hũa camizade Bertanha com babadoz / decambraýa embom uzo avaliada na /  
quantidade mil e quinhentos Reis (CPOMPPN, f. 8r);

Quatro camiza(s) de panodelinho em / bom uzo avaliada dos dez e dois mil / quatro  
centos Reis (CPOMPPN, f. 8r).

Os lenços eram usados para limpar o rosto e/ou o nariz e eram levados na algibeira. Apareceram, na maioria das vezes, decorados com listras e pintura. Hum tipo de lenço que foi referenciado no *corpus* e sobre o qual não se descobriu informação foi o lenço de tabaco:

Seis Lenços de palhinha pintados avalia / dos aquinhentos Reis importa tres mil Reis  
(CPOMPPN, f. 4r);

Nove Lenços branco de Bertanha com / Listas vermelhas avaliado cada hum /  
a quatro Centos e oitenta Reis em por / ta quatro mil trezentos e vinte Reis (CPOMPPN,  
f. 4r);

Tres lenços de tabaco visto se aua - / Liados pelos ditos auallia dores / cada hum delles  
a cento e cinco / enta [reis] (juntos) tres em portaõ / em aqua (a) ntiade quatrocentos /  
De quatro centos e cinco e nta Reis (CPOARSG, f. 285r-285v).

A liga, conforme citado em página anterior, servia para atar as meias e/ou o calção:

Quatro pares de ligas de calção vis - / tase auallia das pellos ditos auallia /  
do resem preço equan(t)ia decento / e cinco e nta Reis Conque Sesay (CPOARSG,  
f. 286r).

As ceroulas cobriam o corpo da cintura até os joelhos e eram usadas sob os calções. Confeccionadas em linho (as que tiveram o material informado), conforme mostram os exemplos:

Seis S(i)roulas de Panode Linho ja / Com Seu Uzo avaliada Cada huma a /  
[[a]] quinhentos Reis em portaõ em tres / Mil Reis (CPOMCP, f. 11r);

Tres Siroullas de panodelinho avaliado / cada hũa a quatro Centos e cinco e nta / Reis  
em portaõ digo cada hũa a cento e cinco / enta Reis em portaõ quatro centos e cinco  
e nta Reis (CPOMPPN, f. 8r).

É interessante comparar as roupas íntimas com as roupas exteriores. Em relação à quantidade de lexemas, verifica-se que as das roupas exteriores são quase três vezes maior,

pois estas apresentaram 17 lexemas, contra 6 de íntimas. Em relação às lexias, o número de ocorrências de roupas exteriores também é maior: apresentaram 127 ocorrências contra 69 das íntimas.

Isso demonstra que a preocupação maior do homem das Minas setecentistas era com a roupa que era vista, a que podia ser exibida. A roupa de baixo parece ter recebido menos atenção na descrição do inventário. Como exemplo, pode-se citar o fato de que, das 24 lexias de camisa encontradas, 18 (= 75%) são acompanhadas pelos qualificadores *remendado*, *roto*, *uso*, *usado* e *velho*. As demais não receberam nenhum qualificador, quer seja do campo de usado, quer seja do campo de novo. E, de todas lexias de roupas íntimas encontradas, apenas uma é qualificada como nova, no caso, um par de meias:

Hum pardemeiasdecouro / deveado novaz vistaz eavali / adaz pellozditoz  
avaliadores / naquantidade mil eduzentoz / reiz (CPOCPR, f. 16v).

Entretanto, isso não quer dizer que o homem das Minas tenha tido um desleixo com a roupa de baixo. A atenção a tais roupas foi menor que às roupas exteriores, mas foi também objeto de certo cuidado. Como foi citado na seção anterior, elas primavam pelo asseio e finura. Além disso, a partir da análise dos dados, percebeu-se que a roupa íntima masculina possuía, muitas vezes, adornos como babados, pintura e variedade de cores, além de serem confeccionadas, em muitos casos, com tecidos nobres como a seda.

### 3.2.3.2 Femininas

As mulheres tem usado roupas íntimas desde os primórdios da humanidade. Embora tal uso tenha sido, muitas vezes, relacionado à saúde e higiene, há fortes indícios de que esse uso esteja efetivamente relacionado ao erotismo.<sup>879</sup>

Na mitologia, por exemplo, há rastros desse erotismo. O *cestus*, tipo de espartilho que pegava da virilha até as mamas, foi desenhado por ninguém menos que Vênus e recomendado a Juno, deusa dotada de uma figura extremamente sensual. Marte o descreveu como uma armadilha da qual ninguém podia escapar, capaz de reacender as chamas do amor.<sup>880</sup>

As primeiras roupas de baixo femininas datam de 2000 a.C em Creta. Trata-se da crinolina e do espartilho. Eram usados pelas mulheres cretenses para levantar os seios nus e ampliar os quadris, função essa que não tem nenhuma relação com saúde e higiene e, sim, com a estética, já que o objetivo era tornar o corpo mais voluptuoso. Também as romanas

<sup>879</sup> NÉRET, 1998, p. 6-7.

<sup>880</sup> NÉRET, 1998, p. 8.

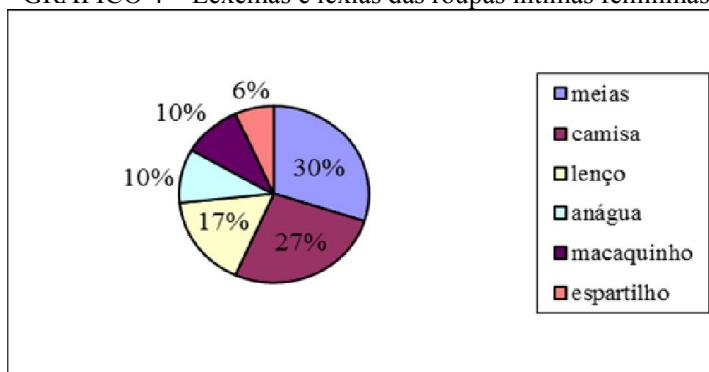
usavam ligas em forma de joias ao redor das coxas, apertando-as. A única finalidade de tais ligas era provocar desejos fetichistas.<sup>881</sup>

A *lingerie* não foi menos popular na Idade Média. Nessa época foi inventado o *gipon*, um tipo de espartilho que, longe de realçar os seios, achatava-os, dando ênfase ao estômago, considerado como um monumento à feminilidade.<sup>882</sup>

Como se percebe, ao longo dos séculos, a mulher sentiu necessidade de apertar, estrangular, comprimir os quadris e os seios. Da Idade Média até o século XVIII, saiotos e outros modelos de espartilhos foram inventados até culminar no *pannier*, um tipo de ‘gaiola’, suspenso a partir da cintura, feito de vime, lúpulo, fitas e franjas para aumentar a largura da saia, nas laterais.<sup>883</sup> A saia ficava tão ampla sob o *pannier* que poderia ter 4,5 metros de largura o que impedia, por exemplo, duas damas de sentarem-se no mesmo sofá ou de passarem juntas – lado a lado - por uma porta.<sup>884</sup>

Essas roupas íntimas, descritas nos parágrafos anteriores, foram criadas na Europa e usadas por europeias, em geral. Em relação às roupas íntimas das mulheres do período colonial brasileiro, não foi encontrada bibliografia especializada. E, mesmo em assuntos tangentes ao tema, não foi encontrada referência relativa às roupas brancas das mulheres dos setecentos. Sendo assim, através dos dados do *corpus*, será feito um pequeno esboço do modo de vestir dessas mulheres das Minas nesse período. Foram encontrados 6 lexemas distribuídos em 30 lexias, conforme mostra o Gráfico 4:

GRÁFICO 4 – Lexemas e lexias das roupas íntimas femininas



Ao analisar o gráfico, percebe-se que as lexias mais recorrentes foram as dos lexemas MEIAS, CAMISA, LENÇO e ANÁGUA. Supõe-se que as roupas mais referenciadas eram as mais

<sup>881</sup> NÉRET, 1998, p. 7-8.

<sup>882</sup> NÉRET, 1998, p. 8.

<sup>883</sup> NÉRET, 1998, p. 10.

usadas e, conseqüentemente, formavam um traje básico. Em relação às meias, não há informação se as meias femininas cobriam toda a perna ou parte dela. Confeccionadas, na maioria das ocorrências, em tecido nobre (seda), havia distinção entre meias de menina e de mulher, conforme mostram os seguintes exemplos:

A[†.] Doutor Joze da Costa mandou que toma / sse namaõ devossamerce tres varas de fita defio a / mostra que vaj ehuma daoutra am(e)stra / ecomo eu naõ posso já La ir vossamerce mande as / dittas varas epon ha naconta dele que a / ssim me detremina ehum par demeias brancas / demenina (CSOHST, f. 165ran);

Doze pares demeias deSeda deMulher / de(V)arias Cores quefoj avalliado cadahum / par amil eSeis Sentos Reis quetodos comportaõ de(zanoue Mil edu(s)entoz / Reis (CPOMCP, f. 42r).

As camisas eram usadas imediatamente sob a pele. Confeccionadas em tecidos diversos, das 9 ocorrências do *corpus*, 3 apresentavam rendas e uma bordados:

Trescami(z)as deBertanha Consuas / Rendas ordinarias Ja(I)zadas uis / tas eauliadas pellosditos / aualiadores Cadahuma amil ed(u) / Zentos Reis Soma tres mil Se / issentos Reis ComqueSesay (CSOJSA, f. 7r);

TresCami(z)as decambrayeta / Comsuas Rendas or<di>narias Ja(I)za / das uistaseauliadas pellos / dittosauliadores Cadahuma / amil edu(z)entos Reis Soma tresmil / eseissentos Reis ConqueSesay (CSOJSA, f. 7r);

Humacami(z)a depanodelinho / deLinho (I)zadaiusta e[av]aliada / pellosdittos aualiadores enmil / ReisConqueSesay (CSOJSA, f. 7r-7v);

Duasdittasdecaça finariscadasque / foramvi[s]taseavaliadaspelosdittos / Avaliadores cadahua adoismil / equatrocentos Reis(e)mportanaqua / <n>tiadequatromil, oito centosreis / comquesesahí (CSOAMJ, f. 7v);

Sette Camizas finas comSeo(z) bordados / Com uzo vistaseauliadaspellosditto(z) / avaliadores em dozemil eSeiscentoz / reis (CSOJSCR, f. 7v);

CatorzeCamizas demolher comsuas / rendasejauzadas avalliadaz / emtrintamil reis (CSOAM, f. 5v).

O lenço tinha a mesma função do masculino: limpar o rosto e/ou nariz. Podia ser branco, colorido ou pintado:

Hum lenso dexita pintado (CSOHST, f. 17ran);

TresLenços, dousbrancos, hum dito de / Ló, queforaõvistoseavaliadospelos / dittos Avaliadoresnaquantiade/ mil, settecentosevinteecincoreis / comquesesahí (CSOAMJ, f. 7r).

A anágua era um tipo de saia que se usava sob outra para ampliar a forma da última ou para dissimular a transparência do tecido da saia de cima.

Macaquinho é um termo sobre o qual nenhuma referência foi encontrada nos dicionários da época. A única definição encontrada para esse termo foi em um dicionário de moda da atualidade. Nele consta a informação de que, no final do século XIX, macaquinho era uma peça íntima, mistura de camisola e calção.<sup>885</sup> Com base nesse dado, ele foi classificado como roupa íntima.

O espartilho, espécie de colete rijo, era usado para adelgaçar o talhe do corpo. A rigidez era conseguida através de barbatanas de baleia, material do qual era composto, na maioria das vezes. Confeccionados em tecidos variados, das três ocorrências do *corpus*, dois apresentaram acabamentos:

Hum macaquinho deCabayabanda / dodeSétimRoza,quefoi vistoea / valiadopelosdittos Avaliadoresna / quantiad edois mil, equatrocen / tosreisCom qsesahí (CSOAMJ, f. 6v);

Dousmacaquinhos debertanhabanda / dos dexita, queforaõvistos eavalia / dospelosdittos Avaliadoresnaquan / tia cadahum demil, edu(s)entosreis / einportaemdois mil, equatrocen / tosresicomqsesahé (CSOAMJ, f. 7r).

As roupas íntimas não apresentaram uma variedade muito grande. Foram encontrados 6 lexemas contra os 17 de roupas exteriores. A quantidade também foi pequena: 30 lexias de roupas íntimas contra 127 de roupas exteriores.

Embora com poucas ocorrências, percebe-se que o uso das roupas íntimas pelas mulheres brancas das Minas Setecentistas também passava pelo adorno e pelo erótico. Como exemplo, pode-se citar as anáguas e os espartilhos, roupas cuja função é apenas estética.

### 3.2.3.3 Vestindo a sedução: roupas íntimas masculinas × roupas íntimas femininas

Nesta seção, será contrastado o vocabulário das roupas íntimas masculinas e femininas para verificar se havia diferença ou não quanto ao gênero do portador.

No *corpus* foram encontrados 6 lexemas de roupas íntimas masculinas e 6 de roupas íntimas femininas. Desses, 3 são comuns aos dois grupos (CAMISA, LENÇO e MEIAS), 3 pertencentes apenas ao masculino (CEROULAS, LIGA e POLAINAS) e 3 pertencentes apenas ao feminino (ANÁGUA, ESPARTILHO e MACAQUINHO). Sendo assim, 50% dos lexemas de roupas íntimas masculinas são privativos desse grupo e 50% dos femininos privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia diferença em relação ao vocabulário das roupas íntimas masculinas e das femininas, mas o vocabulário do vestuário masculino e

<sup>885</sup>

CATELLANI, 2003, p. 512

do feminino eram igualmente limitados a seis. Esse dado confirmaria a seguinte afirmação: “O acesso dos meninos e o das meninas a esses territórios [uso das roupas brancas] não são exatamente análogos, pois, para os dois sexos, a carga simbólica da roupa-branca não é completamente comparável e não se lê da mesma maneira.”<sup>886</sup>

### 3.2.4 Partes de roupas, acabamentos e acessórios

Se a principal função do vestuário é ornar, os detalhes das roupas e os acessórios são os principais itens desses adornos e enfeites. O que vai chamar a atenção nos Setecentos mineiro é a riqueza desses acabamentos, riqueza não só em relação ao material empregado - ouro e prata - como em relação ao trabalho de acabamento da peça, como bordados, franjas e debruns.

#### 3.2.4.1 Masculinos

##### ROMANCE LIV OU DO ENXOVAL INTERROMPIDO

Aqui estive o noivo,  
de agulha e dedal,  
bordando o vestido  
do seu enxoval.

[...]

A agulha, de prata,  
e de ouro, o dedal.  
Em haste de cera,  
ergue o castiçal  
para a turva noite  
lírio de cristal.

[...]

De prata era a gulha,  
e de ouro, o dedal.  
Em sonho traçava,  
com doce-espíral  
de brilhantes flores,  
novo madrígal.

[...]

"Sabeis, ó pastora,  
daquele zagal,  
que agora não borda  
seu rico enxoval?"<sup>887</sup>

<sup>886</sup> VERDIER *apud* ROCHE, 2007, p. 164.

<sup>887</sup> MEIRELES, 1989, p.82.

Na seção destinada à análise das roupas exteriores, afirmou-se que a vestimenta era usada, no século XVIII, para mostrar, exibir *status*. Mas apenas a variação das roupas exteriores não demonstrava a posição social do portador. Essa demonstração era evidenciada por outros itens, principalmente, por algumas partes das roupas, acabamentos e acessórios.

Em relação a esses itens – partes de roupas, acabamentos e acessórios – foram encontrados no *corpus* 34 lexemas materializados em 117 lexias. Veja a distribuição na Tabela 1:

TABELA 1 - Distribuição dos lexemas e das lexias de partes de roupas, acabamentos e acessórios masculinos

<i>Lexemas</i>	<i>Lexias</i>	%
botão	29	25
fornado	13	11
espada	6	5
punho	6	5
babado	6	5
fivela	5	4
renda	5	4
guarnição	4	3
ponteira	4	3
bainha	3	3
bocal	3	3
forro	3	3
boldrié	3	2
bordado	2	2
catana	2	2
florete	2	2
gancho	2	2
luva	2	2
manga	2	2
alforje	1	1
barra	1	1
bolsa	1	1
bordadura	1	1
cana-da-índia	1	1
castão	1	1
cinta	1	1
colchete	1	1
entremeio	1	1
espigilhado	1	1
flor	1	1
gravata	1	1
manguito	1	1
rendado	1	1
trassado	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>117</b>	<b>100</b>

O lexema que apresentou maior número de lexias, conforme mostra a tabela, foi BOTÃO. Usado para unir uma peça de roupa à outra, apresentava, para alguns pesquisadores, “primeiro a função de ornamento e em segundo lugar, a de abotoamento.”<sup>888</sup> Era usado em camisas, casacas, punhos, véstias e vestidos, como mostram os exemplos:

Doiz pares debotoins d[e] / camiza pequenino(z) h[um] / brinco pequeno com dou[s] / ojofes ehuma C[rasgado] / dediamantes ehum [rasgado] / esmaltadodeou[ro] [rasgado] / Seo aljofe que t[em] [rasgado] / oytava(z) e(rez) qua[rasgado] / tro vinteins vystos e [avaliados] / pello(s)dito(z) av[a]lli[adores] / a(m)ileduzentos [reis a oita] / va emporta e[m][rasgado] / duzento(z) e[rasgado]” (CPOCPR, f. 5v);

Seis duziasdebotoins detambique ama / relllo decazaca avaliado cadaduzia / aduzentos ecorentaReis emporta mil / quatro Centos ecorentaReis (CPOMPPN, f.5r);

Quatro groza(s)de botoins deEstanho deca / zaca Compe avaliado cada groza a tre / zento(s)Reis importa mil eduzentos Reis (CPOMPPN, f. 5r);

[rasgado] sete [rasgado] botoins depunho / detambique[rasgado]tres avaliado(s) / todoz emseis centos esetenta Reis (CPOMPPN, f.5v);

Seis duzias deditos devestia avaliada / aduzentosReis aduzia emporta mil / eduzentosReis (CPOMPPN, f. 5r);

Hum vestido depano azulFerrete forra / doMeio Bordado detafeta carmesi / comBotonis deouro crioulo quevisto ea / valliadopellos avalliadores em de / zoito oitavas deouro que adinheiro saõ / vinte esete Mil Reis (CPOMSO, f. 5r).

Além disso, o botão era tão valorizado que podia ser deixado como penhor, como no caso de Simão Machado que empenhou botões com algumas jóias como garantia de empréstimo:

HumCordaõ deOurogroço etre(z)e pare(z) / de Botoins de Varias Castas ehuma Memo / ria deBracadeira de fillo grana penhore(z) / deSimaõ Machado empenhados pello / pe(z)o que emporta adinheiro sincoenta e / quatro Mil Reis” (CPOMCP, f. 6v).

O material empregado na confecção dos botões variava de ouro a estanho, como pode ser constatado nos exemplos do penúltimo parágrafo.

Muito comum, no século XVIII, era o uso de roupas com forros. Das 10 lexias dos lexemas FORRO/FORRADO que tiveram determinado o material utilizado como forro, o tecido mais usado para tal função foi o linho (3) seguido por baeta (2) e saeta (2). Os demais com apenas uma ocorrência foram chamalote, tafetá e cabaia. A preferência pelo pano de linho pode ser justificada por uma questão de saúde. Como suas fibras absorvem bem a umidade,

<sup>888</sup>

MIRANDA, 1998, p.162.

seu uso foi recomendado por médicos até o século XIX. Nessa época era considerado um tecido arejado e higiênico.<sup>889</sup> Roupas exteriores como capote, casaca, surtum, véstia e vestido eram forradas, como mostram os exemplos:

HumcapotedeCamalaõ Escuro forrado / deBaetacordeRoza muito uzado ava / liado naquantia demil oito centos Reis (CPOMPPN, f. 8r);

Hua cazacadegallapretaforradadeta / feta uzada avaliada emmil edouzentos Reis (CPOMPPN, f. 7v)

Hum Sertum defustaõ Branco / forradode pano de Linho aenda embom / Uzoavaliado em Oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 11v);

Huma Vestia defustam Branco forra / da depano delinho ainda em bom uzo / avaliada em Oito Sentos Reis// (CPOMCP, f. 11v);

Hua vestia deSetimpreto sem mangas / com oforro Roto avaliada entrezentos / Reis (CPOMPPN, f. 7v);

Hum vestido de Camelaõ pardo / - Casaco//Calçaõ evestia derossa grana / forradodechamallote Cramesim ehum / par demejas deseda damesmaCor a / valliado tudo em vinte Mil reis (CPOMCP, f. 12r).

As fivelas eram itens que também tinham duas funções: ornar e prender duas partes de uma roupa. Usadas sobretudo em calções, podiam ainda ser encontradas em boldriés, além de apresentar modelos para pescoço, como mostram os exemplos:

Hum pár defiuelas / deCalçaõ deprata Com opezo de / Sete oitavas emeya as quaes Sendo / Vistas eavaliadas por elles dito(z) / avaliadores por elles foi avalia / da Cada oitava aCem Reis que / ao todo emportaSeteCentos e / Cincoenta Reis com o queSeSae (CPOCJA, f. 4v);

Hum buldrie de(retroz) da / moda novo (es)[pe]lhado com / fivella grande demetal epe / quena deestanho emollaz / deferro visto eavaliado / pellos ditos avaliadores / naquantia de douz mil / equatrocetoz reiz (CPOCPR, f. 16r);

Hua fivela depescocinho deprata / com opezo deSete oitavas oqual / Sendo vista eavaliada por elles / ditos avaliadores por eles foi avali / ada a Cem Reis Cada oitava que / ao todo emportaSete Centos Rei(z) /Com oqueSeSae fora. (CPOCJA, f. 4v).

Das fivelas cujo material foi especificado, 5 eram de prata e uma de metal não especificado. Percebe-se que esse acessório era um meio de ostentação de riqueza, assim como os botões.

Para ornamento das roupas, além de acessórios como botões, colchetes e fivelas, havia acabamentos como babado, bordado, barra, bordadura, espiguiha e flor que tinham a função

<sup>889</sup>

CHATAIGNIER, 2006, p. 32.

de enfeitar, de valorizar a roupa.

Os babados eram enfeites plissados ou pregueados usados principalmente em camisas. Como as véstias eram, geralmente, abotoadas apenas por alguns botões da cintura para cima, os babados que circundavam o decote das camisas ficavam visíveis.<sup>890</sup> Mas além das camisas, os babados foram encontrados em manguitos e barretes:

(Sinco)ca[misa]z<sup>891</sup> de Bertanha fina / comseoz [ba]badoz em bom / uzo vistas [eav]aliadaz pelloz / ditoz avali[ador]es atrez mil / Reiz cada huma enporta / em quin(s)e mil Reiz (CPOCPR, f. 12v);

Dous paresdemanguitos combabados / avaliados ambos entrezentozReis (CPOMPPN, f. 8v);

Hum Barrete comSeoba / bado visto eavaleadopelloz / ditoz avaliadores emquatro / centoz eSinco entaReiz (CPOCPR, f. 12v).

O bordado, arte antiga, podia ser feito com tecido ou metal precioso sendo que o último produzia um efeito luxuoso extraordinário.<sup>892</sup> No *corpus* foi encontrado um chapéu com bordadura de prata, como mostra o exemplo:

Hum chapeo fino com pluma depena / encarnada com Bordadura deprata que / (v)istoeavaliado em tres oitava de ouro (CPOMSO, f. 5v).

Era usado, sobretudo, em roupas exteriores, como casacas e vestidos e era feito com tecidos ou metal precioso:

Huma Casaca depannoAluadio ja / Usada Bordada delinho daIndiacom / Sua vestia domesmo pano eCalçaõ avalli / adotudo em Oito Mil Reis/ (CPOMCP, f. 12r).

É interessante frisar que, no século XVIII, bordar não era uma atividade exclusiva feminina. Na época era atualidade e elegância os homens bordarem.<sup>893</sup> Tomás Antônio Gonzaga, poeta preso e exilado por envolvimento na Inconfidência Mineira, bordava seu vestido de casamento, como consta nos Autos de devassa da Inconfidência: “[...] por estar entretido a bordar um vestido para o seu casamento, do qual entretenimento nunca se levantava senão para a mesa, o que não parece compatível com as idéias e paixões de uma sedição.”<sup>894</sup>

<sup>890</sup> KÖHLER, 2005, p. 412.

<sup>891</sup> Lexia inferida a partir da relação da terça que consta no fôlio 80v do manuscrito.

<sup>892</sup> SERPA, 1998, p. 14-15.

<sup>893</sup> SERPA, 1998, p. 15-16.

<sup>894</sup> AUTOS ...*apud* SERPA, 1998, p. 54.

A barra consistia em uma tira de tecido colocada sobre a peça, na parte inferior, para enfeite. Geralmente era em tecido mais nobre.

Sincopares deMejas deBarra de / Seda deRapas deVarias Cores que foj / avalliado Cadapar aSeis Sentoz / Reis que todos emportaõ tres Mil / Reis (CPOMCP, f. 44r).

A espiguiha, espécie de renda, cobria uma peça de roupa, ornando-a. Além da espiguiha, rendas de entremeios foram encontradas. E como detalhe de um florete, um adorno fitomórfico: uma flor de ouro.

Hum pár de Xaireis ebolcas do / Iniforme daCavalaria todo Es / piguilhado oqual Sendo visto ea / valiado por eles ditos avaliado / res por elles foi avaliado naquan / tia de quatro mil eoitto Centos Reiz (CPOCJA, f. 45v).

Tre(z) varasdeRendadeEstremeyo Estrei / ta avaliada atrinta Reis avara em / porta entrezentos enoventa Reis (CPOMPPN, f. 5r);

Humflorete deprata comhuma / flor deoiro Comseubuldrié de / Marroquim quetudofojvistoea - / Valliadopellosditosaualliaadoresdeste / Juizoemaquantiadedezacetemil / eseiscentos ReisComqueSeSay (CPOARSG, f. 282v).

Um acessório imprescindível ao traje masculino era a espada. Na Europa, nenhum homem elegante podia dispensar seu uso.<sup>895</sup> Era presa ao corpo pelo boldrié,<sup>896</sup> assim como o florete. No *corpus* aparecem alguns tipos de espadas sobre os quais não foram encontradas maiores informações, como espada de vestir e de montar:

Huma espadaCompunhodeprataava / luadaem Seis oitauasdeouro(CSOACD, f. 3v);

Huma Espada deMontar Com / Seugancho Compunho dePratta eguar / niçoins inteiriças avalliaada emqua / tromil Reis (CPOMCP, f. 13r);

Humaespadavelha de / vestir Sem bainha p(un)t(a) / decabello vista eavaleada / pellozditoz avaliadores naqu / antiadeSeiz centoz Reiz (CPOCPR, f. 21r).

Veja um modelo de espada na Figura 3:

<sup>895</sup>

BOEHN, 1951, t. IV, p. 246.

FIGURA 3 – Modelo de espada do século XVIII.



Fonte: Galeria virtual do Museu Histórico Nacional.  
Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/>

Outro tipo de espada encontrado foi a catana cuja principal diferença em relação à espada é ser menor, além de ser um modelo japonês.

As espadas e catanas que tiveram o material informado no *corpus* – três – todas eram de prata. Algumas tiveram o material do acabamento informado, como bocal, gancho, ponteira e punhos, tudo de prata, como no exemplo:

Hum espadim dePrata [†...] / uado ComSeu Bocal e ponteira da mesma / Prata avaliado em Oito Mil Reiz (CPOMCP, f. 12v).

As bainhas eram usadas para proteger a lâmina das espadas:

Humacatanavelha Sem / bainha vista e avaliada / lozditoz avaliadores na quan / tiade Seiz Centoz Reiz digo / nove centoz Reiz (CPOCPR, f. 21r).

O acessório que substituiu a espada, a partir de 1788, na Europa, foi a bengala.<sup>897</sup> No *corpus*, ela aparece sob o nome de cana-da-índia já em 1773:

Humacana da Índia com castão / dec(o)quilho vista e avaliada / Vista e avaliada pelo dito / Valliadores em a quantidade seis / Centos Reis Com quem a margem Sesay (CPOARSG, f. 287r-287v).

<sup>896</sup> SEQUEIRA, 19[...], p. 49.

<sup>897</sup> KÖHLER, 2005, p. 440.

Embora nos dicionários consultados não haja definição desse termo, foi possível constatar que se trata de um tipo de bengala pelo contexto em que ocorre em um inventário do século XVIII localizado no arquivo de Diamantina:

Mais outra bengala de cana da / índia com seu castão de prata / lavrada ja muito uzada vis / ta e avaliada em o preso de seis / mil reis (CPOLJFD, f. 4r).

Outros acessórios usados eram luvas, bolsa, cinta e gravata. As luvas eram “adornos indispensáveis para as ocasiões festivas, principalmente para os bailes, quando seu uso era obrigatório.”<sup>898</sup> Das duas vezes em que essa lexia ocorre no *corpus*, em uma delas é indicado o material do qual era feita: castor. Isso indica que eram peludas e macias.

Sincopares deLuuas decastor de / homen quefoj avalliadocadahum / par a Seis Sentos Reis quetodos em / portaõ em tres Mil Reis (CPOMCP, f. 44r);

Huma Duzia depares deLuuas / franxhupanas dehomem que foraõ a / valliados opar adu(z)entos Reis que / todos emportaraõ dous Mil ecoa / tro Sentos Reis (CPOMCP, f. 44r).

A bolsa referenciada no *corpus* fazia parte do uniforme de cavalaria do Tenente Custódio José de Almeida. Em relação à cinta, não se encontrou maiores informações sobre seu uso no século XVIII. A informação que foi encontrada refere-se a seu uso em Portugal na Idade Média. Elas eram usadas para “apertar as saias, os tabardos ou os guardacós,”<sup>899</sup> lembrando que saia, nessa época, era usada também por homens.<sup>900</sup> A gravata era um tipo de lenço usado no pescoço que, com o uso de babados nos decotes das camisas, “ficou com as extremidades mais curtas.”<sup>901</sup>

Como partes de roupas têm-se as mangas e os manguitos. As mangas, parte da roupa que cobria os braços até as mãos, podiam ser ou não costuradas no corpo das roupas. Também podiam ser de outro tecido diferente da peça com a qual fazia conjunto.<sup>902</sup> Manguito podia ser uma meia-manga que supria a da vésia – quando essa não tinha – ou regalo para aquecer as mãos.

Dous paresdemanguitos combabados / avaliados ambos entrezentosReis (CPOMPPN, f. 8v).

<sup>898</sup> SERPA, 1998, p. 35.

<sup>899</sup> MARQUES, 1964, p. 36.

<sup>900</sup> MARQUES, 1964, p. 33.

<sup>901</sup> KÖHLER, 2005, p. 412.

<sup>902</sup> SERPA, 1998, p. 21.

Humac[a]zacadegadeda / [rasgado] a(s)uiz [co]mSua vestiaSem / mangaz  
de[S]eda dafabrica Soa / [†.....] A[rasgado] vistoeavaliado / pellozditoz  
[ava]liadores naquan / tiade quatromil eoitocen / toz Reiz (CPOCPR, f. 14v).

Pelo exposto, percebe-se quão importante eram os acessórios e acabamentos das roupas masculinas do século XVIII.

Esses dados sugerem que se uma das funções do vestuário é adornar, no século XVIII essa função se sobrepôs às outras: proteção e pudor. Ao homem das Minas setecentistas não bastava apenas estar vestido, ele tinha que estar enfeitado, ricamente vestido, noutras palavras, estar bonito: ele e a roupa tinham que ser um espetáculo.

#### 3.2.4.2 Femininas

“Meu pai quero seda,  
Quero um chale de Tonquim.  
Quero um anel de brilhantes,  
Quero um leque de marfim.”<sup>903</sup>

As mulheres também gostavam de enfeitar as roupas. No *corpus* foram encontrados 24 lexemas materializados em 61 lexias do campo lexical do vestuário distribuídos, conforme Tabela 2:

TABELA 2  
Distribuição dos lexemas e  
das lexias de partes de roupas,  
acabamentos e acessórios femininos

<i>Lexemas</i>	<i>lexias</i>	%
botão	13	21
renda	9	14
forrado	7	11
abandado	5	8
luva	3	5
barra	2	3
bastão	2	3
bordado	2	3
catana	2	3
leque	2	3
babado	1	2
banda	1	2
bordadura	1	2
castão	1	2
colchete	1	2
espada	1	2
franja	1	2
galão	1	2
gola	1	2
guarda- peça	1	2
guarnecido	1	2
guarnição	1	2
punho	1	2
rendado	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100</b>

As lexias mais recorrentes foram as do lexema BOTÃO, com 13 ocorrências. Das 13 ocorrências, 8 tiveram o material do botão especificado, sendo 6 de ouro, 1 de crisólitas e 1 de cinzel. Além da variedade do material, apareceu um modelo de botão sobre o qual não se encontrou maiores informações: botão de bico. Tudo isso mostra que a função do botão à época era muito mais para ornar do que para unir as peças das roupas.

Sette pares de Botoes grandes / deouro Laurados Conopeso dequa / renta esincoojtauas uistos / eauliadospellosdittosa / <u>aliadorescadaojtaua / Cadaojtaua amil equatrosen / tos ReisSomam Sinco entaesette / mil equatro sentos Reis Com que / Sesay (CSOJSA, f. 4r-4v);

Douz pares de botoẽns de grisolitas que foraõ / vistose avaliados pelo(z) dittos Avalia / doresnaquantia dedozemil Reis com que / sesahe (CSOHST, f. 4r);

Hum par de Botois grandes de Bico / e outros pequenos de Sin(s)el Humpar pe / queno Li(z)o que tudo tem de peso trinta eduas / oitauas e hum quarto penhores de Joanna / Monteiro empenhados por Vinte Oito oita / uas de Ouro que emportam adinheiro qua / rente edous Mil Reis (CPOMCP, f.6v).

Além de botão, outro acabamento que valorizava as roupas eram as rendas. Usadas em camisas, capas e saias, podiam ser de prata ou ouro:

Catorze Camizas demolher Com suas / Rendasejauzadas avalliadaz / em trinta mil reis (CSOAM, f. 5v);

Humacapinha de eludo verde / forada de tafeta vermelha com / sua guarnesaõ de Renda de ouro Uza / da uista avaliada pellos ditos / avaliadores em dois mil Reis Com / que Sesaj (CSOJSA, f. 6v);

Humasahi de pano azul demente / com sua Renda de prata tudouza / do vista avaliada pellos ditos / avaliadores em seis mil reis (CSOJCSR, f. 5r).

As roupas femininas também podiam ser forradas. No *corpus* aparecem capas, colete e cortes de tecidos com forros, conforme mostram os seguintes exemplos:

Humacapinha de eludo verde / forada de tafeta vermelha com / sua guarnesaõ de Renda de ouro Uza / da uista avaliada pellos ditos / avaliadores em dois mil Reis Com / que Sesaj (CSOJSA, f. 6v);

Humcolete de Brilhante de Seda / cordesinza forrado de tafeta verde / em Bom (I)zo uisto avaliada pellos / ditos avaliadores em mil e duzentos Reis Conque Sesaj (CSOJSA, f. 7r);

Hum Corte de seda (forrada) [†...to] / com descouados em peça vis / to avaliada pellos ditos aua / liadores em doze mil reis com que / sesaj (CSOJSA, f. 8r).

O tecido mais usado para forrar foi o tafetá com 5 ocorrências seguido da chita com 1 ocorrência e outro que não teve o material do forro identificado. Das 7 lexias que foram qualificadas como forradas, 3 são camisas, 3 capas, 1 colete e 1 corte de seda. Isso sugere que uma das principais funções da capa fosse realmente a de tampar as roupas enquanto a mulher estava na rua.

Mas, além de forradas, as roupas femininas poderiam apresentar outros tipos de acabamentos como babados, bandas, barras, bordados, franjas, galão e guarnições, como mostram os exemplos que seguem:

Huma Saya de pano escuro em / meyo (U)so com sua cazaquinhade / Demontar tudo (Lizo) Babado de / trossal uista avaliada pellos di / tos avaliadores em mil e seis mil Reis / conque S[e][s]aj (CSOJSA, f. 6v-7r);

Humacapa de brilhante Com (bandas) / de pelucia vista avaliada pellos / ditos avaliadores em quatro mil reis (CSOJCSR, f. 5v);

Huma Saia de S[ed]a branca / Com Ramos ec[o]m ba[rr]a de tafeta / Cor de Roza vista avaliada / pellos ditos avaliadores na quantia / de noventa e seis mil Reis (CSOJCS, f. 4v);

Sette Camizas finas comSeos bordados / Com uzo vistasevaliadaspellosdittos / avaliadores em dozemil eSeiscentoz / reis (CSOJSCR, f. 6v)

huma pessa debretanha defranja (CPOHST, f. 17rr);

Humacapinha deueludo verde / forada detafetauermelho com / sua guarnessaõ deRenda deouro Uza / da uista eauliada pellosditos / aualiadores emdois mil Reis Com / queSesaj (CSOJSA, f. 6v);

Hum galaõ deouro ja usado / [c]omopeso de dez oytavaz emeyá / visto eavalia[d]o pellosditos avali / adores naquantia de mil coytoi / [cen]tos Reis (CSOAMR, f. 3r).

Tudo isso com a única função de adornar as roupas, de as transformar em um espetáculo em que fosse possível vislumbrar o jogo de “dobras e desdobras, que glorifica a luz mas que alude às sombras.”<sup>904</sup> A roupa feminina seduzia cobrindo, como é perceptível pelos modelos das capas que as mulheres usavam sobre as demais roupas:

Humacapade brilhante Com(bandas) / depelucia vistaeavaliadapelloz / dittosavaliadores emquatromil reis (CSOJSCR, f. 5v);

Humadittadechamaloteazul / forrada detafeta cordeouro tudo / uzado avaliadopelossdittosava / Liadores emmil oito centosreis (CSOJSCR, f. 5v);

Humaditta de melaniapretta / forradadetafetabranco vistaeava / Liadapellozdittosavaliadores emdois / Milreis (CSOJSCR, f. 5v);

Huma castelhana depano azul / comSuaRenda velha vistaeavalia / dapellosdittosavaliadoresemaquan / ttiadeMileduzentosreis (CSOJSCR, f. 5v);

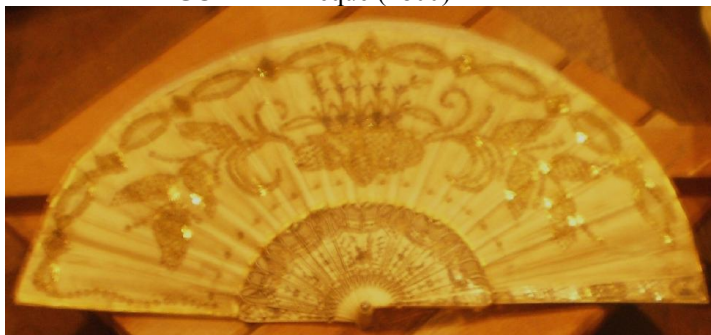
Huma dittadeRatinaencarnada / Vistaeavaliadapellosdittos / avaliadores emnovecentos / reis (CSOJSCR, f. 5v).

Os acessórios, também, compunham a roupa exterior da mulher. Do oriente veio o leque, introduzido no Brasil pelos portugueses, conforme consta na afirmação seguinte “[...] ou algum d’esses primitivos leques, em quarto de círculo, que os companheiros de Fernão Mendes Pinto trouxeram da China [...]”<sup>905</sup> Dos leques referenciados no *corpus* consta um de marfim e outro com fitas de prata, o que mostra que nos pequenos detalhes não se perdia a oportunidade de ostentar riqueza. Item muito adequado ao clima tropical, também foi muito popular na Europa onde se dizia que “[...] uma senhora sem leque correspondia a um cavalheiro sem espada [...]”<sup>906</sup> Veja alguns modelos de leques setecentistas nas figuras abaixo:

<sup>904</sup> MIRANDA, 1998, p.124.

<sup>905</sup> ORTIGÃO, 19[...], p.105.

<sup>906</sup> BARROSS 1947, p.136.

FIGURA 4 – Leque (1800)<sup>907</sup>

Fonte: foto da autora tirada na exposição *Mulheres reais – modas e modos no Rio de Dom João VI* – Belo Horizonte, out. 2009.

FIGURA 5 – Leques (século XVIII)



Fonte: Galeria virtual do Museu Histórico Nacional.  
Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/>

As luvas eram acessórios usados em ocasiões festivas, como mostra a seguinte declaração: “[...] pois mesmo nas procissões, por volta de 1750, apareciam grandes decotes,

<sup>907</sup> Cetim branco bordado com lantejoulas, aplicações de tule e de aço polido formando motivos fitomórficos, colo e guardas de marfim; decoração com motivos amorosos na orla, rebite de metal com strass no colo.

mal velados de “écharpes de Veneza, luvas de pala de cordovão e sapatos de salto de perdiz.”<sup>908</sup>

Hum pardeLuvas dealgudaõ / Crivadas [vistas] eauliadaz / pellosditos aua[li]adores naquan / tiade Sento es[in]coenta Reiz(CSOJCS, f. 4v);

Onze pares deluuas deMulher que / foraõ auallias cadapar a du(s)entoz / Reis quetodas emportaraõ dous Mil / edu(s)entos Reis (CPOMCP, f. 44r).

Pelo exposto, percebe-se a importância dos acessórios e dos acabamentos das roupas femininas do século XVIII. Ao se comparar com as roupas exteriores, o número de lexemas dos acessórios é maior 24 contra 13. Mas o número de lexias é menor: 61 de acabamentos e 75 de roupas exteriores. A variação no campo de acessórios e acabamentos era muito maior que no campo de roupas exteriores.

Esses dados sugerem que se uma das funções do vestuário é adornar, no século XVIII essa função se sobrepôs às outras: proteção e pudor. À mulher das Minas setecentistas não bastava apenas estar vestida, ela tinha que estar enfeitada, ricamente trajada, noutras palavras, estar bonita. Ela e a roupa tinham que se constituir em um espetáculo.

### **3.2.4.3 Vestindo a sedução: partes de roupas, acessórios e acabamentos masculinos × partes de roupas, acessórios e acabamentos femininos**

Nesta seção, serão contrastados o vocabulário dos acessórios e acabamentos masculinos e o vocabulário feminino para verificar se havia diferença ou não em relação ao gênero do proprietário.

Foram encontrados 33 lexemas de partes de roupas, acabamentos e acessórios masculinos e 24 de femininos. Desses, 15 são comuns aos dois grupos (BABADO, BARRA, BORDADO, BORDADURA, BOTÃO, CASTÃO, CATANA, COLCHETE, ESPADA, FORRADO, GUARNIÇÃO, LUVA, PUNHO, RENDA, e RENDADO), 19 pertencentes apenas ao masculino (ALFORJE, BAINHA, BOCAL, BOLDRIÉ, BOLSA, CANA-DA-ÍNDIA, CINTA, ENTREMEIO, ESPIGULHADO, FIVELA, FLOR, FLORETE, FORRO, GANCHO, GRAVATA, MANGA, MANGUITO, PONTEIRA e TRASSADO) e 9 pertencentes apenas ao feminino (ABANDADO, BANDA, BASTÃO, FRANJA, GALÃO, GOLA, GUARDA-PEÇA, GUARNECIDO e LEQUE). Sendo assim, 57,57% dos lexemas de partes de roupas, acabamentos e acessórios masculinos são privativos desse grupo contra 37,5% dos femininos privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia diferença

<sup>908</sup> FIALHO *apud* BARROS, 1947, p.141.

relevante em relação ao vocabulário das roupas exteriores masculinas e das femininas, sendo que o masculino apresentava uma variedade maior.

Se no campo de acabamentos e acessórios lida-se tão somente com a função decorativa do vestuário, pergunta-se, então, qual seria o motivo de os homens ocuparem-se mais de tais itens que as mulheres.

Levantam-se duas possibilidades como resposta a essa indagação com possibilidade, inclusive, de uma completar a outra. A primeira está relacionada à cultura patriarcal introduzida na colônia pelos portugueses. Nesse universo cultural, geralmente ao homem pertencia o mundo da rua, dos negócios, da política, das leis, etc. Mesmo na família, geralmente era ele quem direcionava a manutenção da casa “e o desenvolvimento dos filhos.”<sup>909</sup> Sendo assim, como ator com papel importantíssimo na vida social, os assuntos relacionados ao poder estavam intrinsecamente ligados ao homem. Dessa forma, a ostentação pública de poder, de *status* despertaria muito mais o interesse masculino do que o feminino.

É plausível essa hipótese aventada no parágrafo anterior, mas ela sozinha não explica tal questão. Primeiro porque, conforme já dito neste trabalho, a mulher não era um ser apagado, servil que vivia tão somente à sombra do marido ou do pai. A historiografia recente traz vários exemplos de mulheres que driblaram tal situação. Segundo porque mesmo que a mulher fosse tal ser apagado, servil em relação ao marido e/ ou ao pai, não haveria motivo para ela não querer ostentar riqueza e o poder de sua família em público; já que a sociedade setecentista era uma sociedade que cultuava as aparências, uma sociedade em que o nível social do indivíduo era possível de ser medido pelas roupas que vestia. Sendo assim, era de se esperar que a mulher quisesse, também, demonstrar em público seu nível social.

A segunda possibilidade para responder à questão da maior ornamentação masculina que a feminina está relacionada ao universo da sedução. É sabido e banal a informação sobre “a função atractiva de que se revestem as plumagens e as cores dos fatos, no âmbito duma naturalíssima dialéctica dos sexos.”<sup>910</sup> No século XVIII, a roupa masculina tinha também “uma função erótica.”<sup>911</sup> Basta lembrar que enquanto a mulher branca, de uma classe de prestígio, era criada para se casar cedo e com uma pessoa mais velha geralmente escolhida pela família, o homem casava-se mais tarde e em casamentos arranjados por ele mesmo.<sup>912</sup> Para arranjar um casamento vantajoso do ponto de vista financeiro, um modo de demonstrar à família da pretendente uma boa situação social era através da roupa. Além disso, enquanto a

---

<sup>909</sup> BARROS, 1947, p. 129.

<sup>910</sup> ECO, 1982, p. 7.

<sup>911</sup> SOUZA, 1993, p. 74.

mulher era destinada, pelo menos teoricamente, a um único homem “já que dela se esperava um comportamento estritamente regrado,” o homem mantinha vários relacionamentos, muitas vezes, sob a complacência da própria Igreja.<sup>913</sup>

### 3.2.5 Penteados

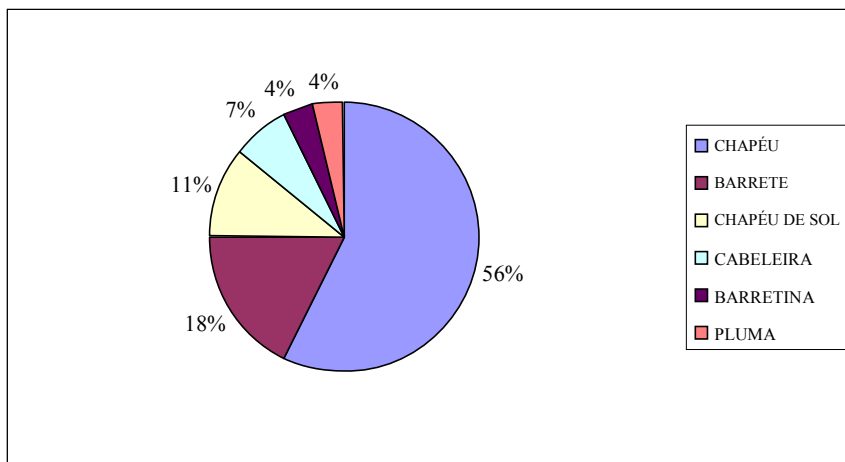
O penteado é um item importantíssimo do vestuário. Acompanha todas as tendências das roupas sofrendo as mesmas influências que elas. Em Portugal dos setecentos, as mulheres usavam penteados altos e armados com polvilhos. Os homens usavam perucas e todos usavam chapéus. Apenas no final do século os penteados achataram-se e encurtaram-se.<sup>914</sup>

Em relação ao Brasil não há quase nada sobre os penteados na bibliografia consultada. No *corpus* foram encontradas lexias dos enfeites usados sobre a cabeça, mas sobre o modo como se traziam os cabelos não há quase nenhuma informação. Com base nas informações e dados disponíveis, será feito um esboço de como eram enfeitados os cabelos.

#### 3.2.5.1 Masculinos

Ornar a cabeça e/ou cabelo fazia parte, também, da indumentária masculina setecentista nas Minas. Prova disso é a variedade de lexemas de penteados encontrada no *corpus*: 6 lexemas materializados em 28 lexias conforme mostra o Gráfico 5:

GRÁFICO 5 – Lexemas e lexias dos penteados masculinos



O lexema mais recorrente foi CHAPÉU com 16 lexias. Pelos dados, pode-se afirmar que o principal adorno masculino para cabeça era esse item. Apresentando grande variedade,

<sup>912</sup> FURTADO, 2007, p. 486-487.

<sup>913</sup> LEWKOWICZ, 2007, p. 542-543.

<sup>914</sup> SEQUEIRA, 19[...], p. 47-51.

alguns deles eram oriundos de Portugal, como é perceptível pelos qualificadores que os acompanhavam:

Quatro chapeo(z)doPorto avaliado(z)ca / dahum entrezento(z) Reis queem / portaõ todo(z) mil eduzentosReis (CPOMPPN, f. 6r);

1 Chapeo deBraga fino (CPOCPR, f. 350r).

Pelos exemplos dos inventários, percebe-se que havia chapéus diferentes para meninos, moços e rapazes:

Nouenta eOito chapeoz deMenjno / entre finos eGrocros queforaõ aua / lliados Cadahum aquinhentos Reis / quetodos emportaraõ quarenta enoue / Mil Reis (CPOMCP, f. 52v);

Por quinze ditoz deRap(a)z[†...] / queforam vistos eua[lia] / dospelos ditos aualua[dores] / aquatro Sentos reis que[em] / portam Seis Mil Reis (CPOFPG, f. 33v);

Dezoito Chapeos deMoço os quaes / SendoVistos eavaliados porelles di / tos avaliadores [[por eles ditos aualia / dores]] cada chapeo atrezentos eoitenta / ta Reis que aotodo importaõ aquantia / deSeis mil oito centos equarenta Reiz / Com oqueSeSaeforaamargem (CPOCJA, f. 21r);

Des ditos chapeos dehome queforaõ / avallidos cada hum a Sete Sentoz / Reis que todos emportaraõ em Sete / Mil Reis (CPOMCP, f. 52v).

Além disso, podiam ser enfeitados com penas ou bordados e feitos de tecidos como cetim. A grande recorrência de chapéu no *corpus* demonstra a importância desse adorno na vestimenta masculina. Essa importância vai perdurar, inclusive, no século seguinte, como se pode perceber no depoimento de um personagem de um romance do século XIX: “O chapéu – diz ele – é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab eterno*, ninguém o pode trocar sem mutilação.”<sup>915</sup>

Um outro tipo de chapéu referenciado foi o chapéu de sol. Conforme consta no próprio nome, tinha o fim específico de proteger a cabeça dos raios solares. Confeccionado em baeta, encerado, Holanda e/ou tafetá, também podia apresentar ornamentos. O pioneirismo na fabricação desse chapéu e sua disseminação, não só no Brasil, como na Europa, parece ser obra dos portugueses, conforme consta na seguinte afirmação: “[...] algum d’esses chapéus de sol, que nós [portugueses] fomos os primeiros que fabricamos e que introduzimos na Europa [...]”<sup>916</sup>

<sup>915</sup> ASSIS *apud* SOUZA, 2005, p. 78-79.

<sup>916</sup> ORTIGÃO, 19[...], p. 105.

O barrete é uma cobertura de cabeça trazida ao Brasil pelos portugueses no início do século XVI. Confeccionado com tecido, era usado sob o chapéu. Feito principalmente de pisão, apresentava cores berrantes e variadas, além de babados:

Sinco Barrestes dePisaõ incarnadoz / Singelloz avalliadoz emtres mil / Reis (CPOMCP, f. 14r);

Oito ditos Barretes damesmacor do / Brados Cada hum avalliado aoito Sen / toz [[Sentos]] reis emportam em Seis Mil / equatroSentos Reis (CPOMCP, f. 14r);

Quatro dittos Barretes dePi(s)aõ Groçoz e / deurias Cores avalliadoz Cada hum / aquatro Sentos Reis emportaõ emmil / eSeis Sentos Reis (CPOMCP, f. 14r);

Hum Barrete comSeoba / bado visto eavaleadopelloz / ditoz avaliadores emquatro / centoz eSinco enta Reiz (CPOCPR, f. 13v).

As duas lexias do lexema CABELEIRA demonstram que nas Minas dos setecentos os homens também usaram perucas, assim como na Europa:

Duas Cabeleiras do uzo as quaes / sendo vistas eavaliadas por ellez di / tos avaliadores por elesforao ambas / avaliadas naquantia demileduzen / tos reis comoquesesaefora (CPOCJA, f. 43v);

Huma cabel[e]yra debilç(o) uza / da vista eavaleada pelloz de / toz avaliadores naquantea / de mil eduzentoz Reiz (CPOCPR, f. 15v).

Por último, pluma, um adorno que aparece no *corpus* sobre o chapéu, mas que podia ser usado na cabeça com outro tipo de ornamentação.

Pelo exposto, percebe-se que o homem setecentista mineiro tinha uma preferência pelos chapéus. Mas também usava penteados tradicionais como barretes e perucas.

### 3.2.5.2 Femininos

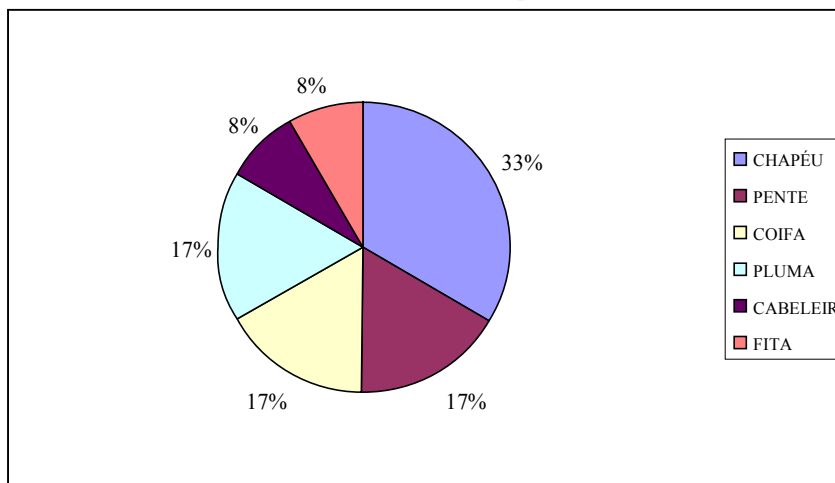
As mulheres, também, gostavam de enfeitar os cabelos: “As jovens senhoras casadas prendim os cabelos em coque na nuca; as senhoras de mais idade, prendiam os cabelos ao alto da cabeça. As moças solteiras davam preferência a usar os cabelos soltos ou arranjados em cachos.”<sup>917</sup>

Em relação aos enfeites usados na cabeça, foram encontrados 6 lexemas materializados em 12 lexias, conforme mostra o Gráfico 6:

<sup>917</sup>

BARROS, 1947, p. 123.

GRÁFICO 6 - Lexemas e lexias dos penteados femininos



O lexema mais recorrente foi CHAPÉU com 4 lexias. Os chapéus podiam ser bordados, com copas altas e peludos, conforme abonação e foto retirada em uma exposição:

Humchapeofinouzado comhuma / bordaduradepratataembuzada / visto eavaliado tudo pellozdittos / avaliadores emdois Milequatrocentos (CSOJSCR, f. 6r);

hum chapeo finno decopa alta pelludo (CSOHST, f. 17rr).

FIGURA 6 – Chapéu feminino (1800)<sup>918</sup>

Fonte: foto da autora tirada na exposição *Mulheres reais – modas e modos no Rio de Dom João VI* – Belo Horizonte, out. 2009.

As coifas eram feitas geralmente de tecidos sedosos ou rendados, como cetim e retrós:

HuacoifadesetimRosa, quefoi / vistaeavaliadapelozdittosAva / liadoresnaquantiadenevecen / tozreiscomquesesahe (CSOAMI, f. 6r);

<sup>918</sup>

Chapéu com copa revestido com tule bordado. Aba debruada com fita de cetim creme.

Hua coifa de retros preto aqual / Sendo vista avaliada por elles ditoz / avaliadores por elles foi avalia / da naquantia de Cento e cincoen / ta Reis Com oqueSeSaefora (CPOCJA, f. 44r).

Os pentes, além da função de desembaraçar os cabelos, tinham uma outra que era a de adorná-los. Os pentes grandes poderiam prender as mantilhas no alto da cabeça e eram feitos, geralmente, de marfim ou tartaruga. Muitas vezes vistosos, possuíam guarnições côncavas, elípticas ou trapezoidais e podiam apresentar finos ornatos rendilhados, incrustados de pedraria, prata, ouro; ou em formas ingênuas, recortadas em folhas e flores ou em figura geométricas. Os grandes pentes foram chamados no Brasil de *Trepa-Moleque* pelo fato de alguns deles terem mais de 30 centímetros de altura, que somados à sua colocação na parte posterior da cabeça, por sobre o coque das senhoras, constituíam um tão sólido e elevado conjunto que facilmente, dizia a voz popular, permitia que um moleque por ali subisse. Outra nomenclatura popular que recebeu foi *Tapa-Cristo* ou *Tapa-Missa*, alusão ao fato de impedirem a visão da elevação durante a missa de quem ficasse na igreja, por trás de uma senhora assim ornamentada.<sup>919</sup> No *corpus* aparece um modelo diferente chamado “pente fingido tartaruga”. Não foi encontrada nenhuma informação sobre como seria esse pente, mas supõe-se que imitasse à tartaruga:

Coatrodu(z)ias dePentes tortos de mulher / fingidos tartarugas que foraõ avallias / cada(z)ia a tre(z)entos eOitenta Reis / quetodos emportaõ em Mil equinhen / tos eVinte Reis (CPOMCP, f. 58r).

As plumas e fitas completavam o penteado feminino.

Hua pluma branca avalliaaem / mil equinhentos Reis (CSOAM, f.5r);

6 varas defitta Cór deRoza para oCabello (CSOHST, f. 17rr).

Pelo exposto, a mulher setecentista tinha uma preferência pelos chapéus, mas outros enfeites também completavam o penteado feminino.

### 3.2.5.3 Vestindo a sedução: penteados masculinos × penteados femininos

Nesta seção, foram contrastados os vocabulários dos penteados masculinos e femininos para verificar se havia diferença ou não em relação ao gênero do usuário.

<sup>919</sup> BARROS, 1947, p. 132-134.

Foram encontrados 6 lexemas de penteados masculinos e 6 de penteados femininos. Desses, 3 são comuns aos dois grupos (CABELEIRA, CHAPÉU e PLUMA), 3 pertencentes apenas ao masculino (BARRETE, BARRETINA e CHAPÉU DE SOL) e 3 apenas ao feminino (COIFA, FITA e PENTE). Sendo assim, 50% dos lexemas de penteado masculino são privativos desse grupo contra 50% dos de feminino privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia diferença em relação ao vocabulário de penteado masculino e feminino. Os dados sugerem que havia a mesma variedade de penteados tanto para homens quanto para mulheres, mas o grupo masculino apresentou uma quantidade maior de lexias. Isso talvez seja um indício de que os homens tinham um cuidado maior com os penteados que as mulheres e os motivos para tal cuidado já foram expostos em seções anteriores.

### 3.2.6 Calçados

Os calçados, na Colônia, eram signos de *status* social. Como exemplo, pode-se citar o fato de os escravos geralmente andarem descalços. Além disso, os indivíduos pertencentes à camada paupérrima da população eram chamados de “pés-raspados” justamente por não poderem usar nenhum tipo de calçado, visto que não tinham condições financeiras para tal fim.<sup>920</sup>

Como os documentos que serviram de base para o *corpus* referiam-se aos bens das pessoas mais abonadas da sociedade, espera-se que referência a algum tipo de calçado seja encontrada na documentação.

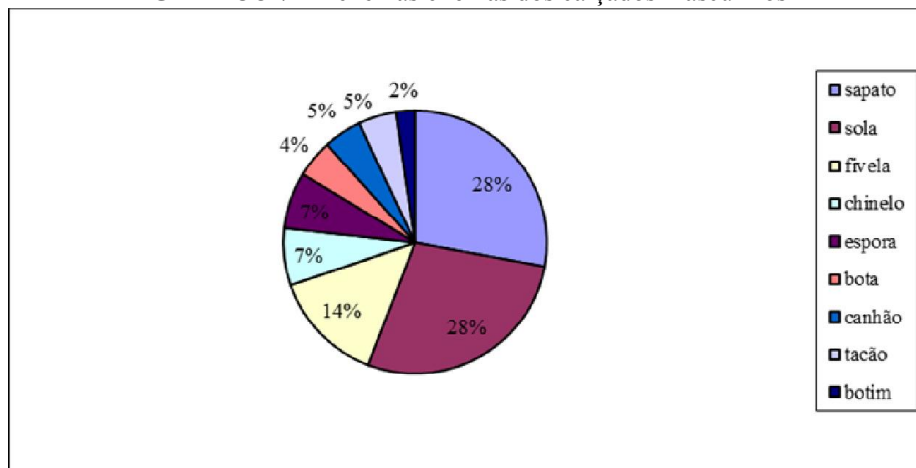
#### 3.2.6.1 Masculinos

Os calçados masculinos apresentavam alguma variedade. Foram encontrados 9 lexemas materializados em 43 lexias, conforme mostra o Gráfico 7:

---

<sup>920</sup> LIMA JÚNIOR, 1978, p. 79.

GRÁFICO 7 – Lexemas e lexias dos calçados masculinos



Os lexemas mais recorrentes foram SAPATO e SOLA com 12 lexias cada um. É importante frisar que sola era usada nos consertos dos calçados. A presença de lexias do lexema TACÃO ajuda a reforçar esse dado:

Por hum par de Sapatos (CPOCPR, f. 360r);

Por hũ par de capatos (CPOCPR, f. 377r);

Por hũ par de capatos (CPOCPR, f. 377r).

Por 1 par de solas nos sapatos (CSOLMC, f. 73v);

Por outropar dito nas xinelas (CSOLMC, f. 73v);

Por hũ par de colas etacoins (CPOCPR, f. 377r).

Outros lexemas de calçados apareceram no *corpus* como CHINELOS, BOTAS e BOTIM. Os chinelos eram de uso caseiro. As botas e botins poderiam ter ou não canhão – cano alto ou curto na nomenclatura moderna – e eram confeccionadas com couro:

Por 1 par de xinelos (CSOLMC, f. 73v);

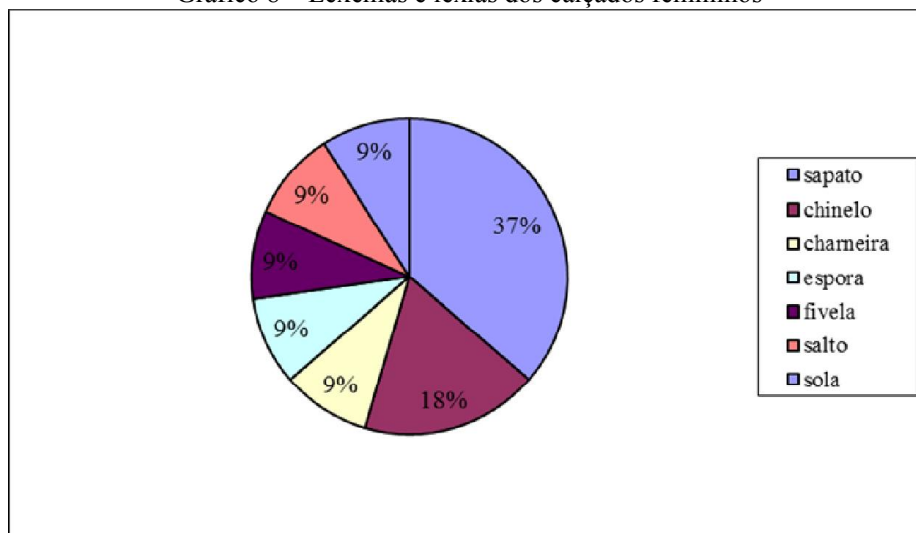
Hum par de botas de Canhaõ e de / Bezzerro ainda em Bom uzo avalladas em / Oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 15r);

Hum par de Botins de Beserro Sem Canhaõ / em Bom uzo aualliad(a)s em Seis Sentoz Reis (CPOMCP, f. 15r).

### 3.2.6.2 Femininos

A variedade de calçados femininos era muito pequena. Foram encontrados 7 lexemas materializados em 11 lexias, conforme mostra o Gráfico 8:

Gráfico 8 – Lexemas e lexias dos calçados femininos



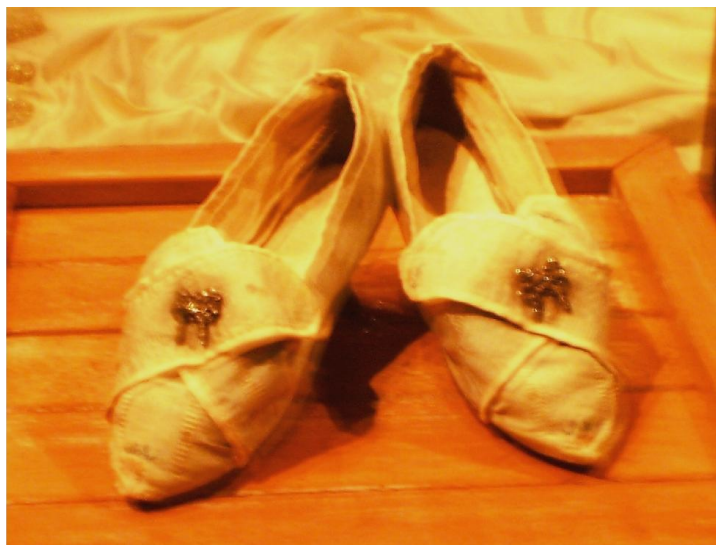
SAPATO foi o lexema mais recorrente com 4 lexias. De cores azul e encarnado, os sapatos poderiam ser confeccionados de veludo ou pelúcia. Além disso, poderiam ou não ter saltos:

*Hum par desapatoz de veludo encarna / do visto e avaliados pelos ditos / avaliadores entrezentos reis (CSOJSCR, f. 6v);*

*Hum par de (capatos) de pel(uca) pintada / visto e avaliado por trinta reis” (CSOAMR, f. 6r);*

*Por Vinte e hum pares de Saltos dem / lher que foram vistos e avaliados pelos ditos avaliadores a Se / centa reis que emporta Miledu / zentos e Secenta reis (CPOFPG, f. 25r).*

Veja um modelo de sapato na Figura 7:

FIGURA 7 – Sapatos (1770)<sup>921</sup>

Fonte: foto da autora tirada na exposição *Mulheres reais – modas e modos no Rio de Dom João VI* – Belo Horizonte, out. 2009.

O lexema CHINELO aparece em segundo lugar com duas lexias:

*Por 1 par dexinelos* (CSOLMC, f.74v).

Em seguida, aparecem os lexemas FIVELA e ESPORA com uma lexia cada. As fivelas e esporas designadas no *corpus* eram feitas de prata e eram adornos comuns em sapatos:

Dous pares de fivelas de prata de aça / patos com peso de oitenta e oito / tavas, que fora ÷ vista e avaliadas / pelos ditos Avaliadores cada oita / va cem reis importana quontai / de oito mil, oito centos reis con / que sesahí (CSOAMJ, f. 5r);

Humpár de esporas de prata novaz com / opes de quarenta e duas oitavaz, que / fora ÷ vista e avaliada z pelo z ditos / Avaliadores acen Reiscada oitaua / acem mil, e duzentos e feitió im / portatudo na quantiade cincomil, / equatrocentos reis com que sesahé (CSOAMJ, f. 5r).

### 3.2.6.3 Vestindo a sedução: calçados masculinos × calçados femininos

Foram encontrados 9 lexemas de calçados masculinos e 7 de calçados femininos. Desses, 5 são comuns aos dois grupos (CHINELOS, ESPORA, FIVELA, SAPATO e SOLA), 4 pertencentes apenas ao masculino (BOTA, BOTIM, CANHÃO e TACÃO) e 2 apenas ao feminino (CHARNEIRA e SALTO). Sendo assim, 44% dos lexemas de calçados masculinos são privativos

<sup>921</sup> Seda lavrada azul clara e creme com motivos florais cor-de-rosa e verde, duas tiras sobrepostas com enfeite em strass, salto alto e fino.

desse grupo contra 28% dos femininos privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia pequena diferença em relação ao vocabulário dos calçados masculinos e dos femininos e o grupo masculino apresentou uma variedade maior de lexemas e uma quantidade maior de lexias.

É interessante notar que embora na Europa o uso do salto fosse comum aos dois sexos, neste trabalho com documentos de Minas, o salto apareceu apenas nos inventários das mulheres. Porém, é necessário fazer uma ressalva: o salto aparece com o qualificador “de mulher”:

*Por VintehumparesdeSaltosdem / lher queforam vistos eauli / ados pelos ditos aualiadores aSe / centa reis que emporta Miledu / zentos eSecenta reis (CPOFPG, f. 25r).*

Se o escrivão frisou que esses eram de mulher, isso mostra que havia os saltos de homens, embora não tenham aparecido no *corpus*.

Os dados sugerem que os homens tinham uma atenção maior em relação aos calçados que as mulheres. Uma hipótese que talvez explique essa maior atenção masculina é o fato, já dito em outra seção deste trabalho, de ser considerado indecente à época uma mulher mostrar os pés. Bem, se os pés e sapatos eram escondidos, não haveria, pela cultura da época, motivo para maiores cuidados.

### 3.2.7 Adereços: jóias e bijuterias

O gosto pela ostentação tem nos adereços importantes itens de uso. Assim como as roupas, os adereços são signos de *status* e riqueza. Levando-se em conta que os documentos são oriundos de uma região mineradora, espera-se que esse campo seja muito produtivo.

#### 3.2.7.1 Masculinos

O homem das Minas setecentistas gostava muito dos adereços. Esses serviam como enfeites e como “forma de capitalização,”<sup>922</sup> como pode ser visto pelo seguinte exemplo:

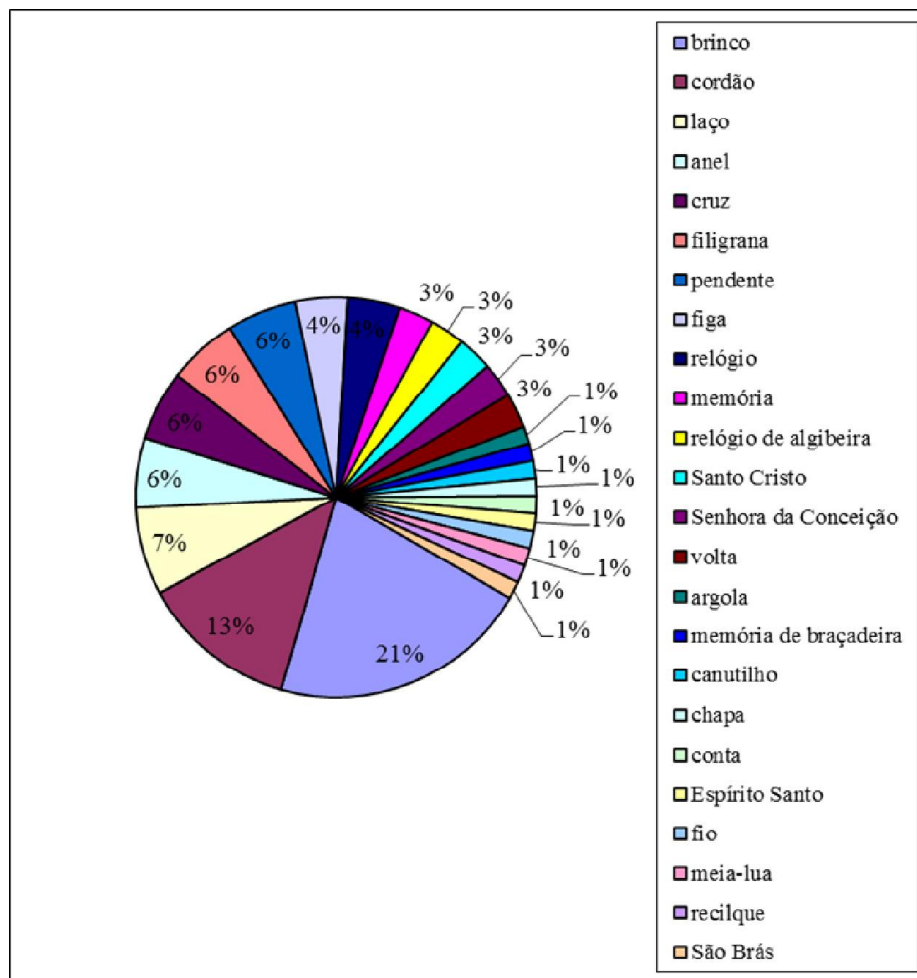
*Hum Laço deouro empenhado porMa / noel Duarte pela quantia demeya / oitaua deouro que adinheiro importa / Seis Centos Reis Com queSeSaefora” (CPOCJA, f. 49r).*

<sup>922</sup>

OMEGNA, 1971, p. 145.

Em relação ao uso dos adereços pelos homens não foi encontrada quase nenhuma referência na bibliografia consultada, mas, pelo exposto no Gráfico 8, percebe-se que esses tinham um muito gosto por tais adornos:

GRÁFICO 9 – Lexemas e lexias dos adereços masculinos



Esse campo apresentou 24 lexemas distribuídos em 72 lexias. BRINCO foi o lexema com maior quantidade de lexias: 15 ocorrências. De material variado – aljófres, cristais, esmaltes, pechibeque, prata e ouro – os brincos ainda podiam ser adornados com diamantes, pedras coloridas e topázios:

Humpar debrincos deAljofresCom / humalasquinha dediamante / cadahum quetem depezo duas / oitauas que foj vista eaulia / dapeloz ditos aualiaadores amil / equatro centos aoitaua Soma / dois mileoito centos reis (CPOFPG, f. 6v);

Hum pardebrinco(z) / deprata os quaes Sendo Vistos e a / digo deprata Com pedras vermelhas / falças os quais Sendo vistos eavalia / dos por elles ditos avaliadores por / elles foi avaliado em nove centoz / Reis Com que SeSaefora (CPOCJA, f. 4r);

Vinte e huma oytava emeya deou / ro laurado escaço emvinte pessas / deouro laurado velhos embrincos / elacos eaneis ealguns com Suas pedras / de tupazio eoutros falcos que foram / vistos eavaliados porellezditos ava / liadores cada oytava amilquatro / centos reis que aotodo emporta a / quantia devinte enouemil quatro / centos eSincoenta reis comque SeSay (CPOCJA, f. 106r);

Onze pares debrincos de Espexi / beque os quais Sendo vistos, eavali / ados por elles ditos avaliadores(z) / por elles foi avaliado Cadapar a / duzentos equarenta Reis que ao / todo emportaõ emdois mil Sei(s) / Centos equarenta Reis Com que / SeSae fora (CPOCJA, f. 4r);

Hum pardeBrincos deou / ro quepezaõ huma oytava e / quarto eSei(z) vinteis emp(enha) / do por FranciscodeAndrade / pellaquantia detreze oyta / vas emeya e(Sse) oSeo val[or] / pello pe(z)o amil equ[at]ro] / centoz Reiz emp[orta] [rasgado] / mil edoze Rei(z) (CPOCPR, f. 5r).

Além disso, os brincos apresentavam pingentes de formas variadas:

HumBrinco exmaltado deAzul Com hun / pendente deCristaloutro ditto domesmo exmal / te ComSeu pendente domesmoOuro huma / argollinha Com huafíga por pendente outra / argollinha comhua Meja Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quetudo / tem de peso Seis oitauas edo(z)e vinteis penhores / do Ajudante Manoel gonsalves Cru(z) ava / lliada cadaOitaua amil edu(z)entos Reis / emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis (CPOMCP, f. 7r).

Em segundo lugar apareceu o lexema CORDÃO com 9 lexias. Das 9 ocorrências, 5 tiveram o material do qual o cordão fora feito especificado - ouro - sendo que em duas dessas ocorrências, a lexia ouro foi acompanhada do adjetivo lavrado. Os adjetivos fino e grosso ocorrem 4 vezes (duas vezes cada), algumas vezes qualificando ouro, outras vezes qualificando cordão:

Humcordãodeoiro Lauradoque / Temdepe(s)o Seteoitauas equatro / vintoens visto eaualliado pelloz / ditosauallidores destejuizoamil / eduzentosreiscadaoitaua que / todasemportaõ aquontadeoitomil / quinhentos esincoentareis queSaem (CPOARSG, f. 282r);

HumcordãodeOurogroço etre(z)e pare(z) / deBotoi(s) devarias castass ehuma Memo / ria deBracadeira defillo grana penhore(z) / deSimaõ Machado empenhados pello / pe(z)o que emporta adinheiro Sincoenta e / quatro Mil Reis (CPOMCP, f. 6v);

HumaSenhora daconseiaõ hum / par deBotoi(s) grande(z) humSam Bra(s) / huma Memoria oito palmoz decordão / groço que tudo tem de peso Sincoenta oitauas / penhore(z) docoronel Faustino Pereira daSil / ua parapagamento doquedeue aodefunto / queaSim di(z) oPapel emque estauaõ / que adinheir emporta emSeSenta Mil Reis (CPOMCP, f. 6v);

Humcordam fino deouro que temdepe(s)o / Noue oytauas emeya queaResað demil e / Coatro centos Reis a oytaua emporta tre / z emil etre(s)entos Reiz (CPOMSO, f. 3r).

É importante frisar que o contexto de ocorrência de 3 lexias de CORDÃO indica que eles eram suportes de santinhos. Isso leva a supor que tais santinhos funcionavam como pingentes:

Huma Senhora daConseicaõ HumSan / toCristo comSeuCordam ehum Cordaõ Com / o ditto Senhor HumaCrus defillo grana / quietudo peza vinte oitauas penhores de / Jozeph Ribeiro Da Costa por de(s)anoue oita[v]as / deOuro que lhe [rasgado] o[d]efunto que adinheiro / emporta Vinte [rasgado]go Vinte eOito Mil / equinhentos [rasgado] Reis” (CPOMCP, f. 6v);

HumCordaõ dedes palmos Comhum / espirito Santo quepe(z)am quin(z)e / oitauasehumquarto avalua / dosemd[e](z)aceteoitauas (CPOACD, f. 3r).

Em terceiro lugar aparece o lexema LAÇO com 5 lexias. Nessas 6 ocorrências, há especificação do material do qual o laço fora feito é especificado: ouro (4) e seda (1). Não se encontrou na bibliografia consultada nenhuma informação sobre como ele era usado, mas no *corpus* ele aparece como forma e/ou enfeite de um anel:

Hum Laço deouro mucisso com opezo / dehua oitava eSeis vintens oqualSen / do visto eavaliado por elles ditos avalia / dores por elles foi avaliado em mil e / oito centos reis com queSeSaefora (CPOCJA, f. 3v);

HumaCru[z] deOuro dechapa Hum aNel / deLaço tudope(s)aSeis Oitauas ehumquarto e / oitenta Reis empenhados em quatro oitaua(z) / etre(z) quartoz queSam empenhados por Igna / cio Alues Barbalho que adinheiro emportaõ / Sete Mil Sento eVinte eSinco Reis (CPOMCP, f. 7r);

Humlasso deSedaRoxonovo visto / Eaualliadopelosditosaualliaadores / empresoequant(h)iadeseis / Centos Reis Comqueamargemesay (CPOARSG, f. 286r).

Em quarto lugar, com 4 lexias cada, aparecem os lexemas ANEL, CRUZ, FILIGRANA e PENDENTE. Os anéis apresentavam acabamento variado com diamantes, pedras preciosas e falsas e a filigrana dava um toque delicado a diversas peças:

Seis aneis depedras falças em castoa / dos emlatao os quaes sendo vistos e / aaliados pelos referidos aualia / dores por elles forao avaliados cada / cadahum aquinhentos reis queao / todo emportaõ em tres milreis com / quesesae fora.... (CPOCJA, f. 3v-4r);

[Hum] anel deTopazio alam / [bria]do comdois diamantinho(z) / [que] tem depezo huma oitaua / [que]foj visto eualiado peloz / [ditos] aaliadores emSeis mil (CPOFPG, f. 4r);

Huma Senhora daConseicaõ HumSan / toCristo comSeuCordam ehum Cordaõ Com / o ditto Senhor HumaCrus defillo grana / quietudo peza vinte oitauas penhores de /

Jozeph Ribeiro Da Costa por de(s)anoue oita[v]as / deOuro que lhe [rasgado] o[d]efunto que adinheiro / emporta Vinte [rasgado]go Vinte eOito Mil / equinhentos [rasgado] Reis” (CPOMCP, f. 6v).

Em quinto lugar, com 3 lexias cada, aparecem os lexemas FIGA, RELÓGIO E VOLTA. Os relógios apresentaram material diversificado como pechibeque e prata e um modelo específico “de algibeira”:

Hum Relogio depexibeque / eesmalte queSeacha em / penhado pella quantia / deSeix oytava(z) visto ea / valiado pellosdito(z) avali / adores pella mesma quan / tia queSaõ Seiz mil reiz” (CPOCPR, f. 8r);

Hum Rellogiodaogibeira ava / lliado emoytavas [†....]s deouro” (CSOJSS, f. 5v);

Hum dito deprata com es / pelhod omesmo quebrado / pordentro visto eavaliado / pellosditos avaliadores a / quantia de quatro mileoito / centoz Reiz (CPOCPR, f. 8r);

Huma volta decordaõ de / ouro quepeza huma oyta / va edoze vinteiz visto ea / valeadopellosditos avalea / dores amil eduzentoz Reiz / aoytava emporta em mil / eSeis centoz eSincoenta / Reiz (CPOCPR, f. 4r).

Em sexto lugar, com duas lexias cada, aparecem os lexemas MEMÓRIA, RELÓGIO DE ALGIBEIRA, SANTO CRISTO e SENHORA DA CONCEIÇÃO. As memória podiam apresentar detalhes em filigrana e ter modelo específico sobre o qual não se encontrou nenhuma informação: “memória de braçadeira”. Supõe-se que seja um tipo de memória usada no pulso, visto que braçadeira é um “bandagem, tira, faixa de couro, etc. usado para cingir o pulso.”<sup>923</sup> As voltas apresentaram material variado: ouro e trancelim:

Quatromemorias quepezaraõ trezeoit / uas avaloadas emdezaceisoitauas (CSOACD, f. 3r)<sup>924</sup>;

Hum Cordaõ deOurogroço etrese pares / de Botoins de Varias (Castas) ehuma Memo / ria de Bracadeira de fillo grana penhores / deSimaõ Machado empenhados pello / pe(z)o que emporta adinheiro sincoenta e / quatro Mil Reis (CPOMCP, f. 6v);

E, em sétimo lugar, com uma lexia cada, aparecem os lexemas ARGOLA, CANUTILHO, CHAPA, CONTA, ESPÍRITO SANTO, FIO, MEIA-LUA, MEMÓRIA DE BRAÇADEIRA, RECILQUE e SÃO BRÁS. O material especificado era diverso como ouro e prata e havia acabamento com pedras preciosas, como o diamante:

<sup>923</sup> HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 490.

<sup>924</sup> Embora não esteja escrito na descrição que a memória fosse de ouro, ela era feita desse material, visto que está arrolada na seção destinada aos objetos de ouro.

Huas algoras deourodeCanotilho que / pe(s)araõ quinzeoitauas avaliadas / em de(z)oitauas (CSOACD, f.3 r);

Humas chapinhas de prata de pescoço que / vistas e avaliadas pelos ditos avaliadores / em meya oitava de ouro que adinheiro são / Setecentos e cinquenta Reis (CPOMSO, f. 3r).

Quinze fios <<contaz>> de prata / ta novos os quaes Sendo vista e au / Liados por elles ditos avaliadores / por elles foi avaliado Cada par / a duzentos e vinte e cinco Reis cada / fio que ao todo emporta mil trezen / tos e cinquenta Com o que se sae / fora (CPOCJA, f. 4r);

Hum Recilque com suas pedras / dediamantes de cinco quilas / tes que peza tres oitauas / que foi uisto e avaliado pelos / ditos avaliadores em doze (mil) / reis (CPOFPG, f. 3v).

Pelo exposto pode-se supor que as orelhas, dedos, pescoços e pulsos serviram como suporte de adornos para o homem setecentista. Pressupõe-se que o fato de se tratar de uma região mineradora, a atividade econômica principal – a mineração – tenha propiciado a riqueza do material empregado na confecção dos adereços: ouro, prata e diversas pedras preciosas.

Mas, além da função ornamental e econômica, “as jóias e bijuterias possuíam um significado religioso/ espiritual.”<sup>925</sup> Essas eram as jóias com motivos cristãos como cruz e pingentes em forma de santo:

Huma Senhora da Conceição Hum San / to Cristo com seu cordão e hum cordão Com / o ditto Senhor Huma Cruz de fillo grana / quietudo peza vinte oitauas penhores de / Jozeph Ribeiro Da Costa por de(s)ano e oitavias / de ouro que lhe [rasgado] o [d]efunto que adinheiro / emporta vinte [rasgado] go vinte e oito mil / equinhentos [rasgado] Reis” (CPOMCP, f. 6v);

Hum cru [z] de ouro de chapa hum anel / de laço tudope (z) a seis oitauas e hum quarto e / oitenta Reis empenhados em quatro oitauas / tres quarto (z) que sam empenhados por Igna / cio Alves Barbalho que adinheiro emportaõ / sete mil e vinte e cinco Reis (CPOMCP, f. 7r);

Hum cordão dedes palmos com hum / espirito Santo que pe (z) ou quin (z) e / oitauas e hum quarto avalia / do em dez (z) acetes oitauas (CSOASD, f. 3r).

Além dessas com motivos cristãos, foram referenciadas jóias em forma de amuletos como figas e meias-luas:

*Hum Brinco exmaltado de azul Com hum / pendente de cristal outro ditto domesmo exmal / te Com seu pendente domesmo ouro huma / argolinha Com huafiga por pendente outra / argolinha comhua Meia Lua duas figi / nhas porpendente domesmo ouro quietudo / tem de peso seis oitauas e doze (z) e vinteis penhores / do*

Ajudante Manoel gonsalves Cru(z) ava / Iliada cadaOitaua amil edu(z)entos Reis /  
emporta adinheiro Sete Mil e Seis Sentoz / esincoenta Reis (CPOMCP, f. 7r).

Tais jóias tinham a função de proteger contra os malefícios humanos e espirituais.<sup>926</sup>

Conforme o exposto, percebe-se que os adereços, além da função de ornar, tinham função econômica (investimento) e, também, mística.

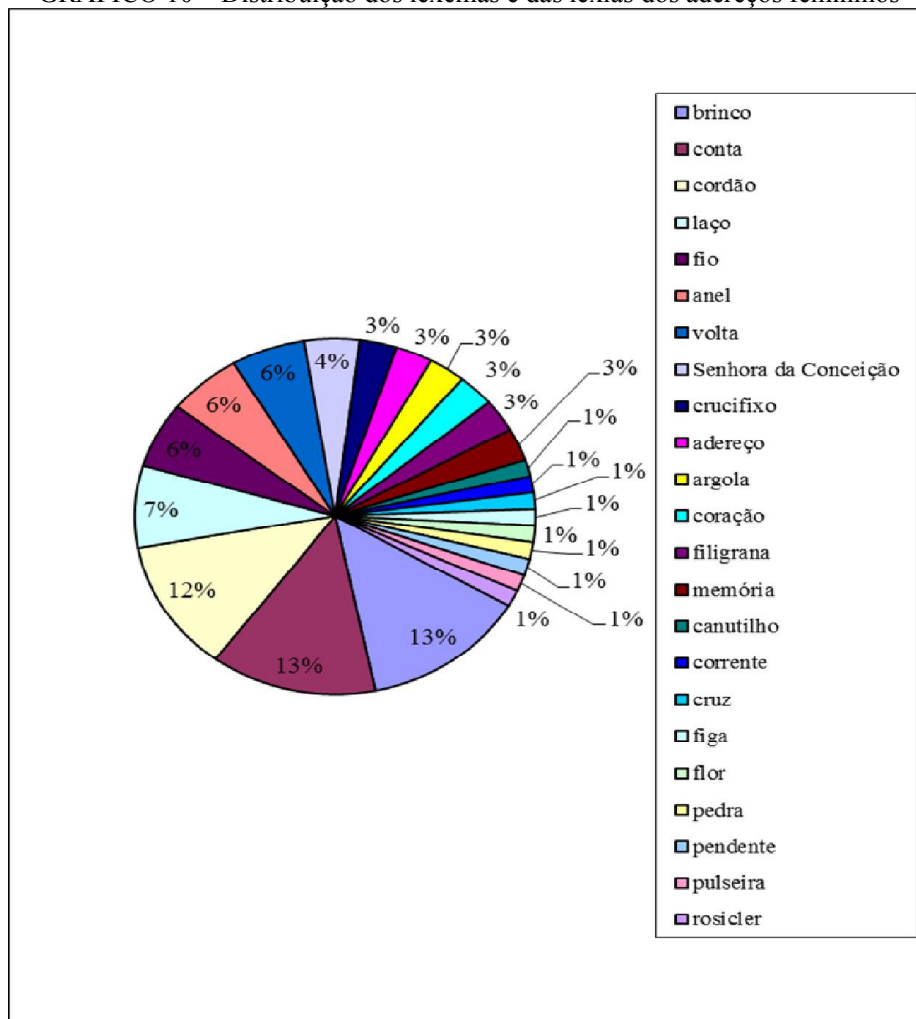
### 3.2.7.2 Femininos

Ouro vem à flor da terra,  
Dona Bárbara Eliodora!  
Como as rainhas e as santas,  
Sois toda de ouro, Senhora!  
[...]  
Sob altivos candelabros,  
Cintilais como criatura  
A quem devia ser dado  
O gosto só da ventura.  
[...]  
(Laços de ouro nas orelhas,  
No pescoço e na cintura.)<sup>927</sup>

A mulher das Minas setecentistas também gostava de se adornar com jóias e bijuterias sendo as primeiras as mais preferidas. Como mostra o poema que abre esta seção, as orelhas, o pescoço e a cintura eram locais onde se viam tais adereços. Mas, além dessas partes do corpo, dedos e cabelos também foram enfeitados com jóias. A variedade de adereços era enorme, conforme mostra o Gráfico 10:

<sup>926</sup>

GRÁFICO 10 – Distribuição dos lexemas e das lexias dos adereços femininos



Foram coletados 23 lexemas materializados em 68 lexias. BRINCO foi o lexema mais frequente com 9 lexias. De material variado – aljófres, diamantes, ouro, prata e topázios – os brincos ainda eram adornados com diamantes, pedras e pingentes:

Humpar deBrincos dealjofes pe / quenos Comopezodeduas ojttaus / eCorenta (tustoes) vistoseavalia / dos pellosditos aualiadorescada / ojttau amil equatro sentos reis / Soma tres mil quatro sentos edoze / ReiskonqueSesay (CSOJSA, f. 6r);

Humpar debrincos deDiamantes emcasteados / emprata dependentes, queforaõvistosea / valiadospelosditos Avaliadoresna / quantiade desoytomil reis com quesesahí (CSOHST, f.4r);

HumLaço, ebrincos detopa(s)ios guarnecido / comDiamantesquefoi vistoeavalia / dopelosditos Avaliadoresnaquantia / detrintaeseismil reiscomquesesaha (CSOHST, f. 4r).

Além disso, os brincos podiam compor conjuntos com laços formando adereços e rosicler, como mostram os seguintes exemplos:

HumLaço, ebrincos detopa(s)ios guarnecido / comDiamantesquefoi vistoeavalia / dopelosdittos Avaliadoresnaquantia / detrintaeseismil Reiscomquesesahe (CSOHST, f. 4r);

Hum adreço delaço, ebrincos deou / rotudo compedrasencarnadas de / topazio piquenoseuzadozquefoi / visto, eavaliado pelosdittosAva / liadores naquantiaadesetemil, e / dusetos reiscomquesesahe (CSOAMJ, f. 3v);

Hum Rocicle comSuas pedras miudaz / eSeos olhos demosquito que temde / pezo ebrincos Irmaos (Seis) oitavas / etres quartos vistoseavaliadospello / dittosavaliadores amilequatro / centosreis emporthadinhoaqua / tia denovemil digopellosavalia / dores emaquantia de vintequatro / mil reis” (CSOJSCR, f. 3v).

Das 9 lexias de BRINCO, 3 foram qualificadas como pequenas, uma como grande e outra como preta:

Humpár debrincos grandes compedras / amarellaz, encarnadas tudocom / prata, quefoi visto, eavaliado / pelozdittos Avaliadoresnaquan / tia denoventozreis comquese / sahé (CSOAMJ, f. 3v);

Por 1 par de brincos pretos porperder os primeiros que secomprarão (CSOLMC, f. 74v).

Também com 9 lexias tem-se o lexema CONTA. Todas as ocorrências tiveram especificado o material do qual as contas eram feitas: ouro (6) e prata (2). As contas eram usadas para compor rosários e voltas, além de servirem de pingente e enfeitarem os pescoços, conforme mostram os exemplos:

Dois Rozarios verdes com trinta con / tas deouro groço, ecadahua com / seocrucifício deouro grandes que / foraõvistos, eavaliadozpelosdittos / Avaliadoresnaquantia deSeismil / eseiscentosReiz comque sesahé (CSOAMJ, f. 4r);

Huavolta deCaras comquinzeca / ras, econtas deprata comhuafolheta / deouro, quetudofoi visto, eavalia / dopelozdittos Avaliadoresnaquan / tiade doismil, du(z)entos, esincoen / tareiscomquesesahé (CSOAMJ, f. 4r);

Tre(z)fi(z)deconta(s)depescoço que / pe(z)aooitooitauasemeya visto / eavaliadopellozditto(z) avaliadores / amil equatrocentoz) queadinho / Saõ on(z)emileoitocentosreis (CSOJSCR, f. 3r).

Em segundo lugar apareceu o lexema CORDÃO com 8 lexias. Quatro delas foram acompanhadas dos adjetivos fino e grosso e todas as ocorrências do *corpus* tiveram o material do qual o cordão fora feito informado - ouro - sendo que um era de ouro lavrado:

Hum Cordão de ouro, huns botões / domesmo, hum par de brincos e dous / pares de argolla de ouro que / tem de pezo sessenta e oito / vas de ouro avaliada aoitava / a mil e quatrocentos reis impor / ta oitenta e nove mil e seis cen / tos reis (CSOAM, f. 4v);

Quatro cordões de ouro finos Conope / zo desinco enta etres oitavas uis / tose avaliados pellos ditos / Pellos ditos avaliadores cada o / taua a mil e quatrocentos Soma / Setenta e quatro mil e duzentos Reis / Com que Sesay (CSOJSA, f. 5v-6r);

Quatro cordões dois finos e dois mais / grossos que doze peças trinta e humas / oitavas avaliada cada oitava / a mil e quatrocentos reis que adinhei - / ro em porta em quarenta e tres mil / e quatrocentos reis (CSOJSCR, f. 3r).

Um detalhe interessante sobre o cordão: o número de voltas dele era índice da hierarquia de sua possuidora,<sup>928</sup> ou seja, quanto mais voltas ele tinha, mais importância social tinha a mulher que o portava.

Em terceiro lugar apareceram os lexemas LAÇO com 5 lexias, sendo que 4 tiveram o material especificado: ouro (2), prata (1) e topázio (1):

Hum Laço de ouro Lizo que Seacha / empenhado por Roza goncalves pela / quantia de meya oitava e quatro vin / tens de ouro que adinheiro São Sete / Centos e Cincoenta Reis como que / Se Sae fora (CPOCJA, f. 48v);

Hum Lasso de prata com duas pedras / de titiaya empenhado e meyoito / vas a hum cruzado que adinheiro / em porta em sette Mil e novecentos / e cincoenta reis (CSOJSCR, f. 4v);

Em quarto lugar têm-se os lexemas ANEL, FIO e VOLTA com 4 lexias cada um. Os anéis eram adornados com pedras preciosas e coloridas e as voltas podiam ser de contas ou de corais:

Hum anel de topázio amarello com / ceusolhoz de mosquitos nas bandaz / jauzado, e inferior, que foi visto, e a / avaliados pellos ditos Avaliadores na / quantia de mil e quinhentos reis / com que Sesahé (CSOAMJ, f. 3v);

Hum Anel com topázio vermelho, que / foi visto, e avaliados pellos ditos Avalia / does na quantia de Seis mil Reis com que / sesahé (CSOHST, f. 4r);

Huns fios de contaz de ouro com / Seoz coracoiz tudo de ouro que / pesaõ trez oitavas visto e avaliado / pellos ditos avaliadores a mil / trezentos Reis cada oitava e por / ta em trez mil e novecentos / Reis (CSOAMR, f. 2v);

Dois fio(s) decorais e outros miudo(s) / visto e avaliados pellos ditos(s) / avaliadores em dois mil e quatro / cento(z) reis (CSOJSCR, f. 4r);

Duas voltas de contas de vidro a / zul encasto adas em ouro com / opeso de doze oitavas e quarto / de que Sea Battee quatro oitavas / e dois (tostois) que contatado pe / zo treze contas asuis efica Sen / doo liquido oitavas e seis / (tostois)

<sup>928</sup>

BARROS, 1947, p.124.

quetudofojuistoe / aualiado pellosdittosaua / liadores cadaojtaua amil e / quatrocentos ReisSoma hon / Zemil quatro sentos eSessenta edois / Reis ComqueSesay (CSOJSA, f.5v).

CRUCIFIXO é o lexema que aparece em quinto lugar com 3 lexias e será tratado em parágrafo adiante.

Em sexto lugar, têm-se os lexemas ADEREÇO, ARGOLA, CORAÇÃO, FILIGRANA, MEMÓRIA e SENHORA DA CONCEIÇÃO com 2 lexias cada um. O material especificado apresentou pouca variação, sendo a maioria das ocorrências de ouro (9) e uma de esmalte. As outras duas lexias (uma do lexema SENHORA DA CONCEIÇÃO e outra de MEMÓRIA) não foram acompanhadas de nenhum especificador de material.

Hum adreço grande emouro compe / drazdetopazio encarnadosnovoz, / quefoi visto, eavaliadopelozditos / Avaliadoresnaquantiadetrinta / mil reiscomquesesahí (CSOAMJ, f. 3v);

HumaArgolla deOuro deCanotilho Com / Sua pinha Huma Imagem de Nossa Senhora da / Comseição Hum par deBotois debico eoutropar / de Botoins debico huma Memoria defillogra / na que tudotem depe(s)o tre(z)e oitauas eMeja / penhores deJozefa de Men[e](z)es eSenaõ sabe / opor quanto estaõ empenhados e Selhe daoua / llor de Mil edu(z)entos Reis aOitaua que a / dinheiro emporta de(z)aseis Mil edu(z)entoz / Reis (CPOMCP, f. 7r);

Humcoração dem(o)ça emcasteado / emouro, que foi visto, eavaliado / pelozdittos Avaliadoresnaquantia / de trezentos Reis comquesesahé (CSOAMJ, f. 4r).

Em sétimo lugar apareceram os lexemas CANUTILHO, CORRENTE, CRUZ, FIGA, FLOR, PEDRA, PENDENTE, PULSEIRA e ROSICLER com uma lexia cada um. Apresentando material diverso como ouro e pedras preciosas, o canutilho dava um toque delicado a algumas peças.

Hua correntedeouro, quepe(z)asete / oitavas, equin(z)e vintensdeouro / que seacha empenhada emmaõde / JozephRodrigues Alvar(es)porduas / oitavas, tresquartos, equatro vintens / avaliada cadaoitavapelosdittos / Avaliadoresamil, equatrocentos / reis, quefo(i) aquantia de dezmil, / quatrocentos, esecentaedoisreiz con / quesesaha (CSOHST, f. 6v);

Huaspulseiras depedras Grisolitas, queforaõ / visaseavaliadaspelosdittosAvaliado / resnaquantia dedezanovemil, edu / zentosreiscomquesesaha (CSOHST, f. 4r);

Hum Rocicle comSuas pedras miudaz / eSeos olhos demosquito que temde / pezo ebrincos Irmaos (Seis) oitavas / etres quartos vistoseavaliadospellos / dittosavaliadores amilequatro / centosreis emportaadinheiroaqua / tia denovemil digopellosavalia / dores emaquantia de vintequatro / mil reis (CSOJSCR, f. 3v).

Pela quantidade de lexias é possível inferir que as pessoas que tiveram os bens inventariados possuíam uma grande quantidade de joias. Tais joias eram guardadas de ordinário em arcas e pequenos cofres ou, por vezes, nas capelas das casas de fazenda.

Expediente esse que servia para afastar a cobiça dos larápios, que naqueles tempos piedosos raramente ousavam perpetrar roubos sacrílegos e despojar as santas de seus adereços.<sup>929</sup> Supõe-se que o fato de se tratar de uma região mineradora, a atividade econômica principal – a mineração – tenha propiciado essa variedade de joias.

Mas, além de enfeitar e ser uma aplicação financeira, “as jóias e bijuterias possuíam um significado religioso/ espiritual.”<sup>930</sup> Esses eram adereços com motivos cristãos como cruz, crucifixo, rosários e pingentes em forma de santo:

Humacrus deouro damoda antiga / com quarenta enoue diamantes e / conopeso deSeisojtauas etres quar / tos uista eauliada pellosdi / tosauliadascadaojtaua / digo aualiadores em trinta esin / co mil Reis conqueseSesay (CSOJSA, f. 6r);

Dois Rozarios verdes com trinta con / tas deouro grocoz, ecadahua com / seocrucifício deouro grandes que /foraõvistos, eavaliadozpelosditos /Avaliadoresnaquantia deSeismil / eseiscentosReiz comque sesahí. (CSOAMJ, f. 4r).

Essa profusão de joias religiosas é muito coerente com a cultura da época. Ao se visitar hoje uma igreja setecentista verifica-se que “na Casa do Senhor os próprios santos e santas se cobriam de ouro, veludo e sêda, à imagem e semelhança das devotas.”<sup>931</sup> Ou eram as devotas que se vestiam à imagem e semelhança dos santos? O fato é que a presença dessas lexias ligadas ao campo religioso, mais especificamente ao católico, demonstra a presença marcante da Igreja nas Minas de então. Além disso, o fato de tais adereços serem em metal e/ou pedras preciosas mostra que a colonização dessa região do Brasil foi ditada pela economia – mineração - e pela ideologia religiosa – católica.

Além desses adereços com motivos cristãos, foram referenciadas joias em forma de amuletos como figas e corais:

Hua figa encosteada e[m]prata / que foi vistaeavaliadapelosditos / Avaliadores naquantiadeduzen / tozevinte, ecinco reiscomqueseSesahi (CSOAMJ, f. 4r);

Huma volta decorais emfiadoz / enhumascontas deprata quesaõ / pequenas vistas eavaliadas pellos / dit[o]s avaliadores naquantia / de duzentos evinteeseisreis (CSOJCS, f. 4r).

Tais joias tinham a função de proteger contra os malefícios humanos e espirituais.<sup>932</sup> O coral, por exemplo, não era explorado nas costas brasileiras, mas no Mediterrâneo e no

<sup>929</sup> BARROS, 1947, p.124.

<sup>930</sup> JANUÁRIO, 2010, p.3.

<sup>931</sup> OMEGNA, 1971, p.145.

<sup>932</sup> JANUÁRIO, 2010, p.4.

Oceano Índico. Trata-se de um material orgânico marinho que era mercadoria apreciada e cara tanto na Europa como na África. Na África, além de valor comercial, seu uso estava associado a cerimônias religiosas. Esse objeto deu origem a uma variada sorte de adornos corporais, itens decorativos e amuletos. Seu uso no Brasil está associado à presença de portugueses e africanos.<sup>933</sup>

As joias também eram uma forma de capitalização, como se pode perceber pelo seguinte exemplo:

HumaArgolla deOuro deCanotilho Com / Sua pinha Huma Imagem de Nossa Senhora da / Comseição Hum par deBotois debico eoutropar / de Botoins debico huma Memoria defillogra / na que tudotem depe(s)o tre(z)e oitauas eMeja / penhores deJozefa de Men[e](z)es eSenaõ sabe / opor quanto estaõ empenhados e Selhe daoua / llor de Mil edu(z)entos Reis aOitaua que a / dinheiro emporta de(z)aseis Mil edu(z)entoz / Reis (CPOMCP, f. 7r).

Pelo exposto, percebe-se que os adereços, além da função de ornar, tinham uma função econômica (investimento) e mística.

### 3.2.7.3 Vestindo a sedução: adereços masculinos × adereços femininos

O campo dos adereços apresentou muita variedade e quantidade. Foram encontrados 24 lexemas de adereços masculinos e 23 de femininos. Desses, 15 são comuns aos dois grupos (ANEL, ARGOLA, BRINCO, CANUTILHO, CONTA, CORDÃO, CRUCIFIXO, CRUZ, FIGA, FILIGRANA, FIO, LAÇO, MEMÓRIA, PENDENTE, SENHORA DA CONCEIÇÃO e VOLTA), 9 pertencentes apenas ao masculino (CHAPA, ESPÍRITO SANTO, MEIA-LUA, MEMÓRIA DE BRAÇADEIRA, RECILQUE, RELÓGIO, RELÓGIO DE ALGIBEIRA, SANTO CRISTO e SÃO BRÁS) e 8 apenas ao feminino (ADEREÇO, CORAÇÃO, CORRENTE, CRUCIFIXO, FLOR, PEDRA, PULSEIRA e ROSICLER). Sendo assim, 37,5% dos lexemas de adereços masculinos são privativos desse grupo e igualmente 34,78% de femininos são privativos desse outro grupo. Desse ponto de vista pode-se afirmar que havia diferença pequena em relação ao vocabulário de adereços masculinos e femininos. Tanto homens quanto mulheres gostavam de adornar os dedos, orelhas, pescoços, colo e cintura.

### 3.2.8 Na trama dos tecidos: fazendas, tecidos, peles

Para se falar sobre o vestuário é imprescindível que se faça algum comentário sobre seu suporte básico: os tecidos. Eles foram desenvolvidos por povos que viviam em climas

<sup>933</sup> PAIVA, 2006, p.223-228.

mais temperados, povos esses que descobriram a utilização de fibras animais e vegetais para a confecção de roupas. O desenvolvimento de técnicas têxteis não está relacionado apenas a uma questão estética. Pesquisadores afirmam que essa foi uma invenção fundamental para os humanos. O uso de fibras no fabrico de cordas, cestos e roupas aumentava as chances de sobrevivência e mobilidade em condições climáticas adversas como, por exemplo, o local onde foram encontrados as fibras mais antigas de tecidos: Geórgia, República do Cáucaso localizada na fronteira entre Europa e Ásia.<sup>934</sup>

Em relação à utilização de fibras de origem animal, é possível que a feltragem tenha sido o primeiro passo. Nesse processo, desenvolvido na Ásia pelos ancestrais dos mongóis, lã ou pelo de animais eram penteados, molhados e colocados em camadas sobre uma esteira. Posteriormente, enrolava-se a esteira e batia-se nela com uma vara. Os pelos e a lã eram dessa forma compactados e o feltro produzido era quente, maleável e durável, podendo ser costurado e moldado a fim de se fazerem roupas, tapetes e tendas.<sup>935</sup>

Havia outra técnica para as fibras de origem vegetal. Uma das mais primitivas utilizava as cascas de certas árvores, como a amoreira e a figueira. A casca era arrancada da árvore e mergulhada em água e três camadas dela eram colocadas sobre uma pedra chata de forma que a camada do meio formasse um ângulo com as outras duas. As camadas eram sovadas com um malho até que se juntassem. Nesse ponto, passava-se um óleo ou tinta para aumentar a durabilidade. Esse processo, muito parecido com o empregado pelos egípcios antigos na fabricação de papiro, pode ser considerado o intermediário entre a fabricação de esteiras e a tecelagem. Entretanto, o tecido feito de casca era difícil de costurar e cortar e, por isso, as roupas feitas com ele eram geralmente um retângulo com o qual se enrolava o corpo.<sup>936</sup>

Fibras de casca de árvores foram também utilizadas para tecer pelos índios americanos, mas não eram tão boas quanto as outras fibras vegetais como o linho, o cânhamo e o algodão. Essas últimas exigiam cultivo e foram pouco usadas na época pastoril.<sup>937</sup>

Tais fibras deram origem à tecelagem em si e foram desenvolvidas por comunidades sedentárias cercadas de bons pastos para ovelhas. O velo era tosquiado, o monte de fibras resultante era fiado e o fio era tecido em um tear. Uma vez estabelecida a manufatura de

---

<sup>934</sup> KVAVADZE *et al*, 2009, p. 1359.

<sup>935</sup> LAVER, 2006, p. 10-14.

<sup>936</sup> LAVER, 2006, p.1 0-14.

<sup>937</sup> LAVER, 2006, p. 10-14.

tecidos, mesmo em escala pequena, abriu-se caminho para o desenvolvimento das roupas como são conhecidas atualmente.<sup>938</sup>

Assim como a vestimenta da qual são materiais, os tecidos são verdadeiros ícones de lugares, épocas, culturas e suas histórias. Conforme mostrado nos parágrafos anteriores, sua utilização remonta aos primórdios da humanidade: Idade da Pedra ou do Bronze disputam o título de época de surgimento dos primeiros tipos rudimentares de panos,<sup>939</sup> sendo que pesquisas recentes descobriram amostras de fibras de tecidos que foram datadas como pertencentes ao Paleolítico superior: cerca de 30 mil anos atrás.<sup>940</sup>

Sendo o tecido a união de fios ou fibras em estrutura dimensional, a datação do aparecimento de um tecido está relacionada diretamente à descoberta das fibras têxteis de sua composição. As fibras mais antigas são: o linho - cerca de 8.000 atrás – descoberto pelos egípcios;<sup>941</sup> a lã – cerca de 7.000 a.C – descoberta pelos povos da Mesopotâmia; o algodão – cerca de 3000 a.C – descoberto e cultivado no Paquistão e na Índia e a seda – cerca de 2.700 a.C. – descoberta na China.<sup>942</sup>

O linho, conforme explicitado no parágrafo anterior, é um dos tecidos mais antigos. É delicado, macio e com discreto brilho natural.<sup>943</sup> Tinha largo emprego na confecção de roupas e acessórios. Esse tecido foi encontrado como material de roupas exteriores, íntimas, acabamentos, roupas de mesa/banho e material para forro:

Hum Sertum de panode Linho com / Sinco Colxetes de Pratta ainda embom / Uzo avalliado em quinhentos e sesenta / Reis (CPOMCP, f. 11v);

Huma Casaca depannoAluadio ja / Usada Bordada delinho daIndiacom/ Sua vestia domesmo pano eCalçaõ avalli / adotudo em Oito Mil Reis (CPOMCP, f. 12r);

Seis Siroulas dePanodeLinho ja / ComSeuuzo avalliaada Cada huma a / [[a]]quinhentos Reis emportaõ em tres / Mil Reis (CPOMCP, f. 11r);

Quatro toalhas de pannode Linho demaoz / ja uzadas avalliaada cada huma a sen / toesesenta Reis emportaõ em Seis sen / toz eCorenta (CPOMCP, f. 12r);

Huma Vestia defustam Branco forra / da depano delinho ainda em bom uzo / avalliaada em Oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 11v).

<sup>938</sup> LAVER, 2006, p. 10-14.

<sup>939</sup> CHATAIGNIER, 2006, p. 20.

<sup>940</sup> KVAVADZE *et al*, 2009, p. 1359.

<sup>941</sup> KVAVADZE *et al*, 2009, p. 1359.

<sup>942</sup> CHATAIGNIER, 2006, p. 27-28.

<sup>943</sup> CHATAIGNIER, 2006, p. 31-33.

Além do linho propriamente dito, havia outros tipos de tecidos confeccionados com a fibra do linho, como aniagem, bocaxim, bretanha, cambraia, droguete, esguião, estofa, estopa, holandilha, linha e riscado.

a) A aniagem era feita de linho cru, sendo usada, geralmente, para confeccionar capas, fardos e roupas de escravos.

b) O bocaxim, tecido tingido de várias cores, era usado sobretudo “para forrar trabalhos de tapeçaria.”<sup>944</sup>

c) Bretanha é uma designação de um tecido originário da Inglaterra que no século XVIII era produzido também na França e em Hamburgo:

Por duas ditas [bretanhas] deAnburgo[†...] / queforam vistas eavalu(adas) / atres Mil reis Cadahuma (que) / emportan Seis Mil reis (que) / SeSaj .(CPOFPG, f. 18v);

Por duas ditaz deFrança La(rguas) queforamuistas eaua (luad) / as aSinco Mil reis cada (hu) / ma que emportan des (Mil) / reis queSeSaj (CPOFPG, f. 18v).

No *corpus* aparece como tecido de roupas exteriores, íntimas e material usado para confecção de linhas:

Huasayadebertanha novabanda / da, que foi vista eavaliadapelos / dittos Avaliadoresnaquantidade / quatro mil, equatro centosreiz / comquesesahé (CSOAMJ, f. 6v);

Quatro Camisas deBertanha ainda / em bom uzo avalliada cada huma / asete sentos Reis emportaõ em dous / Mil e Oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 11r);

Dous maços evinte eseis meadas de / linhasdebertanhafina avaliado amil / equatro centosReis o maço emporta / quatro mil esincoentaReis (CPOMPPN, f. 4r).

d) A cambraia era um tecido fino de linho usado na confecção de roupas exteriores e acabamentos:

HüacamizadeBertanha combabados / deCambraýa embom uzo avaliada na / quantidade milequinhentos Reis (CPOMPPN, f. 8r).

d) Droguete era um tecido que podia ser feito de linho, lã e seda,<sup>945</sup> com pequena repetição de desenho e fabricado com diversas técnicas.<sup>946</sup> Além desse material, aparece no *corpus* feito de castor e, também, a variedade droguete-rei: “de melhor qualidade sendo feito

<sup>944</sup> SOUZA, [19--], p. 31.

<sup>945</sup> LISANTI, 1973, p. LX.

<sup>946</sup> COSTA, 2004, p. 145.

com lã, seda e prata/ouro”.<sup>947</sup> No *corpus* aparece como material apenas de roupas exteriores. Podia ser lavrado e apresentava diversas cores:

Hum Gibaõ deDroguete la / vrado Cor de flor de pesseiro / velho visto pellosaualiaadores (elhe) / naõ deraõ valor pello [nã]o o ter (CSOJCS, f. 5r);

Humacapadedroguete azul (avan) / dada de pellucia amarella (com)pin / taz e[†...] com Seo uzo vista e / avaliadapellozditoz avaliadores / naquantia detrez mil eseiz cen / toz reiz (CSOAMR, f. 5v);

Por duaspesas dedroguete Lavr(ado) / deCores Couados oitenta [†...] / [†...] Sento e Secenta Reis (cada) / Couado que emporta Secenta / e Noue Mil e duzentos etrinta / reis que SeSaj...(CPOFPG, f. 11v).

e) Esguião era um tecido muito fino que podia ser feito de linho ou de algodão. Originário da Holanda,<sup>948</sup> apareceu nos documentos como material de roupa íntima:

HumaCamiza desguiam [†...] / uzo queten seus punhos [†...] / vista eavaliada peloz di(tosau) / aliadores em Mil eoitto Cen(tos) (CPOFPG, f. 5v).

f) Estofado era um tecido alcochoado com linho, lã, seda ou algodão. “Geralmente era usado para dar volume à peça do vestuário que se usava.”<sup>949</sup> Aparece no *corpus* como material de roupa exterior:

Huma saia de(estofado) labrado corde / rozaebranco comseo uzo visto eavali / adopellozditoz avaliadores naquan / tia dedoiz mil equatrocentoz reiz (CSOAMR, f. 5r).

g) Estopa é a parte mais grosseira do linho sendo separada deste por meio do sedeiro. Era um tecido grosseiro.<sup>950</sup>

h) Holandilha era a denominação de dois tipos de tecido. Um era de “algodão e vinha da Índia sendo que na Holanda era tingido de diversas cores. Seu comércio era feito principalmente em Amsterdam e Rotterdam.”<sup>951</sup> Havia um outro tipo de Holandilha, essa feita de linho, que era fabricada na Silésia. Apresentava diversas cores e seu comércio era feito principalmente em Hamburgo.<sup>952</sup>

i) Linha era o fio de linho torcido, feito para coser. Mas, além do linho, podia ser feita, também, de bretanha:

<sup>947</sup> LISANTI, 1973, p. LX.

<sup>948</sup> SOUZA, [19--], p. 32.

<sup>949</sup> SOUZA, [19--], p. 32.

<sup>950</sup> COSTA, 2004, p. 146.

<sup>951</sup> LISANTI, 1973, p. LXII-LXIII.

*Dous maços evinte eseis meadas de / linhasdebertanhafina avaliado amil / equatro centosReis o maço emporta / quatro mil esincoentaReis (CPOMPPN, f. 4r);*

*Hum maço etres miadasdelinhasde / panodelinho avaliado cada maço amil / duzentos importa mil etrezentos evinte Reis (CPOMPPN, f. 4r).*

Podia ser usada, também, como material de meias:

*Tres paresdemeýasdelinhagrossas / avaliado cada par emtrezentos Reis / emporta nove centosreis (CPOMPPN, f. 6r).*

j) Riscado era um tecido de linho ou algodão com listras de cor.<sup>953</sup> Aparece como material apenas de roupas exteriores:

*quatropessazdeRiscado / deRiscadodelinhovistoeavalia / dopellosdittosavaliadores atres mil / reis cada humaemporta emdezesseis / mil reis digoimportaemdoze / Mil reis (CSOJSCR, f. 21r-21v).*

*Hum xambre de Riscado uzado oqu / al Sendo visto eavaliado porellez / ditos avaliadores porelles foi ava / Liado naquantia dehum mil reiz / Com oqueSeSae fora amargem (CPOCJA, f. 43v).*

Em relação aos tecidos de lã, alguns tecidos confeccionados com essa fibra foram referenciados no *corpus* como, por exemplo, a baeta e a saieta.

Baeta é a designação de um tecido de lã e felpudo,<sup>954</sup> forte e resistente à chuva que era procurado, inclusive, pelos mineiros mais cuidadosos que desejavam evitar perda de ouro na lavagem.<sup>955</sup> Havia diversos tipos como baeta grã: de cor, cochonilha, castelete, de conta nova, de barca, cachoeira, imperial e podia, ainda, tomar o nome do país ou região onde era fabricada: baeta de França ou baeta Colchester,<sup>956</sup> por exemplo. No *corpus* a baeta aparece como material de vários tipos de roupas e podia e podia ser tecido aparente ou forro:

*HumcapotedeBaeta uzado avaliado naquantiadeseis CentosRei (CPOMPPN, f. 8r);*

*HumJalecodeBaeta avaliado em mil eduzentosReis (CPOMPPN, f. 7r);*

*Dous timoins deBaetas forradoz damesma Baeta deOutra Cor que foi avalliadoCada hum amil equinhentos Reis que emportaraõ emtres Mil Reis (CPOMCP, f. 40v);*

<sup>952</sup> LISANTI, 1973, p. LXII-LXIII.

<sup>953</sup> SOUZA, [19--], p. 34.

<sup>954</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VII, p. 11.

<sup>955</sup> LISANTI, 1973.

<sup>956</sup> LISANTI, 1973, p. LIII.

Por humaSayadebaeta preta combastan / teuzo que foÿ vistaeavalidapellos /  
avaliadores naquantia de dois mil Reis (CSOACB, f. 3r);

Nove Sert[un]s de Baeta devarias Cores forradas damesma avalliado cada hum aMil  
eseis sentos Reis emportão emquatorze Mil equatro sentoz Reis (CPOMCP, f. 30r).

A saieta era um tecido de lã às vezes mesclado com um pouco de seda. Fabricava-se em Amiens (França). Era, também, uma sarja de seda ou de lã que se fazia na Itália ou, ainda, certos estofos de lã feitos em Flandres e na Inglaterra.<sup>957</sup>

Dozecuadozde Saetacramezim ava / liado cadacouado atrezentos evinte / Reis  
emporta tres mil oitocentos ecorenta (CPOMPPN, f. 3v);

Hua vestiadepano azul ferrete forrada / deSaetacramezim uzada avaliada / em mil  
equinhentosReis (CPOMPPN, f. 8r).

Em relação ao algodão, tecidos feitos apenas dessa fibra e mesclado com outras fibras foram referenciados no *corpus* como, por exemplo, o algodão e a saraça.

O algodão propriamente dito aparece como material de roupas íntimas, de banho, acessório e como material de outros tecidos, como mostram os exemplos:

Dousparesdemeyasdealgodão uzadz ava / liadas ambas em du(z)entosReis  
(CPOMPPN, f. 8v);

Quatrotoalhasdemaõz d[e]algudaõ / queforaõvistasevaliadaspelos / ditos  
Avaliadorescadahua adu / sentosevinteecinco reiscadahua /  
importanaquantiadenovecen / tostreiscomquesesahé (CSOAMJ, f. 8r);

Hum pardeluvadealgudaõ / criuadas [vistas]eavaliadas / pellosditos aua[li]adores  
naquan / tiade Sento es[inc]oenta reis (CSOJCS, f. 4v).

A saraça era um tecido de algodão, uma espécie de chita da Índia.<sup>958</sup>

HumaSarassa dechitada(modã) / finaforradadechita mais gro / ca enBom (U)so  
uistaeeavaliada / pellosditosavaliadores emtres / mil eseisentos ReisConqueSe / Sau  
(CSOJSA, f. 8v).

Outra fibra tão importante como linho, lã e algodão é a seda. Fibra natural obtida do casulo do bicho-da-seda, é um filamento contínuo e resistente segregado pela lagarta denominada *bombyx-mori* que se alimenta da folha da amoreira.<sup>959</sup> Precocemente importada do Oriente, teve na China seu lugar de origem. Os bichos-da-seda foram introduzidos pelos

<sup>957</sup> LISANTI, 1973, p. LXVII-LXVIII.

<sup>958</sup> LISANTI, 1973, p. LXVIII.

<sup>959</sup> CHATAIGNIER, 2006, p. 156.

muçulmanos na Espanha e na Sicília nos Séculos IX e X, mas no século XIII a Itália tornou-se o centro da seda e foi seguida, depois, pela França, no final do Século XV.<sup>960</sup>

A seda sempre foi um material caro por diversos motivos. Dentre vários podem ser citados o fato de ser resistente, durável, possuir brilho e beleza e ser o material com o qual se confeccionavam as roupas de reis e príncipes.<sup>961</sup> Além da seda propriamente dita, havia outros tipos de tecidos confeccionados com a matéria-prima da seda: brocado, brocatel, cetim, damasco, sarja, tafetá e veludo.<sup>962</sup> Os dois primeiros não foram designados no *corpus*, mas os demais foram. Será feita, então, uma breve análise de cada um deles.

a) O cetim

consiste na armadura quadrada com os quadradinhos cheios dispostos segundo uma ordem aritmética chamada de desfaclamento. Desta forma, o desenho consente de dispor em cada elemento do curso de ligamento somente um ponto e de colocá-lo sempre no meio de duas tiras longas que próximas escondem completamente os ligamentos.<sup>963</sup>

No *corpus* aparece como material de roupas exteriores, acabamentos e adornos de cabelo, como mostram os seguintes exemplos:

Humacazaca degalla vermelha / comhuavestiaealcaõ dese / timcarmezim deflorenz tudou / zado vistoeavaliadopellos / ditoz avaliadores naquan / tiadeseiz mil reiz (CPOCPR, f. 14v);

Huacapadedrugueteescarlate / abandadadeSetim azul, quefoi / vistaeavaliadapelozditos Ava / liadores naquantiaequatorze / mil, e quatrocentozreis comque / sesahé (CSOAMJ, f. 6v);

Hum chapeo desetim com Uzo quevisto / eavaliadopellos avaliadores emhu / maotivade ouro que adinheiro saõ mil / equinhentos Reis (CPOMSO, f. 5r).

b) O damasco apareceu por volta do primeiro milênio depois de Cristo e foi aperfeiçoado no século XIII. É um tecido lavrado no qual o desenho é lido por efeito da parte opaca sobre o fundo brilhante ou vice-versa. É constituído por uma armação a claro efeito de trama ou urdidura - do raso (cetim) pesado ou leve. Desta forma, é um tecido constituído segundo a técnica de raso (cetim ou sarja, nos quais uma parte – a trama – serve de fundo e a outra – a urdidura – serve de desenho ou vice-versa). Podem ser usadas as duas faces, mas

<sup>960</sup> CHATAIGNIER, 2006, p. 38-39.

<sup>961</sup> COPPOLA, 2005, p. 117.

<sup>962</sup> COPPOLA, 2005, p. 117.

<sup>963</sup> COPPOLA, 2005, p. 124.

aquela onde a trama forma o desenho é o lado direito.<sup>964</sup> Embora a fibra tradicionalmente usada na sua confecção seja a seda, no *corpus* aparece feito, também, de lã:

Outrasahia dedamasco delanCom / Seouzo vistaeavaliadapellosdittos /  
avaliadoresemseisMilequatrocentos / reis (CSOJSCR, f. 5r).

Aparece usado como material de roupas exteriores, conforme mostrou o exemplo citado.

c) A sarja é um tecido feito de seda, lã ou algodão entrançado. A técnica de produção é caracterizada pelos efeitos oblíquos obtidos pela deslocação de um fio para a direita ou para a esquerda, em todos os cruzamentos da passagem da trama.<sup>965</sup> No *corpus* aparece como material de calção, conforme mostra o exemplo:

Hum Calção deSarja pretaVe / lho oqual Sendo visto eavaliado / por elles ditos  
avaliadores por ellez / foi avaliado naquantia deSeis cen / tos Reis  
ComoqueSeSaefora (CPOCJA, f. 43v).

d) O tafetá é um tecido lustroso feito de fios de seda retilíneos e bem tapado. Sua técnica de produção é caracterizada pela simplicidade: resulta da passagem alternada de um fio de trama por cima ou por baixo de um fio de teia.<sup>966</sup> Aparece como material de bandas, barras, bordados e forros:

Huma Capa pequena de Drogue / te preto abandada detaf[eta] bran / co vista  
eavaliada pell[os] [di]tos a / valiadores naquantia de [trezen] / tos reiz (CSOJCS, f.  
4v);

Huma Saça deS[ed]ja branca / Com ramos e[co]m ba[rr]adetafeta / Cor de Roza vista  
eavaliadape / llosd[i]tos aavaliadores naquantia / denouesentos reis (CSOJCS, f. 4v);

Humadittadechamaloteazul / forrada detafeta Cordeouro tudo / uzado  
avaliadopelozdittosava / Liadores em mil oito centosrei(z) (CSOJSCR, f. 5v);

Hum vistido depano azulFerrete forra / doMeio Bordado detafeta carmesi /  
comBotonis deouro crioulo quevisto ea / valliadopellos avaliadores em de / zoito  
oitavas deouro que adinheiro saõ / vinte esete Mil Reis? (CPOMSO, f.5r).

e) O veludo é um tecido que apresenta uma grande variação decorrente da técnica de confecção. Pode apresentar-se com uma superfície cheia de bolinhas (veludo ondulado), com uma pelugem característica (veludo cortado) ou com ambos os efeitos citados. Estes efeitos

<sup>964</sup> COPPOLA, 2005, p. 125.

<sup>965</sup> COSTA, 2004, p. 156.

<sup>966</sup> COSTA, 2004, p. 158.

podem, também, produzir veludos diferenciados ao serem formados pela trama ou pela urdidura. No artesanato foi muito utilizada uma técnica assimilada desta do veludo, mas que era produzida com fios mais grossos ou torcidos, que valorizavam o efeito do desenho. No Renascimento foram valorizados os trabalhos realizados com fios metálicos trabalhados com veludos ondulados ou torcidos chamados de *Alluciolati*. Os veludos de urdidura são divididos em dois grupos: os veludos com duplo nível e os classicamente trabalhados com ferros de corte e torção. No primeiro grupo estão os veludos de produção moderna e no segundo estão os de produção clássica, feitos sobre teares manuais – técnica essa que ainda sobrevive em Florença, Veneza e Gênova. São tecidos que feitos como os refinados veludos antigos têm seu uso, na modernidade, restrito ao setor de restauro, devido ao elevado custo.<sup>967</sup>

No *corpus* aparece como material de roupas exteriores e sapatos:

Huma sahiadeveludopretto / pretto embomuzo vistaeavaliada / pellozdittos  
avaliadores emdezasseis / mil reis (CSOJSRC, f. 5r-5v);

HumpardeSapatozdeveludo encarna / do vistos eavaliadopellozdittoz / avaliadores  
entrezentos reis (CSOJSRC, f. 6v).

Do aparecimento das fibras mais antigas até o século XVIII, a tecelagem expandiu qualitativamente e quantitativamente. Como exemplo, tem-se a enorme variedade e quantidade de lexias de tecidos encontradas no *corpus* que serviu de fonte a esta pesquisa.: 477 lexias materializadas em 78 lexemas.

Embora tenha sido encontrada essa grande variedade de tecidos referenciada no *corpus*, nas Minas setecentistas, como no restante do Brasil Colônia, não havia fábricas têxteis. Por determinação da Metrópole só poderiam ser produzidos aqui “panos grossos que vestiam os escravos e aqueles destinados a fardos”<sup>968</sup> Talvez tenha sido utilizado para esse fim um tear arrolado em um inventário dos Setecentos:

Humtear demadeyradetecer algudaõ / quefoi visto, eavaliad opelozdito(s) / Avaliad  
oresnaquantiad equatro / mil, oito centosrei(s) comquesesahe (CSOAMJ, f. 5v).

O fato de não haver aqui fabricas de tecidos teve como consequência a dependência do Brasil da exportação de têxteis tanto da Metrópole quanto da Inglaterra. Essa condição, aliada à descoberta do ouro que disponibilizou capital para uma pequena elite local importar produtos europeus, teve também como consequência a proliferação de tecidos importados em

<sup>967</sup> COPPOLA, 2005, p. 125.

<sup>968</sup> LISANTI, 1973.

todo o território mineiro. Isso porque se nas Minas não existiam fábricas têxteis, esses tecidos que foram designados no *corpus* só podem ter chegado à região aurífera por importação.

A diversidade dos locais de origem desses tecidos pode ser, muitas vezes, verificada através de seus nomes. Como ícone de um lugar, o tecido pode carregar no próprio nome a geografia do local de seu nascimento e/ou difusão e percurso até determinada região. É o caso de tecidos como bretanha, cambraia, damasco, fustão, holanda e lemiste. São tecidos cujos nomes são os mesmos das cidades onde outrora foram fabricados e/ou difundidos. Mas, além da toponímia/etimologia, o nome do tecido pode ser acompanhado por alguns qualificadores que indicam o local de sua proveniência em determinada época, como pode ser verificado pelos seguintes exemplos retirados dos inventários:

Huapesade [olanda] crua deAmburgo / decoarenta eoitto couados avaliada ca / dacouado acento esesentaReis empor / ta Sete mil Seis centos eoitenta Reis / (CPOMPPN, f. 3v);

Hum retalho de chita deBan / guela com vinte eseis covadoz / oqual sendo visto eavaliado por / eles ditos aualiaadores porelles foi / aualiado cadacouado atrezen / tos equarenta reis que aotodo im / porta aquantia deoitto miloito / centos equarenta reis com oque / sesae fora amargem por algarismo (CPOCJA, f. 19r);

Sento equarenta eSeteCouados de / damascodeCastella deVarias Cores eemua / rios Retalhos quefoj avalliado Cada hum / Ouado amil equatro Sentos Reis que / todos emportaraõ emduzentos eSinco / Mil eOito Sentos Reis (CPOMCP, f. 36v);

quizecovadoz adozdecamell[a]õ / deFlandes escuro visto eavaliado / asettecentosecincoentareis cada / covado emportaemzemile / duzentosecincoentareis (CSOJSCR, f. 18v);

Quatromaçosdelinha(s) de(oejraz) / defranca decores pap[†.] / [rasgado] vista(z) eavaliadas pelloz / pellozditoz avalia[dores] naq[u] / antiade de tre(s)entoz reizcada / maço importa em miledu / zento(z) reiz (CPOCPR, f. 15v-16r);

Doze Massos deLinhas deGuimaraes / quefoj aualliadocadamasso aSento / eSincoenta Reis que todas emportaraõ / digo aualliaados cada Masso amil equi / nhentos Reis quetodos emportaraõ em / dezoito Mil reis (CPOMCP, f. 54v);

Duaz peçasdexita huma / daIndea e(A)outra ingleza / novaz vistaz eavaliadaz / pellozditoz avaliadores / naquantia deoitomil eSeiz (CPOCPR, f. 13v);

Sento eSincoenta edous Couadoz / deSeda deltallia deVarias Cores eem / varios Retalhos quefoj avalliado cada / Couado a Mil eSeis Sentos Reis que / todos emportaraõ em du(s)entos equaren / ta etres mil edu(s)entos Reis (CPOMCP, f. 35v);

Coatro duzias delinhas de Lisboa que / foraõ aualliaadas aduzia aOito Mil / Reis que todas emportaõ trinta edous / Mil Reis (CPOMCP, f. 54r);

Huapessa de Riscado do porto novo / aljofrado oqual Sendo vistaeava / liada por eles ditos aualiaadores por / elles foi aualiaada em mil equihen / tos Reis com que SeSae fora (CPOCJA, f. 18v);

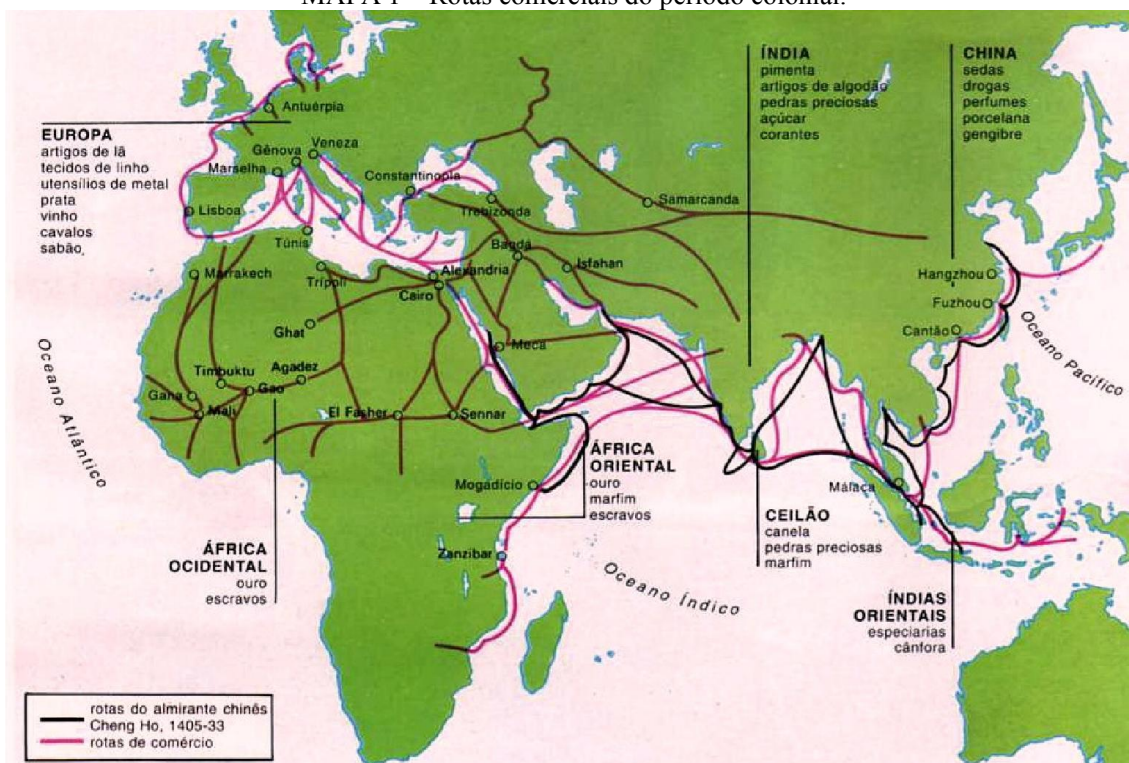
Setenta e Sinco Couados de Seda / de Roma Pretta Lisa quefoj aualliado / cada Couado a Mil eduzentos e Sin / Coenta Reis que todos emportaraõ em / Nouenta etres Mil Sete Sentos e Sin / coenta Reis (CPOMCP, f. 36r);

Oito Maços delinhas de Roriz as / quais Sendo vistas e aualiadas porelez / ditos aualiadores porelles foi aualiado / cada Maço adois mil Reis que aotodo / importa aquantia de dezaSeis mil Reis / com queSeSae fora amargem (CPOCJA, f. 22v);

Noue Massos de Linhas de VEjras / de Noue Meadas Cada Masso queforaõ / avallidos Cada Masso atrezentos Reis / que todos emportaõ dous Mil e Sete / Sentos Reis (CPOMCP, f. 54v).

Esses tecidos, como as demais mercadorias que chegavam à Colônia, não aportavam direto das regiões manufaturadoras aos portos brasileiros. Primeiro, passavam por Portugal<sup>969</sup> que funcionava, à época, como um entreposto entre as diversas praças europeias, visto que sua produção manufatureira era diminuta.<sup>970</sup> As lexias dos tecidos confirmam o intenso comércio estabelecido entre a Colônia – através de Portugal – e os principais mercados produtores à época, conforme mostra o Mapa 1:

MAPA 1 – Rotas comerciais do período colonial.



Fonte: ATLAS... *apud* DRUMOND, 2008, p.36.

<sup>969</sup> DRUMOND, 2008, p. 36.

<sup>970</sup> ZEMELLA *apud* DRUMOND, 2008, p. 36.

Vindos, então, de diversas partes do mundo, vários tecidos eram encontrados nas Minas setecentistas, o que pode ser constatado através da variedade de lexemas encontrada no *corpus*, conforme mostram as duas próximas seções.

### 3.2.8.1. Masculinos

No *corpus* foram encontrados 66 lexemas materializados em 298 lexias distribuídas conforme Tabela 3:

TABELA 3  
Distribuição dos lexemas e das lexias  
dos tecidos de uso masculino

<i>Lexemas</i>	<i>lexias</i>	%
pano	44	14,76
seda	23	7,71
linho	22	7,38
bretanha	18	5,7
baeta	15	5,03
linha	14	4,69
retrós	10	3,35
durante	8	2,68
holanda	8	2,68
lã	8	2,68
algodão	7	2,34
cetim	7	2,34
couro	5	1,67
fita	5	1,67
saeta	5	1,67
veludo	5	1,67
brilhante	4	1,34
chita	4	1,34
fustão	4	1,34
tafetá	4	1,34
berberisco	3	1
camelão	3	1
cassa	3	1
droquete	3	1
duraque	3	1
esguião	3	1
gala	3	1
laia	3	1
lemiste	3	1
melania	3	1
nastro	3	1
bezerro	2	0,67
bombazina	2	0,67
castor	2	0,67
chamalote	2	0,67
droga	2	0,67
estopa	2	0,67

holandilha	2	0,67
pisão	2	0,67
torçal	2	0,67
trancelim	2	0,67
aniagem	1	0,33
barregana	1	0,33
belbute	1	0,33
bocaxim	1	0,33
brim	1	0,33
cabaia	1	0,33
cadarço	1	0,33
cambraia	1	0,33
cambraieta	1	0,33
canga	1	0,33
fio	1	0,33
fio de sapateiro	1	0,33
guingão	1	0,33
linhagem	1	0,33
ló	1	0,33
marroquim	1	0,33
pelúcia	1	0,33
ratina	1	0,33
riscado	1	0,33
risso	1	0,33
rosagrana	1	0,33
ruão	1	0,33
sarja	1	0,33
seda de manto	1	0,33
serafina	1	0,33
<b>TOTAL</b>	<b>298</b>	<b>99,33</b>

Os lexemas que apresentaram maior quantidade de lexias (acima de 4%) foram PANO, LINHO, SEDA, BRETANHA, BAETA e LINHA. A maioria (3) designava tecidos mais nobres, ou seja, bretanha, linho e seda.

PANO foi o lexema com maior quantidade de lexias: 44. Designação genérica para tecidos feitos com linho, algodão, lã ou seda, havia de diversas qualidades como: pano dozeno (urdido com 1.200 fios), sezeno (com 1.600 fios), dezocheno (com 1.800 fios), vinteno (com 2.000), vintedozenos (com 2.200), vinte quatreno (2.400), etc.<sup>971</sup> A partir do dozeno, a qualidade do tecido era mais refinada. Os tipos variavam muito: pano fino, entrefino, mescla, somenos, etc., além de variar as distinções pela procedência: pano de França, cochonilha de Inglaterra, etc.<sup>972</sup> No *corpus* aparecem algumas variedades, como pano agomado, entrefino e ordinário:

<sup>971</sup> LISANTI, 1973, p. LXV.

<sup>972</sup> BLUTEAU, 1712-1728, t. VI, p. 224.

Sete emeyócouadozdepano agomado / entrefino avaliadocadacouados anoue / centos Reis empорта Seis mil setecen / tos esinco entaReis (CPOMPPN, f. 2r);

Sinco emeyo couados digo quinzeemeño / couados depano escuro ordinario ava / liado asetecentos esinco enta Reis que / importa onzemil seis centos evinte / esinco Reis (CPOMPPN, f. 2r).

Apareceu, na maior parte das ocorrências, como material de roupa exterior, sobretudo de calção, capote e casaca:

Hum calcaõ depano azul ordinario / avaliado em novecentozReis (CPOMPPN, f.6v);

Hum calcaõ depano escuro avali / ado naquantiademil edu(z)entos Reis (CPOMPPN, f. 6v);

Humcapotedepano escuro ve[rde] / emuito velho quefoj uis[to] / eauliado pelozditos auali / adores em noue centos Reis (CPOFPG, f. 5v);

Humacazacadepanoazulja / Uzada vistaeaualliada / vistaeaualliadapellosditos auallia / doresemoprecoequantia demil / oito centos reiscomqueamargemSesaY (CPOARSG, f. 284r-284v).

Além disso, apresentava diversas cores sendo, a maioria, azul e branco:

*Hua vestiadepano azul ferrete* forrada / deSaetacramezim uzada avaliada / em mil equinhento(s)Reis (CPOMPPN, f.8r);

*HumSobretudo dePano Aluadio* / [alva]dio comSeu uzo quefoi uisto / [eav]aliado pelozditos auliado / [res] emmil eoitocentos reis (CPOFPG, f.5v-6r);

Em segundo lugar tem-se o lexema SEDA, das 23 lexias encontradas, 11 vezes ocorre designando tecido de roupa íntima, 5 vezes tecido de roupa exterior e 5 vezes material de outros tecidos ou fitas. Vejam-se os exemplos:

Seiz pare(z)demeya(z) deSedade / homemdecores vistoseauliadoz / cadapar adois milequatro centos / reisempорта emcatorze mil / equatrocentosreis (CSOJSCR, f. 22r);

Declarou elleodito Inventarian / te hauerhum vestido depanopardo / eCalcaõ develudo preto [[ehuma / vestia develudopreto]] ehumaves / tia deSeda já munto velha que / foj visto Exzeminado por ellesditos / aualiadores eacharaõ valer dois / Mil ecem reis como seue amargem (CPOJH, f. 78r);

vinte ehum emeyó couadoz debrilhante / deLam eseda cor devinagre avaliado / aquatro CentozReis cadacouado em / porta oito mil eseis centozReis (CPOMPPN, f. 2v).

Na verdade, por ser um tecido mais nobre, esperava-se que fosse mais usado na confecção de roupas exteriores. Entretanto, além de ser usado mais como material de roupa

íntima, das 11 vezes em que ocorreu como tal, 10 vezes foi como material de meias e 1 vez como material de acabamento de meias.

Outro detalhe interessante se refere à coloração. Das 22 lexias encontradas, 14 são acompanhadas de qualificadores que denotam cores variadas sendo que a maioria desses qualificadores é a expressão genérica “de cor”:

Humpar demeias deSedadecor / Leguejras dehomẽ queforaõ / lavradigoavalluadas pelloz / luvadozpordoís mil reis (CPOMCP, f. 105v);

Humpar deMejas deSeda / decor avalluadas em oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 12r);

Dou(s)pare(s) demeya[s] [d]eSeda decor uza / das avaliadas ambas emmil eduzen / tosReis (CPOMPPN, f. 9r);

Hum par demeya(z) deSedapreta quevis / tas eavaliadas pellos avallidores em / Bom Uzo em duas oyttaus emeya de / ouro queadinheyro saõ tres mil esetecen / tos esincoentaReis (CPOMSO, f. 5v).

Em terceiro lugar está o lexema LINHO com 22 lexias. Das 22 ocorrências registradas, ele aparece 12 vezes designando material de roupa íntima, 3 vezes designando forro, 2 vezes material de roupa exterior, 2 vezes material de roupa de banho e 1 vez como bordado, como mostram os exemplos abaixo:

Quatro Cami(z)as depanno deLinho Uza / das avalluadas Cadahuma aSeis Sentos / Reis emportaõ em dous Mil equatro Sen / tos (CPOMCP, f. 11r);

3 Covados depano delinho entrefino para forro (CPOCPR, f. 363r);

Hum Sertum de panode Linho com / Sinco Colxetes de Pratta ainda embom / Uzo avalluado em quinhentos e SeSenta / Reis (CPOMCP, f. 11v);

Quatro Toalhas de pannode Linho demaaz / ja Uzadas avalluada Cada huma aSen / toeSeSenta Reis emportaõ em Seis Sen / toz ecorenta (CPOMCP, f. 12r);

Huma Ca(z)aca depannoAluadio ja / (Usada)B(or)dada deLinho daIndiacom / Sua vestia domesmo pano eCalçaõ avalli / adotudo em Oito Mil Reis (CPOMCP, f. 12r).

Uma hipótese que se levanta pela maior ocorrência de linho como material de roupa íntima refere-se ao fato de suas fibras absorverem bem a umidade. Por isso seu uso foi recomendado por médicos até o século XIX. Nessa época era considerado um tecido arejado e higiênico,<sup>973</sup> conforme dito anteriormente.

Em quarto lugar tem-se o lexema BRETANHA com 17 lexias. Das 17 ocorrências registradas, em 11 aparece designando material de roupas íntimas, em uma como material de

<sup>973</sup>

CHATAIGNIER, 2006, p. 32.

roupa exterior, em outra (1) como material de linha e nas demais ocorre apenas como tecido em folha:

Quatro Cami(z)as de Bertanha ainda / embom uzo avalliaada cada huma / a Sete Sentos Reis emportaõ emdou(z) / Mil e Oito Sentos Reis (CPOMCP, f. 11r);

Hum penteador de Bertanha a(Ren) / (dado)ja uzado avalliado em quinquen / tos Reis (CPOMCP, f. 11v);

Dous maços evinte e Seis meada(s) de / linha(z) de bertanhafina avalliado amil / equatro centos Reis o maço emporta / quatro mil e sincoenta Reis (CPOMPPN, f. 4r)

1 pesa Bertanha (CPOCPR, f. 350r).

Das 11 ocorrências como material de roupas íntimas, 9 vezes a bretanha é registrada como material de camisa.

Em quinto lugar tem-se o lexema BAETA com 15 lexias. Ocorre, na maioria das vezes, designando material de roupa exterior (9 ocorrências), duas vezes como material de forro e uma vez como material de chapéu, como mostram os seguintes exemplos:

Huma vestia de Baeta Cor depere / quitoforrada de Baeta Cor de Carmurça / ahinda embom uzo avalliado em dous / Mil Reis (CPOMCP, f. 12v);

7 ½ Covados de baeta (CPOCPR, f. 363r);

Declarou elle Inventariane / Hauer hum chapeo de baeta já com / Munto uzo e outro de Sol Cober / to de olanda que foraõ vistos e au / Liados por elles ditos aualiaadores / eacharaõ valer Mil cento e sesen / ta Reis como Seueamargem (CPOJH, f. 78v).

É interessante o contraste entre o uso de seda e de baeta. Esperava-se que a seda – por ser um tecido mais nobre – ocorresse mais como material de roupa exterior. Entretanto, ela ocorreu mais como material de roupa íntima, especificamente meias. A baeta apresenta um maior número de ocorrência como tecido de roupa exterior. Supõe-se que tal discrepância relaciona-se a três fatos: primeiro ao valor dos dois tecidos – a seda era muito mais cara, como mostram os exemplos retirados da relação dos bens de uma das lojas do capitão Matias Crasto Porto:

Mil e trezentos e Nouentae / quatro Couados e Mejo de Baetas de Varias / Cores que foj avalliado cada Couado a / quinhentos e Sesenta Reis que todoz / emportaõ em Sete Sentos e Oitenta / Mil Seis Sentos e quarenta Reis (CPOMCP, f. 34r);

Setenta e Cinco Couadoz de seda / Preta de Ramos em varios Retalhos que / foraõ avalliaados cada hum Couado a Mil / equinhentos Reis que todos emportaraõ / Sento e doze Mil equinhentos Reis (CPOMCP, f. 35v);

Sincoenta Couados de Seda de lta / lta com Seus Ramos de Ouro em varioz / Retalhos de varias Cores que foj avallado / Que foj avallado cada hum Couado em / tres Mil eduzentos Reis que todos em / portaraõ em Sento e Se Senta Mil Reis (CPOMCP, f. 35v-36r).

O segundo motivo relaciona-se à durabilidade do tecido: a baeta era um tecido grosso e muito resistente, inclusive, às chuvas. O terceiro relaciona-se ao estilo do vestuário da época que tendia a “rigidez, dignidade e seriedade,”<sup>974</sup> o que a baeta poderia proporcionar por um preço mais acessível e dispensando barbatanas e outros acessórios de enrijecimento da roupa.

Em quinto lugar aparece o lexema LINHA com 14 lexias. Aparece apenas designando material de roupa íntima, especificamente meias (4 ocorrências) e nas demais vezes, não vem especificado material de que tipo de roupa seria usada:

2 pares de Meias de Linha (CPOCPR, f. 35r);

Quatro meadas de linhas francas viz - / tase au aliadas pel los ditos aua / Li ad o rest o das e llas e ma qu(a) ntia / de Setenta e Sinco Reis que Sa em (CPOARSG, f. 285v).

Pelo exposto percebe-se quão variada era a qualidade dos tecidos adquiridos pelos homens das Minas dos Setecentos. Eram usadas roupas feitas de tecidos nobres como linho, seda, veludo até a simples chita e a grosseira sarja. Tecidos felpudos como a pelúcia, finos como a cambraia e impermeáveis como o camelão, ou seja, toda a sorte de tecidos para uma ampla combinação com os modelos de roupas da época.

### 3.2.8.2. Femininos

No *corpus* foram encontrados 46 lexemas materializados em 181 lexias distribuídas conforme Tabela 4:

TABELA 4  
Distribuição dos lexemas dos tecidos  
de uso feminino

<i>Lexemas</i>	<i>Lexias</i>	<i>%</i>
seda	22	12,15
chita	13	7,18
pano	13	7,18
cetim	11	6,07
bretanha	10	5,52
droguete	9	4,94
tafetá	9	4,94
baeta	8	4,41
fita	7	3,86
retrós	7	3,86
linho	5	2,76
veludo	5	2,76
algodão	4	2,2
melania	4	2,2
lã	4	2,2
camelão	3	1,65
brilhante	3	1,65
calamanha	3	1,65
lemiste	3	1,65
linha	3	1,65
lustro	3	1,65
estofa	3	1,65
cabaia	2	1,1
cassa	2	1,1
holanda	2	1,1
panico	2	1,1
veludilho	2	1,1
pelúcia	1	1,1
bigode	1	0,55
cadarço	1	0,55
cambraia	1	0,55
cambraieta	1	0,55
chamalote	1	0,55
couro	1	0,55
damasco	1	0,55
damasquilho	1	0,55
droguete-rei	1	0,55
durante-rei	1	0,55
fio	1	0,55
ló	1	0,55
nastro	1	0,55
pelica	1	0,55
nobreza	1	0,55
riscado	1	0,55
saraça	1	0,55
torçal	1	0,55
<b>TOTAL</b>	<b>181</b>	<b>100</b>

Os lexemas que apresentaram maior quantidade de lexias (acima de 4%) foram SEDA, CHITA, PANO, CETIM, BRETANHA, DROGUETE, TAFETÁ, BAETA, FITA, RETRÓS, LINHO e VELUDO. A maioria deles (4) designava tecidos mais nobres, ou seja, seda, bretanha, cetim e droguete.

SEDA foi o lexema mais recorrente com 22 lexias. Das 22 ocorrências registradas, aparece 17 vezes designando tecido de roupa exterior, 4 vezes designando material de roupa íntima e 1 vez como tecido em folha, conforme ilustram os exemplos seguintes:

Hum vesti do demolher comca / zacadevelludo azul, vestia de / sedaverde, com ramos deouro eguar / dape damesma comalgum uzo ava / lliado tudo emsetentamil reis (CSOAM, f. 5r);

Doze pares deMejas deSeda deMulher / devarias Cores quefoj avalliado Cadahum / par aMil eSeis Sentos Reis que todos / emportaõ dezanoue Mil eduzentoz / Reis (CPOMCP, f. 42r);

Hum Corte deSeda [†.....]to / com descouados aindaempeca vis / toeaual[ia]do pellos dittosaua / Liadores em [do]ze mil reis conque / sesay (CSOJSA, f. 8r).

Chamou a atenção o fato de que 7 das 9 ocorrências de manto no *corpus* tiveram determinado o material do qual eles eram feitos: seda.

Por hum manto decedacomseio uzo / quefoy visto eavaliado pellos Avalia / dores naquantia deseis milReiz (CSOACB, f. 3r);

Hummanto decedapretadouzo, que / foi visto, eavaliadopelossittosAva / liadoresnaquantia de honsemil, equatrocentosreiscomquese sahe (CSOAMJ, f. 6v).

Em segundo lugar apareceram os lexemas CHITA e PANO com 13 ocorrências cada. Das 13 ocorrências de CHITA, em 5 apareceu designando tecido em folha, 3 material de roupa exterior; 3 material de roupa íntima, duas ocorrências como material de acabamento e uma como material de outro tecido, como ilustram os próximos exemplos:

Humcovado dexitafina, quefoi/ visto, eavaliadopelossittos Ava / liadoresnaquantia desetecentose/ cincoentareiscomquese sahi (CSOAMJ, f. 10r);

1 dita de chita fina (CSOHST, f. 19ran);

Tressayadexitanovaz, queforaõ / Vistaseavaliada(z)pelozdittosAva / liadoresnaquantia dequatorze / mil, equatrocento(z)reis Comquese / sahe. (CSOAMJ, f. 6v);

1 lenço dexitafino (CSOHST, f. 19ran);

HumaSarassa dechita da(modas) / finaforradadechita mais gro / ca emBom uzo uistaeauaLiada / pellosdittosauaLiadores emtres / mil eseis sentos reisConquese / say (CSOJSA, f. 7v).

Ainda em relação à chita, vale ressaltar que era um tecido pintado de algodão. A tintura era duradoura e por isso era apreciada. Provinha da cidade de Masulipatan no reino de Golconda, na costa de Coromandel.<sup>975</sup> Foi introduzida em Portugal por volta do século XVI, através de Vasco da Gama. Foi o primeiro tecido colorido e/ou estampado que os europeus conheceram. Por volta de 1700, já havia de seis a oito fábricas em Lisboa, oferecendo um produto muito apreciado pelos “brasileiros” da época, ainda que menos variado que os tecidos ingleses, mas com melhor tinta e mais durável.<sup>976</sup>

Em relação às 13 lexias de PANO, 4 delas designam tecido de roupa exterior, como mostra o seguinte exemplo:

HumaSaya depanoescuro em / meyoUso consuacazaquinhade / demontar tudo [rasgado] Babado de / trosal uistaeauliada pellos di / tosauliadores amil des mil reis / comquesesaj (CSOJSA, f.6v-7r).

Em terceiro lugar apareceram os lexemas CETIM com 11 lexias e BRETANHA com 10. Em relação ao lexema BRETANHA, das 11 ocorrências, 4 delas designavam tecido de roupa exterior, 4 tecidos em folha e 3 tecidos de roupa íntima, como mostram os exemplos seguintes:

Huasayadebertanha novabanda / da, que foi vistaeavaliadapelos / dittos valiadoresnaquantiade / quatromil, equatrocentozreis / comquesesahé (CSOAMJ, f. 6v);

[Trezemeya] [v]arazde bertanhadeam / bur[go] vista eavaleadapellozditoz / avaliadores aquatro centoz esin / coenta reiz[em]porta em mil equi / nhentoz eset[ent]a esinco reiz (CSOAMR, f. 4v);

Quatrocamizasdebertanha,que / foraõvista(s)eavaliadazpelozdittos / Avaliadorescadahua amil, cento / evinteecinco reiz importaem / quatromil, equinhentozreiscomque / sesahe (CSOAMJ, f. 7r).

Já as 10 lexias de CETIM, 6 delas designavam tecido em folha, 3 delas tecido de roupa exterior, 3 material de acabamento e uma delas tecidos de adorno para cabelo, como mostram os próximos exemplos:

2 Covados desetim roza (CSOHST, f. 19ran);

Porhuma cazaca [corroído] (canaberne) = / furadadecetim [br]anco quefoý= / vistaeavaliada [pe]llos Avaliado / res naquantia d[eno]vemil eseis / centos Reis” (CSOACB, f. 2v).

<sup>975</sup> LISANTI, 1973, v. I, p. LVII.

<sup>976</sup> SERPA, 1998, p. 23.

Huacapedrogueteescarlade[†...] / Abandada deSetim azul, quefoi / vistaeavaliadapelozdittos Ava / liadores naquantiaequatorze / mil, e quatrocentozreiz comque / sesahé (CSOAMJ, f. 6v);

HuacoifadesetimRosa,quefoi / vistaeavaliadapelozdittosAva / liadoresnaquan tiadenovecen / tozrei(z)comquesesahe (CSOAMJ, f. 6v).

Esses dados levam a supor que o cetim tenha sido usado sempre em roupas ou acabamentos que ficavam à vista. Por ser um tecido mais nobre, era o uso que se esperava dele.

Em quarto lugar tem-se o LEXEMA droguete com 9 lexias sendo que 8 delas designavam tecido de roupa exterior e em uma delas tecido em folha:

Huacapedrogueteescarlade[†...] / Abandada deSetim azul, quefoi / vistaeavaliadapelozdittos Ava / liadores naquantiaequatorze / mil, e quatrocentozreiz comque / sesahé. (CSOAMJ, f. 6v);

Seiscovadosemeyo dedrogueteescarla / te, queforaõvistoseavaliado(s)pelos / ditos Avaliadorescadacovado ano / vecento(z)rei(z) importanaquantia / decinco mil, oito centozecincoen / tarei(z)comquesesahé (CSOAMJ, f. 7v).

Tecido de seda que apresentava geralmente pequena repetição de desenho,<sup>977</sup> nada mais natural que fosse mais empregado na confecção de roupas exteriores.

Os dados apresentados mostram muita variedade de tecidos usados pelas mulheres dos Setecentos. Eram usadas roupas feitas de tecidos nobres como cetim, seda e veludo até a simples chita e a grossa baeta. Tecidos felpudos como a pelúcia, finos como a cambraia e impermeáveis como o camelão, ou seja, toda a sorte de tecidos para uma boa combinação com os modelos de roupas da época.

### 3.2.8.3. Na trama dos tecidos: tecidos de uso masculino × tecidos de uso feminino

O campo dos tecidos apresentou muita variedade e quantidade. Foram encontrados 78 lexemas materializados em 478 lexias. Quando se compara os lexemas de tecidos usados por homens e mulheres, verifica-se que os usados por homens apresentaram 66 lexemas materializados em 297 lexias e os usados por mulheres apresentaram 46 lexemas materializados em 181 lexias. Desses, 33 são comuns aos dois grupos (ALGODÃO, BAETA, BRETANHA, BRILHANTE, CABAIA, CADARÇO, CAMBRAIA, CAMBRAIETA, CAMELÃO, CASSA, CETIM, CHAMALOTE, CHITA, COURO, DROGUETE, FIO, FITA, HOLANDA, LÃ, LEMISTE, LINHA, LINHO, LÓ, MELANIA, NASTRO, PANO, PELÚCIA, RETRÓS, RISCADO, SEDA, TAFETÁ, TORÇAL e

VELUDO), 33 são privativos do campo masculino: (ANIAGEM, BARREGANA, BELBUTE, BERBERISCO, BEZERRO, BOCAXIM, BOMBAZINA, BRIM, CANGA, CASTOR, DROGA, DURANTE, DURAQUE, ESGUIÃO, ESTOPA, FIO DE SAPATEIRO, FUSTÃO, GALA, GUINGÃO, HOLANDILHA, LAIA, LINHAGEM, MARROQUIM, PISÃO, RATINA, RISSO, ROSAGRANA, RUÃO, SAETA, SARJA, SEDA DE MANTO, SERAFINA e TRANCELIM) e 13 são privativos do grupo feminino (BIGODE, CALAMANHA, DAMASCO, DAMASQUILHO, DROGUETE-REI, DURANTE-REI, ESTOFO, LUSTRO, NOBREZA, PANICO, PELICA, SARAÇA e VELUDILHO). Ou seja, 50% dos lexemas são privativos do grupo masculino e 28,26% são privativos do grupo feminino. Isso mostra que do ponto de vista lexical havia diferença entre esses dois grupos e é um forte indício de que homens e mulheres tinham preferências distintas em relação aos tecidos de suas roupas.

Além dessa diferença geral, ainda é possível detectar diferenças mais específicas como em relação aos lexemas que apresentaram lexias mais recorrentes. No grupo masculino foram mais recorrentes PANO, LINHO, SEDA, BRETANHA, BAETA e LINHA e no campo feminino foram mais recorrentes SEDA, CHITA, PANO, CETIM, BRETANHA e DROGUETE. Além do mais, no grupo masculino, dos 6 lexemas mais recorrentes, 4 apareceram mais vezes como material de roupas íntimas. Já em relação ao grupo feminino, dos 6 lexemas mais recorrentes, 3 apareceram mais vezes como tecidos de roupas exteriores e dois como tecidos em folha, ou seja, que ainda não haviam sido transformados em peças de roupas.

Soma-se a tudo isso o fato de o campo masculino apresentar uma maior variedade tanto de lexemas quanto de lexias. Isso é indício de que provavelmente os homens tinham uma maior quantidade de itens do vestuário do que as mulheres.

### **3.2.9 Toilette, higiene pessoal**

A higiene do corpo está relacionada à saúde assim como ao vestuário. Limpar o corpo é, de certo modo, uma maneira de embelezá-lo, assim como o é o ato de se perfumar, de se depilar, etc.

Não se sabe muito sobre as condições de higiene na Colônia, mas alguns livros – chamados de lunários - que circularam à época davam orientações sobre astrologia, física, remédios e orientações referentes aos atos cotidianos de higiene.<sup>978</sup> As regras de higiene preconizadas incluíam lavar as mãos, olhos e rosto com água fria, logo pela manhã; pentear os cabelos e limpar os dentes. Esses preceitos eram relacionados à conservação da saúde.<sup>979</sup>

<sup>977</sup> COSTA, 2004, p.145.

<sup>978</sup> PRIORE, 2007, v. 1, p. 299-303.

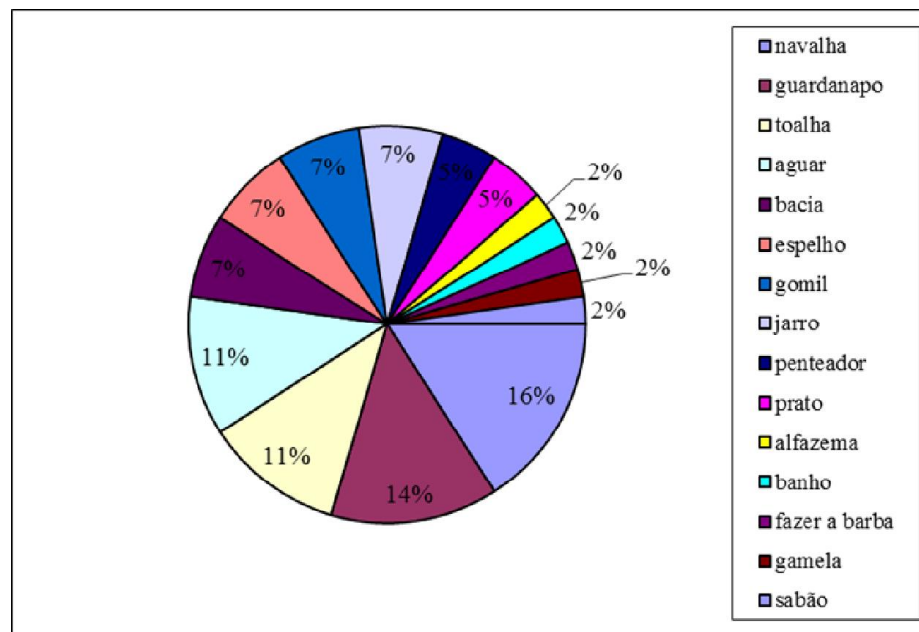
<sup>979</sup> PRIORE, 2007, v. 1, p. 304.

Mas, conforme afirmado em parágrafo anterior, as preocupações com a higiene relacionam-se, também, ao embelezamento, ao erótico. Como exemplo, pode-se citar o fato de uma certa Ana Luisa Meneses, residente na capitania de São Paulo - século XVIII- ter solicitado o divórcio de seu marido alegando, entre outras razões, o fato de ele “pitar um tabaco de fumo” que lhe conferia “um terrível hálito que se faz insuportável a quem dele participa”. Também, uma certa Maria Leite da Conceição queixava-se dos pés e pernas inchadas do seu cônjuge “dos quais exalavam um cheiro insuportável”.<sup>980</sup>

### 3.2.9.1 Masculinas

Nas Minas setecentistas, os itens relacionados à *toilette* e à higiene pessoal masculinas apresentaram 15 lexemas materializados em 44 lexias conforme mostra o Gráfico 11:

GRÁFICO 11 - Lexemas e lexias de *toilette* e higiene pessoal masculinas



O lexema mais corrente foi NAVALHA com 7 lexias. Essa quantidade de lexias é indício de que fazer a barba era um ato corriqueiro para o homem setecentista. Manter a barba e os bigodes aparados e/ou raspados fazia parte da indumentária do mineiro do século XVIII. O modo de trazer a barba não é apenas um modismo. De acordo com um dicionarista da época, o estilo da barba e/ou bigodes têm um significado para cada cultura. Entre os romanos, por exemplo, era costume fazer uma visita de cerimônia aos que faziam a barba pela primeira

<sup>980</sup>

PRIORE, 2007, v. 1, p. 305.

vez. Já os egípcios nobres traziam as barbas largas por divisa de nobreza. Em relação aos lusos, dizem que El-Rei Dom Fernando foi o primeiro que fez a barba em Portugal.<sup>981</sup> Nas Minas Setecentistas, os dados do *corpus* sugerem que os homens da época tinham um cuidado especial com essa parte do corpo.

Hum Estojo com quatro navalhazde / barba, pedra, vridro deAzeito, eEspelho / avaliado naquantiadenovecenzReis (CPOMPPN, f. 9r).

O lexema GUARDANAPO apresentou 6 lexias e aparece em segundo lugar. As lexias desse lexema são indícios de que fazia parte da etiqueta da época manter a boca, a roupa e a toalha de mesa limpas na hora das refeições.

Hum goardanapodepanodelinho ja / uzado avaliado emcemReis (CPOMPPN, f. 8v);

HumaToalhademeza deal / godaõ cheyadenouaz com dez / goardanpoz devariaz marcaz / uzados vista eavbaliadapelloz / ditoz avaliadores tudo (por)mil / edu(s)entoz Reiz (CPOCPR, f. 13r).

Os lexemas TOALHA e AGUAR apresentaram 5 lexias cada e aparecem em terceiro lugar. Essas lexias são pistas de que outro ato muito comum no período estudado era o de lavar as mãos. Bacias, gomil, jarros e pratos eram utilizados para tal fim, assim como toalhas específicas para secar as mãos após a limpeza, conforme mostram os exemplos:

HumaTo[a]lhade Agoasmaons de / Algodam quevistaev[a]lliadapellos / ditos avallidores em meypataca / deoucoque adinheyrosaõ tre(s)entoz / SetentaeSinco Reiz (CPOMSO, f. 8v);

Quatro Toalhas depanodeLinho demaaz / jauzadas avallida cada huma aSen / toeSecenta Reis emportaõ em Seis Sen / tos ecorenta (CPOMCP, f. 12r);

Hum pratoeJarro deAgoa as Maonz / de Estanho damoda antiga avallido / emoytaua emeya deouroque adinheyro / Sam dois mil edusentos esincoenta Reis (CPOMSO, f. 3v);

HumGomil dePrattaLizo quetem / depe(z)o tre(z)entos eOnze oitauas cadaoitaua / avallida aSem Reis que adinheiro emporta / emtrinta ehum Mil eSem Reis (CPOMCP, f. 7v);

Hum jarro eBacia deagoa / as maoz deestanho uzado visto / eavaliado pellozditoz a / valiadores naquantiaide / mil equinhentoz Reiz (CPOCPR, f. 10r).

Os lexemas BACIA, GOMIL, JARRO e ESPELHO apresentaram 3 lexias cada e aparecem em quarto lugar. Em relação aos três primeiros já foram comentados no parágrafo anterior. Já

<sup>981</sup> BLUTEAU, 1712-1728, p. 42.

o quarto é indício de que mirar-se para ver como estava a aparência era um ato corriqueiro de homens da época. Os espelhos eram de muitas variedades, como mostra o seguinte exemplo:

Hum espelho comSua(s) mol / duras queSeacha empenhado / namaõ dodefunto  
pordoze / oytavaz deouro[q]ueSaõ / quatorze mil equatrocen[tos] / Reiz (CPOCPR,  
f. 20r).

Os lexemas PENTEADOR e PRATO apresentaram 2 lexias cada e apareceram em quinto lugar. Em relação ao segundo, já foi comentado em parágrafo anterior. Já penteadores eram usados para proteger o corpo de caspas e de fios enquanto se penteava os cabelos. Um era de bretanha e apresentava detalhes em renda:

Hum penteador deBretanha aRen / dado ja uzado avalliado emquinhem / tosReis  
(CPOMCP, f.11v).

Os lexemas ALFAZEMA, BANHO, FAZER A BARBA, GAMELA e SABÃO apresentaram uma lexia cada e aparecem em sexto lugar. O primeiro é indício de que o perfume fazia parte da *toilette* dos homens setecentistas. Já o hábito de se banhar foi referenciado através de um utensílio usado para essa finalidade: uma gamela.

Humagamellagrande detomar / banhoz vista eavaliada pe / lozditoz avaliadores  
naquan / tia demil eduzentos reis (CPOCPR, f. 17v).

Pelo exposto, verifica-se que a higiene pessoal passava pelos atos de se banhar, lavar as mãos, barbear-se e perfumar-se.

### 3.2.9.2 Femininas

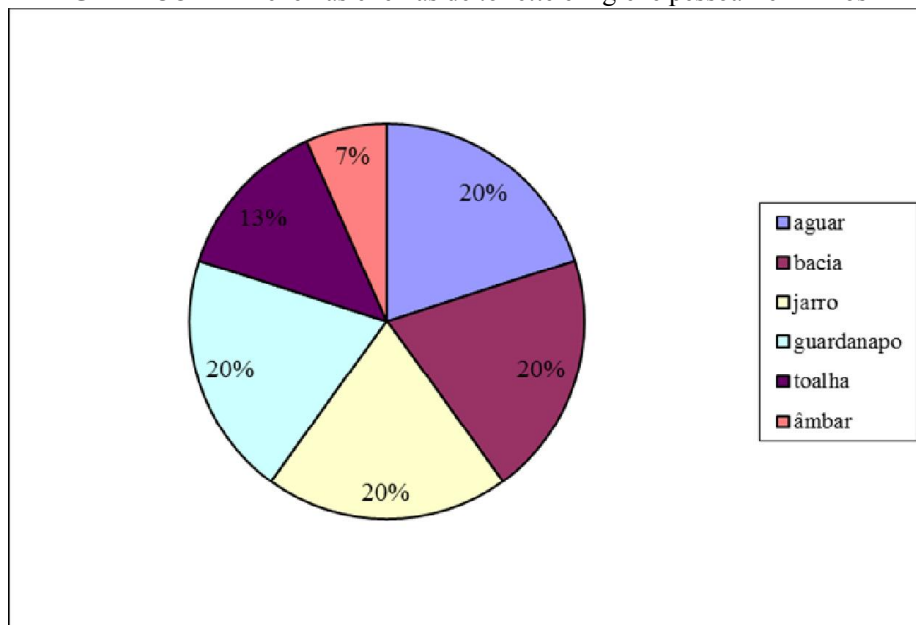
Teu corpo é tudo o que brilha,  
Teu corpo é tudo o que cheira...  
Rosa, flor de laranjeira...<sup>982</sup>

Nas Minas setecentistas, os itens relacionados à *toilette* e à higiene pessoal femininas apresentaram 6 lexemas materializados em 15 lexias conforme mostra o Gráfico 12:

<sup>982</sup>

BANDEIRA, 2005, p. 39.

GRÁFICO 12 - Lexemas e lexias de toilette e higiene pessoal femininos



O lexemas mais recorrentes foram AGUAR, BACIA, JARRO e GUARDANAPO com 3 lexias cada. Essas lexias são indícios de que aguar as mãos era um ato corriqueiro entre as mulheres. Para tal ação, faziam uso do jarro e da bacia, além da toalha para secar as mãos, como mostram os seguintes exemplos:

Hum Jarro eBacia deagua / amãos (I)zado uistoeaualiado / pellosdittos auaLiadores emdo / is mil reis conqueSesay (CSOJSA, f. 8v);

Quatrotoalhasdemaõ(s) dealgudaõ / queforaõvista(s)eavaliad aspelos / dittos Avalidore(s)cadahua adu / (z)entosevinteecino reiscadahua / emportanaquantiadenevecen / tosei(z)comquesesahé (CSOAMJ, f. 8r).

Porseis goardanap[os] demarcapeque / na queforam v[istos] eavaliado pelos / Avaliadores naqua[n]tiademileno / vecentos Reis (CSOACB, f. 2v).

Os lexemas ÂMBAR e TOALHA apresentaram uma lexia cada e apareceram em último lugar. A presença da lexia âmbar é indício de que o perfume fazia parte do embelezamento da mulher setecentista.

Pelo exposto, verifica-se que a higiene pessoal feminina passava pelos atos de lavar as mãos e perfumar-se.

### 3.2.9.3 Vestindo a sedução: toilette/higiene pessoal masculina × toilette/higiene pessoal feminina

O campo da toilette apresentou uma pequena variedade: 15 lexemas do grupo masculino e 6 lexemas do grupo feminino. Desses, 5 são comuns aos grupos masculinos e femininos (AGUAR, BACIA, GUARDANAPO, JARRO e TOALHA); 10 são privativos do grupo masculino (ALFAZEMA, BANHO, ESPELHO, FAZER A BARBA, GAMELA, GOMIL, NAVALHA, PENTEADOR, PRATO e SABÃO) e 1 é privativo do grupo feminino (ÂMBAR). Mesmo pequeno, esse campo apresentou uma diferença altamente significativa em relação ao gênero do usuário: 60% dos lexemas são privativos do grupo masculino e 17% são privativos do grupo feminino.

Esses dados apontam para o fato de que havia maneiras diferentes de homens e mulheres cuidarem da higiene pessoal no século XVIII mineiro.

### 3.2.10 Vocabulário do vestuário masculino × vocabulário do vestuário feminino: aspectos gerais

Pelo exposto, verificou-se que o campo lexical do vestuário apresentou muita variedade e quantidade podendo-se, sem sombra de dúvida, afirmar que é um campo muito produtivo e muito rico.

Um panorama bem geral da distribuição dos lexemas segundo o gênero do proprietário pode ser contemplado pela tabela a seguir:

TABELA 5 – Distribuição dos lexemas por gênero do proprietário

	Masculinos	Femininos	Comuns	Total
<b>Generalidades</b>	–	–	–	48
<b>Roupas exteriores</b>	10/17 (58%)	6/13 (46%)	7	23
<b>Roupas íntimas</b>	3/6 (50%)	3/6 (50%)	3	9
<b>Partes de roupas, vestuário, acabamentos e acessórios</b>	19/33 (57%)	9/24 (37%)	15	43
<b>Penteados</b>	3/6 (50%)	3/6 (50%)	3	9
<b>Calçados</b>	4/9 (44%)	2/7 (28%)	5	11
<b>Adereços: jóias e bijuterias</b>	9/24 (37%)	8/23 (34%)	15	32
<b>Fazendas, tecidos, peles</b>	33/66 (50%)	13/46 (28%)	33	79
<b>Toilette, higiene pessoal</b>	10/15 (60%)	1/6 (17%)	5	16
<b>Total</b>	91/176 (51%)	45/131 (34%)	86	222/ 270

Um panorama geral da distribuição das lexias pode ser contemplado pela tabela a seguir:

TABELA 6 – Distribuição das lexias por gênero do proprietário

	Masculino	Feminino	TOTAL
<b>Generalidades</b>	-	-	529
<b>Roupas exteriores</b>	128	74	202
<b>Roupas íntimas</b>	71	30	99
<b>Partes de roupas, acabamentos e acessórios</b>	117	61	178
<b>Penteados</b>	28	12	40
<b>Calçados</b>	43	11	52
<b>Adereços: joias e bijuterias</b>	72	68	138
<b>Fazendas, tecidos, peles</b>	298	181	477
<b>Toilette, higiene pessoal</b>	44	15	57
<b>TOTAL</b>	801	452	1243/ 1771

Foram encontrados 270 lexemas materializados em 1.771 lexias sendo que o campo mais produtivo foi o de *Fazendas/tecidos/peles*: 78 lexemas em 477 lexias.

Em relação ao vocabulário do vestuário específico – masculinos e femininos – foram encontrados 222 lexemas. Desses, 86 são comuns aos dois grupos e 136 são divergentes: 91 privativos do gênero masculino (41%) e 45 privativos do feminino (20%). Vê-se que o vocabulário do vestuário masculino e o do feminino apresentaram uma diferença relevante de forma geral, prevalecendo uma maior diversidade no vestuário masculino .

Sendo assim, a partir dos dados levantados, pode-se afirmar que os homens adornavam-se mais que as mulheres no século XVIII.

Algumas hipóteses foram levantadas, no decorrer da análise, para explicar esse fato:

a) o espaço social ocupado por homens e mulheres nas Minas setecentistas diferiam: ao homem pertencia o mundo da rua, dos negócios; à mulher pertencia o mundo da casa, do lar. Sendo a roupa, no século XVIII, um item que demonstrava o *status* social do portador - aquele que ele realmente ocupava ou aquele que ele almejava – nada mais natural que o homem cuidasse mais da aparência pelo fato de ficar mais exposto que as mulheres.

b) a sociedade reservava ao homem da época maior liberdade e liberalidade na competição sexual. Considerando que enfeitar-se é uma arma usada no mundo da sedução, era de se esperar, também, que por esse motivo o homem desse maior atenção às roupas, acessórios e demais enfeites que as mulheres;

Isso não implica que a mulher setecentista fosse desleixada. Apenas mostra que se o vestuário da época primava pelo brilho, riqueza e enfeites, o dos homens tinham disso tudo um pouco mais. Afinal, as mulheres não foram seres passivos frente ao tempo delas, mas seres ativos que muitas vezes aproveitaram as pequenas brechas oferecidas pela sociedade para conquistarem espaços além das fronteiras domésticas.

Outro fato que também pode ser aferido pelos dados deste trabalho, refere-se à grande renúncia sartória masculina. Pesquisadores, conforme dito em outra seção desta pesquisa, afirmam que o século XVIII foi – na Europa – o divisor de águas em relação à mudança do vestuário masculino. Noutras palavras, foi o período em que o homem começou a renunciar a seu desejo de parecer belo deixando esse espaço para as mulheres e passando a se ocupar de outras formas de competição social. Nas Minas setecentistas esse fato não pôde ser detectado. Para que fosse confirmado pelos dados, a variação de lexemas e lexias do vestuário deveria ser mais ou menos igual ou tender para o grupo feminino. Porém, não foi isso que ocorreu. Isso mostra que nas Minas do século XVIII o homem ainda não havia começado a sua grande renúncia. Uma hipótese para justificar tal atraso em relação à Europa pode ser a condição de Colônia atrelada à tecnologia do período. Na época, os meios de comunicação e transporte não operavam com a velocidade de hoje. Sendo assim, as grandes transformações sociais e ideológicas demoravam a cruzar o Atlântico. Talvez por isso o homem ainda continuava, nas Minas setecentistas, a ganhar da mulher – e com vantagem - a disputa pela condição de ser belo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisou-se o vocabulário do vestuário do século XVIII mineiro. Com base na análise pôde-se constatar que:

a) a constituição de um vocabulário, mesmo o especializado, está relacionada à cultura da sociedade. Nele há marcas de aspectos socioculturais do povo que o usa.

b) O vocabulário não forma uma lista desarticulada linguisticamente. É possível sistematizá-lo articulando as partes do campo lexical ou dos campos lexicais que se deseja estudar.

c) O SRC de Hallig e Wartburg – após algumas adequações - atendeu às expectativas e mostrou ser um método eficiente para análise do vocabulário do vestuário. Contemplou vários campos desse conceito e permitiu cruzar dados linguísticos com a realidade sociocultural e econômica da época.

d) O vocabulário do vestuário do século XVIII mineiro é extremamente rico: coletaram-se 270 lexemas pertencentes a esse campo lexical nos inventários consultados. A partir dele foi possível inferir sobre o modo de vida da população da época, como, por exemplo, o fato de as pessoas terem um cuidado extremo com o traje ao apresentarem-se em público e, em casa, primarem pela displicência no trajar.

e) O vocabulário do vestuário apresentou uma diferença relevante em relação ao sexo do portador. O vocabulário masculino era mais produtivo tanto do ponto de vista qualitativo quanto do ponto de vista quantitativo. A partir da análise lexical foi possível inferir que o homem setecentista embelezava-se mais que as mulheres. Além disso, a partir dessa mesma análise, foi possível perceber que a esse homem pertencia o mundo da rua, dos negócios, da guerra, da sedução, entre outros. O vocabulário feminino – em comparação com o masculino – apresentou menos diversidade. Mesmo assim, a partir dos dados lexicais foi possível verificar que à mulher das Minas do século XVIII pertencia, geralmente, o mundo da casa - a vida doméstica. Geralmente por que houve algumas que foram além das fronteiras estabelecidas para elas pela sociedade da época.

Em síntese, estas foram as modestas contribuições que este trabalho apresentou para o estudo do vocabulário de uma época mais pretérita do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Marica de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges do. *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A geografia do crime: violência nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri, *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande, UFMS, 2001. p. 191-200.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas: texte de l'édition de 1711, traduction française et commentaire critique par Andrée Mansuy*. Paris: Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, 1965.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.45-77.

ARQUIVES NATIONALES, Minutier central, CI, 1717,1789 *apud* ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007.

ASSIS, Machado. *Capítulo dos chapéus*. [s.n: s.l] *apud* SOUZA, Gilda de Mello e. *A idéia e o figurado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962.

AUTOS de devassa da Inconfidência Mineira. Rio de Janeiro: Ministerio da educação – Biblioteca Nacional, 1936.7 vol.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos seicentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Belo Horizonte: Centro de estudos mineiros. 1967. 2 vol. (com a reprodução do Aureo Throno Episcopal).

BABINI, Maurizio. *Proposition de modèle de dictionnaire terminologique onomasiologique: application au domaine de la législation italienne en matière d'immigration*. Tese (Doutorado) – Université Lumière Lyon 2 – Faculté des Langues, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [s.n]: [s.l], 1929 apud WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística*. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia, in *Alfa*, 9, FFCL de Marília, 1966, p. 7-36 apud SEABRA, Maria Cândida Trindade de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2004.

BALDINGER, Kurt. *Teoria semantica: hacia una semantica moderna*. Madrid: Alcala, 1970.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo, n.1, p.23-45, 1996.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia*. Brasília, setembro, 1990. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/2simposio/barbosa2.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2010.

BARDI, P. M. Vestir, tecer, costurar e figurar. In: \_\_\_\_\_. *Mestre, artificies, oficiais e aprendizes no Brasil*. [s.l]: Sudameris, 1981. p.124-135 apud SERPA, Maria Auxiliadora Noronha. *Glossário dos trajes, alfaias e adereços do século XVIII*. Monografia (Pós-graduação lato sensu) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 1998.

BARROS, Sigrid Porto. A condição social e a indumentária feminina no Brasil-Colônia. *Anais do Museu Histórico*, Rio de Janeiro, n.VIII, p.117-154, 1947.

BARTHES, Roland. *Inéditos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Filologia e lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Carmargo. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.5, p.81-97, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico...*Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v. (CD-ROM).

BOEHN, Max Von. *La moda: historia del traje em Europa desde los orígenes del cristianismo hasta nuestros días*. 3.ed. Barcelona: Salvat Editores, 1951. 12 tomos.

BOMFIM, Eneida. O traje e a aparência nos autos de Gil Vicente. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2002.

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE; Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (Org). *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do tempo, 2007. v.2, p.59-76.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia, Heitor Megale*. 2. ed. São Paulo: Humanistas/FFCH/USP, 2001.

CATELLANI, Regina Maria. *Moda ilustrada de A a Z*. Barueri: Manole, 2003.

CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradores de bens e de pessoas (Minas Gerais 1750-1800)*. Dissertação. (Mestrado em

História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2002.

COPPOLA, Soraya Aparecida Álvares. *Costurand a memória: o acervo têxtil do museu arquiocesano de arte sacra de Mariana*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSERIU, E. *Einführung in die strukturelle Betrachtung des Wortschatzes* (Tübinger Beiträge zur Linguistik). Tübinga, 1970 *apud* . WOLF, Lothar. Signo lingüístico y estructuras semânticas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

COSERIU, E. *Lexikalische Solidaritäten*, Poetica, 1, 3, 1967. p.293-303 *apud* GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

COSTA, Manuela Pinto da. Glossário de termos têxteis e afins. *Revista da faculdade de Letras: ciências e técnicas do patrimônio*, Porto, v.3, p.137-161, 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4088.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2009.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. 2. ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1997.

DAUZAT, Albert. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Libraire Larousse, 1938.

DAVES, Alexandre Pereira. *Vaidade das vaidades: os homens, a morte e a religião nos testamentos da Comarca do Rio das Velhas (1716-1755)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

DRUMOND, Marco Aurélio. *Indumentária e Cultura Material: Produção, comércio e usos na Comarca do Rio das Velhas (1711-1750)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2008.

EBNETER, Theodor. *Lingüística aplicada*. Madrid: Gredos, 1982.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto *et al.* *Psicologia do vestir*. 2.ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

ERNESTO, Soares; CAMPOS, Ferreira Henriques de. *Dicionário de iconografia portuguesa* (retrados de portugueses e estrangeiros em relações com Portugal). Instituto de Alta Cultura: Lisboa, 1942. vol.III *apud* OLIVEIRA, Fernando José Cunha de. *O vestuário português ao tempo da expansão: séculos XV e XVI*. [s.l.]: Grupo de trabalho do Ministério da Educação para os Descobrimentos Portugueses, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997 *apud* CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradoras de bens e de pessoas* (Minas Gerais 1750-1800). Dissertação. (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2002.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica. *Códice Costa matoso: coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, ã vários papéis*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FLÜGEL, J. C. *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patricarcal*. 50 ed. São Paulo: Global, 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira. As mulheres nas Minas do ouro e dos diamantes. In: RESENDE; Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (Org). *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do tempo, 2007. v.2, p.481-504.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

GUIRAUD, P. La sémantique. *Que sais-je*, Paris, n.655, 1963 *apud* GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walter Von. *Begriffssystem als grundlage für die lexikographie*. Berlin: Akademie Verlag, 1952.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 *apud* SOUZA, Laura de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (1ª reimpressão com alterações: 2004).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUE, Sheila Moura (Org.). *Primeiras cartas do Brasil: 1551-1555*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HUMBOLDT, W. Von. *Schriften zur Sprachphilosophie*, Darmstadt, 1963. 5t. *apud* GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

JANUÁRIO, Erlaine Aparecida. *Jóias de adorno, como investimento e de devoção*. Disponível em: <[http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h8\\_4.pdf](http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h8_4.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KÖHLER, Karl. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KVAVADZE, Eliso et al. 30,000 – year – Old Wild Flax Fibers. *Science*, v.325, n.5946, p.1359, set. 2009. Disponível em: <www.sciencemag.org>. Acesso em: 16 dez. 2009.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do português*. 3. ed. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFIJ, 2003.

LAUAND, Najla. *O vocabulário do Leal Conselheiro através do Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 1973.

LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEWKOWICZ, Ida. Concubinato e casamento nas Minas setecentistas. In: RESENDE; Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (Org). *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do tempo, 2007. v.2, p.531-547.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LISANTI, Luis. *Negócios coloniais: uma correspondência comercial do século XVIII*. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão editorial, 1973. 5v.

LYONS, John. *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença, 1977. v. 1.

MACHADO, Simão Ferreira. Triunpho Eucharistico (1733). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.VI, n.19 *apud* MAGALHÃES, Beatriz Ricardina. A demanda do trivial: vestuário, alimentação e habitação. *Revista brasileira de estudos políticos*, Belo Horizonte, n.65, p.153-199, julho, 1987.

MAGALHÃES, Beatriz Ricardina. A demanda do trivial: vestuário, alimentação e habitação. *Revista brasileira de estudos políticos*, Belo Horizonte, n.65, p.153-199, julho, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw. Coral gardens and their magic. A study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the Trobriand Island. In: \_\_\_\_\_. *The language of magic and gardening*. Londres: Allen and Unwin, 1935. Vol. II *apud* EBNETER, Theodor. *Lingüística aplicada*. Madrid: Gredos, 1982.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1964.

MATORÉ, Georges. *La méthode em lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MIRANDA, Andréa Cristina Lisboa de. *O traje dominante: do papel social da indumentária no Barroco Joanino enquanto forma expressiva de comunicação*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1998.

MONTEIRO, Lilian. O estilo império abafou. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 fev. 2008. Caderno feminino, p.4-5.

NÉRET, Gilles. *1000 dessous: a history of lingerie*. Köln; Lisboa; London; New York; Paris; Tokyo: Taschen, 1998.

NIKLAS-SALMINE, Aino *La lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1997.

OLIVEIRA, Fernando José Cunha de. *O vestuário português ao tempo da expansão: séculos XV e XVI*. [s.l]: Grupo de trabalho do Ministério da Educação para os Descobrimentos Portugueses, 1998.

OMEGNA, Nelson. 2.ed. *A cidade colonial*. Brasília: Ebrasa, 1971.

ORTIGÃO, Ramalho. *O culto da arte em Portugal*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Paris: Livraria Aillaud; Lisboa: Livraria Bertrandí, 19[..].

PAIVA, Eduardo França. Os inventários mineiros: fontes para a história colonial. *Caderno de Filosofia e Ciências Humanas das Faculdades Integradas Newton Paiva*. Belo Horizonte, ano1, n.1, p.26-29, out. 1993.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais: 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PASTOUREAU, Michel. *O pano do diabo: uma história das listras e dos tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PINHO, Clemente Segundo. *A linguagem de Fernão Mendes Pinto, segundo um sistema de conceitos: exame parcial de amostras do vocabulário*. Tese (Docência livre) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 1966..

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.v.1. p.275-330.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Dos benefícios de Deus, Livro da consciência e do conhecimento próprio, da amizade e das qualidades do amigo: edição e vocabulário onomasiológico de três tratados da obra ascético-mística “Castelo Perigoso”* (Cód(s). ALC 199 e ALC 214). Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (Séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007.

RODRIGUES, J. Washf; BARROSO, Gustavo. *Uniforme do Exército brasileiro*. Edição especial do Ministério da Guerra: Rio de Janeiro; Paris, 1922 *apud* DRUMOND, Marco Aurélio. *Indumentária e Cultura Material: Produção, comércio e usos na Comarca do Rio das Velhas (1711-1750)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2008.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

SATO, Cristiane A. *Japop: o poder da cultura pop japonesa*. São Paulo: NSP – Hakkosha, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SEABRA, Maria Cândida Trindade de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2004.

SEQUEIRA, Mattos. *Historia do traje em Portugal*. Porto: Livraria chardron Lello ã Irmão Ltda, [19..]. (Encyclopedia pela imagem)

SERPA, Maria Auxiliadora Noronha. *Glossário dos trajes, alfaías e adereços do século XVIII*. Monografia (Pós-graduação lato sensu) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 1998.

SETTE, Mário. *Anquinhas e bernardas*. São Paulo: [s.n], 1940 *apud* BARROS, Sigrid Porto. A condição social e a indumentária feminina no Brasil-Colônia. *Anais do Museu Histórico*, Rio de Janeiro, n.VIII, p.117-154, 1947.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da língua portugueza*. Rio de Janeiro: Lithotypographia fluminense, 1789. t.2.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1922. 2t. [Edição fac-similar da segunda edição, de 1813.]

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Filologia Portuguesa: história, problemas, métodos*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1952.

SOUZA, Laura de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. 4.ed. São Paulo: Graal, 2004.

SOUZA, Maria Eliza de Campos. *A indumentária setecentista das Minas do Rio das Velhas nos inventários post-mortem*. Belo Horizonte:UFMG, [19--].

SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Gilda de Mello e. *A idéia e o figurado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TAUNAY, Affonso de. *Visitantes do Brasil colonial (século XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

TEIXEIRA, Madalena Braz. Glossário. In: \_\_\_\_\_. *Trajes míticos na cultura regional portuguesa*. Lisboa: Electa, 1994 apud SERPA, Maria Auxiliadora Noronha. *Glossário dos trajes, alfaias e adereços do século XVIII*. Monografia (Pós-graduação lato sensu) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 1998.

TRIER, J. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes*, tomo I: *Von den Anfängen bis zum Beginn des 13. Jahrhundert*, Heidelberg, 1931 apud GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

VERDIER, Y. *Façons de dire, façons de faire*. [s.n]: Paris, 1979 apud ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (Séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística*. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

WEISGERBER, L. *Die vier Stufen in der Erforschung der Sprachen*, Düsseldorf, 1963 (= *Sprache und Gemeinschaft, Grundlegung*, tomo II) apud GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1994.

WOLF, Lothar. Signo lingüístico y estructuras semânticas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo:[s.n], 1951.

### Fontes manuscritas

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (04) – Provedoria – Inventário de Antônio Ribeiro de Souza, 1773. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (08)89 – Inventário de Custódio José de Almeida, 1793. / IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (07)78B – Inventário de Custódio Pereira Rocha, 1778. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (05)52 – Inventário de Fernando Pereira Guimarães, 1763. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG

Cartório do Primeiro Ofício de Notas, CPO (4)2 A – Provedoria – Inventário de Francisco Vieira de Souza, 1779. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I 7(5A ) – Provedoria – Inventário de João Henriques, 1785. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO – Maço 52 – Inventário de Luís José de Figueiredo, 1793. Arquivo da Biblioteca Antônio Torres – Diamantina – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO – Maço 51 – Inventário de Luzia Tereza de Jesus, 1787. Arquivo da Biblioteca Antônio Torres- Diamantina –MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (02)19 – Inventário de Matias Crasto Porto, 1742. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (06)67 – Inventário de Manuel Pereira Pinto Neves, 1773. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Primeiro Ofício de Notas, CPO I (03)31 – 1749 – Inventário de Manuel de Souza Oliveira, 1749. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (20) 186 – Inventário de Ana Correia Barbosa, 1760. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (01) 04 – Inventário de Antônio da Cruz Duarte, 1722. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (03)31 – Inventário de Agostinha Maciel, 1732. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (73)563 - Inventário de Ana Maria de Jesus, 1796. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (47)349 – Inventário de Ana Maria da Rocha, 1777. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (71) 548 – Inventário de Catarina da Costa Maciel, 1795. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (72)553 – Inventário de Helena de Santa Teresa, 1795. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (58)436 – Inventário de Joana da Conceição e Silva, 1784. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (17)151 – Inventário de Joana da Souza Araújo, 1755. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (26)228 – Inventário de Joana de Souza Cruz Ribeiro, 1765. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (01)08 – Inventário de José dos Santos Silva, 1727. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.

CARTÓRIO do Segundo Ofício de Notas, CSO I (35)271 – Inventário de Luísa Maria da Conceição, 1771. IPHAN/IBRAM – Sabará – MG.